



MARIA MARGARIDA TEIXEIRA BARRADAS CALADO

# ARTE E SOCIEDADE NA ÉPOCA DE D. JOÃO V

7º Volume

Lisboa, 1995

3. AS ARTES SOB O  
PATROCÍNIO DA NOBREZA



### 3.1. A situação social da nobreza e a importância do solar na arquitectura portuguesa da primeira metade do século XVIII

#### 1.1. A Corte e os arredores

Não foi ainda realizado um estudo sistemático da relação entre a situação social da nobreza após a Restauração e o número de residências nobres então construídas, ampliadas ou melhoradas. Cremos que entre este período e o governo do Marquês de Pombal, a nobreza se encontra numa fase de ascensão socio-económica, embora dentro dos limites permitidos pela paralela afirmação do poder absoluto do rei<sup>1</sup>.

A hierarquia da nobreza no período joanino era a que já encontrávamos no último quartel do século XVII: o escudeiro era a categoria mais baixa, a que se seguia a de cavaleiro, fidalgo de cota de armas e fidalgo de solar (que podia ser de solar conhecido, de solar notório e de grande solar). A estes se podiam acrescentar os «grandes» ou titulares, ou seja, os duques, marqueses e condes, além dos viscondes e barões, com modo de tratamento próprio, e do condestável, marechal e alferes-mor.

De particular importância é a nobreza de corte, devidamente organizada, com todos os cargos e funções dentro do seu significado hierárquico.

Do ponto de vista económico, a situação da nobreza no início deste período não era particularmente feliz: os

inventários de bens, as descrições de interiores e os relatos da vida quotidiana dão testemunho de certa pobreza. A situação altera-se com a descoberta das minas de ouro do Brasil, que dá à realeza os meios que lhe permitem alargar o sistema de tenças a conceder à nobreza de corte, ao mesmo tempo que paga a um funcionalismo administrativamente independente da nobreza, que não só a critica, mas contribui, ainda que lentamente, para uma transformação das mentalidades, dando origem a um grupo - do qual no entanto também fazem parte nobres - conhecido, no plano cultural, por «estrangeirados».

É esse funcionalismo que permite ao rei uma afirmação do seu poder a ponto de, em situações de conflito, poder afastar da Corte muitos nobres. Em contrapartida, a nobreza do solar provincial, que vivia afastada da Corte conservava poderes de raiz senhorial, pelo desempenho de funções administrativas e judiciais, nomeadamente no Norte do país. Até ao final do século XVIII esta nobreza é todopoderosa e insubstituível, controlando mercadores, lavradores e artifices.

O desenvolvimento da cultura da vinha que se começa a desenhar a partir do tratado de Methuen, estendendo-se a várias regiões do país, tal como a do azeite, vem melhorar as condições de vida dessa nobreza regional, nomeadamente no Minho, Beira, Trás-os-Montes e Alentejo.

Além da nobreza de corte e desta nobreza provincial, existe ainda um terceiro núcleo, o da nobreza que ocupa

cargos no Ultramar, os quais são altamente rendosos, mas, ao mesmo tempo, dada a distância a que se encontram dos centros de decisão, autónomos e de grande influência. Será sobre este núcleo como sobre alguns elementos da nobreza regional que se exercerá a perseguição pombalina<sup>2</sup>.

Pouco se sabe, como dissémos, acerca do modo de viver quotidiano desta classe, a não ser por alguns comentários de estrangeiros. É significativo, no entanto, que entre 1702 e 1749, portanto durante quase todo o reinado de D. João V, não tenham sido publicadas pragmáticas, depois das que se sucederam no final do século XVII (1677, 1686, 1688, 1690, 1702). É possível que o seu cumprimento tenha caído no esquecimento e que, seguindo o exemplo real, a nobreza de Corte importasse vestuário, móveis e outros objectos de França e Itália. Só nos meados do século (1749), quando se desenha uma situação económica menos favorável, é que surge uma nova pragmática proibindo o uso de roupas brancas bordadas de tecidos de seda de origem estrangeira, autorizando-se apenas a importação de sedas lisas, de veludos ou de damascos de uma só cor e de todos os tecidos de sedas orientais quando transportados em navios portugueses. De notar que estes tecidos se usavam não só no vestuário mas também na decoração de interiores. Pouco depois, proibia-se também a importação de carruagens e móveis de uso doméstico assim como o uso de panos estrangeiros na confecção de librés, mas porque houve protestos da parte dos Ingleses por tais disposições

contrariarem o tratado de Methuen, elas só vieram, de facto, a ser postas em execução por uma nova pragmática, já de 1751<sup>3</sup>.

Em 1730, um viajante anónimo dá-nos um relato mais ou menos vivo da nobreza que vive na corte e da família real<sup>4</sup>. O irmão mais velho do rei, o infante D. Francisco, habitava um palácio próximo do Paço da Ribeira, o chamado Palácio Corte Real, que tinha sido confiscado por D. João IV à família Castel-Rodrigo e tinha sido entregue ao Infante D. Pedro, fundador da Casa do Infantado. Restituído aos seus antigos donos quando foi assinada a paz com a Espanha, em 1668, manteve-se arrendado à família real portuguesa, até que, em 1751, foi adquirido pelo infante D. Pedro. D. Francisco, contudo, vivia grande parte do seu tempo em caçadas, fora da Corte. Os duques eram apenas quatro: o duque de Cadaval, o duque D. Jaime, seu filho, casado com D. Luisa, irmã natural do rei; o duque de Lafões, filho de um outro irmão natural do rei, o infante D. Miguel, que tinha morrido afogado no Tejo, em 1724, no regresso de uma caçada. Finalmente, o duque de Aveiro, o único que o era por direito de sucessão, que vivia a maior parte do tempo em Espanha, embora possuísse em Azeitão um magnífico palácio, construído entre o final do século XVI e o século XVII.

Os marqueses eram em número de dez, mas apenas dois por direito de sucessão, um pertencendo à Casa de Cadaval, e outro, o Marquês de Abrantes (que também possuía o título de Marquês de Fontes) e obtivera este segundo título como

recompensa da embaixada a Roma, em que conseguira o estabelecimento da Patriarcal.

Só os condes eram mais numerosos, em número de cerca de trinta, alguns dos quais, neste reinado, se viram elevados ao marquesado. Tinham normalmente o título por uma ou duas vidas, forma que o poder real estabelecera a fim de manter a nobreza mais submissa. Alguns destes condes viviam na proximidade do palácio real. Assim, na vista de Lisboa atribuída a Zuzarte e anterior ao Terramoto de 1755, estão identificados, além do Palácio Real e do já referido Palácio dos Corte Real, o do Conde da Ribeira, o do Conde de Povolide, o do Conde de Avintes e o dos Viscondes de Barbacena<sup>5</sup>. Mas nenhum destes terá sido construído durante o reinado de D. João V. Só o Conde de Tarouca construía um grande palácio no sítio da Cotovia, mas este nunca chegou a ser concluído, vindo os seus fundamentos a ser aproveitados, depois do Terramoto, para a construção da Patriarcal. Quanto ao Marquês de Marialva, em Julho de 1750, inaugurava com um jantar as casas que tinha transformado, junto ao Convento dos Remédios<sup>6</sup>.

A descrição de Lisboa, atribuída a Merveilleux e que data de 1738, diz-nos que no tempo em que o seu autor tinha estado em Lisboa (1723-1726), esta construção "era a que dava mais nas vistas. Este fidalgo já havia mandado construir paredes sólidas em pedra lavrada e as divisórias de vastos compartimentos que ultrapassavam em grandeza todos os palácios de Lisboa<sup>7</sup>. Além disso, o local era bem

escolhido, num ponto alto, com vista para o rio e também para os arredores de Lisboa.

O mesmo autor diz que "os grandes do reino residem habitualmente em Lisboa e as equipagens e palácios que possuem são magníficos"<sup>8</sup>, embora esta afirmação esteja em contradição com outra em que ironiza, dizendo que os portugueses têm o costume "de começar os edifícios, os jardins e outras construções com bons planos e desenhos correctos para os acabarem sempre mal, adoptando, por fim, a opinião de algum frade ignorante ou de um compadre mesteiral"<sup>9</sup>. No entanto, esta atitude justifica-se porque se referia ao Marquês de Abrantes, de quem Merveilleux não gostava, sendo certamente mais sincero quando elogia os palácios da nobreza.

Difícil se torna fazer um correcto juízo de valor acerca da residência dos Marqueses de Abrantes, antigo paço que foi reedificado no século XVII, tendo de facto sofrido algumas alterações no século XVIII, mas que serão sobretudo da segunda metade do século XVIII e da responsabilidade de D. Pedro de Lencastre, que herdou o título por casamento com a filha do segundo Marquês, D. Maria Sofia. É certo também que o palácio terá perdido bastante com a reconstrução pombalina, mas tinha uma situação privilegiada, com os jardins virados para o Tejo, que ainda em 1843 banhava a muralha do jardim. Para além desta inserção junto ao rio, o que se nos apresenta na fachada virada para a Calçada Marquês de Abrantes, em que o corpo central apresenta as

características da casa nobre setecentista, dividido em panos por pilastras, tendo ao centro o portal nobre, com moldura de cantaria e ladeado por duas janelas falsas, encimadas por três janelas de sacada, com frontões, tendo a central o pelicano, símbolo do brasão da família. O coroamento deste corpo central é um frontão triangular, em cujo tímpano está a pedra de armas da família.

Não sabemos exactamente como seria o palácio no tempo em que o Marquês de Abrantes aí residiu, mas a parte mais antiga revela certo requinte, destacando-se a sala das porcelanas, seiscentista, em cujas paredes estão colocados duzentos e cinquenta e três pratos pequenos e pires e quatro bandejinhas de charão<sup>10</sup>. Nos tectos das salas existem pinturas, atribuíveis a artistas da segunda metade do século XVIII, mas algumas poderão ser anteriores, de Vieira Lusitano e Oliveira Bernardes, o primeiro que seguiu com o Marquês para Roma, em 1712, e o segundo que também estudou na Academia de Portugal em Roma, que o mesmo Marquês ajudara a fundar. Não tendo tido a responsabilidade da construção deste palácio, é muito provável que o embaixador extraordinário de D. João V na corte romana e conselheiro artístico do rei, tivesse pelo menos adquirido algumas obras para ornamentar a sua residência. Também o pintor ornamentista Francisco Pais, que foi muito protegido pelos Marqueses, trabalhou no Palácio no tempo de D. Rodrigo<sup>11</sup>.

A capela era dedicada a S. Joaquim e Santa Ana e estava edificada "segundo o gosto moderno da Architectura".

Tinha três altares com pinturas de Vieira Lusitano e paramentos preciosos<sup>12</sup>.

Favorável é também a opinião de César de Saussure relativamente aos palácios dos fidalgos ou grandes de Portugal: "São todos construídos de cantaria, que é uma espécie de mármore bastardo, mas a maior parte tem gelosias que, para meu gosto, desfeiam muito. Todos têm sacadas, algumas das quais são douradas, o que produz um óptimo efeito. A arquitectura de grande número destes palácios é do melhor gosto"<sup>13</sup>.

Se se perderam os palácios que se situavam à volta do palácio da Ribeira e onde deviam habitar alguns dos fidalgos empenhados no serviço directo do rei, alguns se conservaram em zonas menos afectadas pelo Terramoto, tal como chegaram até nós as casas de campo, construídas nos arredores e que hoje ou estão já integradas no perímetro da cidade ou ficam bastante mais próximos, como todos os que se situam no concelho de Loures, região que durante este período parece ter tido preferência, certamente por se situar no caminho de Mafra, frequentemente percorrido pelo rei, quer por estar próximo do Convento de Odiveelas, procurado pelo rei e por outros fidalgos freiráticos, além de que aqui se situava também a residência de Verão do Arcebispo de Lisboa.

Um estudo recente fez o inventário dos palácios e solares de Lisboa e arredores, com intervenções no período joanino<sup>14</sup>. Destes fazem parte três palácios reais, já por

nós referidos em capítulo próprio - o palácio de Belém, o Paço e quinta real de Caxias e o palácio das Necessidades; o palácio da Bemposta, iniciado em 1701 para residência da rainha D. Catarina, viúva de Carlos II de Inglaterra e que depois passou para a Casa do Infantado, no tempo de D. Francisco, altura em que a capela foi remodelada por Manuel da Costa Negreiros (1735); o palácio de Queluz, também pertença da Casa do Infantado e também já por nós referido noutra capítulo.

Outros palácios que também já mencionámos são da iniciativa do Patriarca de Lisboa, D. Tomás de Almeida: ou seja, o palácio de Santo Antão do Tojal, o palácio da Mitra, em Marvila e o palácio Lavradio, no Campo de Santa Clara.

Tentando estabelecer um mapa da distribuição desses palácios já inventariados na cidade de Lisboa, verificamos que a maioria são, na verdade, casas de campo, havendo uma nítida preferência pela zona da Junqueira, nas proximidades dos palácios que D. João V adquirira a partir de 1726 em Belém e que associara numa enorme quinta. É o caso do palácio dos Condes da Ribeira, do palácio Burnay (1701-1734), do palácio da Ega, da Quinta das Águias ou dos Corte Reais (1731-48) e da Casa Nobre de Lázaro Leitão.

A segunda zona preferida (não mencionada no referido estudo) é a de Loures, podendo-se incluir nela, entre outros, a Quinta das Carafochas (1714), o solar da quinta do Cabeço (pavilhão de caça do Conde da Penha Longa - 1732), o solar de Pintéus e o palácio do Correio-mor.

Não muito longe do Paço da Bemposta, surgem outros dois palácios, o Centeno e o Mitelo, assim como o Pombeiro, do lado oposto.

Na zona de S. Sebastião da Pedreira, procurada pelos seus bons ares e onde o infante D. Carlos ia, por vezes, procurar alívio para a sua doença, surgem o palácio do Guarda-mor (Sousa Alte e Espargosa) e o palácio Larre.

Na cidade antiga, estão o palácio do Marquês de Tancos (junto a S. Cristóvão), o Palácio Vagos (no largo de S. Cristóvão - cerca de 1740) e o Palácio Barbacena, no Campo de Santa Clara (tal como o Lavradio).

Na zona do Bairro Alto, existem vários palácios, alguns dos quais sofrem melhoramentos, como o dos Marqueses de Minas, com importantes revestimentos azulejares. Entre os mais importantes estão o da Flor da Murta, na rua do Poço dos Negros, o palácio Castro Marim-Olhão (esquina da calçada do Combro com a rua do Século), o solar da rua de S. Bento (solar dos capitães de S. Julião da Barra), de meados do século XVIII. Ainda neste período, os Carvalhos terão feito obras no seu palácio da rua Formosa (rua do Século).

Um pouco isolados destes núcleos estão o palácio Pombal, em Oeiras, o que, no entanto, se justifica, pois surge no local onde os Carvalhos possuíam extensas propriedades, e o Palácio Pimenta, ou Galvão Mexia, no Campo Grande, e que a tradição diz ter sido construído a caminho de Odivelas, para encontros fortuitos entre D. João V e a Madre Paula, tradição pouco verosímil, já que, quando o

palácio foi construído, na década de 40, tal relação já há muito terminara.

Cumpre-nos salientar as casas edificadas pelos arquitectos e engenheiros da época para si próprios, o que denota, sem dúvida, a ascensão social deste grupo no reinado joanino.

É o caso da construção, em Lisboa, de um palácio no Bairro Alto, em 1747, pelo arquitecto João Frederico Ludovice, que desde 1727 vivia num outro palacete por si construído, o solar da Quinta da Alfarrobeira, em Benfica. Não devemos também esquecer que, na década de 40, o arquitecto e engenheiro militar Carlos Mardel construía a sua casa junto à Igreja de Santa Isabel, que então se edificava.

Haveria ainda que mencionar o solar da Quinta da Conceição, construído em Aldeia de Irmãos, junto a Azeitão, por António Cremer, em 1715, dado que também se trata de um estrangeiro nobilitado, que dirigiu o fabrico da pólvora no reinado de D. João V. Embora no século XVIII não se construa muito nesta sona, ela tinha sido preferida pela nobreza durante os séculos XVI e XVII e era muito procurada pela família real para as suas caçadas e passeios de lazer.

Numa perspectiva sociológica, podemos também associar a estes o já referido palácio Larre, construído por Fernando Larre, francês, tenente general de artilharia ao serviço de D. João V. Parece-nos de facto significativo que, além dos membros da nobreza e, com excepção de Ludovice, que

tinha sem dúvida uma posição privilegiada na Corte, ainda que sem estatuto explícito, pois só D. José o nomeará arquitecto régio, sejam três homens de origem estrangeira e de algum modo ligados ao exército (Cremer, Larre e Mardel) que nos apareçam a construir casas apalaçadas em Lisboa e arredores.

Se pretendermos fazer uma análise tipológica relativamente aos palácios construídos na primeira metade do século XVIII, poderemos concluir que os mesmos não apresentam inovações significativas relativamente ao século anterior. Assim, surgem as plantas rectangulares, em L e em U, que já encontráramos em períodos anteriores, para além de plantas irregulares, normalmente devidas a diversas campanhas de construção (por exemplo, no palácio Pombal em Oeiras). A maioria tem dois pisos, sendo o superior o andar nobre, embora haja alguns com mais andares, como é o caso do Palácio Ludovice e do palácio Castro Marim-Olhão (ambos no Bairro Alto e talvez em consequência da sua integração na malha urbana). Verifica-se também que há uma maior riqueza decorativa, sobretudo a nível das aberturas onde, por vezes, é patente a influência borrominiana, nos palácios construídos na década de 40 (palácio Barbacena, palácio Castro Marim-Olhão ou palácio Pimenta).

Já Carlos de Azevedo, nas páginas que dedica à casa barroca, afirmara que não se criaram novos tipos de casas, mas se procurou desenvolver e enriquecer modelos já

adoptados e experimentados, dominando a sobriedade do século XVII e uma estética mais maneirista do que barroca<sup>15</sup>.

Infelizmente, os estudos sobre a casa nobre em Portugal têm incidido sobre a região Norte<sup>16</sup> e, só mais recentemente despertou o interesse pelas casas da zona de Lisboa e arredores<sup>17</sup>.

Outro factor importante é que, no Norte, o architecto Nicolau Nasoni deixou o seu nome ligado a algumas das casas mais notáveis que se construíram, enquanto no Sul, os architectos são praticamente desconhecidos.

Na verdade, muito poucas obras estão documentadas: Carlos Mardel é autor da Casa Nobre de Lázaro Leitão, na Junqueira, e da sua própria casa, Manuel da Costa Negreiros, do Palácio Barbacena, a Santa Clara, Ludovice do seu palácio, em S. Pedro de Alcântara; Santos Pacheco e Carlos Mardel fizeram desenhos para o palácio Sá da Bandeira, a S. Sebastião da Pedreira, sendo, portanto um deles, seu autor<sup>18</sup>.

Este quadro, relativamente pessimista, pode ampliar-se se não nos ativermos aos documentos e analisarmos estilisticamente as obras.

Assim, para além da Casa Nobre de Lázaro Leitão, Carlos Mardel é considerado o architecto da vizinha casa da Quinta das Águias, na Junqueira, cujo proprietário, Diogo de Mendonça Corte Real, filho do secretário de Estado com o mesmo nome, era padrinho de um dos seus filhos; são também, com muita probabilidade, obra sua, o palácio Pombal em Oeiras

e as obras no palácio dos Carvalhos, na rua Formosa; são-lhe ainda atribuídos os jardins do Paço Real de Caxias e ainda o solar dos Capitães da Barra, na rua de S. Bento<sup>19</sup>.

Manuel da Costa Negreiros, para além do palácio Barbacena, reedificou, em 1735, a capela do Paço da Bemposta<sup>20</sup>, trabalhou no Palácio das Necessidades, de cuja obra foi inspector, com Eugénio dos Santos<sup>21</sup> e já lhe foi atribuído o Palácio do Correio-Mor, em Loures<sup>22</sup>.

Fernando Larre, tenente-coronel de artilharia, que reconstruiu o Arsenal, após o incêndio de 1726, é também o autor do seu palácio a S. Sebastião<sup>23</sup>.

Mardel e Negreiros afirmam-se, pois, como os dois arquitectos com mais obras realizadas na região de Lisboa, a nível da arquitectura civil.

Por outro lado, já vimos que Rodrigo Franco, para além de ter completado a obra iniciada por Canevari, em Santo Antão do Tojal e de ter realizado as obras do palácio da Mitra, em Marvila, poderá ser o arquitecto do solar de Pintéus, já que aqui viveu a maior parte da sua vida<sup>24</sup> e, se compararmos a composição do portal do palácio da Mitra, onde surge um óculo elíptico no tímpano, com a porta principal do solar de Pintéus, onde surge igualmente um óculo elíptico horizontal no tímpano, podemos considerar esta hipótese como legítima. Por outro lado, Rodrigo Franco foi um dos arquitectos ligados ao Aqueduto e, em Pintéus, surge-nos um conjunto de jardins em terraço, com tanque de água que poderão ser da sua responsabilidade.

Torna-se necessária, pois, uma aproximação estilística entre os diferentes palácios e casas nobres construídas neste período, a qual se poderá revelar frutuosa ao nível das atribuições, já que não eram muito numerosos os arquitectos então em actividade.

Por outro lado, esse estudo deverá levar a uma revalorização da arquitectura civil barroca da região de Lisboa, que não se deverá classificar apenas como "seca" e "académica"<sup>25</sup>.

Na verdade, se aferirmos as características apontadas por Carlos de Azevedo para a casa do Norte, encontrá-las-emos também nesta região, com excepção da casa-torre, de raiz medieval, ligada a uma nobreza de tipo senhorial e específica do Norte. Do ponto de vista decorativo, devemos atender a que o granito se presta a ornamentações mais volumosas e espectaculares do que os mármore e cantarias da região de Lisboa.

Este facto afecta particularmente a primeira das características apontadas: a concentração na fachada de todo o esforço arquitectónico e decorativo<sup>26</sup>. No entanto, aqui também encontramos pilastras assinalando os panos da fachada, molduras decoradas, especialmente no piso nobre, coroamento da parte central do edifício por frontão<sup>27</sup>.

Como também já referimos, as casas são mais vulgarmente de planta rectangular, com longas fachadas horizontais, normalmente de dois pisos, de que o superior é o piso nobre<sup>28</sup>.

Também é comum a acentuação do eixo central da fachada, normalmente com a associação do portal à varanda superior, com grade ou balaustrada de pedra, e tendo no coroamento o brasão da família<sup>29</sup>.

São também importantes as escadarias, embora no que respeita às exteriores, a variação seja grande; por exemplo, Carlos Mardel, em Oeiras, dá particular importância à escadaria de lanços duplos, de carácter barroco; também em Azeitão, na casa de António Cremer, existem duas escadarias, dividindo-se a da fachada principal em dois lanços, um que conduz do terreiro fronteiro à casa ao piso nobre, outro que conduz desse terreiro à zona agrícola, que fica situada em plano inferior; na parte posterior da casa, que tem dois pisos, a escada conduz do terreiro ao tanque, que faz parte da zona agrícola e de recreio. Em contrapartida, em Santo Antão do Tojal, como no Correio-mor, as escadarias são interiores, solução que nos parece ter sido preferida na região de Lisboa.

A importância que revestem entre nós as zonas de entrada já foi salientada num estudo recente<sup>30</sup>. Aí se refere um documento de José Manuel de Carvalho Negreiros que, embora tardio (1797), analisa os tipos de casa do nobre, do fidalgo e do fidalgo titular ou grande do Reino, em todas se dando especial importância à zona de entrada e à escadaria<sup>31</sup>. Esta adquire significado especial no palácio barroco, pois manifesta a grandeza do senhor, não só através das suas características arquitectónicas, mas também através

de elementos decorativos (azulejos, pinturas, esculturas, tapeçarias). As escadarias dividem-se normalmente em vários lanços, com amplos patamares, bem iluminados; por vezes bifurcam-se em lanços que divergem e depois convergem, mas são sempre largas e desafogadas.

Um dos modos mais usuais de decoração deste espaço é através do azulejo, que recorre ao ilusionismo perspéctico tão caro ao barroco, criando balaustradas que deixam ver figuras (palácio dos Marqueses de Minas, no Bairro Alto), ou paisagens (palácio da Mitra, em Marvila) ou se associam a «figuras de convite» (palácio de Santo Antão do Tojal), ou representam caçadas, paisagens e cenas galantes, em painéis recortados, pontuados de urnas nas extremidades, mas adaptados à inclinação da escada (palácio junto ao dos Marqueses de Minas, no Bairro Alto). Estes azulejos, com molduras perspectivadas, com sanefas decoradas de borlas, grinaldas e outros elementos decorativos, integram-se na chamada «grande produção joanina».

Segundo o estudo acima referido, as «figuras de convite» "representam um modo especial e original de integrar a escadaria e o espaço de entrada nos objectivos do barroco"<sup>32</sup>. Entre os palácios acima referidos, elas aparecem no solar de Pintéus, em Loures, no Palácio Barbacena, no palácio do Correio-Mor, em Loures, assim como no palácio Zurara, também em Lisboa, que sofreu obras na primeira metade do século XVIII<sup>33</sup>.

Curiosamente estas figuras são uma característica específica da região de Lisboa e arredores, que surge ao nível da decoração, representando "o gosto cortesão joanino"<sup>34</sup>.

Não devemos esquecer que estas entradas eram ainda ornamentadas com tapeçarias, panos de armar e pinturas sobre tela, que contribuía para dar testemunho da grandeza do dono da casa.

Além da escadaria, o salão nobre era o mais cuidado, sendo também revestido com silhares de azulejos. Os tectos são normalmente de masseira, pintados ou não, consoante as possibilidades do proprietário.

Um dos elementos mais importantes da casa, sobretudo da que se situa nos arredores, é o jardim, decorado com lagos, fontes e cascatas.

O jardim barroco é herdeiro do jardim italiano do século XVI e é um elemento fundamental da casa portuguesa do século XVIII. Sempre que possível, mesmo os palácios urbanos dispunham de jardim; ainda hoje, o referido palácio dos Marquês de Minas ao Bairro Alto, apresenta os restos de um jardim decorado com azulejos.

Logicamente, as casas de lazer construídas nos arredores, porque dispunham de muito mais espaço, eram acompanhadas de amplos jardins, que, no caso extremo do Paço de Caxias, adquirem mesmo maior importância que o modesto palácio. Além da zona de recreio, estas casas compreendiam também uma zona agrícola, onde se plantavam árvores de

fruto, produtos hortícolas, etc. Isso acontece mesmo nos jardins dos Paços reais de Belém e Caxias, como em Santo Antão do Tojal ou em Pintéus, não esquecendo o palácio de Oeiras, centro de enorme exploração agrícola.

Dado que se trata de uma zona de clima essencialmente mediterrânico, caracterizada por verões quentes e secos, a rega era essencial à manutenção desses jardins, que dispõem normalmente de tanques; estes surgem em Pintéus, na Quinta das Carrafochas, no palácio do Correio-mor, todos na região de Loures, mas também na quinta de António Cremer em Azeitão.

Em caso de necessidade, a água necessária às regas como às fontes e cascatas ornamentais era canalizada em aquedutos, como acontece na quinta real de Caxias, ou no palácio de Oeiras, em cuja propriedade, aliás, corre a Ribeira da Lage. Na quinta das Águias, em contrapartida, existe um poço donde se extrai a água, ligado a uma fonte.

Os lagos de carácter decorativo estão presentes no Correio-Mor, em Santo Antão do Tojal e em Oeiras, normalmente combinados com enfeites de buxo, bancos e alegretes azulejados e estatuária, como aconteceu em Caxias e também em Oeiras.

Sendo solução típica do barroco a disposição do jardim em terraços<sup>35</sup>, mesmo que a diferença de nível não ultrapasse os dois ou três degraus, teremos de referir o jardim de Pintéus, cujos terraços conduzem à ribeira, e o que resta de uma quinta dos séculos XVII-XVIII, situada na

encosta do Torel, onde se vê um magnífico tanque de forma elíptica, combinado com escadas e balaústres, e que era ainda decorado com azulejos e esculturas. Este jardim já existia nos inícios do século XVIII e nesta quinta habitaram o general de artilharia Diogo Luis Ribeiro, o embaixador de Castela e o mestre de campo Domingos Dantas da Cunha<sup>36</sup>.

Muitas vezes estes jardins eram aproveitados para a realização de festas, chegando-se a montar pavilhões para bailes e representações teatrais.

Um dos elementos mais típicos do jardim barroco é a cascata. As águas paradas dos lagos e tanques, preferia-se o jogo dinâmico das águas em queda, o que representava um prazer para a vista e os ouvidos. Cascatas surgem tanto no palácio Pombal em Oeiras, como de forma magnificente na quinta Real de Caxias. As fontes com repuxo e as fontes de parede constituem uma modalidade mais modesta de gozar o prazer do marulhar das águas.

Outro elemento importante do palácio barroco é a capela. A sua localização varia, tanto no Norte como no Sul. Nas grandes fachadas horizontais, ela pode surgir no mesmo plano da fachada, como acontece na Quinta da Carrafocha, ou na Casa nobre Lázaro Leitão, onde, contudo, não é imediatamente legível, integrando-se nos volumes da fachada. Nas casas de planta em U, ela pode aparecer adossada a uma das alas do edifício, como no Palácio do Correio-mor (neste caso, à ala mais antiga); o mesmo acontece no palácio Pombal em Oeiras, mas aqui há necessidade de servir a população

local e assim a fachada da capela vira-se para o exterior. De maneira mais acentuada, isso acontece no Palácio de Santo Antão do Tojal.

Na quinta de António Cremer, também de planta em U, a capela surge num dos lados do *corp-de-logis*, mas não é legível do exterior, sendo assinalada apenas por uma inscrição, que narra a fundação do edifício.

Em Pintéus, porque também havia necessidade de servir a população, a capela é um edifício à parte, um pouco afastado do palácio.

Noutros casos, a capela integra-se completamente no edifício civil, como acontece, por exemplo, na Quinta das Águias, onde numa planta quadrangular, com quatro torreões, a capela ocupa precisamente um dos torreões posteriores.

Não há, conseqüentemente, uma regra geral, dependendo a localização da capela sobretudo da sua relação com o exterior.

O mecenato da nobreza, certamente à imitação da Corte, não se limitou às suas próprias residências, com capelas abertas normalmente à população circunvizinha, mas desenvolveu-se num sentido puramente religioso, financiando parcial ou totalmente a construção de igrejas.

Um exemplo significativo é o da Igreja da Encarnação em Lisboa, financiada pela Condessa de Pontevel, que curiosamente nunca a chegou a ver<sup>37</sup>. Esta igreja foi inaugurada em Setembro de 1708, com uma procissão solene,

acompanhada por carro de triunfo e vinte e quatro figuras a cavalo, tendo contado com a presença do próprio rei D. João V. Seguiu-se um oitavário, terminando no último dia com uma encamisada que seguiu até ao Terreiro do Paço, onde contou mais uma vez com a assistência do rei e de grande multidão<sup>38</sup>.

A Condessa de Pontevel deixou ainda um juro para a fábrica da igreja e instituiu quatro missas quotidianas, mas os juros não foram pagos e a condessa ficou sem missas por sua alma<sup>39</sup>.

Por vezes, o mecenato da nobreza não era tão generoso e essa parece ser, segundo Tristão da Cunha Ataíde, uma das razões do atraso na construção de Santa Engrácia em Lisboa. De facto, as obras desta corriam por conta da Irmandade do Santíssimo, da qual faziam parte representantes de algumas das principais casas nobres da Corte, entre os quais o próprio secretário de Estado, Diogo de Mendonça Corte Real. Assim, em 1723, os doze membros da Mesa da Irmandade decidiram pedir ao rei que mandasse continuar a obra, ao que este propôs que cada um dos cem irmãos pagasse 400 cruzados por ano e associassem a si, mais cem irmãos que pagariam outro tanto, e então, com a ajuda do rei e dos infantes a obra se acabaria.

A resposta não se fez esperar e os irmãos logo argumentaram que havia pais, filhos e netos da mesma casa na referida Irmandade e não suportariam uma tal despesa, já que

as respectivas casas estavam endividadas e "primeiro estava o pagar as dívidas, do que fabricar igrejas".

E assim continuaram paradas as obras de Santa Engrácia.<sup>40</sup> Este nos parece um caso curioso do que se poderia chamar um "anti-mecenato", ao mesmo tempo que explicaria uma certa falta de meios que leva à ausência de grandes construções nobres no período joanino.

NOTAS:

- <sup>1</sup>J. Borges de Macedo, "Absolutismo" in Dicionário de História de Portugal, dirigido por Joel Serrão, vol. I, Livraria Figueirinhas, Porto 1990
- <sup>2</sup>Idem, "Nobreza - Na época moderna" in Dicionário de História de Portugal, op. cit., vol. IV
- <sup>3</sup>Maria Emília Cordeiro Ferreira, "Pragmáticas" in Dicionário de História de Portugal, op. cit., vol. VI
- <sup>4</sup>"Descrição da Cidade de Lisboa" in O Portugal de D. João V visto por três forasteiros, tradução e notas de Castelo Branco Chaves, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1983, pp. 51-52
- <sup>5</sup>Museu da Cidade de Lisboa, Vista do Terreiro do Paço, "Vista de Lisboa ein se representa o Palacio de S.ª Magestade Fedilissima conforme estava na vespara do Terumoto de 1755, atribuída a Zuzarte
- <sup>6</sup>Mercúrio de Lisboa de 11 de Julho de 1750; ver anexo documental
- <sup>7</sup>Charles Frédéric de Merveilleux, "Memórias instrutivas para um viajante nos diversos estados da Europa" in O Portugal de D. João V visto por três forasteiros, op. cit., p. 217
- <sup>8</sup>Idem, ibidem, p. 215
- <sup>9</sup>Idem, ibidem, p. 185
- <sup>10</sup>António Manuel Gonçalves, "Palácio Abrantes" in Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, Lisboa, 3º tomo, Assembleia Distrital de Lisboa, 1988, pp. 22-25
- <sup>11</sup>Norberto de Araújo, Inventário de Lisboa, Fasc. VI, Câmara Municipal de Lisboa, 1949, p. 24
- <sup>12</sup>João Bautista de Castro, Mappa de Portugal, Tomo III, Parte V, Lisboa MDCCLXIII, Officina de Francisco Luiz Ameno
- <sup>13</sup>César de Saussure, "Cartas de Lisboa" in O Portugal de D. João V visto por três forasteiros, op. cit., pp. 265-66
- <sup>14</sup>Francisco José Gentil Berger, Manuel da Costa Negreiros no estudo sistemático do barroco joanino na região de Lisboa, Dissertação para Doutoramento, U.T.L., Faculdade de Arquitectura, 1990
- <sup>15</sup>Carlos de Azevedo, Solares Portugueses, Lisboa, 1971, p. 66
- <sup>16</sup>Adriano de Gusmão, "Manoirs baroques de la région de Basto" in Actes du XVI<sup>e</sup> Congrès Internationale d'Histoire de l'Art, Lisbonne-Porto, 1949; Artur Lambert Pereira da Silva, Nobres Casas de Portugal, Livraria Tavares Martins, Porto, s.d. [1958]; Francisco Azeredo, Casas Senhoriais Portuguesas, Roteiro da Viagem de Estudo do I.B.I., Instituto Internacional dos Castelos, Setembro de 1986
- <sup>17</sup>Anne de Stoop, Quintas e Palácios dos Arredores de Lisboa, Livraria Civilização Editora, Barcelos, 1986
- <sup>18</sup>Francisco José Gentil Berger, op. cit., p. 320

- <sup>19</sup>Idem, ibidem, pp. 353-54, para esta última atribuição.
- <sup>20</sup>Ayres de Carvalho, D. João V e a Arte do seu Tempo, vol. II, Lisboa, 1962, pp. 183-84
- <sup>21</sup>Horácio Bonifácio, Polivalência e Contradição. Tradição seiscentista: o barroco e a inclusão de sistemas ecléticos no século XVIII. A segunda geração de arquitectos, Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitectura, 1990, pp. 204-205
- <sup>22</sup>Francisco José Gentil Berger, op. cit., cap. XII
- <sup>23</sup>Idem, ibidem, p. 390
- <sup>24</sup>Idem, ibidem, p. 387
- <sup>25</sup>Carlos de Azevedo, op. cit., p. 89
- <sup>26</sup>Idem, ibidem, p. 70
- <sup>27</sup>Idem, ibidem, Características 4 e 5, p. 71
- <sup>28</sup>Idem, ibidem, características 2 e 3, p. 71
- <sup>29</sup>Idem, ibidem, característica 6, pp. 71-72
- <sup>30</sup>Luisa d'Orey Capucho Arruda, Figuras de Convite na Azulejaria Portuguesa do Século XVIII, Dissertação de Mestrado em História da Arte, Fac. de Ciências Sociais e Humanas da U. N. DE LISBOA, 1989, 2 Vols.
- <sup>31</sup>Idem, Documento n. IV, Ms. da B. N. de Lxã, Cod. 3758-3762, excerto do tomo V, fl. 9094, vol. I, pp. 270-273
- <sup>32</sup>Idem, ibidem, vol. I, p. 27
- <sup>33</sup>Idem, ibidem, vol. II
- <sup>34</sup>Idem, ibidem, vol. I, p. 174
- <sup>35</sup>Carlos de Azevedo, op. cit., p. 75
- <sup>36</sup>Maia Ataíde, "Tanque Monumental na Encosta do Torel" in Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, Lisboa, tomo 29, Junta Distrital de Lisboa, 1975, p. 130
- <sup>37</sup>António Vasconcelos de Saldanha e Carmen M. Radulet, Portugal, Lisboa e a Corte nos reinados de D. Pedro II e D. João V. Memórias Históricas de Tristão da Cunha de Ataíde, 1º Conde de Povolide, Chaves Ferreira, Publicações S.A., 1990; ver anexo documental
- <sup>38</sup>José Soares da Silva, Gazeta em forma de carta (1701-1716), Tomo I, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1933, notícia de 15 de Setembro de 1708; ver anexo documental.
- <sup>39</sup>António Vasconcelos de Saldanha e Carmen M. Radulet, op. cit., p. 314; ver anexo documental
- <sup>40</sup>Idem, ibidem, pp. 354-55; ver anexo documental

## 1.2. O Sul - Alentejo e Algarve

Sempre que os historiadores da arte e da arquitectura se têm referido à casa nobre do Sul de Portugal, em oposição à do Norte do país, têm escolhido exemplos que se limitam à região de Lisboa e arredores, não se encontrando, de facto, referências concretas a casas do Alentejo e do Algarve<sup>1</sup>.

Este fenómeno não deixa de ser significativo, já que se tem tomado como exemplo da casa do sul do país a casa de lazer da nobreza de corte, que se contrapõe à casa da nobreza de solar do Norte do país. É certo que não existem inventários publicados que abranjam todo o Alentejo e Algarve, mas os existentes<sup>2</sup> contribuem para nos fornecer elementos para tentar encontrar uma casa nobre do Sul, que não apenas da região de Lisboa.

A verdade é que Carlos de Azevedo afirmou: "Se descermos para as regiões de Lisboa e do Alto Alentejo, por exemplo, é incontestável que aí, tanto a arquitectura religiosa como a arquitectura civil se apresentam com uma segura e um academismo que contrastam ainda mais fortemente com a arquitectura do Norte"<sup>3</sup>. O grande responsável por esta situação seria Ludovice, mas mesmo na segunda metade do século, outra geração de arquitectos mantém uma arquitectura "académica e caracterizada por certa segura se a compararmos com a do Norte"<sup>4</sup>. Não há dúvida que essa geração se formou na, ou sob a influência da escola de Mafra, mas cremos não

ser esse facto suficiente para definir o que se passa na região sul.

Parece-nos, perante uma análise dos inventários existentes, que a casa do Sul é, de facto, diferente, quer da do Norte quer da casa de lazer da região de Lisboa, onde são muito mais expressivas as influências eruditas e onde actuam os architectos ligados à Corte, nacionais, como Manuel da Costa Negreiros, ou estrangeiros, como Canevari, Carlos Mardel ou o próprio Ludovice.

No Alentejo, onde o regime de grande propriedade é bastante diferente do Norte, não se torna necessário ostentar na decoração da fachada da casa a riqueza do seu proprietário. Na herdade, residem os trabalhadores permanentes e eventuais, pelo que aqui domina o tipo de casa rural, cujas características se têm mantido, sem grandes alterações, ao longo dos séculos. A casa tradicional de um só piso, caiada, com grande chaminé e importante zona destinada a trabalhadores, alfaias e animais, sobrepõe-se no Alentejo ao solar, até porque, dada a distância entre os montes e as aldeias, os trabalhadores vivem na herdade, como dissémos, o que não será necessário no Norte.

Em relação à casa nobre da cidade ou da vila, já Carlos de Azevedo notara que "as novas formas barrocas não chegaram a subjugar a arquitectura seiscentista"<sup>5</sup>. Será que este facto se deve apenas à influência de Ludovice que, na verdade, trabalhou apenas em Lisboa, Mafra e Évora, dentro de um gosto estético claramente influenciado pelo barroco

tardio italiano e, portanto, fortemente erudito, ou haverá outros factores que o expliquem?

Creemos que as justificações são na verdade outras. Em primeiro lugar, haveria que avaliar a colaboração dada pelos engenheiros militares, que no Alentejo demoravam vários anos da sua carreira, como Custódio Vieira, que fez o Paço de Vendas Novas, para instalar a família real e respectiva comitiva, que se deslocou ao Caia, em 1729, ou Eugénio dos Santos e outros que trabalharam nas praças da região fronteiriça. Estes são, certamente, os architectos das casas construídas na época e a eles se deve um certo classicismo - ou academismo - que está patente no referido Paço de Vendas Novas.

Por outro lado, há sem dúvida uma maneira de estar característica do sul, de remota influência árabe, que se traduz no virar da casa para o interior e não para a ostentação do exterior.

São estes dois factores que, em nosso parecer, dominam a construção setecentista do sul, que à parte essa acentuada simplicidade, não será fundamentalmente diferente da architectura civil da época, de tradição seiscentista.

A casa do sul será predominantemente de planta rectangular, integrando-se, a nível de planta e fachada, no tecido urbano pre-existente; tem normalmente dois pisos com janelas de sacada no piso nobre, a princípio com molduras de cantaria lisa, que, numa fase adiantada do século XVIII se enriquecem de ornatos barrocos (frontões ondulados,

aventais); a característica associação entre o portão nobre e a janela superior também aqui se verifica, embora nem sempre. Em muitos casos, apenas a presença de uma pedra de armas, na parte central ou no ângulo da fachada, nos indicam uma casa nobre. Vulgar é aqui o contraste entre as fachadas bem caiadas e a cor natural das cantarias. Mas também acontece, como em Portalegre<sup>6</sup>, as molduras serem sublinhadas com pintura a ocre amarelo, numa curiosa influência da arquitectura popular sobre a erudita.

Em relação à decoração de interiores, também parece ter dominado a simplicidade. Embora o azulejo seja frequentemente utilizado em edifícios religiosos, de Olivença a Almansil, nos Loios ou na Universidade de Évora, a verdade é que rareiam os exemplos a nível de arquitectura civil, enquanto têm importância fundamental na região de Lisboa.

Santos Simões assinala painéis representando caçadas ao javali, touro e veado, de cerca de 1720, e atribuíveis a P.M.P. numa casa em Évora (Rua de Avis, 73)<sup>7</sup>.

José Meco refere silhares de algumas salas da Quinta do Carmo, em Estremoz, atribuíveis a Nicolau de Freitas<sup>8</sup>. Aqui se notam influências do estilo «Regência» nos motivos dos enquadramentos.

Em Portalegre, o antigo solar da família Avilez (actual Praça da República - sede do Governo Civil) tem, na escadaria, cenas de caça e no patamar, paisagens de um porto. Na sala das sessões, surgem silhares recortados, de

molduras *rocaille*, com centros figurados; nos cantos, cenas de jardins e paisagens. Serão de cerca de 1750<sup>9</sup>.

Em relação às figuras de convite, características, como vimos, da região de Lisboa, elas surgem-nos em dois casos isolados, um no Alentejo e outro no Algarve. O exemplo alentejano é de Montemor-o-Novo, a Quinta da Videira, construção alongada integrável na arquitectura tradicional da região, mas com capela numa das extremidades e terraço panorâmico na outra. Existe um piso inferior, quase sem aberturas, e destinado a arrecadação, sendo as janelas do piso principal de verga curva. A entrada faz-se por uma galeria de três arcos, que dá acesso a um pequeno vestíbulo donde sai a escadaria. Apesar desta fachada ser mais cuidada do que a posterior, ligada aos anexos rurais, toda a casa tem um rodapé pintado a azul cobalto, bem característico da arquitectura rural do Alentejo.

Esta quinta foi propriedade do cônego prebendado e vigário geral da diocese de Évora, Dr. Manuel Álvares Cidade, que, em 1749, por testamento, aí instituiu um morgadio.

É precisamente no vestíbulo referido que surgem as figuras de convite, em número de seis, combinadas numa interessante composição: dois criados de libré, com o chapéu debaixo do braço, apontam o portal principal, enquanto dois mosqueteiros apontam o fuzil para dois janízaros de espada desembainhada. As cabeleiras atadas atrás e os janízaros, que se assemelham aos de certas escadarias pombalinas de

Lisboa, apontam claramente para os meados do século. Por outro lado, aqui, o significado das figuras não é de aparato, como na região de Lisboa, mas de comédia.

Na capela da casa, aparecem azulejos de albarradas, com molduras de acantos enrolados, idênticos aos que servem de fundo às figuras de convite<sup>10</sup>.

O exemplo algarvio é o da Casa Nobre dos Sárrias, casa que ocupa um quarteirão, "sem tratamento especial de vãos e portais", com um andar nobre, onde está colocada a pedra de armas. Na fachada principal, as aberturas apresentam uma certa sistematização, o que não acontece nas outras.

Não há sequer a certeza se a azulejaria existente aqui foi colocada no século XVIII, mas é provável que sim. Existe um vestíbulo quadrangular donde parte a escadaria. Um arco numa das paredes dá acesso a um patim donde aquela inflecte e onde foram colocadas duas figuras de convite, uma em cada ângulo. Têm a alabarda na mão direita e com a esquerda convidam a entrar e a subir. A cabeleira já é atada atrás e sobretudo o traje de uma delas parece ser da segunda metade do século XVIII. São desenhadas sobre azulejo de figura avulsa, com cercadura de um só azulejo, sendo recortadas ao nível do peito. Parecem de meados do século XVIII.

Outras salas do palácio apresentam azulejos de albarradas, com cercaduras de acantos enrolados<sup>11</sup>.

A raridade destes exemplos e o seu tardio aparecimento comprovam que se trata de casos isolados, feitos à imitação do que se tinha visto na região de Lisboa, mas sem o carácter de aparato que aqui tiveram.

A existência de azulejos de albarradas e de figura avulsa também demonstra que aqui chegaram sobretudo as composições seriadas, mais económicas e fáceis de aplicar, longe das oficinas de produção.

Um dos aspectos importantes a considerar nas quintas de recreio que surgem na região de Lisboa é o dos jardins, que, com maior ou menor desenvolvimento em todas estão presentes (Quinta Real de Caxias, Palácio Pombal em Oeiras, Quinta dos Arcebispos em Santo Antão do Tojal, solar de Pintéus, palácio do Correio-mor, para citar alguns dos referidos anteriormente).

Ao tentarmos encontrar uma definição do que foi efectivamente a casa nobre no Sul do país (Alentejo e Algarve) teremos também de analisar a questão dos jardins no que se refere às casas que ficam fora dos centros urbanos. Na verdade, esta questão já foi abordada num estudo de conjunto<sup>12</sup> que, de algum modo, vem de encontro ao que temos constatado. Tal como não existem casas nobres de grande originalidade, também são relativamente escassos os jardins do século XVIII. Isso justificar-se-á, por um lado, por razões de ordem económico-social - "a apatia económica e social que se instala a partir do século XVIII no Alentejo"<sup>13</sup> - por outro lado, porque aqui já existiam

jardins desde o período renascentista e maneirista, pelo que, embora alguns deles tenham recebido acrescentos no século XVIII, não foram criados de raiz.

Em relação a esta zona é curioso salientar uma situação de sentido contrário à que se verifica no século XVI entre o Norte e o Sul do país. Partindo do *Livro das fortalezas* de Duarte d'Armas, chega-se à conclusão que os alcaides do Sul viviam em "habitações de várias salas assobradadas", "com laranjal de recreio cuidadosamente murado e porta de entrada", enquanto "as casas dos alcaides do Norte reduzem-se a uma Torre com uma sala ou duas"<sup>14</sup>.

Existe portanto, no sul do país, desde a Idade Média, tendência para uma forma de viver mais requintada e confortável que tem origem nos povos que habitaram esta zona - romanos e muçulmanos ambos de origem mediterrânica e valorizando precisamente o jardim de recreio.

Entre os jardins aqui desenvolvidos, contam-se os do Paço de Vila Viçosa, que tiveram especial importância na primeira metade do século XVII, quando aqui viviam os Duques de Bragança, e Vila Viçosa era como que a capital do reino; os jardins da Quinta do General, em Borba, cuja actual casa é dos séculos XVI-XVII e onde existe um terreiro onde foram rezadas missas campais comemorativas das vitórias da Restauração, época em que a casa atingiu o seu apogeu, embora algumas fontes provem que a sua grandeza se manteve mesmo no século XVIII<sup>15</sup>. É o caso da fonte barroca com enorme espaldar e a zona central elevando-se em arco

trilobado, apoiado em pilastras, às quais se encostam aletas de pedra, enquanto as paredes laterais servem de espaldar a um banco corrido de pedra; de notar que esta fonte foi enriquecida, já no nosso século, com azulejos da primeira metade do século XVIII, provenientes do palácio Galveias e atribuíveis a Manuel dos Santos<sup>16</sup>.

Outros jardins importantes são os do Paço da Mitra, em Valverde, herdade transformada, no princípio do século XVI, em Quinta de recreio dos bispos de Évora. Aqui existe um curioso tanque circular, já dos finais do século XVIII, mas que possivelmente substituiu outro aí existente, e que se distingue por ter em volta bancos e molduras de alvenaria a formarem janelas ovais, ainda de sabor barroco<sup>17</sup>.

O jardim do Sul do país aparece, como não podia deixar de ser devido à tradição romana e árabe, virado para dentro, isolado do exterior por muros, nos quais contudo se podem abrir janelas ou surgir mirantes e alpendres.

Um dos poucos jardins criados na primeira metade do século XVIII é o da Quinta do Carmo em Estremoz, precisamente um jardim murado. O acesso é feito por um grande portal rectangular que se abre no muro caiado e sobre o qual se eleva um arco de cantaria, em cujo tímpano surgem as armas dos proprietários. De cada lado do portal, estão dois pedestais com grandes estátuas. Atravessando o portal, entra-se na alameda de acesso à casa, ainda aberta ao exterior, passa-se ao pátio de entrada na casa, também murado, depois ao jardim e, finalmente, à casa de fresco,

que se situa no recanto mais íntimo do espaço ajardinado, esquema que já se encontrava nos jardins de Vila Viçosa, quase dois séculos anteriores<sup>18</sup>. A casa de fresco surge à volta de um grande tanque-lago de rega, em cujo centro, numa pequena ilha artificial, se eleva um Neptuno sobre golfinhos.

Esta quinta representa, de facto, na primeira metade do século XVIII, a permanência do jardim renascentista-maneirista na zona do Alentejo.

Tal como acontece na Corte, também no Sul se encontram casos em que a nobreza financia a construção de igrejas. É o caso da igreja de Santo André em Estremoz, inaugurada em 1725 e na qual se trabalhava havia quarenta e seis anos, tendo os Condes de Vila Nova, seus padroeiros, gasto na obra mais de noventa mil cruzados.

A trasladação do Santíssimo, da Capela do Anjo da Guarda para esta igreja, foi acompanhada de uma procissão com numerosas figuras a cavalo e um carro de triunfo. As cerimónias culminaram com fogo de artifício no Rossio da vila, seguindo-se um tríduo festivo<sup>19</sup>.

NOTAS:

<sup>1</sup>É o caso, entre outros, de: Carlos de Azevedo, Solares Portugueses, Lisboa, 1961; Ilídio de Araújo, Arte paisagista e arte dos jardins em Portugal, vol. I, Ministério das Obras Públicas, Lisboa, 1962; idem, "Quintas de recreio (Breve introdução ao seu estudo, com especial consideração das que em Portugal foram ordenadas durante o século XVIII)" in Bracara Augusta, Actas do Congresso «A Arte em Portugal no século XVIII», pp. 321-331, 1974; José Sarmiento de Matos, "Arquitectura Civil" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, Ed. Presença, Lisboa, 1989

<sup>2</sup>Luis Keil, Inventário Artístico de Portugal, I - Distrito de Portalegre, A.N.B.A., Lisboa, 1943; Túlio Espanca, Inventário Artístico de Portugal, VII - Évora (Cidade e Concelho), Lisboa, 1966; VIII - Distrito de Évora (Zona Norte), 1975; IX - Distrito de Évora (Zona Sul), 1978. Já depois de redigido este capítulo, em 1993, pouco depois do seu falecimento, saíram, do mesmo autor, dois volumes do Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Beja.

<sup>3</sup>Carlos de Azevedo, op. cit., p.89

<sup>4</sup>Idem, ibidem

<sup>5</sup>Idem, ibidem

<sup>6</sup>Paulo Pereira, Jorge Rodrigues, Portalegre, Lisboa, Editorial Presença, 1988, «Cidades e Vilas de Portugal» nº 3

<sup>7</sup>Santos Simões, Azulejaria Portuguesa no século XVIII, op. cit., Cidade de Évora, elenco

<sup>8</sup>José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 234

<sup>9</sup>Santos Simões, op. cit., Elenco, Portalegre

<sup>10</sup>Luisa d'Orey Capucho Arruda, op. cit., vol. II, pp.177 e segs.

<sup>11</sup>Idem, ibidem, pp. 115 e segs.

<sup>12</sup>Helder Carita, Homem Cardoso, Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal, Círculo de Leitores, Lisboa, 1990

<sup>13</sup>Idem, ibidem, p. 116

<sup>14</sup>Idem, ibidem, p. 113

<sup>15</sup>Idem, ibidem, p. 123

<sup>16</sup>José Meco, op. cit., p. 221

<sup>17</sup>Helder Carita, Homem Cardoso, op. cit., p. 128

<sup>18</sup>Idem, ibidem, pp. 115-116

<sup>19</sup>Gazeta de Lisboa, Estremoz, 20 de Novembro de 1725; ver anexo documental

### 1.3 O Norte e o Centro

A arquitectura civil de toda a zona norte revela-se muito rica durante o século XVIII e com características específicas, de tal modo que é tida como o modelo de toda a arquitectura civil no Portugal da época, atendendo, no entanto, a uma importante diferença: a utilização da pedra característica da região, o granito, na qual os ornatos barrocos assumem certa originalidade pela volumetria e rudeza a que a dureza da pedra obriga.

Na região do Norte, a moradia nobre recorreu, até ao século XVI, a soluções da arquitectura militar, com a chamada casa-torre. Não é uma necessidade de defesa que leva à adopção deste modelo, mas antes uma procura de prestígio social através de um emblema de carácter heráldico. Essas torres, no século XVIII, ou mantêm-se, sendo envolvidas por construções barrocas, como acontece no solar de Bretiandos, ou na Casa de Ramalde, no Porto, cuja torre Nasoni reconstruiu e integrou, colocando-a no eixo central da fachada posterior da casa; ou então, mantém-se o perfil e a imponência da torre, que se destaca do resto da construção, embora mantendo a mesma linguagem estilística em que a casa é construída, como acontece na Casa da Granja, no Minho.

A mesma preocupação de prestígio levou à construção de casas imponentes e aparatosas, próximas umas das outras, sinal da rivalidade entre famílias. Por outro lado, as famílias nobres, mas de menores recursos, construíram casas de menor dimensão, mas em que a preocupação de aparato se

mantém a nível da fachada - já que os interiores são modestos - pela existência de uma escadaria, de uma porta com frontão, ou de uma volumosa pedra de armas<sup>1</sup>.

Um elemento fundamental da casa nobre é a capela. No tipo mais vulgar, que é o da casa rectangular, de fachada horizontal, a capela pode passar quase despercebida, ocupando um extremo da fachada e não ultrapassando a cornija desta, como acontece nas Casas Novas, na Régua (1739)<sup>2</sup>, mas também se verifica em casas nos arredores da Corte (Casa Lázaro Leitão, à Junqueira, por exemplo).

Mantendo-se ao nível dos telhados, a capela pode ainda ocupar o centro da fachada, não se distinguindo o seu frontão de outros que surgem na mesma fachada (Casas Novas, Baião, 1738)<sup>3</sup>.

Mas o mais frequente é que a capela se comece a distinguir do resto da fachada, quer pela sua altura, quer pela sua ornamentação, como acontece na Casa de Guimarães, de 1720, com capela dois anos mais tardia<sup>4</sup>, enquadrada por pilastras encimadas por pináculos e com coroamento triangular que se eleva, à maneira de frontão, acima da cornija. Especial ênfase é também dado à porta da capela, enquanto as restantes aberturas têm feição seiscentista.

Certas casas apresentam três elementos diferentes na fachada, correspondendo à capela, parte residencial e muro do pátio. É o que acontece na Casa do Benfeito (Barcelos)<sup>5</sup>, em que curiosamente os três elementos são colocados de forma decrescente, sendo a residência a mais elevada, depois a

capela, ao centro, mais baixa, e finalmente o muro. Este tipo de composição também não é estranho à zona da Corte, por exemplo na Quinta das Carafochas, onde aparece muro, residência ao centro, e capela, sendo esta mais elevada e mais decorada. No Norte, contudo, o muro pode ter papel idêntico ao da torre e, sendo coroado de ameias, adquire um significado heráldico, "servindo como afirmação de fidalguia"<sup>6</sup>.

A construção da capela podia também revestir um significado social e não será por acaso que os jornais da época noticiam a inauguração dessas capelas, em zonas relativamente afastadas da Corte. Assim, João da Rocha Brito e Aguião inaugurou, em 1744, a sua Capela na "quinta e torre de Aguiam", fazendo dela "hum dos magníficos templos daquella vizinhança, a qual adornou de ricos ornamentos"<sup>7</sup>. A torre seria do século XIV, mas o resto da casa foi construído no século XVIII, com um grande corpo central com arcada dupla e duas escadarias simétricas, perpendiculares à fachada. É dos melhores exemplos de solar barroco construído a partir de uma torre medieval e, por esta notícia, é possível saber a data da sua construção.

Outra capela foi construída na Quinta do Outeiro (Santa Maria de Moure, Lanhoso), por Francisco Xavier Malheiro Barriga de Araújo, senhor de Refoios, que a dedicou a Nossa Senhora da Expectação, tornando-a "hum dos mais perfeitos e magníficos Templos do Arcebispado de Braga"<sup>8</sup>.

Estas capelas não só serviam os moradores da casa nobre, como também a população circunvizinha. Assim, também em 1746, José de Azevedo Vieira, desembargador e Cavaleiro da Ordem de Cristo, construiu em Paredes (Pinhel), "junto às suas casas huma Capela pública, fabricada à romana, com tres altares e dedicada à Assumpçam de N. Senhora"<sup>9</sup>. Apesar de situada na Beira Alta, longe da Corte, esta capela revela uma dupla influência da capital, no âmbito religioso ao ser dedicada à Senhora da Assunção, a quem também foi dedicada a Patriarcal; no aspecto artístico, por ser feita "à romana", ou seja, "toda fabricada de mármore fino"<sup>10</sup> e não com a mais vulgar talha dourada.

Ainda em Santarém, José da Silva Torres, fidalgo da Casa Real e Correio-mor da vila, dedicou uma "nova Capella, que fundou na sua Quinta de Aramanha", a Nossa Senhora da Conceição<sup>11</sup>.

Um aspecto fundamental nestas casas é a decoração das fachadas, que incidia nas escadas e aberturas. No entanto, no primeiro terço do século XVIII, as casas aparecem ainda muito ligadas à tradição seiscentista no tratamento das aberturas, como acontece nas Casas Novas de Godim (Peso da Régua), cuja capela, datada de 1739, é coroada por um frontão curvo quebrado, repetindo o movimento do frontão do portal. Só a partir da década de 40 se começam a difundir as molduras de sabor borrominiano, como sucede na inacabada Casa de Vila Boa de Quires; na região do Porto, por acção de Nasoni, essas decorações apareceram mais cedo.

O solar dos viscondes de Anadia, em Mangualde, apresenta a fachada dividida por pilastras, tendo as janelas do piso nobre a concha característica do *rocaille*; o corpo central é sublinhado pela articulação entre a porta brasonada com a varanda e a janela alta e pela colocação em diagonal das colunas laterais.

Na arquitectura civil do Norte do país merecem menção especial as casas e palácios edificadas por Nasoni, ou a ele atribuídas, e do seu ciclo de influência. Poder-se-á considerar um lugar comum a afirmação de que Nasoni introduziu no Norte do país claras influências italianas, quer a nível da decoração arquitectónica, de que se destaca o frontão em «asa-de-morcego», ou seja, o frontão invertido em forma rígida, ou ligeiramente curva, sugestiva de asas, que deriva do arquitecto e decorador do maneirismo florentino, Bernardo Buontalenti<sup>12</sup>; quer a nível do próprio tipo de casa, que, em certos casos, como na Casa do Freixo, mostra grandes influências da *villa italiana*. Por outro lado, Nasoni é também um curioso intérprete da arquitectura portuguesa de raiz medieval, pelo aproveitamento que faz da casa-torre, como acontece na já referida Casa de Ramalde, onde reconstrói e aproveita uma torre medieval, ou na Casa do Chantre onde uma torre barroca surge também no eixo das escadas.

Além disso, ao tratar em granito o vocabulário maneirista e barroco que trouxe de Itália, Nasoni contribui para uma originalidade muito específica do barroco nortenho.

Documentalmente, apenas está comprovada a autoria de Nasoni na Quinta da Prelada, que estava ainda em construção em 1758, de acordo com as *Memórias Paroquiais* desse ano, onde se diz que "as cazas estão comesadas com risco de Nasoni, Pintor Italiano, e vive na Cidade do Porto"<sup>13</sup>, e no palácio do Freixo, dado que o nome de Nasoni vem mencionado num contrato de 9 de Junho de 1750, entre o deão, Jerónimo de Távora e Noronha, e o mestre carpinteiro José de Sousa Barros, para o acabamento do corpo sudoeste da casa, cuja obra de pedraria já estava terminada<sup>14</sup>.

Existe também, como já referimos noutro capítulo, prova de que Nasoni, em 1734, desenhou uma planta para o Paço Episcopal, que custou 40\$000 réis<sup>15</sup>, embora as obras do mesmo só tenham sido completadas no século XVIII e o edifício actual não seja, segundo as mais recentes investigações, obra de Nasoni, como a seu tempo dissémos. Segundo o professor Ferreira Alves, o projecto de Nasoni destinava-se a obras no antigo Paço Episcopal<sup>16</sup>.

No entanto, partindo de comparações estilísticas e da ligação dos respectivos proprietários à Sé do Porto, para cujas obras Nasoni foi primeiramente contratado, Robert C. Smith atribuiu-lhe uma série de outros palácios e solares: para além do palácio do Freixo, devido ao próprio deão, atribuição que merece o acordo do professor Ferreira Alves, para a família Barbosa de Albuquerque teria construído a casa Domingos Barbosa (hoje casa-museu Guerra Junqueiro) a que já nos referimos, e cuja atribuição também levanta

dúvidas; para a mesma família desenhou ainda as casas e jardins das quintas de Fafiães e do Chantre, cuja autoria também não é aceite pelo professor Ferreira Alves. Para os Noronhas e Meneses, fez a quinta da Prelada, atribuição parcialmente documentada. Para os Leites Pereiras remodelou a quinta de Ramalde e construiu a do Viso. Para o próprio bispo, D. Frei José Maria da Fonseca e Évora modernizou a quinta da Cruz do Bispo, certamente mais de acordo com o seu gosto italiano do que o poderia fazer um arquitecto nacional. Finalmente, para D. Lourenço Amorim da Gama Lobo, construiu a Casa da Bonjóia (Campanhã)<sup>17</sup>. No entanto grande parte destas atribuições, como vemos, é posta em causa pelas investigações do Professor Ferreira Alves<sup>18</sup>.

Um dos primeiros palácios atribuídos a Nasoni foi o de S. João Novo, assim chamado 'da igreja que lhe fica fronteira, na praça do mesmo nome. A obra teria sido feita entre 1727 e 1733, período em que teria abrandado a colaboração de Nasoni na Sé. A escolha do artista italiano feita pelo proprietário da casa, magistrado Pedro da Costa Lima justificar-se-ia porque o seu quarto filho, Miguel da Costa Lima e Melo, era, desde 14 de Junho de 1723, tesoureiro-mor da Sé do Porto<sup>19</sup>. No entanto, o professor Ferreira Alves disse-nos e repetiu-o na entrevista já referida<sup>20</sup> ter encontrado um documento em que se prova que as obras do palácio teriam começado em 1724-25, ainda Nasoni vinha a caminho do Porto. O autor do palácio seria o mestre de estuques e arquitecto António Pereira, a quem o professor

Ferreira Alves também atribui as obras de arquitectura da sé. Algumas deficiências que se notam neste palácio tanto se poderiam justificar por ele ser das primeiras obras de arquitectura de Nasoni, como cabem dentro da obra de um português, cuja formação ainda se desconhece. O que fica por explicar é a presença, neste palácio, de elementos que são considerados identificadores praticamente indiscutíveis da obra de Nasoni, como os célebres frontões invertidos ou em «asa-de-morcego».

Aspectos que dificultariam a intervenção do arquitecto são a existência de casas no local, além de, por trás da casa, se levantar uma escarpa de granito, que deve ter sido o utilizado na construção. Além disso, a rua é inclinada, o que prejudicou a composição da fachada principal<sup>21</sup>.

A casa tem uma fachada de três panos divididos por pilastras sobrepostas, mais uma em ângulo recto, em que se abre um arco abatido, de acesso a um pátio de serviço; por cima deste, uma varanda formada por um arco idêntico, originalmente aberta.

Na composição das fachadas, ao aplicar à fachada da igreja seiscentista, ornatos barrocos, Nasoni revela preocupações urbanísticas que, embora não inéditas na cidade do Porto, aqui eram de facto executadas<sup>22</sup>.

A fachada principal, de dois pisos, está, como dissémos, dividida em três panos, o central preenchido apenas pela porta principal e janela a ela ligada, elevando-

se nesta zona a cornija para formar um frontão segmentar. A porta é rectangular, encimada pela pedra de armas, sendo ladeada por pilastras dóricas, sobre as quais assenta o balcão do piso nobre, mais largo que os restantes, mas com idênticos varões de ferro. A janela principal é ladeada inferiormente por duas grandes volutas, sendo o coroamento em cornija simples.

Os panos laterais são constituídos por três janelas de cada lado, sendo as do piso nobre de sacada com varões de ferro, coroadas por frontões interrompidos, em cujo centro surgem motivos em urna.

O rés-do-chão apresenta uma composição mais complexa, tendo um embasamento de granito, mais alto no ponto em que é maior a inclinação da rua; é no entanto aqui que a autoria de Nasoni parece tornar-se mais evidente: ao centro, uma pequena porta rectangular, com moldura rectilínea de granito, tem por cima um óculo elíptico horizontal, igualmente inscrito em moldura de granito, e coroado superiormente pelo característico frontão em «asa-de-morcego». De cada lado da porta, assentes no embasamento, estão duas janelas rectangulares colocadas horizontalmente, sobre as quais assenta uma outra janela, com os lados encurvados para dentro e coroamento triangular, sobre o qual se vê outro frontão curvilíneo, menos pronunciado do que o central.

É notável já aqui o contraste dos ornatos barrocos em granito com a superfície caiada da parede, assim como o

uso dos varões de ferro, tradicionais na arquitectura portuguesa<sup>23</sup>.

A porta principal dá acesso a um átrio, cujos lados são dominados por arcos abatidos, inscrevendo-se no que dá acesso à escada três arcos de volta perfeita, o central correspondendo à caixa-forte da escada, e os laterais a dois lanços simétricos. Na chave do arco abatido, duas volutas enquadram um motivo de pétalas.

Encontramos aqui uma escada cenográfica, durante muito tempo considerada uma criação de Nasoni na região do Porto, mas que, actualmente o professor Ferreira Alves considera obra de António Pereira, que será também o responsável pela escada que, na Sé do Porto, conduz do claustro à Sala do Capítulo. Tal atribuição mais uma vez nos levanta o problema da formação artística de António Pereira, de quem apenas se sabe ter vindo de Lisboa. Os dois lanços desta escada conduzem a um patamar fortemente iluminado por janelas rectangulares, unificando-se a partir daí num único lanço, que leva ao piso nobre, em cujo centro se abre uma porta rectangular, com um remate de cantaria em que se vê um ornato barroco, enquadrado por duas aletas, sendo o conjunto encimado por uma cornija sobre a qual se desenha um pequeno frontão segmentar que visualmente se prolonga nas referidas aletas.

Robert Smith considerava ter sido Nasoni quem introduziu no Norte do país este tipo de escadaria, de origem italiana, que ocupa toda a largura da zona central da

casa. Típico ainda de Nasoni, segundo aquele investigador, é o parapeito sólido, apenas rematado pelo largo corrimão. Para além dos palácios construídos ou projectados para a cidade do Porto, Nasoni tem sido considerado o responsável por uma série de quintas nos arredores, além da sua intervenção no Solar Mateus, em Trás-os-Montes, igualmente posta em dúvida por Jaime Ferreira Alves.

As quintas do Porto foram notáveis, porque proporcionavam aos seus proprietários vistas de rio e mar, bosques de castanheiros e carvalhos, além de legumes e frutas. A água também está presente, não só em lagos e fontes de carácter ornamental, mas em tanques de rega e mesmo, graças à força das correntes, em moinhos e azenhas<sup>24</sup>.

Uma das mais antigas quintas que Robert Smith atribui a Nasoni é a Casa de Fafiães, em Catassol (caminho da Maia, a norte do Porto). O seu proprietário era Manuel Barbosa de Albuquerque, chantre do Cabido da Sé do Porto, entre 1732 e 1736, altura em que a deve ter encomendado. A casa tem uma planta em L, sendo o braço mais curto do L constituído pela torre, característica, como dissémos, desta região, enquanto no outro extremo, mas integrada no corpo rectangular da residência, se vê a capela. Terraços e jardins constituem a principal beleza da propriedade, que tem acesso por um portão e muro coroados por flores de lis estilizadas, símbolo heráldico da família Albuquerque. Num dos terraços, está um tanque com espaldar coroadado por frontão de sabor borrominesco. Nas traseiras, um jardim

virado para o rio Leça. Se bem que Robert Smith não faça distinções, a verdade é que a parte em que parece mais evidente a intervenção de Nasoni é na fachada da capela, com o portal e a janela associados e, no remate, um frontão segmentar, sobre o qual assentam a cruz ao centro e dois jarrões de cada lado<sup>25</sup>.

Nos anos seguintes, e depois de ter terminado as pinturas da igreja de Santa Eulália da Cumeeira, em 1739, Nasoni, entre 1740 e 1743, período pouco documentado da sua actividade, deve ter estado nos arredores de Vila Real, trabalhando no corpo central do Solar de Mateus, cuja construção já tinha sido iniciada por António José Botelho Mourão, herdeiro dos morgados de Mateus e da Cumeeira. Aí introduziu um tipo de planta que iria adoptar noutras casas de campo e que consistia numa passagem central abobadada, no andar térreo (que é o de serviços), cortando o edifício e dando acesso, por uma escada exterior de lanços duplos, ao piso nobre. Este tipo de planta, segundo Robert Smith, inspira-se no Palácio Barberini, em Roma, terminado por Bernini e que Nasoni deve ter conhecido quando da sua passagem por Roma<sup>26</sup>.

Há um contraste bastante grande, no Solar de Mateus, entre as alas laterais, cujo desenho está ainda ligado às tradições seiscentistas, e a fachada nobre, de carácter claramente barroco, com o seu coroamento ondulante na balaustrada e cornija, para além de outros elementos característicos de Nasoni, como as conchas estriadas, as

janelas cintadas dos patamares, além dos frontões invertidos no portão que domina a escadaria.

A casa integra-se na quinta, pelo que o pátio de honra não é fechado por um muro alto, mas por um murete de balaustrada, que permite a visão perspéctica sobre a fachada. O coroamento desta por pináculos de granito, proporcionalmente de grande altura, recorda também outras obras de Nasoni. No entanto, para Carlos de Azevedo, existem aqui variações e elementos estranhos, que podem significar a intervenção de outro artista menos requintado, sendo contudo indiscutível que se trata de uma obra atribuível ao círculo de influências de Nasoni<sup>27</sup>.

A capela, embora um pouco mais tardia, datando de 1750, revela também influências de Nasoni, aproximando-se da Igreja dos Clérigos de Vila Real. A associação porta-janela-cartela, marcando o eixo da fachada, o uso de cartelas, urnas e pináculos, apontam para a intervenção do arquitecto.

Outra casa dos arredores do Porto é a Quinta do Chantre, que ostenta uma pedra de armas dos Barbosas e Albuquerque, idêntica à da Casa Domingos Barbosa, no Porto. Na verdade, o chantre Fernando Barbosa de Albuquerque herdou esta casa do tesoureiro do Cabido da Sé, o referido Dr. Domingos Barbosa. Sendo a casa da cidade atribuída a Nasoni, não é impossível que ele seja também o autor desta, embora actualmente estas atribuições sejam contestadas, como temos dito.

Aqui foi possível subordinar a alameda rectilínea ao eixo da casa<sup>28</sup>, e, além disso, aproveitou-se o curso do rio Leça, que contorna a quinta a sul e oeste. Esta casa teria sido realizada depois do regresso de Nasoni ao Porto, em 1743, e apresenta, pela primeira vez nesta zona, o tipo de planta com uma passagem cortada por baixo da torre central, de cada lado da qual saem os lanços duplos da escada de acesso ao piso nobre. A casa tem planta rectangular, com uma torre central evocadora das torres medievais, onde aparece como ornato principal a pedra de armas. A capela faz ângulo recto com a casa e apresenta a característica associação do portal com a janela superior, através de uma balaustrada de pedra; a janela termina num motivo em concha. O coroamento é em frontão ondulado interrompido sobre o qual se elevam, de cada lado da cruz central, dois volumosos pináculos, à maneira de banquetas, como é usual em Nasoni. À frente da casa está um amplo terreiro quadrangular murado, que se prolonga no muro que limita a alameda no eixo da casa. Nos muros do terreiro, existem aberturas em forma de janelas, algumas das quais decoradas com estranhas esculturas. No extremo da alameda há um portão que dá acesso a uma mata, havendo um outro de comunicação com o exterior, coroado pelos símbolos heráldicos da torre e dos leões de cada lado.

A Casa de Ramalde é um dos casos em que a intervenção de Nasoni teve de contar com elementos anteriores, que remontavam ao século XVI: uma casa quinhentista com torre lateral e capela isolada, datando de

1581. No século XVIII, cerca de 1746, Nasoni vai ampliá-la para D. Florência Leite Pereira de Melo, duplicando a frente da casa e reconstruindo a torre, que, como dissémos, manterá a sua feição medieval com ameias e janelas com perfil que recorda o gótico. A capela, mantendo-se afastada, é ligada à residência por uma galeria curvilínea coberta. De um lado da casa foi colocado um portão quinhentista existente na quinta, e, do lado oposto, construiu-se um idêntico, criando-se à frente um amplo terreiro com muros ameados. Um caminho situado na rectaguarda da casa e que atravessa terras de cultivo, faz pensar que houve um projecto de criar uma alameda rectilínea no enfiamento da torre, como na quinta do Chantre<sup>29</sup>.

A fachada principal mostra o tunel e a escadaria dupla de acesso ao andar nobre, como no Solar Mateus e no Chantre. No entanto, esta casa, pilhada durante a 2ª invasão francesa (1809), sofreu alterações e a passagem central foi suprimida. Pelas ameias e por certos perfis goticizantes das janelas, esta casa é uma daquelas em que se pode considerar que Nasoni iniciou o estilo neo-gótico no Norte de Portugal, ligando-o de forma original ao barroco<sup>30</sup>. Isto acontecia na mesma época em que em Inglaterra se difundia o gosto pelo gótico de forma ainda «pitoresca» e, ao seu aparecimento na região do Porto, não será certamente estranha a presença de ingleses na zona.

A Quinta da Prelada foi um dos projectos mais ambiciosos que Nasoni realizou para a região do Porto,

infelizmente nunca terminada. É das obras que lhe estão documentalmente atribuídas pelas *Memórias Paroquiais* de 1758, altura em que o arquitecto ainda aí trabalhava<sup>31</sup>. Nessa época a quinta era propriedade de D. António de Mesquita e Melo e de sua esposa, D. Isabel de Noronha de Meneses, irmã do arcediago do Porto, D. Manuel, e do já então falecido D. Luis, abade da Cumeeira.

A casa deve ter sido projectada entre 1743 e 1748 e compreendia uma planta quadrangular com quatro torres nos cantos, mas o custo excessivo deve ter impedido que fosse acabada. De Nasoni resta a torre e um fragmento da fachada, que foi mais tarde aumentada em estilo semelhante<sup>32</sup>.

O acesso à quinta era feito por um largo em cujo extremo se elevavam "duas pirâmides de figura triangular assentadas por três bolas de pedra" que "acabam em ponta aguda com uma torre em cima, que são as armas dos Noronhas"<sup>33</sup>. Estes obeliscos foram actualmente colocados no Passeio de Campo Alegre.

É na torre da casa que se encontram as características do estilo de Nasoni, apresentando aquela pequenos ângulos chanfrados e sendo rematada por balaustrada. As janelas apresentam molduras de cantaria curvas na parte superior, enquadradas por frontões com conchas e outros elementos característicos de Nasoni.

Os jardins, embora reformados no século XIX por um jardineiro da Câmara do Porto, ainda se mantêm no essencial, sendo decorados com fontes e um grande lago. Existem dois

eixos que se cruzam, surgindo nesse ponto um terraço amuralhado com seu chafariz. No meio do terraço, há um lago circular, no meio do qual se ergue, à maneira de casa de fresco, uma torre circular de dois andares. Esta, coroada de ameias e com janelas de topo triangular, constitui outro exemplo do neo-gótico na obra de Nasoni. Embora o seu significado seja essencialmente heráldico, ela integra-se no «gótico pitoresco», que criou as ruínas fingidas e os pavilhões de jardim.

Na quinta existem outros elementos decorativos, como muros encimados pela concha combinada com símbolos heráldicos, e fontes, de que se destaca a do Cágado, uma das cinco existentes no jardim, com uma bacia inspirada nas pias de água-benta, com um frontão curvo interrompido por uma urna, sob a qual se encontra um cágado (ou tartaruga) suspenso por dois meninos alados. Da jarra caem sobre o frontão, grinaldas de fruta. No remate, uma mulher de pé sobre um golfinho, gesticula.

Por estes anos (1742-52) terá Nasoni realizado as reformas nas quintas de Santa Cruz do Bispo, de que se destaca o portão principal, encomendado pelo então bispo, o italianizado D. Fr. José Maria da Fonseca e Évora.

Uma das últimas grandes casas de quinta realizadas por Nasoni foi precisamente para o deão Jerónimo de Távora e Noronha, que o tinha chamado ao Porto - a casa do Freixo, de que existe um documento comprovando a intervenção do arquitecto nos jardins, mas normalmente aceite como obra de

Nasoni, mesmo pelos mais cépticos. Esta casa estaria em construção entre 1750 e 1754, data da morte do deão.

É também um palácio de planta quadrangular, com torres ligeiramente salientes nos ângulos e cobertos com telhados piramidais. Como a casa se situa num terreno com desníveis, à beira do Douro, Nasoni criou quatro fachadas diferentes e rodeou a casa com terraços, em planos diferentes. Por isso mesmo, esta é das obras de Nasoni uma das que mais se afasta das tradições nacionais<sup>34</sup>, com uma concepção espacial dinâmica, bem característica do barroco, com a articulação movimentada das fachadas, escadarias e passagens, a que crescem frontões recortados ondulantes, balaustradas e pináculos e molduras recortadas de janelas.

Mantém como característica do arquitecto, a passagem abobadada através da residência e as escadas de lanços duplos, que se repetem em duas fachadas. Os muros desenham enormes curvas para baixo, e são coroados por pináculos nos pontos em que se elevam.

A arte de Nasoni surge assim intimamente ligada a membros da igreja, que saem das famílias da aristocracia nortenha, sendo curiosamente uma arquitectura civil feita quase exclusivamente para uma elite clerical.

Embora não haja a certeza da intervenção pessoal de Nasoni em todas estas obras, havendo actualmente tendência para ver com rigor mais crítico as atribuições de Robert Smith<sup>35</sup>, é inegável, pelo menos, que à volta de Nasoni se criou uma «escola», cujos elementos não foram ainda

identificados, mas podem ter sido os colaboradores nas obras da Sé, vindo a sua influência a estender-se por todo o Norte e vale do Douro, nomeadamente na segunda metade do século XVIII.

Fora do Porto, existem muitas casas construídas no século XVIII, algumas das quais referimos brevemente, em anexo, não podendo, contudo, deixar de referir a Casa dos Biscainhos, em Braga, mandada edificar pelo Dr. Constantino Ribeiro do Lago, procurador-geral da Mitra bracarense, ainda na segunda metade do século XVII, mas cujas obras se continuaram no século XVIII (tecto datado de 1724), apresentando os jardins já intervenções dos meados e terceiro quartel do século.

A fachada nobre apresenta características do século XVIII, tendo dois pisos, de que o inferior é marcado por janelas de guilhotina, com embasamento em que se vê um almofadado em losango, de tradição maneirista, sendo a porta principal - que permitia o acesso a carruagens - ladeada por duas pilastras lisas que suportam arranques de frontão segmentar. No piso nobre, janelas iguais, de moldura rectangular, com sacada de ferro e coroamento de frontões segmentares interrompidos, de cujo centro sai um ornato que faz parte da moldura de óculos de forma irregular curvilínea, que constituem uma espécie de *mezzanino*.

No interior, o portão dá acesso a um pátio onde se encontram cinco estátuas sobre pedestais de granito, sendo duas pagens vestidos à maneira do século XVIII (tendo talvez

função simbólica idêntica à das figuras de convite que não surgem no Norte do país).

No primeiro andar, o salão nobre é decorado com azulejos e tem um tecto de madeira pintada, datado, como acima foi dito, de 1724, representando a apoteose do beato Miguel de Carvalho, bracarense muito venerado<sup>36</sup>.

Um aspecto importante desta casa são os seus jardins em terraços, de acordo com um programa desenvolvido no barroco<sup>37</sup>, cujo acesso é feito por um portão coroado por anjos tocando charamelas, e combina esculturas barrocas, com lagos e fontes, onde se encontram motivos *rocaille* (conchas e volutas assimétricas), com tritões e golfinhos ainda barrocos, além de uma zona de buxo e arvoredos frondosos. Os terraços são separados por muros coroados de alegretes, revestidos de azulejos. O jardim tem ainda uma casa de fresco, de planta poligonal, com uma cúpula revestida de azulejos de padrão típicos do século XVII, que também surgem nalguns muretes.

O jardim é cercado por um muro alto, com ameias de tipo medieval e guaritas, numa combinação, idêntica à que encontramos em obras de Nasoni, entre o barroco e a persistência (*survival*) ou a inspiração gótica (*revival*) de significado heráldico.

Mais para a zona centro (Beiras), onde o granito continua a ser o material preferido, vamos encontrar casas que Carlos de Azevedo designa de transição, mas, na verdade,

estão mais próximas da arquitectura do Norte<sup>38</sup>. É o que acontece com o solar dos Condes de Anadia, em Mangualde, de meados do século XVIII, com a fachada dividida em panos por pilastras e com dois pisos, apresentando as molduras das janelas do piso nobre a concha característica do *rocaille*. A zona central da fachada é dinamizada pela associação da porta brasonada com a varanda e janela alta, sendo as colunas laterais colocadas diagonalmente, para imprimir movimento à fachada, solução frequente nesta época.

A porta dá acesso a um átrio abobadado em que se rasga o arco de acesso à escadaria nobre, uma das mais monumentais do país, bem de acordo com o gosto cenográfico do barroco. A entrada calcetada, que também aparece na casa dos Biscainhos, e permite o acesso a carruagens ou cavalos, transforma estes vestíbulos cobertos em herdeiros do pátio de honra, mas vai ao mesmo tempo permitir que o cerimonial de recepção se "mantenha rigorosamente privado em relação ao exterior"<sup>39</sup>.

O arco de moldura curva, de perfil irregular, devido aos elementos decorativos que integra, apresenta conchas e motivos em C, característicos da transição entre o estilo joanino e o *rocaille*. Um único lanço de escadas conduz a um patamar, a partir do qual se bifurca até ao piso nobre. Toda a caixa da escada é revestida de painéis de azulejo de molduras recortadas interiormente, representando nos painéis laterais cenas mitológicas, e, no painel central, sobre o arco, um motivo heráldico, onde estão figuradas as

armas da família com a coroa de conde, ladeadas por ornatos barrocos, sobre os quais se sentam anjos tocando charamelas e segurando palmas na outra mão.

Em frente aos lanços da escada, no patamar do piso nobre, dois painéis enquadram a porta central; são de molduras recortadas, enquadrados por pilastras terminadas em urnas e representam cenas galantes. Estes azulejos são de produção coimbrã<sup>40</sup>.

A porta central de acesso aos salões do piso nobre é enquadrada por pilastras sobrepostas e coroada por um frontão curvo interrompido, de cuja parte central pendem sanefas e cortinas, que enquadram as armas da família, com a coroa de conde e rodeadas de palmas e grinaldas. Esta composição transfere para a pedra elementos característicos da talha barroca.

As portas laterais de arco abatido são também coroadas por frontão em forma de «besta», sob o qual se vê a concha rodeada por festões. O tecto é de masseira, dividido em caixotões, com pinturas ornamentais com flores. As salas são ornamentadas por silhares de azulejos, de que se destacam os do salão nobre, recortados como os da escadaria, representando cenas mitológicas e bíblicas, enquadradas por pilastras terminadas em urnas e de cuja moldura superior pendem sanefas com borlas. São também de oficina coimbrã. As amplas janelas e as paredes caiadas de branco dão a estas salas luminosidade especial ainda acentuada pelos brilhos do

azulejo. De notar que as salas deste palácio ainda se encontram decoradas com mobiliário da época.

Todas as fachadas da casa são diferentes. Uma delas, que deita para um pátio de serviço, rodeado por dependências de um único piso, apresenta uma escadaria dupla de lanços curvos, que dá acesso a um átrio de dupla arcada abatida, também decorado com azulejos recortados. No piso nobre, uma galeria ou *loggia*, também de arcos abatidos, protegida por balaustrada de pedra e decorada com azulejos recortados, empresta à casa um certo cunho mediterrânico, que faz dela, de facto, uma casa de transição.

A nível decorativo, e para além dos ornatos barrocos que acompanham as aberturas, ou da escultura, mais ou menos tosca, de fontes e jardins, é sempre difícil avaliar como era o recheio da casa do Norte. Por um lado, e dado o clima da região, é natural que aqui também se encontrasse a ornamentação com tapeçarias (no chão e paredes), os reposteiros, almofadas de sentar e outros elementos que, juntamente com o mobiliário, davam conforto à casa barroca.

Quanto ao azulejo, ele não é tão popular, a nível da arquitectura civil, como no Sul, embora surjam casas com silhares decorativos (albarradas) ou as usuais cenas galantes ou de caça, como acontece no Salão nobre do Palácio dos Biscainhos, em Braga.

Um caso curioso é o da Torre de Azevedos (Lama, Barcelos), construção do século XVI e a que se acrescentou

um corpo residencial no século XVIII, como era uso. Mas é na sala nobre da torre que surgem azulejos do século XVIII, representando cenas com feitos da família, além de conservar um tecto de madeira, também setecentista, dourado e policromado, assente em mísulas trabalhadas<sup>41</sup>.

Os tectos pintados são um interessante elemento decorativo que se manteve. Assim, na Quinta do Bairro (S. João de Lóbrigos, Peso da Régua), existe uma casa de planta em L, característica do século XVIII, em que uma das salas tem um tecto em gamela, trabalhado em talha dourada, formando um octógono de caixotões divididos por cadeias de talha, ornadas de florões, emoldurando pinturas com cenas profanas, em que se vêem personagens vestidas à moda da época, esgrimindo, caçando ou passeando, temas que surgiam mais frequentemente na pintura de azulejos. Estas pinturas tiveram influência nesta zona, onde aparecem tectos pintados, do mesmo género, mas mais tardios<sup>42</sup>.

Um outro caso que merece referência é o da Casa da Torre de Terrenho (Trancoso, Guarda), também do século XVIII, onde surge, na Sala superior da Torre, um tecto de talha policromada, também de forma octogonal, tendo painéis pintados que representam flores e figuras de santos, tendo ao centro as armas da família. No exterior da capela, existe uma inscrição que atribui a sua construção ao capitão Luís de Figueiredo Monterroio, em 1727, época em que deve ter sido construída a casa. No interior da capela, as pinturas

murais narram um incidente da vida do fundador, que o levou a tomar ordens já com 60 anos<sup>43</sup>.

Só um inventário completo da casa nobre e respectivos motivos decorativos - talhas, pinturas, azulejos e esculturas - nos permitiria tirar conclusões mais exactas, mas os exemplos referidos provam que no Norte se recorreu à pintura e talha, tendo a azulejaria menor importância, talvez pela distância a que se encontrava das oficinas de produção (Lisboa e Coimbra).

Adriano de Gusmão, já há largos anos<sup>44</sup> fez um estudo das casas da região de Basto, tendo verificado precisamente que há aí tendência para a sobriedade, sendo raros os azulejos, que, em contrapartida, encontramos frequentemente no sul. As casas são de dois pisos, com características de ruralidade, destinando-se o rés-do-chão à guarda de utensílios agrícolas e o andar superior a habitação, tendo este normalmente acesso por uma escadaria exterior. A parte posterior da casa tem frequentemente um balcão-terraço formando um estábulo para abrigo do gado; nesta parte, a construção é menos cuidada. Os motivos ornamentais, que se concentram na fachada principal, limitam-se, por vezes, à pedra-de-armas, aparecendo já em meados do século, ornamentação rocaille simplificada. O carácter rural destas habitações sobrepõe-se, de facto, ao seu carácter senhorial. Algumas destas casas têm o interesse de estarem datadas<sup>45</sup>.

Não muito diversas são as conclusões de outros estudos que igualmente caracterizam a casa do século XVIII

pelo enriquecimento decorativo da fachada principal, pela decoração das portas e janelas de cantaria e pelo aparecimento de frontões onde aparece a pedra de armas, extremamente rica de decoração. Interiormente, têm amplas cozinhas e salas, mas os quartos de dormir reduzem-se a pequenas alcovas, onde quase só cabe a cama.

Aspecto de interesse a considerar são as diferentes designações atribuídas a estas casas nobres, que podem subentender uma hierarquia de condição social ou características da propriedade. Estão no primeiro caso os *paços*, residência de reis, infantes ou bispos, ou onde o rei pernoitou uma vez; o *solar*, que está ligado às origens de uma família; *casa*, nome aplicado àquela onde, num lugar, vive a família nobre. No segundo caso, temos a *quinta*, casa rodeada por propriedade e cercada de muros; a *torre*, porque a casa original teve esta forma, podendo ainda existir, integrada noutra mais moderna; *casal*, quando as terras são limitadas por marcos e a propriedade teve origem num empraçamento que tinha este nome<sup>46</sup>.

De um modo geral, qualquer que seja o seu estatuto, as casas mantiveram até por vezes ao primeiro terço do século XVIII, características arcaizantes, que as ligam ao século anterior, passando no final dos anos trinta a apresentar então uma decoração barroca a que, em meados do século, se juntam claramente elementos *rocaille*, tratados com a pujança a que obriga um material como o granito. A

maior parte das casas desta região tem escadaria exterior e algumas ostentam uma torre, medieval ou não, símbolo heráldico de um poder senhorial ainda presente.

NOTAS:

- 1 Carlos de Azevedo, Solares Portugueses, op. cit., p. 79
- 2 Idem, ibidem, p. 81
- 3 Idem, ibidem, pp. 81-82
- 4 Idem, ibidem, p. 82
- 5 Idem, ibidem, pp. 82 e 85
- 6 Idem, ibidem, p. 86
- 7 Gazeta de Lisboa de 15 de Dezembro de 1744; ver anexo documental.
- 8 Gazeta de Lisboa, de 11 de Outubro de 1746; ver anexo documental
- 9 Gazeta de Lisboa de 18 de Outubro de 1746; ver anexo documental
- 10 Ibidem
- 11 Mercúrio Histórico de Lisboa de 12 de Dezembro de 1744
- 12 Robert C. Smith, Nicolau Nasoni, Livros Horizonte, Lisboa, 1973, p. 12
- 13 Idem, ibidem, p. 27
- 14 Idem, ibidem, p. 30
- 15 Idem, ibidem, p. 16
- 16 J. J. Ferreira Alves, "A Igreja dos Clérigos e Nicolau Nasoni", entrevista ao programa da «Antena 2», Memória do Esquecimento, em 28 de Abril de 1992
- 17 Robert C. Smith, "O Palácio de S. João Novo" in Revista de Etnografia, vol. XI, Tomo I, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto, Julho de 1968, pp. 10-11
- 18 J. J. Ferreira Alves, "Nasoni, Nicolau" in Dicionário da Arte Barroca em Portugal, op. cit., pp. 305-310; entrevista mencionada na nota 16.
- 19 Robert C. Smith, op. cit., nota 16, p. 12
- 20 Ver nota 16
- 21 Robert Smith, op. cit. nota 17, pp. 16-17
- 22 Ver capítulo referente ao mecenato artístico de D. Tomás de Almeida, onde foi abordado o seu projecto de criar no Porto uma Praça Maior, idêntica às espanholas.
- 23 Robert C. Smith, "O Palácio de S. João Novo", op. cit., p. 20
- 24 Ilídio de Araújo, Arte Paisagistas e Arte dos Jardins em Portugal, op. cit., vol. I, p. 155
- 25 Robert Smith, Nicolau Nasoni, op. cit., p. 25
- 26 Idem, ibidem, p. 26
- 27 Carlos de Azevedo, "Solar de Mateus" in op. cit., p. 153
- 28 Ilídio de Araújo, "Quintas de Recreio" in Bracara Augusta, vol. XXVII, 63 (75), Braga, 1973, p. 327
- 29 Idem, Arte paisagista e arte dos jardins em Portugal, op. cit., p. 197
- 30 Robert C. Smith, Nicolau Nasoni, op. cit., p. 27
- 31 Idem, ibidem, p. 27
- 32 Idem, ibidem, p. 28
- 33 Ilídio de Araújo, Arte paisagista..., op. cit., p. 192
- 34 Carlos de Azevedo, "Palácio do Freixo" in Solares Portugueses, op. cit.

<sup>35</sup>J. J. Ferreira Alves afirma: "Como arquitecto, é vulgar atribuir-se-lhe um grande número de obras. Pensamos que a sua actividade, ainda que notável, no campo da arquitectura foi mais limitada como, na nossa opinião, teria acontecido em Malta" in «Nicolau Nasoni», Dicionário da Arte Barroca em Portugal, op. cit.

<sup>36</sup>Carlos de Azevedo, "Casa dos Biscainhos" in Solares Portugueses, op. cit.

<sup>37</sup>Helder Carita, Homem Cardoso, "Do Jardim - terraço nas quintas do Norte do país" in Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal, Círculo de Leitores, Lisboa, 1990, pp. 260 e segs.

<sup>38</sup>Carlos de Azevedo, op. cit., p. 88

<sup>39</sup>Helder Carita, Homem Cardoso, Oriente e Ocidente nos Interiores em Portugal, Livraria Civilização Edª, Barcelos, s.d., p. 122

<sup>40</sup>José Meco, O Azulejo em Portugal, op. cit., p. 235

<sup>41</sup>Carlos de Azevedo, "Torre dos Azevedos" in Solares Portugueses, op. cit.

<sup>42</sup>"Quinta do Bairro" in ibidem

<sup>43</sup>"Casa da Torre de Terrenho" in ibidem

<sup>44</sup>Adriano de Gusmão, "Manoirs baroques de la région de Basto" in XVI<sup>e</sup> Congrès Internationale d' Histoire de l' Art, Lisbonne - Porto, 1949

<sup>45</sup>Casas datadas do período joanino, existentes nos concelhos de Celorico e Cabeceiras de Basto, pertencentes ao distrito de Braga: Casa da Cruz, Gagos, 1726; Casa da Levada, Veado, 1731; Casa do Casal, Celorico, 1735; Casa do Pomar, Fermil, 1733; Paço Velho, Canedo, 1745; Casa Figueiredo, Canedo, 1747, com obras em 1824.

<sup>46</sup>Francisco Azeredo, Casas Senhoriais Portuguesas, Roteiro da Viagem de Estudo do I.B.I., Instituto Internacional dos Castelos, Setembro de 1986

3.1. A situação social da nobreza e a importância do solar na arquitectura portuguesa da primeira metade do século XVIII.

#### A. BREVE ANÁLISE DAS OBRAS REFERIDAS

##### Lisboa (cidade)

##### Palácio Vagos

Proprietário - Conde de Aveiras e Marquês de Vagos

Localização - Lisboa, junto a S. Cristóvão

História e características - Tem origem no século XV, pois aqui habitou D. Leonor, filha do rei D. Duarte.

Foi reedificado no reinado de D. João V, na década de quarenta, mas arruinou-se com o Terramoto e foi totalmente reedificado no século XIX.

Do século XVIII manteve-se a fachada (a que recentemente se acrescentou um andar), com cantarias e janelas joaninas, sendo a frontaria protegida por dois espaços gradeados e rebaixado o nível da rua para melhor perspectiva do edifício<sup>1</sup>.

### Palácio do Marquês de Tancos

Proprietário - Conde da Atalaia e Marquês de Tancos.

Localização - Calçada do Marquês de Tancos, junto a S. Cristóvão (adaptado a escola).

História e características - É um palácio do século XVII, que resistiu ao Terramoto, tendo sofrido obras de ampliação no primeiro quartel do século XVIII.

Nele viveram os condes da Atalaia, tendo o 6º Conde recebido o título de Marquês de Tancos. Com ele veio a residir, no reinado de D. João V, D. José Manuel, deão da Sé Patriarcal, que mais tarde seria Cardeal Patriarca de Lisboa (1754) e se refugiaria, depois do Terramoto, na Quinta das Águias na Junqueira.

O salão nobre deste palácio, como outras salas, estão decorados com painéis de azulejos do século XVIII. Na sala 4, tem silhares em todas as paredes e entre as janelas. A cercadura é de azulejos de folhas encurvadas. O painel central tem, na parte inferior direita, a assinatura *R. m. Do Cotto / fecit*, ou seja, é obra de Raimundo do Couto, artista que foi discípulo de Oliveira Bernardes. Este painel representa uma caçada ao javali. Os restantes painéis mostram outras cenas de caça, com falcão, à corça e ao lobo.

Na sala 5, as paredes têm cercadura de anjinhos e folhagens, tendo a nascente, as armas dos Manuéis ao centro. As cenas representadas são mitológicas, vendo-se o Rapto de Helena, Neptuno perseguindo uma ninfa e Diana perseguindo um

dragão; segundo Santos Simões, estes azulejos são de Oliveira Bernardes.

Na sala 7, vê-se o mesmo tipo de cercadura, menos rica, mas também brasonada. Representam cenas de caça, paisagens e uma Vénus com Apolo (?). Entre as janelas estão Narciso mirando-se nas águas, Rapto de Europa e Fauno perseguindo uma ninfa. São também de Oliveira Bernardes, ou da sua escola.

Na entrada, vê-se um silhar ornamental de volutas floridas, dentro da tradição do século XVII.

As salas 2 e 3 (subdivisão de uma única sala) têm azulejos com caçadas, de cerca de 1720-25, de qualidade inferior aos outros e desenho feito a partir de gravuras.

A sala 1 mostra jardins, onde passeia uma senhora com *fontange*, penteado característico dos finais do século XVII e inícios do XVIII, cenas pastoris, caçadas, um fidalgo a cavalo. São da mesma época dos anteriores ou um pouco mais modernos (Santos Simões<sup>2</sup>). Pelo penteado da senhora, julgamos que não serão muito posteriores a 1725, devendo também ser inspirados em gravuras.

Este conjunto azulejar dá-nos uma imagem do gosto da nobreza no primeiro quartel do século XVIII, a qual decorou as suas casas com caçadas, cenas mitológicas e algumas paisagens, enquanto, com o avançar do século, se manterão as caçadas, mas começarão a ser mais frequentes as cenas galantes.

Para José Meco<sup>3</sup>, em contrapartida, os azulejos de Raimundo do Couto, que ele considera um continuador de Gabriel del Barco, situam-se à volta de 1700 e, para além dos painéis que assinou, terá feito os de uma outra sala, onde as molduras são idênticas, representando fundo arquitectónico, com jardins e uma fonte em primeiro plano, onde um homem se abastece; perto, um casal. Outros silhares de duas salas serão, de facto, de Oliveira Bernardes.

Na fachada do edifício, destaca-se o andar nobre de dezasseis janelas de sacada, com balaústres de ferro, ao gosto do século XVIII.<sup>4</sup>

#### Palácio dos Secretários da Guerra

Localização - Alfama, com fachadas para a Rua dos Remédios e Calçada do Gascão.

Proprietários - Teles de Melo

História e características - Foi mandado construir por D. Luis Correia da Paz, entre 1720 e 1730, às Portas da Cruz, sobre o pano oriental da muralha fernandina.

É um palácio de características urbanas, mas de arquitectura simples, embora erudita. Os portais têm decoração clássica e marcam a composição simétrica em cada uma das fachadas. O andar nobre destaca-se pelo ritmo das grandes janelas.<sup>5</sup>

### Palácio Barbacena

Proprietário - Foi construído na década de quarenta do século XVIII por Luis Xavier Furtado de Mendonça, 4º Visconde de Barbacena e almirante-mor do Reino.

Localização - Lado norte do Campo de Santa Clara.

História e características - Segundo Cyrillo Volkmar Machado<sup>6</sup>, foi seu arquitecto Manuel da Costa Negreiros e é das obras mais monumentais que se construíram nestes anos, ultrapassando os dois pisos que eram usuais na época e aproximando-se de outros construídos neste período, como o palácio Ludovice e a Casa das Varandas, que anunciam os edifícios de tipo burguês da reconstrução pombalina<sup>7</sup>.

Trata-se de um palácio suburbano, já que o dos Viscondes na cidade ficava na freguesia do Sacramento, na rua dos Cabides, junto ao Arco de S. Francisco<sup>8</sup>. O palácio de Santa Clara, ao contrário deste, pouco sofreu com o Terramoto, apresentando-se, no que respeita à arquitectura e decoração azulejar, muito próximo do seu aspecto original.

Dos palácios construídos na zona de Lisboa, este é um dos que manifesta maiores influências da arquitectura italiana, tal como o já referido palácio Ludovice. Mas se o autor deste era profundo conhecedor da arquitectura italiana de finais do século XVII, época em que deixou Roma e continuou a ter acesso a ela através das plantas e desenhos encomendados por D. João V em Itália, Manuel da Costa Negreiros conheceu-a apenas indirectamente, através da

presença de arquitectos italianos em Portugal, como Canevari, e dos tratados que continuavam a servir de base ao ensino da arquitectura desde os inícios do século XVII e, possivelmente, através da consulta directa dos referidos desenhos e plantas, já que ocupava cargos oficiais de importância como o de arquitecto da Casa do Infantado e o de medidor das obras das Necessidades<sup>9</sup>.

A fachada principal do palácio está dividida em três corpos, um central, mais vasto, e dois laterais, com três pisos mais outro recuado; no piso inferior as portas alternam com duas janelas de peitoril, ritmo que se mantém no primeiro piso, mas alternando janelas de sacada com duas janelas de peitoril, enquanto no terceiro piso, todas as janelas são de sacada, coroadas por frontões contracurvados. O piso recuado, que abrange a fachada principal, é acentuado nos ângulos, coroando todo um tramo de silharia que enquadra duas portas, duas janelas de peitoril e duas janelas de sacada, estas ladeadas por pilastras em estipite, rematadas por fogaréus, enquanto as janelas, protegidas por varandim de ferro assente em cachorrada, são rematadas por frontão curvo.

Do lado da rua da Verónica, a fachada é dividida em três corpos, com duas ordens de oito janelas.

O brasão dos Barbacenas aparece no intervalo das duas varandas centrais do primeiro andar.

A porta que dá acesso à escada é coroada por frontão recortado e pilastras encimadas por volutas sobre as

impostas do arco. Esta escadaria é revestida por azulejos e figuras de convite. É coberta por abóbadas de arestas e apresenta aberturas nos patamares, que permitem ver perspectivas dinâmicas da escadaria, dentro de um gosto barroco.

Os azulejos que decoram o vestíbulo e a escadaria não pertencem todos ao mesmo conjunto, pois em espaços mais pequenos surgem azulejos de cor mais clara, com cercadura e temática diferentes.

O conjunto principal é formado por silhares com cenas palacianas e duas figuras de convite, recortadas apenas a partir dos ombros, uma colocada no vestíbulo e enquadrada pelo arco triunfal que dá acesso à escadaria, e outra no segundo patamar<sup>10</sup>.

O fundo é constituído por paisagens enquadradas por cercaduras, estando as figuras representadas em primeiro plano e destacando-se desse fundo. A do vestíbulo apresenta cabeleira comprida apartada ao meio com rolos enquadrando o rosto, espadim e bastão, e uma faixa diagonal sobre o peito; a casaca é de bolsos recortados com pregas laterais e punhos com virolas; a casaca deixa ver a véstea, gravata e camisa com punhos de renda. O chapéu de tipo tricórnio está debaixo do braço.

A outra figura tem o chapéu na mão, um laço ao pescoço e cabeleira atada, o que corresponde, sem dúvida, a uma transição que se verificaria por estes anos ao nível das cabeleiras, que, na segunda metade do século XVIII se passam

a usar desta forma, enquanto na década de quarenta, as duas modas ainda deveriam coexistir.

Estes azulejos, como a maior parte dos outros que decoram o palácio - cenas galantes no vestíbulo, padrões, cenas galantes e campestres nos salões - podem atribuir-se à oficina de Bartolomeu Antunes, em activa laboração na década de quarenta e a quem Santos Simões atribui a azulejaria da capela<sup>11</sup>.

De salientar a importância da escadaria e da sua decoração com azulejos e figuras de convite, que se enquadra num tipo de solução muito adoptado pela casa nobre da zona de Lisboa, durante o século XVIII.

Numa das salas, ainda se conserva uma pintura de carácter alegórico, representando Vénus e Eros rodeados de Cupidos, muito provavelmente de José António Narciso, a quem Cirilo atribui a pintura dos tectos deste palácio<sup>12</sup>.

Palácios do Bairro Alto e zonas envolventes:

Palácio dos Capitães de S. Julião da Barra

Localização - Rua de S. Bento, nº 354-360

Características - É um solar urbano de quatro pisos e planta em U, datável de meados do século XVIII.

No rés-do-chão tem cinco portas, das quais três mais largas e com as ombreiras protegidas por frades de pedra, cilíndricos, e ainda quatro óculos ovais. No primeiro e segundo pisos, tratados como pisos nobres, vêem-se três janelas de sacada, alternando com duas de peitoril, com avental de pedra. O quarto piso tem cinco janelas de peitoril, idênticas às dos andares inferiores. Todas as aberturas têm molduras de pedra, que apresentam na verga uma chave central coroada por motivo idêntico ao dos óculos do piso inferior (motivo circular concêntrico).

Próximo de cada cunhal, está uma gárgula de desenho rococó.

No interior, a decoração é feita com azulejos mostrando cenas galantes e campestres, com cercaduras tipo «asa-de-morcego». Na cozinha, estão azulejos em estrela, azuis e brancos, como os da cozinha das Necessidades.

As molduras das janelas são semelhantes às do Convento das Necessidades e Quinta do Cabeço.

Berger levanta a hipótese deste palácio ser obra de Carlos Mardel ou Sanches da Silva. De notar que o primeiro usou no Rossio a alternância de janelas de sacada com janelas de peitoril no piso nobre.<sup>13</sup>

### Palácio da Flor da Murta

Localização - Rua do Poço dos Negros

História e Características - Foi o solar dos Meneses em Lisboa. No entanto, na esquina, ostenta a pedra de armas dos Pereira Farias, proprietários da casa no século XVI, época em que uma senhora da família casou com um D. Jorge de Meneses.

Segundo outra versão, estas casas nobres foram integradas, nos meados do século XVII, nos bens do morgado da Terrugem, instituído formalmente em 1681. D. Madalena de Vilhena, filha do primeiro visconde da Terrugem, casou com D. António de Meneses Sotto Maior, morgado de Sousa, e daí a casa ter passado para os Meneses de Cantanhede (Marialva).

No tempo de D. João V, a casa foi habitada por D. Jorge de Meneses e sua mulher, D. Luisa Clara de Portugal, «a Flor da Murta», que lhe deu o nome. É sobejamente conhecido o interesse do rei por esta senhora, cuja beleza ficou registada num retrato de autor desconhecido. Parece que o marido, desgostoso, se terá retirado para a sua quinta da Terrugem<sup>14</sup>.

A casa de Lisboa tem feição seiscentista, mas deve ter sofrido melhoramentos no reinado de D. João V, como o prova a existência de azulejos da época na escadaria, onde se vêem cenas campestres, enquadradas por pilastras e grinaldas, e no jardim.

Na «Sala Dourada», o tecto tinha uma pintura sobre tela, tendo ao centro uma figura feminina, com um Cupido ao colo, e, nos ângulos, emblemas com as setas de Cupido.<sup>15</sup>

### Palácio Ludovice

Proprietário - João Frederico Ludovice, arquitecto e conselheiro artístico de D. João V, que para si próprio construiu esta casa, no Bairro Alto de S. Roque, então um dos bairros nobres de Lisboa.

Localização - Rua de S. Pedro de Alcântara.

História e características - Antes de construir esta casa, Ludovice habitava na Quinta da Alfarrobeira, em Benfica, também por ele construída em 1727 e, curiosamente, de linhas mais clássicas do que esta, que data de 1747.

Um dos aspectos mais significativos deste palácio é a sua monumentalidade, relativamente a outros construídos por membros da nobreza, o que expressa bem a importância de Ludovice junto da Corte portuguesa. Talvez por esse motivo, ele optou por um tipo de solar urbano de vários andares, de planta quadrada, que se desenvolve à volta de um pequeno pátio.

A parte do palácio mais bem conservada é precisamente a fachada principal, dividida em três panos por pilastras lisas e limitada por pilastras nos cunhais, tendo os panos extremos duas janelas e o central, três, em cada andar. Horizontalmente, a fachada está também dividida em três partes por cornija, mas algumas dessas partes correspondem a mais do que um piso. Assim, a porta principal sobe até à primeira cornija, mas tem de cada lado uma porta e uma janela, correspondente a um rés-do-chão e, dependendo da inclinação da rua, do lado de cima, uma janela de

peitoril e, do lado de baixo, uma janela de sacada. Nos panos laterais, seguem-se duas portas, uma mais larga de arco abatido, e outra mais estreita, rectangular; sobre cada uma, também janelas de peitoril, do lado de cima da rua, e de sacada no outro.

A porta adquire assim maior monumentalidade, sendo ladeada por pilastras lisas, oblíquas, sobre fundo de pedra, com os blocos de cantaria bem separados; no fecho do arco está uma mísula, que parece suportar a varanda saliente do 1º piso, comum às três janelas de sacada do pano central. Este piso é o único delimitado pelas cornijas e é constituído por janelas de sacada, de moldura superior recortada, sendo a janela central ligeiramente maior e limitada superiormente por aletas; duas mísulas centrais suportam igualmente a varanda saliente da janela central do segundo piso. Este é também constituído por janelas de sacada, sendo as laterais coroadas por frontões triangulares e as centrais por segmentares, enquanto a central, encimada por tímpano vasado é rematada por pilastras em que assenta um frontão curvilíneo e quebrado. Um último andar, de janelas de peitoril quadradas, constitui uma espécie de mezzanino. A cornija que encima o pano central é ligeiramente mais saliente e sustentada por mísulas.

O dinamismo desta fachada está precisamente no movimento de todo o eixo central, que é também o mais ricamente decorado.

Interiormente, há uma escada decorada com azulejos de figura avulsa, do tipo «estrelinha», e só com flores, e uma sala com silhar de grandes vasos floridos azuis, separados por uma fiada de azulejos de anjinhos com cornucópias. Os restantes são posteriores (época de D. Maria I)<sup>16</sup>.

Existem também vestígios da capela, transformada em depósito, com altar com fundo de mármore rosa, pulido, e com quatro colunas de mármore rosa, com capitéis coríntios, sobre os quais nasce uma cúpula, no centro da qual está o espaço de um medalhão, sustentado por serafins.

Há notícia de um tecto com pintura italiana, que desapareceu<sup>17</sup>.

### Palácio da Rua do Norte

Localização - Rua do Norte, nº 111-115

História e características - O núcleo primitivo data da primeira metade do século XVIII, mas sofreu importantes transformações no século XIX (1853), data em que lhe foram acrescentados dois andares e a fachada foi revestida de azulejos.

De notar que o rés-do-chão apresenta a porta principal de arco abatido, ladeada por dois óculos elípticos. A fachada está dividida em três panos por pilastras lisas e apresenta, nos dois andares superiores, janelas de sacada, com varanda de ferro forjado, tendo as janelas do piso nobre coroamento com frontão ondulado, mais rico que o do piso superior, que é segmentar. Esta decoração aponta claramente para os meados do século XVIII<sup>18</sup>.

### Palácio da Rua da Vinha

Localização - Rua da Vinha, nº 31-33

Características - É uma casa nobre de pequenas dimensões, com rés-do-chão abrangendo o portal e três janelas de peitoril, andar nobre com janelas de sacada em ferro e o último piso, também de janelas de peitoril. Todas as aberturas são coroadas por arco abatido e apresentam molduras joaninas nos pisos inferior e nobre<sup>19</sup>.

### Palácio Relvas

Localização - Rua da Atalaia, nº 97-100

História e características - É um palácio da primeira metade do século XVIII, com transformações do século XIX. Trata-se de um edifício com três fachadas e três pisos, o inferior, de acesso, o piso nobre, com varandas de sacada, sendo a central de recorte ondulado, e o último piso com janelas de cantaria simples. Na fachada para a R. da Rosa, a cantaria das janelas está invertida, o que pode ser consequência das obras posteriores ao Terramoto.

Em meados do século XVIII, este palácio pertenceu aos Condes da Atalaia, família a que pertencia o 2º Patriarca de Lisboa, D. José Manuel, (no cargo desde 1754), que na altura do Terramoto vivia no Palácio Vidigueira, no Largo de S. Roque, o qual ficou muito destruído. O arcebispo recolheu-se então a este palácio, tendo também arrendado a Quinta das Águias, na Junqueira, a Diogo de Mendonça Corte Real.

A designação actual do palácio vem de Carlos Relvas, seu proprietário no século XIX.<sup>20</sup>

Palácio dos Condes de Castro Marim, Marqueses de Olhão

Localização - Ocupa todo um quarteirão, com fachadas para a Calçada do Combro (nº 38-38J), Rua do Século e para um jardim na Rua das Mercês.

História e características - É um solar urbano de grande escala, com mais de dois pisos e planta irregular em U. Fundado no segundo quartel do século XVIII por um fidalgo da Casa Nobre dos Cunhas (Condes de Castro Marim), foi restaurado depois do Terramoto, apresentando elementos iconográficos típicos desta época e influência borrominesca usual nos arquitectos da Casa do Infantado (Berger).

Sofreu novas transformações no século XIX, nomeadamente na fachada que dá para a Calçada do Combro. Ainda conserva a entrada principal saliente, com a porta enquadrada por pilastras. Do lado da rua do Século, a fachada, de grande monumentalidade, tem três andares, separados por cornija. Na fachada para a rua das Mercês, acentua-se a influência do classicismo francês de origem palladiana (M.J.M.R.) nos lintéis e alizares de portas e janelas, em pedra lioz branca.

Magnífica é a escadaria de pedra que parte de um pátio interior, conduzindo até ao segundo andar, com balaustrada de pedra e cobertura de abóbadas de aresta. Nos patamares, as portas têm molduras sinuosas, coroadas por óculos e decoração vegetal, animalista e de conchas e aletas. No segundo andar, ainda existem restos da capela.

Uma escada de caracol, decorada com silhar de azulejo, conduz ao terceiro piso. Infelizmente, tudo se encontra muito degradado.<sup>21</sup>

Palácio da Rua da Atalaia (desaparecido)

Localização - Rua da Atalaia, nº 165-171

Características - Tratava-se de um palácio amplo que ocupava o lado nascente de um quarteirão, com rés-do-chão, sobre-loja ou *mezzanino* e andar nobre com janelas de sacada, com varandas de ferro forjado na fachada principal, enquanto na lateral tinha janelas de peitoril, com abertura de guilhotina.<sup>22</sup>

Palácio dos Condes de Soure (desaparecido)

Localização - Rua da Rosa - Alto do Longo

História - Era um palácio fundado no século XVI, que sofreu ampliações nos séculos XVII e XVIII, e foi destruído pelo Terramoto de 1755. O seu principal interesse está nas personalidades que aí passaram. Em 1698-99, aqui residiu a rainha viúva de Inglaterra, D. Catarina, que depois viveu no seu Paço da Bemposta. Em 1722, nele moravam dois filhos ilegítimos de D. Pedro II, e em 1724, o Embaixador de França. Em 1730, sofreu um incêndio, vindo três anos depois a ser alugado para o célebre Teatro do Bairro Alto, onde actuou a Companhia de Alessandro Paghetti.<sup>23</sup>

Palácios na zona de S. Sebastião da Pedreira:

Palácio Larre ou José Maria Eugénio

Localização - S. Sebastião (Quartel General do Exército)

História - Foi um palácio construído na década de 30 do século XVIII por Fernando Larre, tenente de artilharia ao serviço de D. João V, que construiu igualmente o Arsenal, depois do fogo de 1726. Os seus descendentes mantiveram o título de Provedores dos Armazéns e residiram neste palácio, que em 1860 foi adquirido pelo capitalista José Maria Eugénio de Almeida, que o fez renovar pelo cenógrafo Cinatti.

De original, restam estuques do século XVIII, da autoria de João Grossi.<sup>24</sup>

Palácio Sousa Alte e Espargosa, do Guarda-mor ou do Marquês de Sá da Bandeira

Localização - Extremo norte do largo de S. Sebastião.

Características - É um palácio urbano, de planta rectangular, com o corpo central recuado e os corpos das extremidades salientes. As janelas, coroadas por frontão triangular, apresentam no tímpano um símbolo heráldico em forma de flor-de-lis.

Foi construído na década de 40. No arquivo da Casa Sá da Bandeira, existe uma planta assinada por Santos Pacheco, datada de 1747, e um estudo de Carlos Mardel, para ampliação da fachada principal, que não foi executado. Presume-se que um destes terá sido o seu architecto.<sup>25</sup>

## Palácios da zona do Campo Mártires da Pátria

### Palácio da Bemposta

Localização - Paço da Rainha, junto ao Campo Mártires da Pátria.

História e características - Quase toda a construção deste palácio se situa na periferia do período joanino. Na verdade, ele foi iniciado em 1701, com projecto do architecto régio João Antunes, que viria a falecer em 1712. No entanto, em 1704, a Rainha já lá teria recebido o arquiduque Carlos da Áustria, pretendente ao trono de Espanha. D. Catarina pouco se gozou do palácio, pois veio a falecer em 31 de Dezembro de 1705 e, no final do ano seguinte, falecia seu irmão, o rei D. Pedro II. Foi já D. João V que incorporou nos bens da Casa do Infantado o palácio da Bemposta.

Embora existam documentos que comprovam a existência da capela já no tempo da Rainha D. Catarina<sup>26</sup>, a verdade é que outra capela terá sido construída ou ampliada no tempo de D. Francisco, em 1735, pelo então architecto da Casa do Infantado, Manuel da Costa Negreiros<sup>27</sup>.

Depois da morte daquele infante, em 1742, os bens da Casa do Infantado passaram para o infante D. Pedro, filho de D. João V. Embora não haja notícias de que a capela tenha sido destruída pelo Terramoto, a verdade é que ela foi renovada no tempo deste infante por Manuel Caetano de Sousa, cujo estilo está presente tanto na fachada principal, como na decoração interior<sup>28</sup>.

Existem portanto neste palácio duas campanhas fundamentais, uma da responsabilidade de João Antunes, imediatamente anterior ao período joanino, que compreende o palácio propriamente dito, com a sua longa fachada de dois andares separados por cornija simples, tendo as janelas do andar nobre sacada pouco saliente de ferro forjado e coroamento em cornija recta. A fachada é dividida em panos por pilastras lisas, características que se enquadram perfeitamente na arquitectura civil portuguesa do final do século XVII. Quanto a vestígios da intervenção de João Antunes na actual capela, é possível que seja de sua responsabilidade o pavimento recortado de pedra policroma da capela-mor, pelas semelhanças que apresenta com o da sacristia de Santo Antão, tanto no desenho como na cor das pedras utilizadas.

A outra campanha de obras, da responsabilidade do Infante D. Pedro e do seu architecto Manuel Caetano de Sousa é posterior a 1758 e não cabe no âmbito cronológico deste trabalho; ela é patente tanto na fachada principal como na decoração interior, características da segunda metade do século XVIII<sup>29</sup>.

Do período joanino restará assim a intervenção de Manuel da Costa Negreiros, que poderá ser identificada nas dimensões actuais do templo (com excepção da Capela do Santíssimo, demasiado grande em relação à igreja, o que se justificaria pelo número de oficiantes cantores, que eram vinte no tempo de D. Pedro<sup>30</sup>, enquanto na época de D.

Catarina eram apenas doze<sup>31</sup>. Será assim de Manuel da Costa Negreiros a planta do actual templo, com as respectivas paredes mestras e o arco da capela-mor, cuja cantaria revela trabalho anterior à restante decoração e será a prova de como o templo resistiu ao Terramoto<sup>32</sup>.

Em relação à fachada, esta mostra grandes diferenças entre o piso inferior e o superior e também nas janelas laterais do piso superior, que parecem do tipo joanino. No piso inferior existem janelas de arco de volta perfeita, em que a chave do arco é tratada como um minúsculo frontão, solução que também se encontra nos arcos da fachada do palácio do Correio-mor, já atribuído a Negreiros<sup>33</sup>.

Ainda do período joanino será a parede exterior da escadaria dupla de acesso à capela, com um almofadado formado por uma faixa cavada, interrompida nos cantos, que aparece em obras da década de 40 (fachada do Hospital das Caldas, lambris da escada principal do palácio do Correio-Mor, em Loures, escadaria de ingresso na igreja de S. Francisco de Paula).

A verdade é que sendo tanto Negreiros como Manuel Caetano, arquitectos da Casa do Infantado, poderão ter uma linguagem formal semelhante e até agora não foram confirmados os documentos que aludem à intervenção de Negreiros, pelo que tudo o que foi dito deve ser encarado no plano das hipóteses<sup>34</sup>.

### Palácio Centeno

Localização - Fachada para a Alameda de Santo António dos Capuchos, junto ao Campo Mártires da Pátria.

Proprietários - Ignora-se a sua origem, mas é da tradição que aqui residiram as açaфatas da rainha D. Catarina, que construiu, na mesma época, o vizinho Palácio da Bemposta.

Características - É um palácio de planta em U, virada para as traseiras, construído nos inícios do século XVIII, pelo que ainda apresenta características seiscentistas. As faces viradas para a rua são marcadas nos ângulos por pilastras coroadas por pináculos. É um edifício de dois pisos, divididos por um friso, com janelas de sacada no andar nobre. A fachada é simétrica, tendo no eixo central o portal e a varanda que o encima, ambos de moldura rectangular, mas envolvida por decoração que os liga: o portal é ladeado por pilastras com almofadados poligonais irregulares e, no enfiamento daquelas, duas volutas estriadas interiormente ladeiam a varanda ao nível da balaustrada de pedra. Mais acima, de cada lado, uma composição de festões e volutas suporta dois meninos. Sobre a janela, de cada lado, duas urnas suportam dois golfinhos e, ao centro, uma cornija sustenta uma composição terminada em leque. De cada lado deste eixo estão três janelas, sendo as do andar nobre de sacadas protegidas por grades de ferro e coroadas por cornija dupla, ainda característica do século XVII. Na outra fachada, que dá para a rua, a estrutura é

idêntica, sem o eixo central e com uma base para superar o declive da rua.<sup>35</sup>

Da decoração interior, resta o vestíbulo, com azulejos e algumas salas também azulejadas e com tectos de masseira. O silhar ornamental da escada e os silhares figurativos de algumas salas são atribuídos ao monogramista P.M.P.<sup>36</sup>

### Palácio Mitelo

Localização - Largo do Mitelo, junto ao Campo Mártires da Pátria.

Proprietário - Conserva esta designação do nome do diplomata e desembargador que o adquiriu, em 1737, e a quem se deve a sua remodelação, na década de 40, por arquitecto desconhecido. A capela foi-lhe acrescentada em 1752.

Características - Construção do século XVII, a planta actual, que deriva do referido acrescento, sugere um corpo central recuado entre dois torreões (um na esquina, outro correspondente à capela). É um edifício de dois andares, embora onde o declive do terreno o exige, surja um piso inferior. A fachada é dividida por pilastras, que rematam os referidos três corpos, e são coroadas por acrotérios. Os dois andares são separados por uma faixa lisa. Na zona central, a porta, com moldura e frontão característicos dos meados do século, é ladeada por duas janelas de peitoril, com avental e, ao centro, uma janela de sacada com grade de ferro. As restantes janelas do piso nobre são de peitoril, com a moldura superior recortada e com uma roseta, com excepção da do corpo da extremidade, que é de sacada com grade de ferro.<sup>37</sup>

Na fachada que dá para o largo do Mastro, de cinco aberturas, com três pisos, as janelas do piso médio são de moldura abaulada na parte superior e sacada com varões de ferro, enquanto as do piso superior, também de sacada, têm motivos ornamentais de ferro forjado.

Interiormente, existem alguns rodapés de azulejo azul e branco, historiado, com molduras rococó, assim como alguns policromos, tectos de masseira e alguns fogões de sala, com frontispício de mármore e decorações em baixo-relevo.

A fachada da capela tem composição idêntica à da zona central, mas mais simples, tendo a porta frontão ondulado, em cujo tímpano se vêem relevos alusivos ao Calvário de Cristo; sobre a porta, há uma janela de peitoril, ladeada por duas mais pequenas, de moldura quadrangular. Para além desta fachada, o edifício ainda se prolonga num corpo recuado. Toda a decoração interior da capela é característica da segunda metade do século XVIII.<sup>38</sup>

### Palácio Mello (dos Condes de Murça)

Localização - Rua de Santo António dos Capuchos

Proprietário - O edifício foi adquirido em 1718 por D. Pedro José de Mello, que o decorou com azulejos.

Características - Exteriormente, é um edifício rectangular de dois pisos, com janelas de sacada no andar nobre, com varões de ferro forjado. De grande interesse é a entrada nobre e respectiva escadaria de lanços duplos, conduzindo a uma porta de arco trilobado, com balaustrada de mármore da Arrábida.<sup>39</sup> Toda a escadaria é decorada com lambris de azulejos azuis e brancos, de molduras recortadas, separadas por pilastras coroadas por urnas, que se prolongam nas salas dos dois pisos. Este conjunto azulejar dá grande sumptuosidade à escadaria<sup>40</sup>.

### Palácio do Patriarcado

Localização - Campo Mártires da Pátria

Embora se trate de um edifício da segunda metade do século XVIII, aí existe, no fecho de uma porta de escada, uma inscrição lapidar, onde se lê: "Edificada em 1730, pelo architecto Ludovice, que foi de Mafra. Restaurada e acrescentada sob a direcção de J. A. Santos Cardoso e J. Moreira Rato - 1867", o que faz pressupor a existência de um edifício anterior, talvez desaparecido em 1755<sup>41</sup>.

### Palácio Pombeiro

Proprietários - Castelo Branco, senhores de Pombeiro e Belas.

Localização - No largo do Conde de Pombeiro, à Bempostinha, ou seja, quase fronteiro ao Paço da Bemposta, do lado oposto ao Campo Mártires de Pátria (Embaixada de Itália).

Características - É uma casa nobre construída nos inícios do século XVIII, mas que foi totalmente reedificada no final do século, pelo primeiro marquês de Belas, pelo que já nada tem de característico do período da fundação, pelo que resta assinalar a época e local em que foi construída.<sup>42</sup>

Palácios da zona de Santo Amaro - Junqueira - Belém

Palácio dos Condes de Sabugosa

Proprietários - Condes de sabugosa; é uma das raras casas nobres urbanas que permaneceu na família até aos nossos dias.

Localização - Rua 19 de Maio; originalmente, as propriedades deste palácio estendiam-se até quase à Capela de Santo Amaro, ficando portanto no limite oriental da Junqueira e nas proximidades do palácio real de Alcântara (situado no actual Largo do Calvário).

História e características - Trata-se de um edifício com origem no século XVI, ampliado em 1728, por Vasco Fernandes César de Meneses, quinto neto do fundador, vice-rei da Índia e do Brasil, general de Batalha, 39 Alferes-mor do Reino, que casou em 1692 com sua prima D. Juliana de Lencastre e foi feito 19 Conde de Sabugosa em 1729.

O edifício foi muito alterado no século XIX, mas ainda apresenta elementos da reforma de 1728. A fachada para a rua é sóbria, com feição seiscentista: dois pisos, com janelas de sacada coroadas por cornija no andar nobre.

No interior, o vestíbulo tem azulejos do século XVIII. A galeria ou sala de entrada ao cimo da escadaria, foi construída em 1728. Da mesma época é a sala de jantar, com uma cúpula circular, com duas frestas para iluminação e armários setecentistas inseridos nas paredes.

A biblioteca tem azulejos setecentistas que foram transferidos dos jardins. Estes eram decorados com azulejos,

mas deles pouco resta. Tinham acesso também por um portão na actual Rua Luis de Camões e estendem-se hoje ainda até às traseiras dos prédios da Rua dos Lusíadas<sup>43</sup>.

#### Palácio Ferreira Pinto Basto

Proprietário - É uma casa nobre construída por José Saldanha, fidalgo da Casa Real, na segunda década do século XVIII.

Localização - Calçada de Santo Amaro, junto à entrada da Rua da Junqueira.

Características - É uma construção de planta em U, com feição já oitocentista, que resulta de acrescentamentos e reconstruções da casa nobre do século XVIII<sup>44</sup>.

#### Palácio dos Condes da Ribeira Grande

Localização - Rua da Junqueira, 66

História e características - No século XVIII, estas eram as casas nobres construídas pelo 2º Marquês de Nisa e Vidigueira, nas terras aforadas a João de Saldanha e Albuquerque, proprietário de toda a zona da Junqueira.

É uma construção de planta rectangular, de quinze tramos, e dois andares, com o corpo central avançado, coroado por frontão. Todas as janelas do andar nobre são de sacada, sendo as do corpo central e das extremidades coroadas de frontão triangular. A nascente e a poente, existem dois corpos de um só piso, coroados por terraços.

Esta fachada foi adossada a edifícios anteriores, já que a entrada que se apresenta como principal não tem relação com a escadaria nobre, que surge no extremo esquerdo do edifício e é uma ampla escadaria bifurcada de base elíptica, coroada por uma cúpula iluminada por óculos e clarabóia.

A fachada para os jardins tem cinco corpos, sendo o central e os extremos mais antigos, de dois pisos, enquanto os intermédios são térreos. O corpo central é coroado por frontão triangular e as janelas do piso nobre são de sacada de ferro, coroadas também por frontões triangulares, enquanto os dos corpos extremos têm uma cornija de tradição seiscentista.

O acesso aos jardins é feito por uma pequena escada exterior (seis degraus), de perfil convexo. A capela, embora possa ser de origem setecentista, é claramente já do século XIX; situa-se no extremo esquerdo da fachada principal.

Apesar deste ser um edifício com várias reformas (muitas decorrentes da sua adaptação a liceu), apresenta a tipologia característica da arquitectura civil setecentista.<sup>45</sup>

### Palácio Burnay

Localização - Rua da Junqueira, 86, esquina com a Calçada Conde da Ribeira.

História e características - O núcleo primitivo era constituído por um corpo rectangular, com quatro torres nos ângulos, e foi construído em terreno aforado a João de Saldanha e Albuquerque, por César de Meneses, principal da Sé de Lisboa, entre 1701 e 1734. Foi muito alterado no século XIX, apresentando um gosto claramente eclético. Possui um teatro, com portal de colunas torsas, de mármore rosa, com capitéis brancos, assentes em pilastras brancas, coroado por frontão com volutas laterais, ao gosto do final do século XVII.<sup>46</sup>

### Palácio da Ega ou do Pátio do Saldanha

Localização - A meio da Calçada da Boa Hora, à direita de quem sobe.

Proprietário - Era o centro da propriedade de João Saldanha e Albuquerque, família que depois teve o título de Condes da Ega), na zona da Junqueira.

História e características - João Saldanha foi Presidente do Senado da Câmara de Lisboa, entre 1708 e 1711; tinha uma biblioteca notável, assim como uma colecção de pinturas, e ele próprio, em 1712, traduziu do francês a obra *Recompilação de Remédios Escolhidos* de Madame Fouquet. Faleceu em 1723 deixando três filhos, dos quais o seu herdeiro Ayres de Saldanha esteve na troca do Caia, em 1729, como gentilhomen de Câmara do infante D. António, irmão de D. João V, vindo a ser mais tarde Governador do Rio de Janeiro. Durante este período, o palácio ficou relativamente abandonado, pelo que sofreu alguma ruína, de tal modo que em 1748 foi dada provisão a seu filho António de Saldanha "para lhe darem 500 réis (sic) para reparo das casas nobres da Junqueira que se achava em grande ruína"<sup>47</sup>.

A construção original desta casa data da segunda metade do século XVI (cerca de 1582, data que se encontra numa fonte de embrechados, no jardim); a esta época corresponde provavelmente o corpo central e a ala sul.

O corpo voltado a sul é prolongado a nascente por um torreão mais elevado, de três vãos, com um falso andar de

*mezzanini*, e um telhado barroco de quatro águas, com robustos acrotérios nos cantos, e terminado por uma torre mirante de planta rectangular.

Este torreão corresponde às obras levadas a cabo por João de Saldanha no início do século XVIII, correspondendo a um salão nobre, conhecido como Sala da Música ou das colunas. Na época em que foi construído devia ter tido tecto de masseira, do qual resta parte da estrutura em magníficas madeiras do Brasil, mas no século XIX foi substituída por uma falsa cúpula, assente em oito colunas ocas de madeira e decorada com pintura de grotescos<sup>48</sup>.

No entanto, permanece a decoração original da sala, com painéis de azulejos holandeses, de inícios do século XVIII, que mereceram um estudo cuidado a Santos Simões.

Estes painéis estão colocados entre as portas e as janelas, são de formato rectangular e representam cidades da Europa: Antuérpia, Roterdão, Middelburgo, Hamburgo, Veneza, Londres, Colónia e Constantinopla. Santos Simões levanta a hipótese de a escolha do tema - cidades da Europa - estar relacionada com as funções desempenhadas por João de Saldanha como Presidente do Senado da Câmara de Lisboa<sup>49</sup>.

Por outro lado, João Saldanha tivera relações com um intermediário do comércio com a Holanda, Pedro Brukhuis, por causa de uma questão comercial e de privilégios em que aquele figurara como pagador em 1708. Assim, ou João de Saldanha tinha feito a encomenda sujeita a tema, ou os mercadores, agradecidos, tinham-lhe feito a oferta com um

tema que supunham lhe agradaria. Assim, a encomenda teria lugar entre 1708 e 1711, ou um pouco depois. De acordo com uma gravura de 1715, que serviu de modelo ao painel de Londres, os azulejos teriam sido feitos nesta época<sup>50</sup>. Quanto ao seu autor, um pintor de marinhas que também pintasse azulejos, Santos Simões entende que terá sido Cornelis Pieterzn Boumeester, que trabalhou em Rotersão pelo menos até 1720<sup>51</sup>.

Também nos lanços da escada se encontra um lambril de azulejo azul e branco, representando balaústres com entrelaçados vegetalistas. No andar nobre, a sala sudoeste apresenta um lambril de azulejo de meados do século XVIII, também azul e branco, representando cenas de caça<sup>52</sup>.

No entanto, os azulejos mais notáveis deste palácio e mais bem integrados na arquitectura, em que portas e janelas são enquadradas por pilastras, com os terços inferiores canelados, são os painéis de origem holandesa.

Casa Nobre de Lázaro Leitão

Localização - Rua da Junqueira; actual Universidade Lusíada.

Proprietário - Lázaro Leitão.

História e características - Lázaro Leitão era Principal da Sé Patriarcal e esteve em Roma com o Marquês de Fontes, tendo regressado em 1718.

Alguns anos mais tarde, veio a adquirir terrenos e casas na zona da Junqueira, não muito longe das quintas que D. João V adquirira a partir de 1726 e que constituem actualmente o Palácio de Belém e Jardim Colonial. Tais casas foram compradas em Agosto de 1734 e, conforme conta o próprio Lázaro Leitão na sua *História da Junqueira*, que é, de facto, uma história desta casa, "edifiquei as minhas casas nos anos seguintes"<sup>53</sup>.

Embora não indique expressamente o arquitecto a quem encomendou a construção da sua casa, Lázaro Leitão era extremamente meticoloso nas suas despesas e, por isso, nos deixou vários documentos, datados de 1738 e 1739, onde aparece a assinatura de Carlos Mardel, entre os quais por exemplo, um "rol da empportancia das obras de chumbo que se fizerão na Junqã nas obras do Ex.<sup>mo</sup> Sr. D. Lázaro Leitão"<sup>54</sup>. Assim, é Carlos Mardel considerado o autor do projecto, tendo aqui introduzido os característicos telhados duplos, originários da Europa Central.

A casa tem a fachada principal - virada para a rua da Junqueira - de um só piso, nos três panos centrais, e de dois pisos nos pavilhões das extremidades, onde também estão as portas de acesso, de arco abatido, ladeadas por óculos elípticos verticais, tendo no piso superior três janelas de sacada, com varanda de ferro contínua. As pilastras que definem cada um dos panos são encimadas por urnas. Os pavilhões são coroados por telhados duplos, originários como dissémos, da Europa Central, e que constituem uma das particularidades introduzidas por Mardel nas obras que realizou, sendo precisamente esta casa uma das primeiras obras por ele construídas em Portugal<sup>55</sup>.

A parte central tem janelas de peitoril - 2 + 3 + 2 - e encontra-se protegida da rua por gradeamento de ferro, solução idêntica à que encontramos no próximo palácio dos Condes da Ribeira. O peitoril das janelas é suportado por mísulas e a moldura superior é recortada; no pano central, a janela do centro é coroada por frontão triangular e as laterais por cornijas. Na parte central da fachada, a cornija eleva-se, dando lugar a um tímpano segmentar.

A capela, dedicada a Nossa Senhora dos Aflitos e ao Santo Cristo, foi construída em 1742-43; surge lateralmente encostada ao torreão da direita, onde se encontra a entrada principal, mas não apresenta nenhum elemento que permita uma rápida identificação. É de um só piso, com porta rectangular de moldura de cantaria e encimada por um óculo elíptico horizontal. No coroamento, uma balaustrada de pedra, que se

interrompe ao centro num pequeno arco que recebe um sino, único elemento exterior que alude à capela. Sobre esta, um pequeno terraço.

É bastante original a entrada nobre, situada lateralmente e que através de uma escada nos conduz à parte posterior da casa e aos jardins. O átrio é ornamentado com um magnífico conjunto de azulejos azuis e brancos recortados, representando os doze meses do ano. Para além deste, os acessos a outras salas e jardins são também decorados com silhares representando cenas galantes. Esta decoração integra-se perfeitamente no espírito da casa de veraneio.

A fachada norte, que dá para os jardins, tem os corpos correspondentes aos torreões das extremidades salientes, com dois andares, que também surgem nos extremos do corpo central. No enfiamento das janelas, surgem mansardas. Ao centro, a porta de acesso é coroada por frontão e ladeada por ampla janela de peitoril de cada lado. Dá acesso a uma sala que funciona como vestíbulo posterior, também decorada com azulejos.

A sala nobre e a sala de jantar apresentam azulejos com cenas galantes e campestres; na capela estão representadas, também em azulejo, cenas da Paixão e as figuras de José de Arimateia e Nicodemus<sup>56</sup>.

Apesar da originalidade desta casa, pela introdução dos telhados característicos da Europa Central, ela integra um elemento típico da decoração nacional - o azulejo.

De notar que Carlos Mardel realizou muito provavelmente para o mesmo Lázaro Leitão, o Recolhimento de Nossa Senhora dos Anjos, situado no extremo oriental de Lisboa.

#### Quinta das Águas

Localização - Rua da Junqueira, com esquina para a Calçada da Boa Hora.

História e características - A propriedade foi aforada à família Saldanha e Albuquerque por Manuel Lopes Bicudo, da Casa da Suplicação, que aí construiu uma primeira casa em 1713<sup>57</sup>.

Em 31 de Outubro de 1731, foi adquirida a quinta, que na época constava de casas-nobres, pomares, tabuleiro de horta, parreiras, poço com nora e uma fonte de água nativa, por Diogo de Mendonça Corte Real. Este era filho bastardo, mas legitimado, do secretário de Estado de D. João V, com o mesmo nome, e de uma senhora espanhola. Em 1750, foi nomeado por D. José Secretário de Estado dos Negócios do Ultramar e da Marinha. Durante o tempo que ocupou este cargo, em 1752, foi padrinho de uma das filhas de Carlos Mardel, Francisca Xavier<sup>58</sup>. Em 1756, porém, caiu em desgraça e foi desterrado por motivos políticos para quarenta léguas da Corte, tendo assim permanecido até à sua morte, em 1771.

Logo após o seu desterro, arrendou o seu palácio da Junqueira ao Cardeal Patriarca D. José Manuel, que, depois do Terramoto, ficara sem habitação condigna. Depois da morte

deste, arrendou-a ao irmão, que nunca lhe pagou qualquer renda, pelo que, em testamento, decidiu legar a casa aos pobres doentes do Hospital de Todos-os-Santos. Este facto deu origem a uma demorada acção judicial entre os herdeiros de Diogo de Mendonça e o Hospital de S. José (herdeiro do Hospital Real), pelo que, em 1838, a casa estava muito arruinada e em estado de abandono.

Assim, só exteriormente conserva o aspecto primitivo, assim como na capela; interiormente, conservava, ainda em 1924, alguns sobrados feitos com embutidos de madeiras, ombreiras de porta em mármore, a escada principal, também de mármore, e a pequena capela com azulejos e um quadro de Pierre Antoine Quillard no altar<sup>59</sup>.

No século XIX, a casa foi adquirida, em 1841, por José Leite de Sampaio, que veio a ser o 1º Visconde da Junqueira, o qual encarregou das obras de reforma do palácio o arquitecto do Teatro Nacional, Fortunato Lodi, que, entre outras coisas, fez o gradeamento que separa o jardim da Rua da Junqueira, em cujas extremidades surgem pavilhões com o primeiro andar em forma de mirante, coberto por cúpula de base poligonal, sobre colunas toscanas, dispostas em quadrado.

No centro do gradeamento, abre-se o portão, ladeado por dois pilares de pedra que suportam as águias com o S no peito, timbre das armas dos Sampaio. A designação dada à quinta parece ser, no entanto, anterior a este facto.

No século XX, a quinta foi adquirida por Fausto Lopo de Carvalho, que lhe fez novas obras, sobretudo nos jardins, pelo que pouco restará do original<sup>60</sup>.

A casa é atribuída por Artur Lamas a Carlos Mardel e teria sido construída no período entre 1731 e 1755, dado que logo no ano seguinte, foi arrendada ao Patriarca de Lisboa. A autoria de Mardel é aceite por razões diversas: a proximidade da Casa de Lázaro Leitão, construída na mesma época, a presença dos telhados duplos, característicos de Mardel, além de certas afinidades com o palácio de Oeiras, e as já referidas relações de amizade entre o arquitecto e Diogo de Mendonça, padrinho de sua filha.

A casa é de planta quadrangular, com quatro torreões nos ângulos; tem dois pisos mais um terceiro de mansardas. Os telhados são duplos, coroados nos torreões por um acrotério. A entrada sul é feita por escadaria de pedra com um lanço que se bifurca a partir do patamar. O recuo do corpo central, relativamente aos torreões, dá lugar a uma galeria de arcos abatidos, que sustenta um terraço protegido por balaustrada de pedra. Para este terraço abrem as janelas do piso nobre, de sacada, coroadas por arco abatido, sendo a central e as dos torreões reforçadas por cornija curva.

A leste, na direcção do portão que abre para a actual Calçada da Boa-Hora, uma entrada ao nível do jardim, tem arco de volta perfeita e é encimada por frontão triangular, assente em pilastras. O acesso a esta porta é feito por um alpendre que suporta igualmente um terraço no

piso superior, e segue o esquema palladiano, com as aberturas laterais rectas e a central encurvada.

É deste lado, no torreão posterior, que se situa a capela, dedicada a Nossa Senhora da Anunciação, onde se encontra a referida tela atribuída a Quillard e representando a «Anunciação», que, se foi para aqui feita, estaria pronta em 1733, ano da morte do pintor, pelo que a capela seria uma das primeiras zonas do edifício a ser terminada.

Adaptando-se à altura do torreão, a capela, de planta quadrada, desdobra-se em dois andares, sendo o superior constituído por uma tribuna com balaústres, que a circunda, excepto na zona do altar, onde também surge uma tela. Toda a decoração é em madeira pintada, de modo que se afasta do que é característico da arte portuguesa na primeira metade do século. A sanca, que suporta a tribuna, reforçada por mísulas, tem nos intervalos festões pintados, envolvendo dísticos com versículos bíblicos, o que recorda uma transposição das decorações efémeras feitas nas igrejas. O retábulo do altar é de arco abatido, assente em pilastras.

No andar inferior, nota-se ainda um lambril de azulejo azul e branco, dos finais do período joanino, representando eremitas em medalhões envolvidos por volutas e grinaldas, com enquadramento arquitectónico.

No extremo norte da quinta, existe um poço, donde a água era elevada para um tanque de distribuição situado sobre um terraço, sendo o excesso de água conduzido para uma

cascata que se encontra por baixo, numa curiosa casa de fresco que se abre para a quinta. Acima do terraço, vê-se um corpo cilíndrico, com cobertura cónica, correspondente ao poço.

A casa de fresco tem a aparência de um enorme nicho, coberto com abóbada de berço abatido, com bancos de pedra laterais e, ao fundo, a cascata, onde a água corre para um tanque de planta recortada, que recorda precisamente a obra de Mardel. Todo o recanto é revestido de azulejos, sendo os do fundo juncais floridos, que parecem nascer da cascata. Nas paredes laterais. Nas paredes laterais, motivos rococó enquadram dois medalhões, com cenas galantes, também sobre uma cascata. Sobre a cornija onde assenta a abóbada, corre uma balaustrada ornamentada, a espaços, com vasos floridos e sobre a qual pousam as aves mais diversas, que também esvoaçam na mesma abóbada.

Toda esta magnífica composição em *trompe-l'oeil* é feita em azulejos policromos - azuis, verdes, amarelos e vinosos, que, tendo em consideração a data em que Diogo de Mendonça foi afastado da sua propriedade, serão do período imediatamente anterior ao Terramoto<sup>61</sup>.

### Quintas na zona marginal, de Caxias a Oeiras

Entre a Quinta Real de Caxias e o Palácio Pombal em Oeiras, outras casas nobres existiam ou foram construídas, constituindo esta outra das zonas de lazer da nossa aristocracia, provavelmente daqueles que preferiam a vizinhança benéfica do mar.

Mesmo ao lado da Quinta de Caxias, situa-se a Casa de Massarelos, que, aliás, foi adquirida pela Rainha D. Maria II, para ampliar as instalações da vizinha quinta real. É uma casa de dois pisos, com janelas rectangulares de cantaria, sendo as do piso nobre de sacada. Nada de notável, a não ser a decoração azulejar do terraço, que representa as quatro estações, com características que apontam para a oficina de Bartolomeu Antunes e para a década de 40. A capela, inserida na residência, apenas se destaca pela entrada com pequeno frontão e campanário; no interior, é decorada com azulejos, representando cenas da Vida da Virgem.

Não muito longe, fica o Paço dos Arcos, cuja construção remonta ao século XVI, mas que foi reedificado também no século XVIII, depois que foi instituído o morgadio de Paço de Arcos, em 1698, a favor de D. Jorge Henriques, senhor de Alcáçovas. Por aliança, a propriedade passou para a família Lancastre e hoje é propriedade do Conde de Arrochela. É possivelmente aos Lancastres que se deve a

reforma do paço, patente na moldura de cantaria das janelas, característica do século XVIII.

Ainda em Paço de Arcos, mais para o interior, fica a Quinta da Terrugem (actual Museu do Automóvel), da qual já pouco resta de original, mas que no século XVIII pertencia a D. Jorge de Meneses, casado com D. Luisa Clara de Portugal, a célebre «Flor da Murta».

Outras quintas existem na zona envolvente, aproveitando a amenidade da foz do Tejo, mas de todas elas se destaca aquela que no século XVIII viu erguer-se o palácio de Oeiras<sup>62</sup>.

### Palácio Pombal, Oeiras

Embora completado já na segunda metade do século XVIII, este é um dos maiores conjuntos empreendidos nesta época e que compreende a residência, zona de recreio com amplos jardins, uma extensa zona agrícola e um aqueduto, para além de construções complementares como o chafariz, a casa dos coches, o pelourinho, além dos arcos que enquadram o acesso à praça, como ligam as duas partes da propriedade, atravessada pela estrada real.

As origens deste conjunto estão no morgadio instituído em 1735, conforme inscrição num dos muros da quinta, pelo arcipreste da Patriarcal, Paulo de Carvalho Ataíde, falecido em 1737 e que deixou como herdeiros os seus três sobrinhos, todos com carreiras brilhantes: Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que viria a ser nomeado em 1757 governador do Brasil, Paulo de Carvalho e Mendonça, Inquisidor Geral em 1760 e Sebastião José de Carvalho e Melo que, depois de ter sido representante de Portugal nas Cortes de Londres e Viena, durante o reinado de D. João V, se tornaria o ministro todo-poderoso de D. José, Conde de Oeiras e depois Marquês de Pombal.

O morgadio instituído por Paulo de Carvalho abrangia edificações urbanas e rurais, jardins e um porto de abrigo, sendo a propriedade ainda ampliada quando da morte da primeira mulher de Sebastião José, D. Teresa de Noronha, em 1739, dado que esta senhora era também sobrinha e legatária de Paulo de Carvalho.

As obras de construção do palácio devem ter sido iniciadas logo a seguir à morte de Paulo de Carvalho, em 1737, por iniciativa sobretudo de Francisco Xavier, já que Sebastião José estaria afastado em Londres, a partir de 1739, e em Viena, depois de 1745. Estas primeiras obras estão documentadas numa inscrição sobre a porta lateral do palácio. No entanto, foi sobretudo depois do segundo casamento do Marquês, com uma senhora austríaca, D. Leonor Daun, e portanto, do seu regresso de Viena, que as obras devem ter tido maior envergadura. Esta residência - para além da de Lisboa, na Rua Formosa - teve, de facto, a preferência de Sebastião José, depois que foi nomeado Conde de Oeiras e que foi instituído o concelho, em 1759.

Grande parte do palácio ultrapassa assim o período joanino, sobretudo a nível decorativo, onde dominam os estuques e a azulejaria policroma, como na decoração dos jardins, em que sobressai o nome de Machado de Castro, prolongando-se as obras até Dezembro de 1769, quando se fazia a cascata do Taveira.

O projecto inicial tem sido atribuído a Carlos Mardel, que não terá portanto acompanhado a totalidade das obras, visto que viria a falecer em 1763.

A planta é complexa, devido em parte à existência de várias campanhas de construção, em parte à adaptação ao terreno, precisamente no ponto em que a Ribeira da Lage, que atravessa a propriedade, faz um ângulo. A fachada principal liga-se à vila, pelo que está virada a norte. Apresenta uma

planta em U, fechada, de acordo com o gosto português tradicional. O corpo central é saliente, coroado por frontão triangular, ladeado por dois corpos mais baixos, que terminam nas extremidades em dois torreões. É a composição em cinco panos, com as janelas da zona central obedecendo à fórmula 2 + 3 + 2, sendo a do meio coroada por frontão e transformada em porta de acesso directo ao piso nobre, através de escadaria dupla de dois lanços, típica de Mardel. Todo o conjunto é coberto pelos característicos telhados duplos, com mansardas.

As alas são de um só piso, que comunica com o pátio de honra por portas, sobre as quais aparece, como motivo decorativo, a estrela de oito pontas, das armas dos Carvalhos.

Do lado nascente, e também virada para a praça, situa-se a capela, assim acessível à população concelhia. Toda a sua decoração interior é característica da segunda metade do século XVIII.

Segue-se um extenso corpo trapezoidal, também coroado por telhados duplos com mansardas, apenas animado na zona central, pela ligação da porta com a janela que a encima, feita por uma lápide.

As fachadas sul e poente ligam-se aos jardins e inserem-se na zona de lazer. Na primeira surge um amplo terraço com aberturas rectangulares, decorado por azulejos policromos com motivos *rocaille*. Na fachada poente, as aberturas são coroadas por frontões curvos, em cujos

tímpanos surgem decorações em estuque, sendo separadas por bustos de mármore branco assentes em estípites. Estes terraços estabelecem a ligação com os jardins, decorados à francesa, com lagos e buxo recortado, através de escadas decoradas com esculturas e azulejos da segunda metade do século XVIII.

Também da responsabilidade de Mardel é o aqueduto que abastece de água o chafariz da vila e o palácio e respectivos jardins.

A monumentalidade e a riqueza decorativa de todo este conjunto encontra justificação no lugar cimeiro que o Marquês ocupou na Corte portuguesa e liga-se ao próprio desenvolvimento da vila de Oeiras que ele ajudou a criar.<sup>63</sup>

Palácio Galvão Mexia ou Pimenta

Localização - Campo Grande; actualmente, sede do Museu da Cidade.

História e características - Trata-se de uma casa nobre de meados do século XVIII, da qual muito pouco se sabe, quer quanto ao seu encomendador, quer quanto ao arquitecto que a terá construído e em que data.

De concreto, aqui viveram durante algum tempo os Galvões Mexias, mas a casa não foi por eles encomendada, dizendo-se que seria o próprio D. João V que a teria mandado fazer para a Madre Paula - donde o ser conhecida como a "Casa da Quinta da Pimenta" - ou para um dos seus bastardos. A verdade é que a data da construção é posterior à relação que o rei manteve com aquela freira de Odivelas, e, por outro lado, a designação deriva de um seu proprietário no século XIX, Manuel Joaquim Pimenta<sup>64</sup>.

Em relação à data de construção, a casa teria sido fundada no início da década de quarenta e já estaria pronta em 1744, embora Carlos de Azevedo ponha a hipótese de se tratar de uma construção mais tardia, embora tenha um azulejo datado de 1746<sup>65</sup>.

Quanto ao seu arquitecto, tratando-se de uma encomenda real, poderia ser Carlos Mardel, ou o próprio Ludovice, mas não existem elementos estilísticos que permitam tomar uma posição definida e também não há certeza de ter sido o rei a pagá-la.

A casa apresenta uma fachada horizontal dividida em cinco panos por pilastras toscanas, tendo dois andares, o inferior de janelas de peitoril e o superior de janelas de sacada. No enfiamento das pilastras, estão urnas com fogaréis e, ao centro, bustos. Os dois panos das extremidades são um pouco recuados. O corpo central distingue-se dos restantes pelos elementos decorativos: em baixo, o portal de arco de volta perfeita, ladeado por pilastras colocadas de ângulo, tendo na parte superior mísulas formadas por volutas e acantos que sustentam o balcão contínuo, comum às três janelas da parte central da fachada, que apresenta ligeiro movimento de reentrância e saliência. De cada lado do portal, estão duas janelas de peitoril. As janelas centrais do piso nobre são coroadas por frontões curvos e as laterais têm, de cada lado interno, um busto. O coroamento é em forma semicircular, com um brasão actual.

O portão dava acesso às cavalariças e casas de lavoura.

No que é hoje a sala de recepção, vêem-se azulejos de albarradas<sup>66</sup>.

A fachada para os jardins tem planta em U, tendo as alas um piso e o corpo central dois pisos com mansardas.

Neste piso inferior, há a destacar a cozinha, decorada com azulejos de figura avulsa, com peças de caça e pesca recortadas, em tons vinosos, e ao centro da figura avulsa, uma negra - também em tons vinosos - a amanhar

peixe, com um gato ao lado, sendo a composição envolvida por diversos peixes, três gatos e dois porcos, em azulejo de «estrelinha».

Junto à cozinha, uma sala com fogão de cerâmica, azulejos perspectivados, representando cenas marítimas, e tecto de estuques.

Nas escadas de madeira de acesso ao piso superior, foram colocadas figuras de convite, que não são originais deste local<sup>67</sup>.

A primeira sala do piso superior a que se acede, tem azulejos de albarradas, com golfinhos. Outras salas apresentam azulejos policromos, azulejos perspectivados com cenas de caça, azulejos com medalhões centrais com vistas, e molduras *rocaille*, azul, branco e amarelo.

A escadaria nobre é decorada com azulejos policromos com bustos e molduras *rocaille*.

O jardim era de buxo, à francesa, com uma fonte de taça simples.

A capela sofreu um incêndio, mas foi reconstruída no seu aspecto original. É aqui que se encontra um registo datado de 1744. O retábulo do altar tem uma composição inspirada em Mafra e representa Cristo descido da cruz, rodeado pela Virgem, S. João e a Madalena.

O tecto é decorado com motivos *rocaille* dourados e representa a Virgem, Santo António e S. Miguel.

Trata-se conseqüentemente de uma casa característica dos meados do século XVIII, em que se encontram elementos

decorativos da primeira metade (azulejos azuis e brancos e tectos de madeira) e dos inícios da segunda metade do século (azulejos *rocaille* e tectos de estuque).

## Palácios e casas nobres da zona de Loures

### Palácio e Quinta do Correio-mor

Localização - Loures

História e características - Esta é uma das residências mais monumentais dos arredores de Lisboa. Pertenceu à família dos que foram, durante cerca de 200 anos, Correios-Mores do Reino. Esta família descendia de um judeu baptizado e protegido pelos Reis Católicos, Fernão Peres Coronel, tendo um neto deste vindo a estabelecer-se em Elvas. Desde 1563, está em Lisboa António Gomes de Elvas Coronel, cujo filho, Luis Gomes de Elvas Coronel, vem a adquirir o cargo de Correio-mor em tempo de Filipe III.

Já no final do século XVI, esta família teria arrendado a Quinta e Casal da Mata, em Loures, ao Convento de Odivelas, que aqui se abastecia da lenha que necessitava. Foi a partir da designação de Quinta da Mata que a família mudou o seu nome, Coronel, de origem judaica. E em 1606, Filipe III nobilitou Luis Gomes de Elvas, dando-lhe por "solar a sua quintãa da mata"<sup>68</sup> e, numa outra carta, as suas armas: "o Campo douro e tres matas verdes, floridas e elmo de prata guarneçido douro, paquife de ouro e verde, e por timbre outra mata florida"<sup>69</sup>.

O primeiro Correio-mor, em testamento, pediu ao seu sucessor que comprasse a quinta e casal da Mata.

No século XVII, já existia uma casa com certa importância nesta quinta, correspondendo mais ou menos à ala sul do palácio actual, virada para os jardins. É possível

que Duarte de Sousa Coutinho da Mata (falecido em 1696), homem culto e que viajou por Itália, já tivesse feito alguns melhoramentos no palácio. Foi no entanto seu filho, Luis Vitório da Mata de Sousa Coutinho (1688-1735) que fixou residência mais permanente em Loures, sobretudo depois da venda da sua quinta em Belém, em 1727. Mesmo assim, não terá feito grandes obras na propriedade, pois sofria de hipocondria e por isso se retirava para Loures. O palácio do Correio-mor, tal como hoje o conhecemos, deve ser obra de José António da Mata de Sousa Coutinho (nascido em 1718, correio-mor desde 1735 e falecido em 1790). A importância e monumentalidade da residência pode justificar-se por comparação com as residências para correios-mores que Robert de Cotte fez, no vale do Loire, para Choiseul, o Palácio de Chanteloup, e em Frankfurt para os Thurn und Taxis, com magníficas 140 divisões<sup>70</sup>. O Correio-mor de Portugal não podia ficar atrás dos seus congéneres europeus, tal como o seu soberano, D. João V, queria imitar Luis XIV.

Não se conhece o autor deste palácio. A primeira hipótese lançada por Ayres de Carvalho, foi Canevari, que desenhou o palácio de Santo Antão do Tojal, mas à época em que foi construído ou ampliado o palácio do Correio-mor, já Canevari não se encontrava em Portugal. Surge assim outra hipótese, lançada por Francisco Gentil Berger, um dos arquitectos que fez obras de adaptação no palácio, interrompidas em 1975, quando este foi nacionalizado. Segundo esta hipótese<sup>71</sup>, mais tarde desenvolvida<sup>72</sup>, o autor

do palácio é Manuel da Costa Negreiros, cujo irmão, José, pintou o tecto da chamada Sala de Caça, com cenas mitológicas. Esta afirmação é apoiada em análises de carácter estilístico e constructivo. Pessoalmente não nos repugna admitir esta hipótese, infelizmente não susceptível de ser confirmada sem documentação.

Como dissémos, é possível ter havido uma campanha de obras ao tempo de Luis Vitório, mas foi seu filho, José Manuel da Mata que até ao fim da vida procedeu à ampliação e decoração do palácio. Segundo o estudo referido do arquitecto Berger, "todo o trabalho de pedreiro e alveneu" é do período joanino<sup>73</sup>. Além disso, a capela tem a data de 1744 e recebeu privilégios do Papa Bento XIV. É natural que as obras também se iniciassem pela ala sul, sendo a ala norte já claramente do reinado de D. José e até D. Maria I, sobretudo a nível da decoração de interiores (azulejos, estuques e pinturas). Também o coroamento central da fachada é do reinado de D. Maria I. Julga-se que em 1767 estaria terminado o essencial da obra de arquitectura e que em 1765-66 se fez o arranjo da quinta e dos jardins<sup>74</sup>.

O palácio tem três pisos (rés-do-chão, piso intermédio e piso nobre), sendo o acesso feito por um portão que centrava o muro de cantaria, actualmente substituído por um gradeamento, mais ao gosto francês, enquanto o muro fechado se enquadrava mais na tradição portuguesa para este tipo de casas. O portão é coroado pelas armas dos Matas, entre duas aletas em voluta e coroadas por frontão

curvilíneo. A fachada principal tem as janelas do rés-do-chão substituídas por óculos elípticos, a que se seguem as janelas de cantaria simples, rectangulares, do piso intermédio. No andar nobre, janelas de sacada com gradeamento de ferro, coroadas por frontões triangulares nos dois panos laterais.

O pano central tem de cada lado dois amplos portões que permitem o acesso a carruagens e, ao centro, uma fonte, com o tanque ondulado. As portas atingem a altura do piso nobre, onde um único varandim de ferro, apoiado em mísulas, abrange as três janelas, as laterais com verga curva e a central, mais alta e larga, terminada em arco, sobre o qual a cornija se recorta em frontão curvilíneo. Um frontão elevado, assente em aletas, ostenta o nicho com a imagem de Nossa Senhora da Oliveira. No enfiamento das pilastras que separam as três janelas do pano central, estão acrotérios. As alas laterais têm nas fachadas viradas para o exterior, dois pisos de janelas rectangulares de cantaria simples e o último de janelas de sacada coroadas por frontões triangulares. Nas fachadas viradas para o pátio, que são simétricas, vêm-se duas portas com degraus que dão acesso ao piso nobre. Estas portas são de verga curva, encimadas por janela, também coroada por cornija curva e a janela de sacada que as encima é coroada por frontão segmentar, destacando-se estes quatro dos restantes, não para evitar a monotonia, como foi dito<sup>75</sup>, mas para acentuar o eixo das entradas. No rés-do-chão da ala norte, ainda existe a adega

e o lagar de vinho. Na ala sul, com acesso pelo vestíbulo, está a cozinha. Outras dependências destinavam-se a guardar alfaias agrícolas e a cavalariças. As portas de acesso aos serviços são mais largas, sem degraus e de verga curva, as do meio, rectangulares e mais estreitas, as das extremidades.

A escadaria nobre é de lanço único até ao primeiro patamar, onde, sobre uma janela se destaca uma ninfa, elemento escultórico de uma fonte de tanque curvilíneo. Por cima da janela, um anjinho segura um medalhão com um retrato em relevo, que se julga ser do Correio-mor Luis Vitório. Esta escultura tem sido atribuída a Claude Laprade<sup>76</sup>. A partir deste patamar, a escadaria bifurca-se em dois lanços duplos, que conduzem ao piso nobre. Seguindo o lanço direito, vamos das à Sala da Música, cuja decoração, como a das salas que se lhe seguem, apresenta decorações características da segunda metade do século XVIII.

Seguindo o lanço oposto, acedemos a uma sala em cujo tecto estão pintadas as armas da família. Nas obras efectuadas no século XX foi aqui aberta uma porta e criada uma ponte de acesso ao jardim<sup>77</sup>.

A sala central apresenta azulejos azuis e brancos, recortados, representando a comparação entre a vida de um homem e a história de um barco, que nos parecem da década de 1740-50 e não de 1760<sup>78</sup>.

A Sala das Estações apresenta alisares lisos, com moldura recortada sobre o motivo, com elementos *rocaille* de

tonalidade mais escura que a cena central, representando alegorias às Estações; são azulejos datáveis de cerca de 1750, que se aproximam de alguns do Palácio das Necessidades.

Na ala mais antiga, encontramos azulejos de carácter ornamental, com albarradas, albarradas com golfinhos, ou albarradas alternando com pequenos motivos com flores, que poderão ser datados de 1730-50<sup>79</sup>.

A chamada Sala dos Apóstolos (actualmente adaptada a sala de banquetes) tem azulejos recortados, idênticos aos do salão central, com molduras com sanefas e borlas, representando caçadas, ao javali, ao lobo, à raposa, com falcão, e um painel grande com cenas diversas (gaiteiro, caça ao leão, concerto em jardim, fonte ornamental, merenda, etc). Esta sala tem o tecto dividido em caixotões, com temas mitológicos das *Metamorfoses* de Ovídio, da autoria de José da Costa Negreiros<sup>80</sup>.

A capela é relativamente pequena para as dimensões do palácio; é dedicada aos Reis Magos e tem na fachada a inscrição "ANNO / N. R. IES: CRIST./ 1744". Apresenta um portal coroado por frontão triangular curvo, em cujo tímpano aparece uma inscrição em lápida que termina inferiormente em remate acabado em quatro lágrimas e tendo ao centro um arco abatido contracurvado em que se insere um elemento ornamental bilobado, que comprime, ao centro, o arco abatido que coroa o portal da capela.

Este portal dá acesso a uma galilé, na qual surge um par de figuras de convite, em azulejo. São dois militares, com a respectiva espingarda e cartucheira a tiracolo, com casaca e colete, camisa de folhos e gravata drapeada, calções e sapatos de tacão alto. Ambos usam bigode e têm o cabelo atado atrás, o que os situa cronologicamente em meados do século XVIII. No entanto, estas figuras parecem ter sido adaptadas de um painel maior, o que dificulta a datação<sup>81</sup>.

No interior da Capela, vêem-se azulejos de temática religiosa, representando ermitões na nave e cenas da vida de Jesus, no coro. São silhares com cercaduras recortadas sobre o motivo, com grinaldas no coroamento e pilastras nos ângulos, característicos da década de 40. De notar, na parede norte da capela, a representação do capelão e de um anão, que se sabe ter feito parte dos servidores da casa e cuja estátua se encontra também no jardim, junto à capela. O retábulo é já de «estilo pombalino»<sup>82</sup>, mas aí se encontram dois quadros representando a «Senhora de Misericórdia» e a «Senhora a Comungar», ainda do século XVII.

Nada resta do recheio primitivo da casa, embora exista um inventário dos bens da mesma, datado de 1793<sup>83</sup>. Da importância das baixelas ainda dão testemunho as três prateiras existentes.

De grande interesse pelo seu bom estado de conservação, é a cozinha, com um revestimento de azulejos de figura avulsa, que, com cercadura e rodapé, atinge 16

azulejos de altura; são do tipo «estrelinha» e têm, junto à cercadura superior, uma barra lisa da qual pendem peixes, presuntos e peças de caça, como perdizes e coelhos, tudo pintado a manganés. Sobre a chaminé, um enorme painel recortado representa uma cena de cozinha, em que os criados preparam os pratos. De cada lado, em azulejo recortado sobre o estuque branco, outras peças de caça. Sobre a porta, na parede oposta ao fogão, outro painel recortado de menores dimensões, representa a matança do porco. Estes azulejos são igualmente datáveis da década de 40 do século XVIII.

Nos jardins, ainda aparecem outros conjuntos azulejares: na ala lateral do palácio, virada para o jardim mais antigo, pendem da cornija três medalhões ovais, em azulejo azul e branco, representando cabeças coroadas de louros.

Mais importantes são os azulejos que decoram o espaldar do tanque, num total de seis painéis, inspirados nas *Metamorfoses* de Ovídio, representando temas como «Diana e Acteion», «Queda de Ícaro», «Neptuno», «Nereides», «Metamorfose de Narciso» e «Rapto de Europa». As molduras apresentam o motivo em «asa de morcego», característico de meados do século XVIII e, no painel da extrema esquerda, aparece uma curiosa experiência de policromia, num conjunto de painéis azuis e brancos: um negro, pintado a manganés, tem uma capa amarela. De notar que estes exemplos de policromia em conjuntos azuis e brancos aparecem também em Santo Antão do Tojal, nas figuras de convite, e na negra,

pintada a manganés, da cozinha do palácio Pimenta, todos afinal de épocas próximas e não muito distantes uns dos outros.

## Solar de Pintéus

Localização - Loures

História e características - Esta casa foi mandada construir na primeira metade do século XVIII por José Vaz de Carvalho (1695-1752), membro do Conselho do Palácio, Chanceler-mor do Reino, desembargador do Paço, secretário da rainha D. Mariana Vitória e do Infante D. Manuel.

É um dos vários solares construídos numa das regiões de lazer dos arredores de Lisboa mais procuradas no tempo de D. João V, não muito longe da residência dos arcebispos em Santo Antão do Tojal nem do caminho que o rei normalmente percorria nas suas deslocações a Mafra.

A própria povoação de Pintéus foi formada pelos criados desta casa, para os quais foi construída a capela, dedicada a Nossa Senhora da Apresentação e um pouco afastada do palácio, em vez de ser, como era usual, integrada no seu espaço arquitectónico.

Como acontece normalmente nestas casas de lazer, foi dada grande importância aos jardins, descritos por Cristóvão Aires em carta a Sousa Viterbo<sup>84</sup>, os quais actualmente perderam parte da sua beleza, cortados pela estrada que passa ao lado do palácio.

Este tem acesso por um portão lateral, ladeado por pilares de cantaria, coroados por esferas<sup>85</sup>, que o actual proprietário substituiu por volutas. Este portão dá acesso a um terreiro rectangular, que acompanha a fachada principal da casa. Este tem dois pisos, sendo o superior apenas

assinalado por janelas com moldura de cantaria em arco abatido na parte superior, sóbrias e espaçadas. O portal principal da casa abre-se no centro de dois portões térreos ("2porte-cochères") de arco de volta perfeita, tendo acesso por escadaria dupla de cinco degraus, com parede exterior enquadrada por duas volutas que suportam o corrimão, sendo aquela apenas animada por almofadados de pedra.

O coroamento da porta, rectangular, é o único elemento decorativo que anima a fachada, com um óculo elíptico horizontal sob frontão de volutas, tendo por cima as armas da família Vaz de Carvalho e dos Azevedo Coutinho, encimadas pela coroa que toca a cornija, acentuando assim a verticalidade da composição. Uma certa semelhança existe nesta solução (escadaria dupla e porta rectangular encimada por óculo elíptico horizontal sob o frontão) e a adoptada no palácio da Mitra em Marvila, o que sugere que o autor dos dois seja Rodrigo Franco, architecto do Patriarcado e morador em Pintéus.

Uma escada direita conduz ao andar nobre, onde se sucedem as salas com tectos de masseira e azulejos de albarradas, datáveis de cerca de 1740. O aposento mais notável é, sem dúvida, a casa de jantar, onde os tectos de masseira foram substituídos por estuques, mas que conserva armários de madeira do século XVIII, metidos em nichos na parede e uma notável fonte, com a moldura superior ornamentada com concheados *rocaille*, com a bacia em forma de concha e o fundo também de concheados, tendo ao centro, em

relevo, a carranca de Neptuno, ladeado por figuras marinhas e golfinhos. Nesta sala foi recebido, segundo a tradição, D. João V, de passagem para Mafra. A sala abre para um terraço lateral, que aparece na extremidade direita da fachada, sobre a "cocheira, a cavalaria e o lagar"<sup>86</sup>. Este terraço comunica com a sala de jantar por duas portas iguais, de coroamento sinuoso, acabado em cornija segmentar, com prolongamentos laterais. O terraço rectangular tem os ângulos cortados por alegretes curvilíneos, forrados de azulejos policromos, que o contornam a toda a volta, interrompidos ao fundo para dar lugar a bancos de pedra e, no lado oposto, por gradeamento de ferro. Os azulejos, de molduras caracteristicamente *rocaille*, representam cestos de flores e aves-do-paraíso e, por trás do banco, emolduram figuras alegóricas das quatro estações, a azul e branco. Segundo Cristóvão Aires, estes azulejos são "italianos, das mais finas cores, com quatro quadros correspondentes aos assentos do jardim, representando as estações do anno (graciosas figuras em azul), e ornamentação de flores, principalmente girasóis e rosas, e de aves em diversas atitudes. Nas cores predomina o roxo, o azul e o amarello, em tons e cambiantes variados"<sup>87</sup>. Segundo o mesmo autor, a sala de jantar teria azulejos idênticos, representando "quadros campestres e de interior"<sup>88</sup>, pelo que as albarradas que hoje se vêem já serão fruto de uma remodelação posterior. Nada nos faz pensar, no entanto, que se trate de

azulejos italianos, parecendo antes produção lisboeta de meados do século XVIII.

Um dos aspectos mais surpreendentes desta casa seriam os jardins, já bastante desvalorizados nos inícios do século XX. A parte mais importante, ainda segundo Cristóvão Aires, situava-se nas traseiras do palácio, "em quatro largos socalcos, ligados por escadas, e todos os muros das escadas forrados de azulejo azul e branco, entremeados de quadros com figuras"<sup>89</sup>, solução bem ao gosto barroco. "O socalco de baixo, para o qual se desce de um terreno azulejado, com quadros de costumes, voltado para o poente, era todo rodeado de muros, bancos e alegretes cobertos de azulejos, com um tanque de pedra, redondo, no meio, e todo ensombrado de alamos, freixos, choupos e outras arvores"<sup>90</sup>.

Na frente da casa, agora interrompida pela estrada, existia outra zona ajardinada, levando em socalcos até ao rio, chamada horta "da capella"<sup>91</sup>, porque esta se situa numa das suas extremidades. Esta apresenta também as escadas, muretes e tanque revestidos de azulejos. No espaldar do tanque, para onde a água cai de uma enorme carranca, estão dois painéis de azulejos, incompletos, representando de um lado, Tétis, e, do outro, Neptuno. Nos muretes e escadas, vêem-se azulejos de figura avulsa.

A capela, que se encontra num dos extremos deste jardim, tem nave abobadada e capela-mor coberta por cúpula, facto pouco vulgar numa construção de pequenas dimensões. A nave apresenta azulejos da década de 40, rodeados por

pilastras em perspectiva ilusionista, às quais se encostam meninos; representam paisagens com pavões, ermitões orando, etc. Os da capela-mor têm mais monumentalidade, pois assentam num alto rodapé decorado com grinaldas e representam cenas do «Cântico dos Cânticos» (Sulamite dormindo)<sup>92</sup>. Não existe, portanto, qualquer ligação à invocação da capela, que é de Nossa Senhora da Apresentação.

O altar tem um retábulo de talha dourada, de tipo joanino, enquadrado nas extremidades por duas colunas salomónicas, tendo de cada lado do nicho central, com a imagem da Senhora, dois nichos sobrepostos com figuras de santos. O nicho central é encimado por um pequeno baldaquino circular. O coroamento é dado pela cornija, que se eleva ao centro em frontão segmentar interrompido, tendo ao meio três querubins, enquanto, de cada lado, se sentam dois anjos.

Segundo documentação referida por Sousa Viterbo, a "Imagem he de vestir" e o retábulo foi mandado fazer por José Vaz de Carvalho, que mandou fazer "pera nixo da Senhora huma vidrasa inteirissa que encerra a dita Imagem". Além disso, todos os anos, no dia da sua festa, oferecia-lhe "alguma pessa ou de ornato para a Ermida ou vestido á Senhora, ou croa, tudo muito rico...". Também "no mesmo retabulo referido José Vaz de Carvalho colocou as Imagens de São Joaquim e Santa Anna, Santo Antonio e São Gonçalo de Amarante"<sup>93</sup>. Pelo menos um Santo António ainda se encontra actualmente na capela.

Na sacristia, vêem-se azulejos de figura avulsa, tipo «estrelinha» e, no alpendre da capela, albarradas com golfinhos e anjos.

É tradição que também a enorme cozinha da casa (actualmente em ruínas) foi aumentada no tempo de D. João V e diz Cristóvão Aires que na casa se guardava "ainda não ha muito tempo, um banco de pau santo onde elle se sentara na cosinha, que fôra ver pela sua sumptuosidade"<sup>94</sup>.

Ainda de referir, nesta casa, a existência de uma figura de convite em azulejo, embora esta deva ter sido deslocada da sua posição primitiva - no cimo da escadaria - e esteja hoje colocada num pequeno pátio, junto à abertura para jardins das traseiras. Trata-se de um guerreiro romano, com capa esvoaçante, elmo de plumas, escudo, espada e alabarda. A figura destaca-se, avançando de um fundo de paisagem, com moldura recortada interiormente, elevando-se apenas as plumas do elmo e a parte superior da alabarda. A figura revela desenho de qualidade, levantando-se a hipótese de que seja um dos primeiros elaborados a partir dos da Igreja de Nossa Senhora da Nazaré<sup>95</sup>. Nada mais se sabe acerca do seu presumível autor ou data de execução, embora existam guerreiros do mesmo tipo no Palácio Azurara (Fundação Ricardo Espírito Santo) ou num palacete de Torres Vedras, podendo considerar-se este um dos tipos das figuras de convite, embora menos frequente que os alabardeiros vestidos à moda da época.<sup>96</sup>

### Solar da Quinta das Carrafochas

Localização - Loures, freguesia de Santo Antão do Tojal, lugar de A-das-Lebres.

História e características - Poucos documentos se referem a esta casa, embora, no frontão da porta da capela, se encontre a data de 1714. No entanto, o *Dicionário Geográfico* da Torre do Tombo indica que a casa foi fundada por Francisco Gomes Lisboa, entre 1720 e 1730<sup>97</sup>, o que faz pensar que a casa e a capela não teriam sido construídas ao mesmo tempo. De qualquer forma, as características da casa apontam para uma construção feita nos inícios do século XVIII, embora algumas decorações sejam, de facto, posteriores.

Sabe-se também que, no início do século XIX, quando das Invasões Francesas, a casa pertencia aos Condes da Ega e nela esteve hospedado Junot. Depois da retirada dos invasores, os bens da família foram confiscados, por cumplicidade com o invasor, e vendidas em hasta pública, vindo a quinta a ser adquirida, entre 1840 e 1850, por Joaquim Cannas.

A casa é considerada por Carlos Azevedo um bom exemplar da casa solarenga do sul, mantendo na fachada a sobriedade do século anterior<sup>98</sup>. Trata-se do tipo casa «comprida», cuja fachada actualmente acompanha a estrada e, já no século XVIII, aqui passava uma estrada de terra que ia para Mafra; tem três corpos, estando numa extremidade o muro, no qual se abre o portal armoriado de acesso ao pátio;

o corpo central é constituído pela casa propriamente dita, com dois pisos, o inferior de janelas rectangulares, com moldura de cantaria lisa, e o superior de janelas de sacada, com varões de ferro, encimadas por cornija saliente, ainda à maneira do século XVII; finalmente, na outra extremidade, encontra-se a capela, cuja altura acompanha a cornija superior da casa, apenas se destacando o frontão e o pequeno campanário, um pouco recuado.

A fachada da capela é delimitada por pilastras coroadas por pináculos, o mesmo acontecendo com o extremo oposto da fachada da casa; no entanto, da fiada de sete janelas que constituem o corpo da casa, o tramo encostado à capela é delimitado por pilastra idêntica, o que faz pensar num acrescento.

A porta de acesso à capela é rectangular, sendo coroada por frontão formado por duas volutas curvas, enquadrando em elemento decorativo em pinha, sob o qual está a inscrição, com a data de 1714. Sobre o portal, vê-se um óculo poligonal, com contorno curvo e recto, coroado por pequeno motivo ornamental.

O frontão da capela é bastante elevado em relação ao resto do edifício, sendo ladeado por aletas terminadas inferiormente em voluta e tendo um coroamento contracurvado, no qual se inscreve uma cartela com coroa, que parece mais tardia; mais abaixo, um óculo circular cego.

A entrada faz-se, como dissémos, lateralmente, por portão aberto no muro; é igualmente um portão com moldura

rectangular de cantaria, encimado por frontão interrompido, de empenas ligeiramente curvas, terminadas por volutas. O brasão que ali figura, posterior, inscrito numa cartela, é rematado por coroa de marquês, com uma pomba sainte; o frontão é ladeado por dois fogaréus. Este brasão deve pertencer ao Marquês de Valada, proprietário desta casa no século XIX<sup>99</sup>.

Este portão dá acesso a um pátio, empedrado a basalto e calcário, cujo desenho é cópia do pátio do Palácio das Galveias, em Lisboa. À esquerda, encontra-se a fachada da casa, com um terraço apoiado em colunas, sob o qual se vêem duas portas e uma janela; uma das portas dá acesso à escadaria que conduz à antecâmara do salão nobre. O terraço é protegido por varões de ferro e para ele abrem duas janelas rectangulares, sendo a parede revestida por três painéis de azulejos, que atingem exactamente a altura das janelas, e representam cenas de caça. Têm características que os aproximam dos azulejos produzidos na oficina de Bartolomeu Antunes, cerca de 1740.

Mais acima, uma água-furtada, enquadrada por aletas terminadas inferiormente em volutas, tem duas janelas de guilhotina.

Do lado direito do pátio, estão as casas dos empregados, de um só piso. Entre duas janelas de guilhotina está uma fonte, com tanque ondulado e um mascarão (que lembra o do tanque de Pintéus), que se expande lateralmente em curvas e contracurvas de floreado barroco.

Em frente, um tunel de acesso ao jardim é coberto por abóbada de berço e seguido de uma escadaria. De cada lado, vasos com azulejos de figura avulsa. O jardim é delimitado por um muro semicircular, coberto por buxo recortado. Quatro aberturas no buxo comunicam com a zona de cultivo da quinta, a fonte de Santo António e dois tanques de rega.

A fonte de Santo António insere-se num templete barroco. A entrada é definida por um arco encimado por um frontão curvo, rematado por volutas. Os ângulos são compostos por quatro pilastras contrafortadas, que sustentam a cúpula, encimadas por coruchéus piramidais. Entra-se descendo por três degraus, o que faz supor que tenha sido um tanque, pois está a nível mais baixo que o solo. No interior, estão dois bancos de laje. Por cima da bica, um painel de azulejos azuis e brancos, de 1940, representa um milagre de Santo António.

Mais importante é o tanque grande, que tem acesso por uma escadaria. As paredes, em forma de U, medem 5m de altura, enquanto o tanque mede 17m x 8m. A parede principal tem ao centro uma abertura com um nicho profundo, encimado por um frontão com um jogo de segmentos curvos, decorado ao centro por um baixo-relevo ornamental, rematado com uma base onde assenta uma pira. O remate desta parede é feito por uma espécie de chavetas terminadas em duas volutas. As paredes laterais têm igualmente nichos mas pouco profundos. O seu coroamento é feito por volutas afrontadas, tendo ao meio uma

base onde assenta um pináculo. Nos ângulos, dois pedestais com um fogaréu em forma de alcachofra, com baixos-relevos.

Outro tanque tem planta em meia-lua, sendo igualmente enquadrado por paredes em U: é também decorado por quatro nichos pouco profundos, de cada lado do nicho central, dois na parede frontal e um em cada uma das paredes laterais. Os nichos menos profundos são decorados com azulejos azuis e brancos, com molduras recortadas envolvendo o exterior do nicho e enquadramentos barrocos coroados por sanefas, tendo ao centro figuras alegóricas, representando as quatro estações, tema muito frequente na decoração de jardins; no rodapé, entre volutas, estão as legendas. Os nichos são ligados por rodapés de azulejos de grinaldas. Entre as paredes e o tanque existe uma zona de circulação protegida por gradeamento de ferro, interrompido por sete balaústres de pedra, tendo o central uma carranca da qual cai água para o tanque.

O nicho central, enquadrado por pilastras, é uma pequena casa de fresco. No interior, numa ábside, existe uma bacia e, de cada lado, dois bancos de lage. As paredes são decoradas com silhares de azulejos representando cenas galantes (merendas).

As paredes do tanque são coroadas por uma cornija, sobre a qual assentam quatro largos frontões curvos, prolongando-se em volutas e tendo na parte central um pedestal com pináculo; estes frontões correspondem a cada um dos nichos azulejados e são separados por outros pináculos,

assentes em pequenos pedestais. Sobre o nicho central, mais fundo, o coroamento formado por duas aletas apoiadas em volutas, serve de base a um pedestal também terminado em pináculo.

A quinta pertence ainda um pombal, fora da zona murada, de planta circular, coberto por cúpula, assente em entablamento saliente. Na cúpula rasgam-se quatro óculos rematados por frontões segmentares e no topo um pináculo idêntico aos do tanque da meia-lua.

A capela é um dos núcleos mais cuidados desta quinta, sendo dedicada a Nossa Senhora do Monte do Carmo. O altar tem a estrutura do estilo nacional, com colunas torsas, emparelhadas, enquadrando nichos sobrepostos com esculturas e prolongando-se no remate por arquivoltas concêntricas, também torsas, tendo na chave uma cartela coroada envolvida por motivos barrocos. As colunas são simples, escuras, e o fundo é um trabalho de *marqueterie*, que imita os mosaicos florentinos da vizinha igreja Matriz de Loures. No tecto, uma composição barroca de volutas combinadas com flores, frutos e mascarões, enquadra seis cartelas com motivos alusivos à Virgem (Lua, Sol, poço, espelho da justiça, torre de marfim). Ao centro, uma cartela de maiores dimensões representa a «Senhora do Carmo» intercedendo para libertar as alminhas do fogo do inferno. Nas paredes, painéis de azulejo de moldura rectilínea, com volutas e querubins, formam quadros onde estão representadas cenas da vida da Virgem (Educação da Virgem, Apresentação no

Templo, Casamento, Presépio, Adoração dos Magos, Fuga para o Egípto e Sagrada Família). Nas paredes, quatro telas representam alguns destes temas (Casamento, Anunciação, Natividade e Visitação). Estes azulejos são atribuídos ao monogramista P.M.P.<sup>100</sup>.

Esta quinta, pela importância dada à zona de jardins e hortícola revela-se como características das casas de recreio dos arredores, mas a importância da capela acentua o papel da religião na sociedade da época. Esta apresenta além disso uma decoração integrada, característica dos inícios do século XVIII<sup>101</sup>.

### Palácio da Quinta do Cabeço

Localização - Moscavide, Loures

História e características - Esta é outra das quintas que a tradição liga à relação amorosa entre D. João V e a Madre Paula.

O facto é que aqui se encontrava um quadro a óleo, representando a «Sagrada Família», que actualmente está no Seminário de Almada. Uma das interpretações dada a este quadro é que ele representava D. João V, a própria Madre Paula e o filho de ambos, D. José<sup>102</sup>. Uma outra versão diz que o quadro foi pintado para a cela da Madre Paula, em Odiveelas, e é Nossa Senhora, aqui coroada e com uma farta cabeleira de caracóis, que esconde o próprio D. João V<sup>103</sup>. De qualquer modo, não se sabe como o quadro foi parar à Quinta do Cabeço.

No século XIX, e depois no século XX, quando passou à posse do Patriarcado, que nos seus jardins construiu o Seminário dos Olivais, a quinta sofreu várias transformações.

É uma casa de planta U, com duas torres ligadas entre si por um corpo e uma zona central em ressalto, coroada por frontão. Tem, além disso, duas *loggie* colocadas assimetricamente em relação à fachada. Estas são decoradas com azulejos do século XVIII, representando caçadas e cenas campestres.

O interior da casa foi muito alterado pelo seu proprietário de finais do século XIX, o Conde de Olivais e Penha Longa, que não só lhe acrescentou um andar, mas arrancou azulejos originais e os substituiu por outros, fazendo também grandes alterações nos jardins.

Do século XVIII, resta apenas a biblioteca, com o seu tecto de masseira e estantes em talha, cujos remates e fogaréus, no enfiamento das pilastras, apontam para meados do século XVIII.

A capela é dedicada a Nossa Senhora da Conceição e tem as paredes decoradas com azulejos alusivos à vida da Virgem, do período joanino, possivelmente de Bartolomeu Antunes. A talha do altar é já de final do século. No tecto, uma composição perspectivada, tendo ao centro um medalhão circular, representando a Senhora da Conceição.<sup>104</sup>

NOTAS:

- <sup>1</sup>Sobre este palácio, ver: Norberto de Araújo, Inventário Artístico, C. M. Lisboa, 1950, Fasc. VII; António Manuel Gonçalves, "Palácio a par de São Cristóvão" in Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, V vol., 1º tomo, Lisboa, Junta Distrital de Lisboa, 1973, pp. 89-90; Francisco José Gentil Berger, Manuel da Costa Negreiros, U. T. Lxã, Faculdade de Arquitectura, 1990, p. 456
- <sup>2</sup>J. M. dos Santos Simões, Azulejaria Portuguesa do século XVIII, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1979, pp. 262-263
- <sup>3</sup>José Meco, O Azulejo em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, pp. 212, 218 e 224
- <sup>4</sup>Sobre este palácio, ver também: Norberto de Araújo, op. cit.; António Manuel Gonçalves, "Palácio do Marquês de Tancos" in Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, op. cit., pp. 93-95; Francisco José Gentil Berger, op. cit., p. 453
- <sup>5</sup>Maria Calado, Vitor Matias Ferreira, Lisboa, freguesia de Santo Estêvão (Alfama), Guias Contexto, Lisboa, 1992, p.56
- <sup>6</sup>Cyrillo Volkmar Machado, Colleção de Memórias, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922, p. 164
- <sup>7</sup>Francisco José Gentil Berger, op. cit., cap. X - Palácio Barbacena, pp. 246-247
- <sup>8</sup>Idem, ibidem, p. 242
- <sup>9</sup>Idem, ibidem, p. 249
- <sup>10</sup>Luisa d'Orey Capucho Arruda, Figuras de Convite na Azulejaria Portuguesa do século XVIII, op. cit., II vol., 12 - Palácio Barbacena, pp. 81-91
- <sup>11</sup>J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, Lisboa - palácios
- <sup>12</sup>Cyrillo Volkmar Machado, op. cit., pp. 175-176
- <sup>13</sup>Sobre este palácio ver: Pais da Silva, "Palácio dos Capitães de S. Julião da Barra" in Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, op. cit., Lisboa, tomo 2º, pp. 68-69; F. J. Gentil Berger, op. cit., pp. 354 e 452
- <sup>14</sup>Actual Museu do Automóvel
- <sup>15</sup>Sobre este palácio ver: Norberto de Araújo, Inventário de Lisboa, op. cit., Fasc. VI, 1949; Maria João Madeira Rodrigues, "Palácio da Flor da Murta" in Mon. e Ed. Not. do Dist. de Lisboa, vol. V, 2º tomo; F. J. Gentil Berger, Manuel da Costa Negreiros, op. cit., p. 449
- <sup>16</sup>J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, Lisboa, palácios
- <sup>17</sup>Norberto de Araújo, Inventário Artístico, op. cit. Fasc. VIII, 1950
- Sobre este palácio, ver também: M. J. Madeira Rodrigues, "Palácio Ludovice" in Monumentos e Edif. Not. do Dist. de Lxã, op. cit., vol. V, 2º tomo, pp. 56-57; Helder Carita, Bairro Alto, Tipologias e Modos Arquitectónicos, 1990, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 75-76; Maria Calado, Vitor

Matias Ferreira, Lisboa, freguesia da Encarnação (Bairro Alto), Guias Contexto, Lisboa, 1992, pp. 57-58

<sup>18</sup>Helder Carita, op. cit., p. 79

<sup>19</sup>Sobre este palácio, ver: Norberto de Araújo, op. cit., vol. VI, cap. III, p. 30; Helder Carita, op. cit., p. 75

<sup>20</sup>Norberto de Araújo, op. cit., Livro VI, cap. V, p. 46; Helder Carita, op. cit., pp. 77-78

<sup>21</sup>Norberto de Araújo, op. cit., Fasc. VIII; M. J. Madeira Rodrigues, "Palácio Marim Olhão" in Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, vol. V, tomo 2º, pp. 63-64; F. J. Gentil Berger, op. cit., p. 451; Helder Carita, op. cit., p. 81; Maria Calado, Vitor Matias Ferreira, Lisboa, freguesia de Santa Catarina (Bairro Alto), Guias Contexto, Lisboa, 1992, p. 46

<sup>22</sup>Helder Carita, op. cit., p. 90

<sup>23</sup>Norberto de Araújo, op. cit., Livro VI, pp. 27-29; Helder Carita, op. cit., p. 92

<sup>24</sup>Norberto de Araújo, op. cit., Fasc. VIII; Maria Calado, Vitor Matias Ferreira, Lisboa, freguesia de S. Sebastião da Pedreira, Guias Contexto, Lisboa, 1991, p. 45

<sup>25</sup>F. J. Gentil Berger, op. cit., foto 86, pp. 320, 369, 390, 449-450

<sup>26</sup>Ayres de Carvalho, D. João V e a arte do seu tempo, vol. II, Ed. do Autor, 1962, p. 184, nota

<sup>27</sup>Idem, ibidem, pp. 183-4

<sup>28</sup>F. J. Gentil Berger, op. cit., Cap. VIII - Negreiros e o Paço da Bemposta

<sup>29</sup>Maia Ataíde, "Capela Real do Paço da Bemposta" in Mon. e Edif. Not. do Dist. de Lxã, op. cit., vol. V, 2º tomo, pp. 143-148

<sup>30</sup>F. J. Gentil Berger, op. cit., pp. 213-214

<sup>31</sup>Ayres de Carvalho, op. cit., p. 184, nota

<sup>32</sup>F. J. Gentil Berger, op. cit., p. 216

<sup>33</sup>Idem, ibidem, p. 220

<sup>34</sup>Idem, ibidem, pp. 222-24

<sup>35</sup>Maia Ataíde, "Palácio Centeno" in Mon. e Edif. Not. do Dist. de Lisboa, Lisboa, Tomo 2º, pp. 133-35

<sup>36</sup>José Meco, O Azulejo em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, p. 228

<sup>37</sup>O tipo de janelas de peitoril que aparece neste palácio é idêntico ao das janelas de peitoril do palácio Pombal, em Oeiras, e do Hospício das Necessidades.

<sup>38</sup>Maia Ataíde, "Palácio do Mitelo" in Mon. e Edif. Not. do Dist. de Lxã, Lisboa, Tomo 2º, pp. 140-142; F. J. Gentil Berger, op. cit., pp. 451-2

<sup>39</sup>Maia Ataíde, "Palácio Mello" in Mon. e Edif. Not. do Distrito de Lisboa, Lisboa, Tomo 2º, p. 136

<sup>40</sup>José Meco, op. cit., p. 167

<sup>41</sup>"Palácio do Patriarcado" in Mon. e Edif. Not. do Dist. de Lxã, op. cit., tomo 2º, p. 132

<sup>42</sup>Norberto de Araújo, op. cit., Fasc. VIII; Irisalva Moita, "Palácio Pombeiro" in Mon. e Edif. Not. do Dist. de Lisboa, vol. V, tomo 2º, pp. 148-50

<sup>43</sup>Norberto de Araújo, op. cit., Fasc. VII, Lisboa, 1950; este edifício não é referido no 3º tomo do vol. V de Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa

<sup>44</sup>Maia Ataíde, "Palácio Ferreira Pinto BASTO" in Mon. e Edif. Not. do Dist. de Lxã, op. cit., vol. V, tomo 3º, p. 119

<sup>45</sup>Maia Ataíde, "Palácio Ribeira" in Mon. e Edif. Not. do Distrito de Lisboa, op. cit., Vol. V, tomo 3º, pp. 121-23; F. J. Gentil Berger, op. cit., p. 455

<sup>46</sup>Norberto de Araújo, op. cit., 1946, Fasc. III; Maia Ataíde, "Palácio Burnay" in Mon. e Edif. Not. do Distrito de Lisboa, op. cit., vol. V, tomo 3º, pp. 123-25; F. J. Gentil Berger, op. cit., p. 447

<sup>47</sup>J. M. dos Santos Simões, "Os Azulejos Holandeses do Palácio Saldanha" in Belas Artes, 2ª série, nº 1, Lisboa, 1948, p. 54

<sup>48</sup>Idem, ibidem, p. 59

<sup>49</sup>Idem, ibidem, p. 75

<sup>50</sup>Idem, ibidem, p. 76

<sup>51</sup>Idem, ibidem, pp. 76-77

<sup>52</sup>Maia Ataíde, "Palácio do Pátio do Saldanha (Ega)" in Mon. e Edif. Not. do Distrito de Lisboa, op. cit., vol. V, tomo 3º, pp. 128-131

<sup>53</sup>Arthur Lamas, A Casa Nobre de Lázaro Leitão no sítio da Junqueira, Imprensa Lucas & Cª., 1925, p. 133

<sup>54</sup>Idem, ibidem, pp. 134-135

<sup>55</sup>Sabe-se que Carlos Mardel chegou a Portugal no início da década de 30, pois segundo documentos publicados por Sousa Viterbo, após a sua morte, em 1763, sua esposa pediu uma tença ao rei, dizendo que o marido servira Sua Magestade mais de trinta anos (Carlos Mardel. Novos Apontamentos para a sua biographia, IV vol. do Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes, Lisboa, 1909)

<sup>56</sup>Arthur Lamas, op. cit., pp. 140-141, 142-143, 144-145 e 146-147

<sup>57</sup>Arthur Lamas, Quinta de Diogo de Mendonça no Sítio da Junqueira, Tipografia do Comércio, Lisboa, 1924

<sup>58</sup>Idem, ibidem

<sup>59</sup>Maia Ataíde, "Quinta das Águias" in Mon. e Edif. Not. do Dist. de Lisboa, op. cit., vol. V, tomo 3º, pp. 131-136

<sup>60</sup>Maia Ataíde, "Quinta das Águias" in Mon. e Edif. Not. do Dist. de Lisboa, op. cit., V vol., tomo 3º, pp. 131-36

<sup>61</sup>José Meco, O Azulejo em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, pp. 163 e 172

<sup>62</sup>Sobre esta zona, ver: Maria Archer e Branca de Gonta Colaço, Memórias da Linha de Cascais, Lisboa, 1943; AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, vol. II - Sintra, Oeiras, Cascais, Junta Distrital de Lisboa, 1963; Anne de Stoop, Quintas e Palácios dos Arredores de Lisboa, Livraria Civilização Editora, Barcelos, 1986

<sup>63</sup>Sobre este palácio ver nomeadamente: José Meco, Azulejaria do Concelho de Oeiras e O Palácio Pombal e a Casa da Pesca, Caderno da Biblioteca Operária Oeirense (policopiado), Oeiras, 1982; Anne de Stoop, op. cit.; Rodrigo Alves

Rodrigues Dias, A Quinta de Recreio dos Marqueses de Pombal, Oeiras, Contributo para o estudo da arte paisagista no século XVIII, Oeiras, 1987

<sup>64</sup>Norberto de Araújo, op. cit., Fasc. VIII

<sup>65</sup>Carlos de Azevedo, Solares Portugueses, Lisboa, 1969

<sup>66</sup>De notar que muitos dos azulejos deste palácio pertencem ao Museu e não são originais.

<sup>67</sup>Luisa d'Orey Capucho Arruda, Figuras de Convite na Azulejaria Portuguesa do século XVIII, II vol., U. N. Lxã, 1989, pp. 139 e segs.

<sup>68</sup>Matilde Pessoa de Figueiredo Tamagnini, "O Palácio do Correio-Mor em Loures" in Belas Artes, nº 31, Lisboa, 1977, p. 112

<sup>69</sup>Idem, ibidem

<sup>70</sup>Idem, ibidem, p. 115

<sup>71</sup>Francisco José Gentil Berger, O Palácio do Correio-Mor em Loures, Trabalho final de curso de Arquitectura (policopiado)

<sup>72</sup>Idem, "O Palácio do Correio-mor e Negreiros" in Manuel da Costa Negreiros, op. cit.

<sup>73</sup>Idem, ibidem, p. 300

<sup>74</sup>Matilde P. F. Tamagnini, op. cit., p. 108

<sup>75</sup>Idem, ibidem, p. 107

<sup>76</sup>Idem, ibidem

<sup>77</sup>F. J. Gentil Berger, Trabalho final..., p. 18

<sup>78</sup>Matilde P. F. Tamagnini, op. cit., p. 108

<sup>79</sup>J. M. dos Santos Simões, Azulejaria Portuguesa do século XVIII, F. C. Gulbenkian, Lisboa, 1979, p. 294

<sup>80</sup>Ciryllo Volkmar Machado, Colecção de Memórias, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922, p. 89

<sup>81</sup>Luisa d'Orey Capucho Arruda, Figuras de Convite..., op. cit., vol. II, pp. 148 e segs.

<sup>82</sup>segundo a nomenclatura proposta por Robert C. Smith, A Talha em Portugal, Lisboa, 1963

<sup>83</sup>A.N.T.T., Inventários, Livro 29, 265 B, Maço 499; a ele nos referiremos no capítulo seguinte deste trabalho.

<sup>84</sup>Christovam Ayres, "Casa de Pinteus, 1 de agosto de 1909", transcrito por Sousa Viterbo, A Jardinagem em Portugal, Coimbra, 1909, pp. 135-139

<sup>85</sup>Foto reproduzida por Anne de Stoop, Quintas e palácios dos Arredores de Lisboa, op. cit., p. 73

<sup>86</sup>Christovam Ayres, op. cit., p. 136

<sup>87</sup>Idem, ibidem

<sup>88</sup>Idem, ibidem

<sup>89</sup>Idem, ibidem

<sup>90</sup>Idem, ibidem pp. 136-37

<sup>91</sup>Idem, ibidem, p. 137

<sup>92</sup>J. M. dos Santos Simões, Azulejaria Portuguesa no século XVIII, op. cit. Elenco; Anne de Stoop, op. cit., p. 74

<sup>93</sup>Sousa Viterbo, op. cit., pp. 90-91

<sup>94</sup>Christovam Ayres, op. cit., p. 137

<sup>95</sup>Luisa d'Orey Capucho Arruda, op. cit., vol. II, pp. 65-69

<sup>96</sup>Esta quinta e seus jardins é também referida por Helder Carita, Homem Cardoso, Tratado da Grandeza dos Jardins em

Portugal, Círculo de Leitores, Lisboa, 1990, pp. 238-239, onde se reproduz parcialmente o texto de Sousa Viterbo.

<sup>97</sup>A.N.T.T., Dicionário Geográfico de Portugal, Loures, Santo Antão do Tojal, Dito 21, nº 142, p. 1249; ver anexo documental.

<sup>98</sup>Carlos de Azevedo, op. cit.

<sup>99</sup>Anne de Stoop, op. cit., p. 68

<sup>100</sup>Idem, ibidem, p. 71; José Meco, O Azulejo em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, p. 227

<sup>101</sup>Para a descrição da quinta apoiámo-nos num trabalho realizado no âmbito da cadeira de História da Arte Portuguesa do Curso Superior de Turismo do I.S.L.A., por Maria Veneranda Canas Silva, filha dos actuais proprietários da quinta, a quem agradecemos.

<sup>102</sup>Anne de Stoop, op. cit., p. 49

<sup>103</sup>António Borges Coelho, "O rei vai travesti in Movimento Cultural, Ano 1, nº 1, Abril de 1985, Revista dos Municípios do Distrito de Setúbal, pp. 60-61

<sup>104</sup>Sobre esta quinta, ver também: AA. VV., Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, vol. III, Junta Distrital de Lisboa, 1963; AA. VV., Loures, Tradição e Mudança, I vol., Loures, 1986.

### Palácios e solares da zona de Azeitão

Esta é outra das zonas dos arredores de Lisboa, embora um pouco mais distante, que a aristocracia procurou desde finais da Idade Média, para aí construir as suas quintas de recreio. De clima ameno e rica em caça (na vizinha Serra da Arrábida), proporcionava ainda a proximidade do mar àqueles que a apreciavam, havendo ainda hoje, junto ao mar, o Penedo do Duque, memória do gosto que o Duque D. Álvaro, da Casa de Aveiro, tinha pela pesca.

Aqui se tinha estabelecido, ainda no século XVI, o filho de D. Jorge de Lancastre e neto de D. João II, D. João, que seria o fundador da Casa de Aveiro, cujo palácio - magnífica residência de planta em U - foi construído entre os finais do século XVI e os inícios do século XVII.

Dada a ligação dos Duques de Aveiro com a Espanha, após a Restauração, a Casa ficou sob administração da Coroa portuguesa, vivendo no palácio um almoxarife. De 1711 a 1715, foi administrador Manuel Lopes do Lavre e foi durante este período que D. João V aqui esteve hospedado por duas vezes. A primeira, em 1711, depois de uma doença, a 14 de Junho deixou o rei a Corte, em companhia dos Infantes seus irmãos e de alguns fidalgos. Foi de barco até Coima e daí seguiu para Aldeia da Nogueira. Nessa mesma tarde, visitou a igreja do Convento de S. Domingos e, no dia seguinte, o Convento da Arrábida. Dia 19, foi visitar Sesimbra e a 20 fez a sua entrada em Setúbal.

Alguns anos depois, em 1715, voltou D. João V a Azeitão, para se distrair de uma melancolia que o afligia. Em Azeitão, recuperou, fazendo passeios à Arrábida<sup>1</sup>.

Um pouco mais para ocidente, ficava a Quinta do Calhariz, da família dos Sousas, que, por volta de 1670, iniciaram a construção de um outro palácio, também de planta em U, e em cuja capela é certa a intervenção do arquitecto régio João Antunes. Aqui se hospedou também D. João V e a rainha D. Maria Ana de Áustria, quando da sua visita à fábrica de vidros de Coima e à quinta de António Cremer<sup>2</sup>.

Além destas duas importantes casas, outras residências serão construídas ou ampliadas durante o reinado de D. João V.

É o caso da Quinta de Má Partilha, dos Almadás da Casa da Índia - infelizmente muito modificada por sucessivos restauros - construída nos finais do século XVII e de cuja colecção faziam parte inúmeras obras de arte, conhecidas por um inventário de 1735<sup>3</sup>, feito após a morte de D. Francisco de Almada.

Nos meados do século XVIII, em 1748, era dono da Quinta do Alcube, o porteiro-mor José de Sousa e Mello<sup>4</sup>.

Outra quinta, situada próximo da Bacalhoa, passou na segunda metade do século XVII, para a família dos Césares de Meneses, senhores de Sabugosa, cujo nome conserva - Quinta dos Césares. A mesma família possuía um palácio a Santo Amaro, junto de Alcântara, ao qual também nos referimos. Vasco Fernandes César de Meneses, primeiro Conde de

Sabugosa, foi também vice-rei da Índia e do Brasil; seu filho, Luis César de Meneses foi Alferes-mor do Reino, vedor da Casa da Rainha D. Mariana de Áustria e deputado da Junta dos Três Estados<sup>5</sup>. No entanto, nesta casa de Vila Fresca poucos vestígios restam desta época.

Uma parte dos foros impostos em casas que existiam nas Ruas Direita e da Misericórdia, em Aldeia da Nogueira, pertencentes à Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de S. Lourenço, foram adquiridos em 1721 por António Macedo, capitão de ordenanças do limite de Azeitão. Foi neste local que o seu genro, coronel Fernando de Moraes Madureira Machado Pimentel, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, provedor da Misericórdia de Azeitão, construiu a sua casa<sup>6</sup>. Desta resta apenas o portão brasonado, na actual Rua da Misericórdia<sup>7</sup>.

Também os Condes de Povolide, descendentes de Tristão da Cunha, possuíam nesta zona um morgadio, de que era cabeça a Quinta da Torre, entre Aldeia Rica e Aldeia de Irmãos. O palácio da quinta ardeu em 1830, mas ainda está de pé o portão do pátio, encimado pelas armas dos Cunhas com a coroa de conde, envolvidas por frontão segmentar e ladeadas por duas grandes volutas, bem ao gosto barroco<sup>8</sup>.

Aqui também foi instituído, em 1721, o morgadio de Selir, em Aldeia Rica, cuja cabeça se instalou em casas que remontavam ao século XVI. O instituidor do morgadio foi Manuel da Silva Selir, filho de um tal João da Silva, das Caldas da Rainha, que se instalara em Salir do Porto como

pescador. Seu filho, Manuel da Silva, começou a vida como pescador, mas depois alistou-se na marinha real, tendo servido, entre 1691 e 1707, no Reino e na Índia e vindo a atingir o posto de Capitão de Mar e Guerra. A 20 de Março de 1710, recebeu o Hábito de Cristo. Quando terminou a sua carreira, instalou-se em Azeitão<sup>9</sup>.

Manuel da Silva Selir casou com D. Madalena Silva, de quem não teve filhos, mas casou um seu sobrinho, Ângelo, com uma sobrinha da esposa, D. Francisca Xavier de Castro, deixando-lhes todos os seus bens. Ângelo da Silva Maia de Selir, que viria a ser capitão de Ordenanças do termo de Azeitão, tornou-se em 1721 o primeiro morgado de Selir, possuindo além da chamada "casa nobre de Aldeia Rica", um pomar com vinha, defronte da casa, uma fazenda em Vale de Pereira, com vinha e um casal, que tinha por limite, a norte, as terras da Quinta da Torre, e a sul, os matos da coutada da Serra da Arrábida; dinheiro a juros; bens móveis de que faziam parte alguns objectos adquiridos no Oriente e ainda "diversos foros nos termos de Azeitão e Sesimbra"<sup>10</sup>.

O solar da chamada Quinta das Conselheiras, em Aldeia de Irmãos, frente à Ermida de S. Sebastião, foi construído no século XVII por Francisco de Carvalho, desembargador do Paço e Chanceler-mor<sup>11</sup>. Mais tarde pertenceu à família Novais de Campos, que lhe deve ter feito algumas alterações, já que, sobre o portão de acesso à quinta se vê o brasão desta família e a data de 1722<sup>12</sup>.

Para além de todas estas casas nobres que são anteriores ao período joanino, embora possam ter algumas intervenções decorativas da época, aqui foi construída uma das mais originais casas de recreio do século XVIII: a da Quinta da Conceição, em Aldeia de Irmãos, mandada fazer por António Cremer, Almirante das Províncias Unidas, que tinha vindo para Portugal durante a Guerra da Sucessão de Espanha. Aqui casou e se estabeleceu, tendo construído esta casa logo após a assinatura da paz, conforme consta de uma inscrição colocada no exterior da casa, sobre a porta da capela:

"D.O.M. / Nec non / Intemeratoe conceptioni / immaculatoe Virginis deiparoe / Sacellus hoc / D. mes Antonius Cremer / Ordinis Christi eques / rei archithelassicae / Unitarum Belgii regionum / ab omnibus negotiis in Lusitania / Ut et / uxor egus carissime / D.<sup>na</sup> Catharina Sophia Van Zeller / erexerunt / in devotionem tum propriam quam vivinorum / praetereu edificarunt adjunctas oedes / ad otium proprium /ae / quos Numen benigne concedat / ad vitam quictam posterum / quam ob rem hostum quoque hic plantorunt / ipsis kalendis meii CI)I)CCXV /quando pax publicaretus / inter Lintanian et Hispaniam / lapis fundamentalis positus est / ae die VIII sptembris ejusdem anni / prima cerimoniae / ibi religiosissime sunt habitoe / Accipe Virgo tibi quas sacravimus aras / nec espernas parvum Diva benigna donum"<sup>13</sup>.

Cremer, que estará à frente das duas fábricas da pólvora construídas no reinado de D. João V - a de Alcântara em 1725 e a de Barcarena, em 1729 - era senhor de um

morgadio que, segundo as *Memórias Históricas de Azeitão*, compreendia as quintas da Conceição e do Perú<sup>14</sup>. A casa da quinta do Perú sofreu grandes alterações, mas ainda se conhecem inscrições aí existentes, como a da fachada oriental, que dizia: "Ego Antonius Cremer plantavi, Apollo rigavit, sed Deus incrementum dedit"<sup>15</sup>. Uma outra inscrição existe numa casa de inícios do século XX, junto à fonte de Oleiros, em cujo resguardo da varanda se vê uma lápide emoldurada, onde se lê: "Em Holanda me armei de caçadora / e, vagando por bosques dilatados, cheguei, de varios climas Uencedora, / á fermosa delicia d'estes prados, / adonde da fragrante e belle Flora / docemente bemquista nos agrados, / faço por circunstâncias tão discreta, ocioza justamente aljava e seta"<sup>16</sup>.

Se da quinta do Perú, reconstruída no nosso século, pouco mais resta que a memória deixada por estas inscrições, a casa da Quinta da Conceição mantém-se próxima do que era quando António Cremer a fez construir, à parte algumas adaptações às necessidades modernas, já que continua a funcionar como casa de lazer<sup>17</sup>.

É uma casa de planta em U, colocada numa pequena elevação, pelo que a comunicação com a quinta fronteira se faz por escadaria de pedra com corrimão adornado de pináculos nos patamares; uma outra escadaria, nas traseiras conduz ao tanque e a outras zonas da quinta; o acesso faz-se pelo lado esquerdo da casa, existindo ainda um portão de quinta com frontão segmentar que nos conduz a um amplo

terreiro, para o qual se abrem algumas dependências agrícolas. A casa tem dois pisos nas fachadas laterais e posterior, sendo o inferior destinado a cozinhas e serviços. Esta zona tem acesso directo por uma porta de arco abatido, inserida num pequeno alpendre, cuja cobertura é a varanda saliente da janela central do piso nobre, a única de sacada. Ao longo desta fachada posterior existe um corredor baixo e iluminado por pequenas janelas rectangulares, que estabelece ligação entre a cozinha e outras dependências do piso inferior.

A fachada principal é a que tem maior interesse: de um amplo terreiro delimitado por um murete que separa a casa da quinta, sobe-se por umas escadas até um terraço que fica à altura do piso nobre, limitado por pequenas escadas de acesso às zonas mais avançadas da fachada; nas faces das escadas que enquadram o terraço, estão dois curiosos painéis de azulejo de formato trapezoidal, representando dois cães, que nos evocam os mosaicos colocados à entrada das casas romanas. Do lado esquerdo, o cão sai da casota e à sua frente lê-se: HOSTEM / LATRATV / PRODE / SONORO. À direita, o cão está preso a uma corrente e a inscrição diz: AMICE / PRENSVS SVM / SEDE PERICVLUM / OFFERO. Santos Simões atribui estes azulejos a oficina lisboeta da primeira metade do século XVIII, considerando a fraca qualidade do desenho - quase popular - embora os julgue reproduções de gravuras estrangeiras<sup>18</sup>.

A parte central da fachada, saliente, é encimada por uma pequena torre-lanterna, aqui apenas com função decorativa, evocadora da arquitectura holandesa. A torre é de secção poligonal e apresenta uma agulha, à volta da qual está a roda de navalhas de ferro, símbolo do martírio de Santa Catarina, homenagem à esposa de António Cremer. A porta é encimada por cornija saliente, tendo na verga a inscrição CONCEYÇÃO. Sobre a cornoija, um nicho elíptico, em embrechado da Arrábida, onde foi colocada uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. O conjunto é envolvido por um arco de volta perfeita, de cantaria, apoiado em pilastras. A parte central da fachada é coroada por um frontão triangular, apoiado em dois pares de pilastras lisas. O frontão é interrompido por uma espécie de brasão que ocupa a zona central do tímpano, onde estão representadas duas âncoras cruzadas, em relevos com três PP nos intervalos e por baixo a legenda VIGILATE DEO / CONFIDENTES; é certamente alusivo ao posto de almirante que tinha António Cremer. Este brasão é rematado por uma cornija sobre a qual assenta um leão deitado sobre canos de canhão, segurando numa das patas um feixe de setas em ferro; será alusivo ao papel que Cremer teve no fabrico da pólvora em Portugal. De cada lado do frontão, um pouco recuados, estão dois pedestais onde assentam acrotérios de forma bulbosa, terminados em esfera.

De cada lado deste corpo central vêm-se dois corpos recuados, coroados por mansardas, com janelas de guilhotina. Do lado direito, situa-se a porta que dá acesso à pequena

capela, sobre a qual se encontra, em moldura rectangular, a inscrição já referida.

Interiormente, a capela reduz-se a uma pequena sala rectangular, em cujas paredes existem duas telas, uma representando Santa Catarina e outra a Virgem, ambas do século XVIII. O mais interessante é a decoração azulejar, em silhares de oito azulejos de altura, divididos em painéis que de um lado representam cenas da vida e martírio de Santa Catarina e, do outro, milagres de Santo António, consequentemente alusivos aos santos padroeiros dos senhores da casa, Catarina e António. O frontal de altar é também em azulejo (7 x 13), com cercadura de acantos enrolados, envolvidos exteriormente por uma imitação de renda e tendo na cercadura superior interna uma franja. Ao centro está um medalhão elíptico com a Senhora da Conceição e o Padre Eterno, também com moldura barroca. De cada lado do frontal, existe ainda um friso com dois azulejos e meio de largura, com anjinhos e grinaldas. Santos Simões atribui também estes azulejos ao monogramista P.M.P. e considera-os mais tardios que a capela, nunca anteriores a 1725<sup>19</sup>.

Do lado esquerdo da fachada, simétrica com a capela, existe outra porta sobre a qual se vê um brasão em baixo-relevo, com moldura também rectangular. Joaquim Rasteiro descreve-o deste modo: "Escudo partido em pala; na primeira uma ave, como cegonha, sustenta no pé direito erguido uma pequena esfera; na segunda, em baixo, um pequeno pássaro, a meio uma estrela de cinco raios mais acima dois outros

pássaros e no canto superior esquerdo um lis<sup>20</sup>. Provavelmente trata-se do brasão dos Van Zeller, dado que o partido de flor-de-lis foi a diferença concedida a Rolando Van Zeller, tio-bisavô de Catarina Sofia, cujas armas foram confirmadas por D. Pedro II e D. João V, a que se acrescentou o brasão dos Cremer<sup>21</sup>.

Interiormente, de interesse existe o vestíbulo e o salão nobre. Passando a porta principal, entra-se num amplo vestíbulo rectangular, no centro do qual um nicho dá acesso a uma pequena escada íngreme, que desce para a zona de serviços. É coberta com abóbada de arco abatido e foi restaurada no século XX, sendo então decorada com pinturas pompeianas (de António Lino). Mantém, no entanto, o silhar de azulejos de formato trapezoidal, correspondendo à forte inclinação do pequeno lanço de escadas; são azulejos de figura avulsa, tipo «estrelinha», com cercadura. No vestíbulo e corredores, mantém-se um rodapé de três azulejos de altura, sendo a fiada central de figura avulsa e as exteriores de cercadura.

O referido arco de acesso às escadas é enquadrado por pilastras de talha dourada, com motivo estilizado, semelhante à cercadura de azulejo, encimadas por mísulas com acantos, que sustentam duas figuras idênticas de cada lado, representando um caçador com a respectiva espingarda. Estas personagens parecem ter papel idêntico ao das figuras de convite, não sendo inédito que surja a espingarda em vez da alabarda<sup>22</sup>.

O salão nobre ocupa parte da ala esquerda da casa e tem tecto de masseira pintado de cor lisa clara e rodapé de três azulejos de altura, com figura avulsa e cercadura, interrompida por painéis heráldicos de 3 x 3 azulejos. Nos topos da sala, as composições atingem onze azulejos de altura, igualmente representando brasões: do lado sul, um castelo com três torres, com dois leões rampantes, e do lado norte, três carneiros (ou vitelos?). As quatro composições heráldicas do rodapé apresentam também um castelo embandeirado, ladeado por leões rampantes. Estes brasões são certamente de famílias de origem holandesa ou germânica<sup>23</sup>. Santos Simões considera todos estes azulejos da mesma época dos da capela; no entanto, se compararmos as cercaduras, verificamos que as da capela são mais elaboradas, mais pictóricas, com várias gradações de tom, entre o azul e o branco; a cercadura que envolve as figuras avulsas é mais simples, apenas desenhada, a branco sobre fundo azul e contornos azuis; é possivelmente da mesma oficina que os azulejos do terraço.

Nada se sabe quanto ao autor desta casa, mas dadas as características da torre-lanterna da fachada, é provável que fosse desenhada pelo próprio António Cremer. Quer exterior, quer interiormente, a casa apresenta uma articulação movimentada, quer na fachada, que avança e recua, quer nos desníveis que já se encontram no terraço e se repetem no interior, onde alguns degraus conduzem do átrio para o salão nobre e zonas de habitação.

De notar que a rainha D. Maria Ana de Austria, quando visitou a fábrica de vidros de Coima e foi ao Convento da Arrábida, foi ver "as duas quintas de António Kremer, em huma das quaes recebeu elle a S. Mag. e Altezas (o principe D. José e a infanta D. Maria) com huma salva de 9 peças de artilharia, e lhes offereceo um refresco"<sup>24</sup>. Não há, no entanto, confirmação da visita a esta quinta do próprio D. João V, como é tradição. A rainha e os principes pernhoitaram depois na vizinha quinta do Calhariz, de D. Francisco de Sousa, capitão da guarda alemã de Sua Magestade<sup>25</sup>.

NOTAS:

<sup>1</sup>José Cortez Pimentel, Arrábida, História de uma Região Privilegiada, Edições Inapa, 1992, p. 41

<sup>2</sup>Gazeta de Lisboa de 20 de Novembro de 1727 e de 4 de Dezembro de 1727

<sup>3</sup>A esta colecção, que abrangia sobretudo tapeçarias, pinturas e um leito de ébano, nos referiremos em capítulo seguinte.

<sup>4</sup>José Cortez Pimentel, "A Cruz das Vendas. Um valioso cruzeiro legendado do século XV" in Jornal Azeitonense, nº 4, Janeiro de 1984

<sup>5</sup>Idem, Arrábida, op. cit., p. 89

<sup>6</sup>Idem, ibidem, p. 100

<sup>7</sup>Margarida Calado, Azeitão, Editorial Presença, Lisboa, 1993, «Cidades e Vilas de Portugal» nº 14, pp. 43-44

<sup>8</sup>José Cortez Pimentel, "A Quinta da Torre dos Condes de Povolide - Suas relações com a História de Azeitão e do País" in Jornal Azeitonense, nº 13, Janeiro / Fevereiro de 1985; Margarida Calado, op. cit., p. 50

<sup>9</sup>Joaquim Filgueiras Soares, "Aventuras de um Marinheiro" in Jornal Azeitonense, Novembro / Dezembro de 1984, nº 12

<sup>10</sup>José Cortez Pimentel, "As casas nobres do Morgadio de Selir em Aldeia Rica" in Jornal Azeitonense, nº 8, Junho de 1984

<sup>11</sup>Idem, Arrábida, op. cit., p. 98

<sup>12</sup>Margarida Calado, op. cit., p. 56

<sup>13</sup>A tradução desta lápide, feita por Joaquim Rasteiro, encontra-se num pequeno quadro no interior da capela, onde se lê: "D. António Cremer, Cavaleiro da Ordem de Cristo, almirante dos Países Baixos, encarregado geral dos negócios de Portugal, e sua mulher muito querida, D. Catarina Sofia van Zeller, tanto para satisfazerem a própria devoção como a dos vizinhos, levantaram este pequeno templo a Deus bom e grande e à pura Conceição da Imaculada Virgem Mãe de Deus. Edificaram mais as casas juntas para seu repouso e plantaram o jardim. Oxalá os seus descendentes possam gozar tudo em descanso. A pedra fundamental foi lançada no primeiro dia de Maio de 1715 depois da publicação do tratado de paz entre Portugal e Espanha e no dia 8 de Setembro do mesmo ano tiveram lugar os primeiros ofícios religiosos. Aceita ó Virgem, estes altares que te consagramos e não desprezes, Deusa Benigna, a pequena dádiva".

<sup>14</sup>Memórias Históricas de Azeitão, Cód. 208 dos Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa

<sup>15</sup>Joaquim Rasteiro, "Noticias Archeologicas da península da Arrabida" in O Archeologo Português, vol. III, nº 1 e 2, pp. 1-48, Janeiro e Fevereiro de 1897

<sup>16</sup>Margarida Calado, Azeitão, op. cit., p. 54

<sup>17</sup>O actual proprietário é o Dr. José Madeira Rodrigues

<sup>18</sup>J. M. dos Santos Simões, Azulejaria Portuguesa do século XVIII, op. cit., p. 378

<sup>19</sup>Idem, ibidem, p. 379

<sup>20</sup>Joaquim Rasteiro, op. cit., p. 14

<sup>21</sup>Sobre a heráldica da Quinta da Conceição, agradecemos as informações que nos foram dadas pelo Dr. Farinha Franco do Departamento de História da Universidade Nova de Lisboa e pelo Dr. José Krohn.

<sup>22</sup>Isso acontece, por exemplo, com os dois porteiros da capela do palácio do Correio-mor, em Loures

<sup>23</sup>Ver nota 21. Recordemos a retratística holandesa do século XVII, nomeadamente de Frans Hals, onde estes brasões acompanham por vezes o retratado.

<sup>24</sup>Notícia da Gazeta de Lisboa de 4 de Dezembro de 1727, referente a 13 do mês de Novembro; Margarida Calado, Azeitão, op. cit., p. 62

<sup>25</sup>Notícia da Gazeta de Lisboa de 20 de Novembro de 1727, confirmada em 4 de Dezembro

## ALGUNS EXEMPLOS DE CASAS NOBRES NA REGIÃO SUL

Portalegre

### Casa nobre da Rua dos Arcos, Alter do Chão

Características - É uma casa do século XVIII, típica desta região: tem dois pisos, o térreo com duas portas e quatro janelas, e o andar nobre com seis janelas de sacada, com grades de ferro. As vergas e cantarias são de granito.

### Solar da Quinta do Álamo, Largo da Barreira, Alter do Chão

Características - É uma casa mandada construir no século XVII (1649), mas que foi reconstruída em 1732.

De notável, conserva tectos pintados e silhares de azulejos do século XVIII.<sup>1</sup>

### Casa Amarela, Castelo de Vide

Proprietários - Pertenceu à família Topete Mouzinho.

Características - É uma casa característica do século XVIII, com três andares de dois vãos cada e estípites nos cunhais. No andar térreo, está a porta e janela quadrangular; o piso nobre tem janelas de peitoril, mais amplas, rectangulares, e no último piso as janelas são mais pequenas. Todos os vãos estão ligados por cantarias decoradas, associando o avental de cada janela com o remate do vão inferior.

### Paços do Concelho, Castelo de Vide

Características - É uma casa nobre típica do início do século XVIII, de planta rectangular, com três fachadas. As laterais têm, no piso inferior, uma porta com frontão e duas janelas de peitoril; no andar nobre, estão três janelas de sacada com gradeamento de ferro forjado. Na fachada norte, existe uma galeria que se abre por dois arcos de volta perfeita. É aqui que se encontra a porta principal, com o brasão de armas de Portugal, sobre a cruz de Avis.

Em frente a esta porta, uma escadaria fechada por porta de ferro forjado, conduz a um patim onde se bifurca em dois lanços que dão acesso a um eirado onde se abrem as portas da Sala das Sessões. Os corrimãos da escada são ornamentados com pirâmides de granito. Nesta fachada, no eixo central, junto ao telhado, existe um frontão de granito, que tem no centro, em mármore, as armas de Castelo de Vide.

A torre do relógio, situada na parte posterior, é quadrangular, com cunhais de granito e quatro coruchéus ladeando uma cúpula em forma de pirâmide oitavada.

Na parte nascente da torre, está uma lápide com a inscrição: "Esta torre se fez à custa do povo sendo juiz de fora Pedro Tavares dos Santos e deputado Antonio Rodrigues Mousinho Castelo Branco e Ignacio Cardoso Castelo Branco anno de 1721".

Na Sala das Sessões, o tecto tem pintadas as armas da vila e possui um conjunto de cadeiras de couro com pernas

abauladas e de garras, que devem ser também do início do século XVIII.

Sob a abóbada dos arcos existe também uma inscrição onde se lê: "Reidificarão estas cazas com os rendimentos das ervagens sendo juiz de fóra e deputados os q. mandarão fazer a torre ano de 1721".<sup>2</sup>

#### Casa nobre da Rua do Arco, nº 3, Crato

Características - A entrada desta casa é ladeada por colunas jónicas, em cujos capitéis assentam duas mísulas que suportam o balcão superior. De cada lado da entrada estão duas janelas, uma das quais junto às colunas. A fachada é limitada por meias pilastras caneladas e no andar nobre estão seis janelas com frontões. Ao centro há um óculo ovalado com um pequeno frontão.

A direita desta casa, existe outro edifício da mesma época, arruinado. No edifício da esquerda, reconstruído ainda existe uma lápide com brasão e uma inscrição, onde se lê: "Francisco Carneiro da Gama 1727".<sup>3</sup>

#### Solar da Família Avilez, Portalegre

Características - É actualmente sede do Governo Civil. Trata-se de um edifício do século XVIII, com a fachada dividida em cinco panos por cunhais de cantaria. O corpo principal, saliente, é rematado por frontão com dois pináculos. Nos cantos do edifício elevam-se dois torreões, com janelas e óculos.

A porta principal tem a verga decorada e duas mísulas que suportam o balcão da janela central do andar nobre. Além desta existem outras quatro janelas com balcões e frontões interrompidos e duas de sacada com frontões direitos.<sup>4</sup>

Os dois lanços da escadaria estão decorados com silhares de azulejos com cenas de caça.

Na sala das Sessões, existem silhares recortados, azuis, com molduras *rocaille*, alguns representando cenas de jardim e paisagens, com cenas de género, como uma vaca a ser ordenhada, pormenor que aponta para inspiração em gravuras flamengas. Santos Simões datou-os de cerca de 1750.<sup>5</sup>

#### Casa nobre (E. S. Mousinho da Silveira)

É um edifício do século XVIII, com dois pisos, tendo o andar térreo portas e janelas com guarnições de cantaria. No andar nobre, um balcão com grade de ferro assente em mísula e duas janelas entre as quais se vê um medalhão com volutas, contendo o escudo esquartelado dos FONSECAS, SOUSAS, TEIVES e ACCIOLI. A escadaria é decorada com silhares de azulejos policromos, já da segunda metade do século XVIII.

Casa nobre dos Condes de Melo, Largo da Madalena,  
13, Portalegre

Características - É uma casa construída em meados do século XVII e ampliada no século seguinte. A decoração é

baseada em cunhais e silhares de granito aparelhado. No piso térreo, as janelas são de peitoril e as portas com ombreiras e vergas direitas. As janelas do andar nobre assentam numa faixa de blocos aparelhados com rosáceas e molduras. A meio da fachada, com seis janelas idênticas, está um florão de alvenaria, com concheados, envolvendo o brasão dos condes de Melo.

Casa nobre do Largo de Sto Agostinho, 11, Portalegre

Características - Edifício do século XVIII, com portal largo, com pilastras entre molduras, cujos capitéis servem de suporte a um balcão. Neste abrem-se duas janelas em arco de volta perfeita. A parte superior da fachada, em semi-círculo, apoia-se em cunhais de granito aparelhado. Ao centro está um florão com o escudo esquartelado dos Viscondes de Portalegre.

Casa nobre, R. da Figueira, nº 1, Portalegre

Características - É uma casa da primeira metade do século XVIII, com portal enquadrado por pilastras caneladas que suportam um frontão de espaldar alto, concheado, onde estão, num florão, as armas dos Castelo Branco.

Casa nobre dos Condes de Sampaio, R. dos Besteiros, 6, Portalegre

Características - É uma casa do século XVIII, de influência italiana. Tem dois pisos, sendo o inferior com

duas portas e duas janelas de grades, e o superior com quatro janelas com guarnições de granito, combinadas com decorações de alvenaria e estuques. Cimalha, sanca e cunhais são de granito.<sup>6</sup>

Évora

Paco dos Melos de Carvalho, Largo Alexandre Herculano

Proprietários - O corpo principal do edifício foi terminado no século XVIII, devido às reformas principiadas pelo Coudel-mor da Comarca, por mercê de D. João V, Álvaro José de Carvalho, e concluídas por seu filho, Francisco Jácome Ferreira de Carvalho, mestre de campo e capitão-mor de Évora.

Características - O portal do pátio, com as armas e a data de 175?, tem frontão e pináculos laterais, situando-se no eixo de duas janelas de granito.

A escadaria de acesso ao piso nobre é de pedra, suportada por murete de balaústres do século XVIII.

No oratório, conserva-se um frontal de altar de quadamecim cordovês, do final do reinado de D. João V.<sup>7</sup>

#### Casa nobre da Carreira do Colégio

Características - O edifício actual é obra de reforma dos séculos XVII e XVIII. Tem portal almofadado, de verga abatida, com moldura e remate com pináculos. As janelas são de sacada, com balcões de ferro forjado. O corpo

do terraço, que liga com a torre medieval, tem portas e janelas da época de D. João V, com vergas curvas e cornijas salientes em granito.<sup>8</sup>

Casa nobre da Trav. do Cordovil, 17

Características - No oratório, uma pequena capela, com nave e capela-mor, as paredes são forradas de azulejos datados de 1748, com temas alusivos à vida de S. Bernardo e outros eremitas, combinados com anjos e arquitecturas nas pilastras. Túlio Espanca considera-os de Policarpo de Oliveira Bernardes, ao que pomos reservas.

No jardim, está uma fonte de taça octogonal, em mármore de Estremoz, também do século XVIII.<sup>9</sup>

Casa nobre da R. de Machede

Características - A fachada conserva as cinco janelas de sacada, com cimalha de alvenaria e moldura de granito, e balcões de ferro com nós e pinhas estilizadas no remate.

A escada de granito desdobra-se em dois lanços e é ornamentada com azulejos de figura avulsa.

Nos dois salões principais, surgem frescos avulsos, representando mulheres toucadas de flores e anjos suportando cartelas barrocas. Ambas as salas são decoradas com azulejos, uns com dragões e grifos envolvendo vasos de flores, outros com albarradas e golfinhos. Serão, segundo

Túlio Espanca, do 2º quartel do século XVIII e da oficina dos Oliveira Bernardes.

A capela é de planta rectangular, coberta de abóbada de berço, toda pintada a fresco, com ornatos perspectivados, atlantes e anjos, ladeando quadros relativos a S. João Baptista e o Agnus Dei. No friso inferior, a grisalha, estão cenas místicas dos Evangelhos.

Azulejos com tabelas florais, sanefas e cariátides completam a decoração. Todo este conjunto é datável de cerca de 1725. 10

Casa nobre da Família Barahona, R. 5 de Outubro, 79

Características - Construída em meados do século XVIII, conserva as características da época joanina, com frontaria de nove janelas de sacada, em granito, com vergas curvas. O vestíbulo, coberto por abóbada de aresta, comunica com um pequeno pátio onde surge a escadaria de um só lanço, decorada com painéis de azulejos perspectivados, com cenas de caça, e molduras recortadas, separadas por urnas, datáveis de cerca de 1750. 11

Casa da R. do Conde da Serra da Tourega, nº 22

Características - É uma casa setecentista, com fachada guarnecida com janela de sacada, com base e jambas de granito. A pilastra sul tem a data de 1749. No prospecto, um painel de azulejos representando S. Francisco de Borja, com moldura rococó. 12

Casa nobre da Rua do Paco

Proprietários - Fundação da Família Baldeira dos Reis.

Características - A fachada principal tem cinco janelas de sacada, no piso nobre, e duas de peitoril, no piso térreo, sendo a central mais elevada, sobre a porta, de arco abatido, ladeada por pilastras almofadadas, terminadas por pináculos barrocos. As vergas das janelas, de molduras reentrantes, têm dintéis de volutas e frontões semicirculares, de granito. Os balcões de ferro forjado, são de balaústres cilíndricos. A capela é também setecentista e é enriquecida por lâminas de pintura em cobre, tela e vidro, além de imaginária em marfim, madeira e terracota.<sup>13</sup>

Faro

Solar da Família Carvalhal (ou das Acafatas), R. de Santo António

Características - É uma casa de dois pisos, com quatro janelas rematadas por cornija e gradeamento do século XVIII, de cada lado da janela central, no eixo da porta, e como esta enquadrada por ornamentos em voluta. De cada lado da porta, está uma pequena janela.

O brasão que está sobre a janela central, é esquartelado: no 1º quartel, leão rompante; no 2º, cruz floreada; no 3º, cinco estrelas de oito pontas; no 4º, nove lisonjas, na ordem 3-4-2; coronel de nobreza,

características que nada têm em comum com a família Carvalhal.<sup>14</sup>

Solar do Capitão-mor, Est. Nac. 125

Características - É um edifício arruinado, de dois pisos, tendo o andar nobre quatro janelas de sacada com cornija e grades, ainda ao gosto do século XVII. No piso inferior, abrem-se quatro portas.

No interior, o piso térreo era um armazém corrido; o superior tem oito divisões, ligadas sem corredor.

Ao lado do solar fica a capela, saliente em relação à fachada, com portal encimado por cornija e óculo. Sabe-se que esta capela data de 1740 e foi fundada pelo desembargador Veríssimo de Mendonça Manoel.

A família Manoel habitou este solar até 1751, altura em que se mudou para a cidade.<sup>15</sup>

Casa do Compromisso Marítimo, R. de S. Pedro / R. do Compromisso

Características - Embora esta associação remonte a 1432, a casa actual tem características do século XVIII, nomeadamente nas cantarias e varandas com cornija e grade de ferro. Quanto ao nicho que encima a porta, também com cornija, parece enquadrar-se no gosto maneirista, sendo ainda do século XVI ou XVII.

Do lado da Rua do Compromisso, ainda existem dois vãos em arco de volta perfeita.

No interior, no topo da escadaria, ainda se conservam três portas setecentistas, almofadadas, que dão acesso às duas salas mais importantes do edifício. Na da direita, ao centro do tecto apainelado, está uma pintura do século XVIII, representando o protector dos mareantes, S. Pedro Gonçalves. Por cima, está uma caravela, e em baixo, uma legenda, onde se lê: "São Pedro Gonçalves a quem todos os navegantes nas tempestades com viva fé invocamos Corpo Santo à Estrela do Mar Tempestuoso, o qual os mareantes desta cidade de Faro na própria Casa de todos à sua custa feita o tem por orago. 1712".<sup>16</sup>

NOTAS:

- <sup>1</sup>Luis Keil, Inventário Artístico de Portugal, I - Distrito de Portalegre, A.N.B.A., Lisboa, 1943
- <sup>2</sup>Idem, ibidem; J. A. Ferreira de Almeida (coord.), Tesouros Artísticos de Portugal, Ed. do Reader's Digest, Lisboa, 1976
- <sup>3</sup>Luis Keil, op. cit.
- <sup>4</sup>Idem, ibidem
- <sup>5</sup>Santos Simões, Azulejaria Portuguesa do Século XVIII, F. C.G., Lisboa, 1979, Elenco
- <sup>6</sup>Luis Keil, op. cit.
- <sup>7</sup>Túlio Espanca, A Cidade de Évora, nº 37-38, 1955-56, pp. 201-204; idem, Inventário Artístico de Portugal, VII - Évora (Cidade e Concelho), A.N.B.A., Lisboa, 1966
- <sup>8</sup>Idem, Inventário Artístico de Portugal, VII, op. cit.
- <sup>9</sup>Idem, ibidem
- <sup>10</sup>Idem, ibidem
- <sup>11</sup>Idem, ibidem
- <sup>12</sup>Idem, ibidem
- <sup>13</sup>Idem, ibidem
- <sup>14</sup>José António Pinheiro e Rosa, Monumentos e Edifícios Notáveis do Concelho de Faro, Câmara Municipal, Faro, 1984
- <sup>15</sup>Idem, ibidem
- <sup>16</sup>Idem, ibidem

B. ZONA NORTE E CENTRO - BREVE REFERÊNCIA AS  
PRINCIPAIS CASAS NOBRES

Viana do Castelo

Casa da Amiosa, Valadares, Monção

Proprietários - Manuel Machado de Araújo, filho de João Barbeitos Padrão, Juiz de Fora da Ilha da Madeira, e de sua mulher D. Luisa Homem, casou com sua prima D. Maria Manuela Machado de Araújo e ele, ou o seu tio e sogro reformaram a casa, dando-lhe o aspecto actual.

D. João V, por carte de 26 de Fevereiro de 1734, concedeu-lhe brasão de armas: escudo partido em pala: na primeira as armas dos Machados, na segunda as dos Araújo. Timbre, dois machados de prata com cabos de ouro postos em aspa e por diferença uma brica de ouro com seu trifólio preto.

Características - é uma construção talvez do segundo quartel do século XVIII, com dois pisos e fachada dividida por largas pilastras, com sete janelas de sacada no piso nobre (semelhante às da Casa do Hospital, da mesma época e região) e gradeadas no rés-do-chão, sendo a janela central sobreposta à porta de entrada, em cuja verga se destaca uma cruz de Cristo. No cunhal da esquerda, quase junto ao beiral, a pedra de armas da família.

Não tem escada exterior. Perpendicular à fachada, do lado direito, um corpo terminado em varanda alpendrada, talvez posterior, como o é o muro que delimita o terreiro.

Interiormente, tem vestíbulo com escada de pedra e tectos de madeira.<sup>1</sup>

Casa do Hospital, Ceivães, Monção

Características - Casa apalaçada de desenvolvimento linear, com ampla escadaria exterior com volutas, idênticas às da vizinha igreja de Valadares (datadas de 1749). Tem capela de fachada simples, com carácter seiscentista.<sup>2</sup>

Casa da Loureira, Gondarém, Vila Nova de Cerveira

Proprietários - Nos inícios do século XVIII, eram António José da Silva Vale, cavaleiro professo da Ordem de Cristo e sua mulher, D. Antónia de Faria de Sousa. Foram estes que provavelmente iniciaram a sua construção, completada por seu filho, José António de Faria e Sousa, já natural de Gondarém e sargento-mor de Vila Nova de Cerveira, que casou a 1 de Agosto de 1762, em Remelhe (Barcelos), com D. Maria Pereira Ferraz.

Características - Residência de planta em L, com o brasão de armas na entrada principal.<sup>3</sup>

Casa da Andorinha, S. Paio, Arcos de Valdevez

Proprietários - Afonso Pereira de Castro, fidalgo da Casa Real, Senhor da Casa da Andorinha e morgado da Grade, fez importantes obras na sua capela (que data de 1610), na igreja paroquial, em 1719.

A capela tem confessionário concedido por provisão de D. Rodrigo de Moura Teles, arcebispo de Braga, em 10 de Setembro de 1727.<sup>4</sup>

Casa do Requeijo, Giela, Arcos de Valdevez

Características - Casa de meados do século XVIII, de desenho sóbrio, seguindo o tipo de duas torres ligadas por um corpo mais baixo. O piso térreo é de arrecadações e as cantarias são lisas, embora as vergas das janelas do piso nobre sejam mais largas. De um a outro extremo da fachada corre uma varanda. As torres são coroadas por cubos com esferas e as gárgulas, nos cantos, em canhão.<sup>5</sup>

Torre de Aguiã, Arcos de Valdevez

Proprietários - João da Rocha Brito e Aguião inaugurou a capela da sua casa em 1744, segundo o «Mercúrio de Lisboa».

Características - A torre é provavelmente do século XIV, sendo-lhe acrescentado no século XVIII, um corpo central com arcada dupla e duas escadarias simétricas, perpendiculares à fachada. A Torre com ameias está centrada, solução idêntica à que Nasoni usou na Casa de Ramalde.<sup>6</sup>

Casa da Granja, Argozelo, Ponte de Lima

Características - A capela próxima tem a data de 1715. A casa é de dois pisos, sendo o inferior de arrecadações. Tem uma torre coroada por pirâmides

monumentais, escadaria exterior e corpo anexo com varanda de balaústres e arcada dupla.<sup>7</sup>

Casa do Ferreira, Faldejães, Ponte de Lima

Proprietários - Na segunda década de 700, Gaspar da Gama Araújo e Azevedo e sua mulher, D. Maria das Neves Clara Isabel Maciel Pereira empregaram cabedais enviados do BRASIL por Domingos Maciel de Brito. Em 1718, já ali habitavam os proprietários, mas só em 1721 se obrigaram à fábrica da capela dedicada a Nossa Senhora da Estrela.

Características - Esta casa é uma das obras atribuídas a Manuel Pinto Vilalobos, mas que pode ser de sua influência.

Tem dois pisos, com sete vãos divididos em três corpos por pilastras toscanas gigantes; distingue-se pelas pedras - cunhas - apostas nas vergas das janelas e portas e que denunciam influência da arquitectura militar.

Esta mesma solução é adoptada na capela, com fachada enquadrada por cunhais rematados por pináculos. Tanto a porta como as janelas (uma de cada lado e outra por cima) têm as mesmas cunhas sobre as vergas. A fachada é encimada por frontão, no qual se vê um nicho com imagem.<sup>8</sup>

Casa de Nossa Senhora da Aurora ou do Arrabalde,  
Arrabalde de S. João de Fora, Ponte de Lima

Proprietários - João de Sá Sotomaior, Cavaleiro da Ordem de Cristo e Desembargador da Relação do Porto e da

Baía (Brasil), em 1741 instituiu o vínculo de Nossa Senhora da Aurora, tendo reconstruído a sua casa. Casou com D. Maria Joana de Lima Barreto da Gama Pacheco, herdeira de Félix Barreto da Gama, Fidalgo da Casa Real e Senhor do Morgado e Quinta de Bouça, em Geraz do Lima.

Características - Provavelmente do século XIV, a casa foi reconstruída no século XVIII pelo referido João de Sá Soto Maior, que também construiu a capela revestida de azulejos azuis e brancos, dedicando-a a Nossa Senhora da Aurora. A casa tem uma longa fachada de treze janelas de sacada assentes em cachorros de granito, tendo no cunhal da face que deita para a capela a pedra de armas.

A escadaria nobre parte do pátio de entrada e é obra atribuída ao engenheiro militar Manuel Pinto de Vilalobos, mas pode ser apenas de sua influência, como outras casas da região. O andar nobre tem várias salas e salões, de que se destaca a Sala da Índia, com uma mobília totalmente oriental. Os tectos são em caixotões de castanho, sendo de distinguir um oitavado, junto à capela onde faleceu o arcebispo de Braga, D. José de Bragança.<sup>9</sup>

#### Casa de S. Bento, Fontão, Ponte de Lima

Características - A casa da quinta parece não se ter chegado a construir, mas conserva o muro ameado e a pequena capela, datada de 1734, numa cartela da fachada. É o tipo de muro usado nas casas rurais do século XVIII. As portas laterais abrem directamente para o terreno à rectaguarda.<sup>10</sup>

Casa da Torre de Donas, Vitorino das Donas, Ponte de Lima

Proprietários - O edifício actual parece ter sido mandado construir por João de Abreu de Lima Logier, que andou nas guerras da Restauração, e foi terminado por seu bisneto, Gonçalo de Abreu Coutinho, por volta de 1780.

Características - É uma residência típica do século XVIII, com planta em L, sendo os dois corpos ligados por uma torre de três pisos, coroada por pináculos com esferas e com duas ameias em cada face, sobrevivência heráldica da arquitectura medieval. O terreiro é separado da estrada por um muro baixo, coroado por pináculos com esferas. O corpo principal é recuado ao centro, sendo ligado por varanda de arcaria com escada de balaústres de lanços duplos. O portão principal, com o frontão tipo «asa-de-morcego» pertencia ao Palácio do Freixo e é obra de Nasoni.<sup>11</sup>

Paço de Calheiros, Santa Eugénia de Calheiros, Ponte de Lima

Proprietários - Francisco Jácome Lopes Calheiro de Araújo, Mestre de Campo Auxiliar e Senhor da Casa, Morgado e Padroado de Calheiros e do Morgado de Anceda; fidalgo da Casa Real, familiar do Santo Ofício, casou com D. Maria Benevides Mendanha. Foi ele que, em 1700, desfez a velha torre encostada à Capela, para construir a casa, que ostenta hoje características de solar setecentista.

Características - Planta em L, vendo-se numa face uma escada larga conduzindo ao portal brasonado da capela, dedicada a S. Bento e um lanço de escadas que leva a uma ampla varanda de colunas, sustentada por dois arcos.

Na outra face está a fachada da casa, de três pisos, ladeada por torres e coroada por cornija, tendo nos ângulos pirâmides com esferas. As janelas são simples, de formato rectangular.

No interior da capela, está um retábulo de talha dourada, do tipo "nacional".<sup>12</sup>

Paço de Cardido, Brandara, Ponte de Lima  
Numa varanda que dá para o pátio, existe um painel de azulejos figurados, com barra de acantos, datáveis de cerca de 1730-40<sup>13</sup>.

Solar de Bertandos, Ponte de Lima

Proprietários - D. Sebastião Calheiros de Lancastre.

Características - São dois edifícios do século XVIII, ligados a uma torre, construída em 1566 por Inês Pinto. Manifesta a sobriedade arcaizante que caracteriza as casas desta zona.

O edifício mais alto e mais avançado é ele próprio enquadrado por duas torres simétricas, coroadas por pirâmides, com três andares sendo os dois superiores definidos por janelas de sacada, mas sendo as do meio, correspondentes ao piso nobre, coroadas por frontões triangulares. Sobre um rés-do-chão de janelas de peitoril com grades, assenta uma varanda alpendrada que une as duas torres.

A escada é colocada num ângulo, conduzindo a um patamar a partir do qual sobe lateralmente a uma das torres, assente em dois arcos de volta perfeita, de carácter arcaizante, e protegida por parapeito ornamentado por pináculos com esferas. A escada dá acesso a uma porta na fachada lateral, coroada por frontão quebrado.

O corpo mais baixo e recuado tem apenas dois pisos, sendo o superior igualmente definido por varanda alpendrada, que assenta em arcos que formam um pequeno átrio aberto de acesso ao rés-do-chão. No interior, existem salas ao gosto do século XVIII e capela da mesma época.<sup>14</sup>

Torre de Beiral, Ponte de Lima

Proprietários - Foi construída em 1733 por Fabião de Brito e Sousa, de acordo com inscrição aposta sobre a porta da torre.

Características - É uma típica casa-torre da primeira metade do século XVIII. A fachada, sóbria, tem acesso por grande escadaria exterior. A torre, de três pisos, tem no andar nobre, janelas coroadas por frontões quebrados, de tipo frequente no Minho, na primeira metade do século XVIII.<sup>15</sup>

Casa Barbosa Maciel (Museu), Viana do Castelo

O revestimento azulejar da capela está assinado por Policarpo de Oliveira Bernardes: "*Policarpus / aboliva Ber<sup>d</sup> / Pinxit.*

No palácio, existem alisares de azulejos, em cujos centros estão representadas caçadas, as quatro partes do mundo, jardins e fontes<sup>16</sup>. Estes azulejos são de outro autor e pertencem a outra época<sup>17</sup>.

Palácio dos Abreus Távoras, Viana do Castelo

Características - O edifício primitivo, que remontava ao século XVI, sofreu diversas alterações no início do século XVIII. É desta época a capela, cuja reconstrução se deve a Manuel Pinto Vilalobos.

É um edifício de dois pisos, com janelas de frontão triangular no piso nobre. No eixo central, um frontão curvo

interrompido acentua-lhe o eixo. As janelas do andar térreo e do piso nobre são tratadas como uma só peça.

A capela é individualizada, mostrando a importância social dos encomendantes. Tem pilastras almofadadas nos cunhais e o brasão sobre o portal. No enfiamento das pilastras, vêem-se pináculos que enquadram uma edícula na qual se abre um janelão e que é apoiada por aletas<sup>18</sup>.

Palácio de João Bezerra de Abreu, Campo da Penha,  
Viana do Castelo

Proprietários - Foi iniciado por João Bezerra de Abreu, em 1705, e continuado por seu sobrinho, Luis Gomes de Abreu.

Características - Tem influências de Vilalobos, nos seus dois andares com onze vãos repartidos em cinco tramos, separados por pilastras emparelhadas. As janelas têm frontões triangulares no piso nobre e contracurvados no térreo, com aventais espiralados<sup>19</sup>.

Braga

Casa da Torre, Soutelo, Vila Verde

Proprietários - Viscondes da Torre, que a legaram à Companhia de Jesus.

Tem na capela uma inscrição de 1743, referente a D. João da Silva Ferreira, bispo de Tânger.

Características - Repete o esquema da casa-torre de meados do século XVIII, embora lhe fossem acrescentadas mansardas no final do século, que tomaram o lugar de algumas ameias chanfradas. Tem escadaria exterior na fachada principal.<sup>20</sup>

Casa do Bemfeito, S. Martinho de Vila Frescainha, Barcelos

Proprietários - Também conhecida por Casa dos Matos Graça, foi erguida em meados do século XVIII, por licença camarária concedida em 1742, por António de Matos Faria Barbosa.

Características - Constituída por três corpos - residência, capela e pátio com muro ameado - a planta desenvolve-se à volta de um pequeno pátio central e, à entrada, tem um átrio donde parte uma escadaria que no patamar se bifurca em dois lanços.

A fachada posterior tem varanda com alegretes e duas pequenas estátuas que ladeiam a escadaria que desce para o jardim.

A pedra de armas ostenta os apelidos Matos, Almeida, Barbosa e Faria.<sup>21</sup>

Casa de Santo António de Vessadas, Barcelinhos, Barcelos

Proprietários - Em 5 de Abril de 1726, foi a propriedade comprada a Martim de Távora e Sousa por Pedro do Vale Vessadas, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, recebedor dos quintos do Brasil, donde regressou com grande fortuna. Tendo então comprado esta quinta, aí construiu a casa actual e, com as terras que comprou aos herdeiros de D. Joana Machado, aí instituiu um vínculo e morgado, em 17 de Setembro de 1754, com a obrigação dos seus administradores se apelidarem de Vessadas.

Características - É um edifício sóbrio, com corpo principal de dois pisos. O portão de ferro forjado abre para um terreiro defronte da casa. No jardim, de canteiros de buxo, está uma fonte armoriada de 1753.<sup>22</sup>

Torre dos Azevedos, Lama, Barcelos

Proprietários - Condes de Azevedo.

Características - É um edifício quinhentista (1536), que sofreu alterações no século XVIII, época em que foi construído um corpo anexo. Na sala residencial da torre, rasgou-se, também no século XVIII, uma bela varanda com colunata sobre o jardim.

Tem uma sala guarnecida com azulejos, de cerca de 1740, com cenas guerreiras, consideradas referentes à vida de S. Tiago<sup>23</sup>, ou historiando feitos dos senhores da casa<sup>24</sup>. O tecto desta sala é de madeira dourada e policromada, assente em mísulas trabalhadas<sup>25</sup>.

#### Casa dos Biscainhos, Braga

Datando do século XVII, esta casa sofreu obras importantes durante o século XVIII. Em 26 de Novembro de 1712, Francisco Pereira da Silva, deão da Catedral, assinou um contrato com o mestre pedreiro Manuel Fernandes da Silva, para aumentar a casa segundo um modelo de papelão executado para o efeito.

O edifício actual resulta, portanto, destas campanhas de obras e de outras posteriores. É uma residência urbana com escadaria interior, em que é possível o acesso de cavalos e carruagens ao rés-do-chão. A zona destinada aos cavalos, lageada com curiosa geometria comunica com o resto da casa por grandes arcadas de granito, separadas por pilastras rematadas superiormente por mísulas, sobre as quais se vêem alabardeiros e lacaios, em granito, alguns dos quais, vestidos ao gosto do século XVIII, nos evocam as «figuras de convite» que caracterizavam a azulejaria dos palácios da zona de Lisboa.

É desta campanha de obras que data a decoração azulejar do século XVIII. Os azulejos da escadaria, representando caçadas, são atribuídos à oficina de António

Vital Rifarto, a mesma oficina que terá realizado os da capela de S. Roque, em Vila do Conde.

No salão nobre, uma das divisões construídas em 1712, encontra-se um silhar com cenas galantes, em jardins, com as damas penteadas à *la fontange*, possivelmente de cerca de 1725 e do monogramista P.M.P., que também realizou os da Casa do Cabido da sé do Porto.

Notável é igualmente a pintura do tecto, datada de 1724 e comemorando o centenário do martírio do bem-aventurado, Miguel de Carvalho, tio de Constantino Ribeiro, que instituiu o vínculo no século XVII. É uma composição barroca que mostra, ao centro, o mártir queimado a fogo lento pelos Japoneses. Os cantos são guarnecidos de talha, com folhagens barrocas onde brincam anjinhos.

As restantes divisões da casa sofreram alterações posteriores, assim como os jardins que devem ter sido refeitos no final do século XVIII<sup>26</sup>.

#### Casa de António de Felgueiras Lima, Braga

Proprietário - Existem quatro contratos para a obra, sendo o primeiro de 29 de Dezembro de 1723. As casas foram encomendadas pelo Padre João Alves Seixas, procurador de Felgueiras Lima, e sabe-se que em 1725 ainda às obras não tinham arrancado.

Características - Esta casa tem sido atribuída ao pedreiro bracarense Manuel Fernandes da Silva, mas deriva de um projecto orientado por Manuel Pinto Vilalobos. Este

figura como primeira testemunha num contrato assinado com os pedreiros a 14 de Março de 1725.

A fachada é de dois pisos com balaustrada, dividida em três panos por cantarias almofadadas, tendo duas janelas em cada pano, sendo as do piso superior coroadas por frontão triangular<sup>27</sup>.

Casa do Banhadouro (ou do Vinhadouro), Besteiros, Amares

Características - Casa do século XVIII, cuja capela da invocação de Santa Ana, completamente arruinada, apenas conserva as campas dos Senhores da casa.

Casa do Carvalho, Besteiros, Amares

Proprietários - Tem, sobre o portão, um escudo esquartelado com armas dos Soares de Toledo, Castro de Trese e Barros e Pereira, datado de 1750.

Características - A capela, da invocação de S. Bento, foi também mandada edificar em 1750.

Casa de Santo António, Besteiros, Amares

Proprietário - Foi construída por António Fernandes da Silva, cujo brasão foi concedido por carta de 24 de Agosto de 1748.

Características - É uma construção do século XVIII, de grande simplicidade, de que se destaca a capela dedicada a Santo António. Sobre a porta, entre dois óculos

elípticos, está o escudo partido de Silva e Ferreira, ali colocado cerca de 1748<sup>28</sup>.

Casa de S. Veríssimo, Figueiredo, Amares

Características - O portal, reconstruído depois da abertura da nova estrada, tem o brasão de armas da família Araújo Rangel, encimado pelas imagens de Santa Marta e Santa Justa, que substituem dois merlões. A capela, de características joaninas, tem na fachada a escultura de S. Veríssimo.

Junto está uma fonte, com alçado ornado de merlões e uma escultura de S. Geraldo.

A casa é de planta rectangular, com uma escada exterior de acesso ao andar nobre, cujos corrimões são rematados por volutas<sup>29</sup>.

Casa de Carcavelos, Penso, Braga

Proprietários - Foi mandada edificar pelo capitão António Rodrigues Ferreira, tendo numa parede a data de 1726. O brasão de armas é dos Correias, Costas e Silvas.<sup>30</sup>

Casa da Lage (ou de Lages), Pousada, Braga

Proprietários - O seu fundador foi Francisco do Vale e Araújo, nascido em 1690, familiar do Santo Ofício, e a quem foram concedidas armas por carta de brasão de armas, passada em 29 de Agosto de 1731. O brasão foi colocado no portal de acesso à propriedade, certamente nessa época.

Características - A casa apresenta certa irregularidade, devida à adaptação aos desníveis do terreno, tendo no andar nobre janelas encimadas por cornija, ainda ao gosto do século XVII. A capela, dedicada a Santo António, está destacada do solar, e tem gravada na verga da porta a data: «AN.º DO.Ni 1725». A fachada é ladeada por pilastras de granito, coroadas por pináculos. O portal é encimado por frontão interrompido, sobre o qual se destaca o nicho do santo, ladeado por dois janelões rectangulares, idênticos aos da casa. O conjunto é rematado por frontão triangular e uma cruz.

O interior é decorado com um retábulo de talha dourada e policroma, de «estilo nacional», em que as folhas de acanto se combinam com anjinhos. De notar a existência de um órgão em talha, pouco vulgar em casas particulares. A talha emoldura ainda uma série de painéis pintados, com cenas da vida da Virgem: «Anunciação», assinada «de Pingelio Antonio Monteiro», «Visitação», «Natividade», assinada e datada: «D. P. A. M. 1744», «Adoração dos Magos» e «Apresentação no Templo». A decoração das paredes é completada com ornatos de folhagem, pintados a fresco, e azulejos de figura avulsa, possivelmente de fabrico portuense.

No lavabo da sacristia também foram colocados azulejos, provavelmente mais antigos.

A decoração das salas da casa foi completada em períodos mais tardios<sup>31</sup>.

Quinta da Igreja, Santa Lucrécia de Algeriz, Braga

Proprietário - A capela foi provavelmente fundada pelo proprietário cujo escudo ornamenta a fachada (escudo esquartelado, no 1º Sosas de Arronches, no 2º Fonseca, no 3º Osórios e no 4º Castros) e que seria Pedro da Fonseca e Castro e Sousa Osório e Melo, senhor da Casa da Igreja, cavaleiro fidalgo da Casa Real e cavaleiro da Ordem de Cristo, falecido em 1787.

Características - A casa tem ao centro uma torre da qual partem duas alas quase simétricas, a leste a residência e a oeste a capela. Esta, dedicada a Nossa Senhora do Bom Sucesso, tem portal rectangular, coroado por frontão interrompido sobre o qual se abre um óculo de moldura recortada, encimado pelo brasão. De cada lado da porta, duas janelas rectangulares. No coroamento, um frontão interrompido é rematado por uma cruz e pináculos nas extremidades. Interiormente, a capela é coberta por abóbada de berço e tem retábulo de talha dourada. É decorada com azulejos, cujos centros representam cenas galantes. No rodapé, vêem-se medalhões, suportados por anjos. São produto de oficina lisbonense, de cerca de 1740<sup>32</sup>.

Palácio de Vila-Flor, Arrochela ou do Cavalinho,  
Guimarães, Braga

Proprietários - Heitor de Arrochela Vieira de Almeida Sodrê, casado com sua prima D. Bernarda Maria de

Castro Morais e Távora, iniciou esta construção, de projecto ambicioso, de que apenas foi concluído o corpo central e nascente, sendo o resto completado nos séculos XIX-XX.

Características - Tem uma pedra de armas na fachada principal, com os apelidos Vieira, Arrochela, Almeida e Sodré, e outra, na fachada posterior, com Almeida em chefe.

Os jardins são em terraços ajardinados, tendo no eixo escadas que os ligam, tudo acompanhado por balaustradas de granito, decoradas com taças e pináculos *rocaille*, mostrando influência de Nasoni nos jardins do palácio do Freixo. No terraço superior tem um chafariz, que também lembra o que Nasoni desenhou para o adro do Santuário do Senhor de Matosinhos.<sup>33</sup>

#### Casa da Asseda, Grimancelos, Barcelos

Características - Desta casa sabe-se que é anterior a 1750<sup>34</sup>.

#### Casa de Becas ou da Torre, Barqueiros, Barcelos

Características - É um edifício típico da casa nobre seiscentista nesta região. A capela, da invocação de S. Caetano, foi edificada em 1707, por Luis Veloso de Miranda<sup>35</sup>.

#### Casa de Vila Boa, Joane, Vila Nova de Famalicão

Proprietários - Foi adquirida em 1682 pelo capitão Francisco Torcato de Azevedo.

Características - Restaurada no século XVIII, apresenta as características da casa nobre joanina.<sup>36</sup>

Casa da Gandarela, S. Clemente, Celorico de Basto

Proprietário - No início do século XVIII, era Francisco Alves de Araújo, capitão-mor de Celorico de Basto, aquem sucedeu seu filho, Manuel Alves de Magalhães e Araújo, mestre-de-campo dos Auxiliares de Basto e fidalgo cavaleiro da Casa Real.

Características - Casa rural típica da região de Basto, de fachada simples e sóbria, com beiral. Combina uma parte do século XVIII, de que se salientam os pináculos com esferas, ainda de índole seiscentista, com uma torre medieval e gárgulas de canhão e janela com colunelo de época renascentista, talvez alteradas no século XIX. Tem escada interior com corrimão decorado por volutas<sup>37</sup>.

Ver ADENDA\*

Porto

Casa de Juste, S. Fins do Forno, Lousada

Características - Casa nobre rural, provavelmente do segundo quartel do século XVIII, de planta quadrangular, com escadaria perpendicular à fachada principal, com volutas terminais, típicas da época. Sobre o telhado, vários ornatos, um dos quais com o brasão.<sup>38</sup>

Casa dos Arcos, S. Miguel de Rio de Galinhas, Marco de Canaveses

Proprietários - Em 1697, uma senhora desta casa, Grácia Pereira Correia de Castro, casou com Fernando de Azevedo e Vasconcelos, originário da Quinta do Testamento em Reriz, sendo estes que construíram a residência actual.

Características - Corpo com varanda com arcos, que dá o nome à casa. Pedra de armas com os apelidos de Almeida, Azevedo e Vasconcelos.<sup>39</sup>

Casa de Cavalhõesinhos, Vila Boa do Bispo, Marco de Canaveses

Características - Na verga duma janela tem a data de 1734. É uma casa nobre rural, com capela privativa. As portas e janelas têm molduras de linhas direitas e as grades das janelas de sacada do piso nobre são também arcaizantes. O telhado é de linhas ondulantes. Num cunhal, está um

brasão. A escadaria é perpendicular à fachada, com parapeitos fechados, terminados em grandes volutas.<sup>40</sup>

Casa da Quintã, Soalhães, Marco de Canaveses

Proprietários - A actual casa foi construída nos inícios do século XVIII, por Bento Soares da Mota Pereira Vieira Carneiro, casado com D. Catarina Josefa Carneiro de Magalhães, senhora da Casa do Souto, em Rio de Galinhas.<sup>41</sup>

Casa da Ribeira, S. Lourenço do Douro, Marco de Canaveses

Proprietários - Foi reconstruída e ampliada no princípio do século XVIII por Domingos Vieira de Melo Macedo, cavaleiro da Ordem de Cristo e Fidalgo da Casa Real, casado em 1713, com D. Catarina Maria Pereira de França Sampaio.

Características - Situa-se na margem esquerda do Douro, com vista panorâmica para o rio, com o qual comunica por terraços em socalcos. Planta em L, formando um terreiro, para o qual se vira ainda a capela, isolada. Dois terraços são suportados por muros coroados de balaustradas de granito e muretes com taças de pedra, tendo esculturas nos ângulos das balaustradas. Em todos os terraços há tanques de água, tendo o superior um chafariz de taça ao centro. Este terraço comunica com o inferior por escadaria de dois lanços geminados, com gradeamentos de ferro suportados por pilares, com taças de granito.<sup>42</sup>

Casa de Vila Boa de Quires, Marco de Canaveses

Proprietários - Foi mandada construir, por volta de 1740, por António de Vasconcelos Carvalho e Meneses, filho de Sebastião José Carvalho, Cavaleiro da Ordem de Cristo e Moço Fidalgo, e de sua mulher D. Maria Teresa de Sousa Coutinho; foi senhor da Casa e Corregedor de Angra.

Aproveitou a estadia, entre nós, de um arquitecto espanhol aqui refugiado, e mandou construir um novo palácio a alguns metros da sua residência. Os trabalhos prosseguiram ainda por 16 anos, até que o arquitecto faleceu de uma queda, o que levou o fidalgo a suspender as obras.

Características - Apresenta uma enorme frontaria de 60 metros, em estilo rococó, de granito. O projecto era de planta quadrangular, com o pátio interior e torreões nas extremidades. Tem dois pisos. A porta principal é ladeada por duas colunas trabalhadas, coroadas por capitéis em que assenta o frontão, que se continua até à arquitrave, onde seria colocada a pedra de armas da família. Nas extremidades, entre as duas aberturas do primeiro andar, estariam colocadas as armas do dono da casa e de sua esposa. As catorze janelas do piso nobre são de sacada, com remates à maneira de sanefas. O trabalho da pedra parece aqui influenciado pela talha, o que não é de estranhar, sendo o seu arquitecto um espanhol, já que neste país se transferiu a organização dos retábulos para as fachadas, mas também

revela influências de Nasoni, sendo os elementos decorativos de cerca de 1760.<sup>43</sup>

Casa de Agrelos, Santa Cruz do Douro, Baião

Proprietários - Foi reformada esta casa por Francisco Peixoto de Miranda, em meados do século XVIII. A capela é já de 1764.<sup>44</sup>

Casa de Guimarães, Santa Marinha do Zêzere, Baião

Proprietários - A Quinta pertencia a Manuel da Silva Guimarães, que por escritura de 1719, a vendeu, por 19000 cruzados, a Francisco Ribeiro da Fonseca, que mandou construir a actual casa e pintar o brasão dos FONSECAS na sala de entrada.

Características - A casa tem planta em L e escadaria de lanços opostos. A fachada da casa tem data de 1720 e a da capela, de 1722. Apesar disso, a porta, janelas e pináculos, têm ainda características seiscentistas, o que não surpreende, sendo construída durante o primeiro quartel do século XVIII. No interior da casa, existe uma sala com o tecto pintado com motivos religiosos, assinado José Luis.<sup>45</sup>

Casa de Penalva, Ancede, Baião

Proprietários - A casa foi ampliada, em meados do século XVIII, por Francisco José de Azeredo e Melo, 6º senhor da Casa de Penalva, casado com D. Joana Inês de Araújo e Sousa e falecido em 1786, tendo as obras sido ainda

continuadas pelos seus sucessores e, mesmo a capela, foi ampliada já no século XX.

Características - A reedificação foi iniciada depois de 1738, pelo que a casa é de meados, senão da segunda metade do século XVIII.

Foi-lhe acrescentada a fachada virada a poente e parte da virada a sul, com o átrio de entrada. Na fachada principal, tem seis janelas emolduradas de cantaria recortada. O jardim é separado do terreiro por um muro baixo.<sup>46</sup>

#### Casas Novas, Santa Marinha do Zêzere, Baião

Características - É uma casa datada de 1738. Trata-se de uma residência, de fachada corrido, na qual se integra a capela. De carácter barroco é o movimento dos telhados, acentuando os eixos das fachadas. As molduras de cantaria dos vãos são lisas e só a porta da capela tem decoração barroca. Os pináculos piramidais que coroam o telhado, são também de tipo seiscentista.<sup>47</sup>

#### Biblioteca Municipal, Porto

Na entrada, foram colocados azulejos de figura avulsa, provenientes do antigo Convento de S. Bento de Avé-Maria. Da Colegiada de S. Boaventura, em Coimbra, veio um painel representando «S. Francisco recebendo os estigmas». No claustro, estão outros azulejos de figura avulsa,

provenientes dos conventos de S. Bento da Avé Maria e de Santa Clara<sup>48</sup>.

Palácio das Sereias, R. da Bandeirinha, Porto

Proprietários - Foi construído por João da Cunha Osório Portocarreiro, que comprou aos ingleses os terrenos que se estendiam até à beira do rio. Depois da sua morte, o filho concluiu as obras em curso. João Portocarreiro viveu no início do século XVIII.

Características - Este palácio é atribuído a Nasoni pelo Conde de Aurora, no seu *Itinerário Romântico do Porto*. Deve ser mais uma das casas construídas sob sua influência.

A fachada tem imponência. A porta principal é ladeada pelas duas enormes sereias que lhe dão o nome, tendo a pedra de armas no frontão quebrado. Sobre a porta, estão duas janelas de balaustradas e, sobre estas, no andar nobre, uma varanda de balaústres, assente em mísulas trabalhadas. Os corpos laterais, mais elevados, são rematados por ameias.<sup>49</sup>

Casa de Campo Belo, Vila Nova de Gaia

Proprietários - Diogo Francisco Leite Pereira, 119 Senhor de Gaia-a-Pequena, 119 Senhor da Casa de Campo Belo, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo, vereador da Câmara do Porto, nasceu nesta casa em 4 de Julho de 1698 e aí faleceu a 13 de Junho de 1768. Em

1727, obteve autorização para reformar a capela da sua casa, conservando-lhe o orago anterior, Nossa Senhora da Conceição.

Características - Para além da capela, é possível que também reformasse os jardins, com motivos decorativos em granito, talvez de Nasoni.

No entanto, tanto os jardins como a casa são anteriores, aqui se conservando japoneiras que vieram do Japão no século XVIII e são as mais antigas da Europa.<sup>50</sup>

Casa do Fojo, Santo André de Canidelo, Vila Nova de Gaia

Proprietários - Principiada a edificar pelo general inglês William Neville, foi terminada por seu filho, também William. O primeiro foi general, partidário da sucessão ao trono de Inglaterra do irmão da rainha Ana Stuart, o católico Jaime III. Depois da vitória do protestante Jorge I, em 1714, refugiou-se em Portugal, onde mandou construir esta casa.

Características - É uma residência sóbria, de acordo com o gosto inglês. Tem dois pisos e fachada de três corpos, sendo o central de cinco janelas de sacada, com grades, no piso nobre, tendo a do meio um frontão triangular saliente. Os dois corpos extremos são rasgados por uma janela e terminam em arco, encimado por uma cruz. No corpo da direita, abre-se uma porta de acesso ao interior da casa. A

esquerda, fica a capela, decorada a estuque. Junto à capela, a casa recua, formando um terraço com estátuas de pedra.<sup>51</sup>

Quinta da Fonte Formosa, Oliveira do Douro, Vila Nova de Gaia

A fonte tem um tanque com alto espaldar, onde foram colocados azulejos azuis e brancos, de cerca de 1750, representando temas fluviais e cenas galantes<sup>52</sup>.

Casa da Rede, Vila Marim, Mesão Frio

Características - É uma casa de meados do século XVIII, precedida por portão barroco coroado de grifos alados, atribuível a Nasoni, ou ao seu círculo de influência. Tem dois pisos, sendo o inferior destinado a arrecadações, com espaçamento diferente nas aberturas. É uma casa comprida, integrando a capela na fachada, apenas assinalada por uma cruz de granito entre dois pináculos. As portas centrais, que ladeiam um tanque barroco, dão acesso a um átrio com escadaria para o andar nobre. As mansardas são do século XIX.<sup>53</sup>

Casa do Terreiro, Cidadelhe, Mesão Frio

Proprietários - Foi mandada construir em 1740 por Manuel de Gouveia Frias, segundo inscrição existente na capela:

"ESTA CAPELA E CAZAS MANDOU FAZER / MANOEL DE GOUVEIA FRIAS ANNO DE 1740 / PADER NOS AVE MARIA POR SUA ALMA".

Características - Tem planta quadrangular, com pátio central, onde existe uma data de 1880, certamente indicando melhoramentos.

As fachadas são equilibradas, com frestas no piso térreo e janelas de sacada no andar nobre, prolongadas por pequenas janelas, que constituem um *mezzanino*.<sup>54</sup>

Casas Novas, Godim, Peso da Régua

Características - A casa está datada de 1739. É uma residência brasonada, com a capela integrada na fachada e a porta, de frontão quebrado, ondulante, datada, como referimos. A decoração é sóbria, presa ao século XVII. Só é barroco o segundo fragmento de frontão curvo, por cima da capela, que repete o movimento do frontão do portal.<sup>55</sup>

Quinta do Bairro, S. João de Lóbrigos, Santa Marta de Penaguião

Características - É uma construção de linhas simples, de planta em L, com a capela num extremo. As fachadas têm janelas de sacada sem decoração, de tradição seiscentista. No interior, tem uma sala com tecto pintado com cenas do quotidiano setecentista, que referimos no texto.<sup>56</sup>

Solar dos Calainhos - Vilarandelo, Valpaços

Características - Foi construído em 1745. Tem fachada com varanda assente sobre colunas que ladeiam a porta principal, com decoração *rocaille*. Nos cunhais e frontão, vêem-se fogaréus joaninos.<sup>57</sup>

Casa de Selores, S. Gregório de Selores, Carrazeda de Anciães

Proprietários - António de Moraes de Mesquita foi 69 morgado de Selores. Casou com D. Leonor de Barros e foi pai de Luis António de Moraes Mesquita, capitão-mor de Anciães, que faleceu solteiro em 1 de Novembro de 1750.

Características - Tem dois corpos de época diferente, sendo um do século XVIII, caiado de branco, com seis janelas de avental no andar nobre, com ricas molduras. Ao centro, está uma porta, entre janelões gradeados, idênticos aos do piso nobre, mas com menos ornatos; sobre a porta, a pedra de armas.

O portal de entrada dá para um pátio lageado, que tem ao fundo um arco de pedra que deita para os quintais, com labores esculpidos interiormente.<sup>58</sup>

Casa do Arco, R. de Abílio Leça, Bragança

Características - É um palacete do século XVIII, que tem outra fachada para a Rua Direita e assenta num arco que liga as duas ruas. O andar nobre tem uma fila de janelas com varandas de ferro.

Casa dos Calainhos, Praça da Sé, Bragança.

Características - É uma casa brasonada do século XVIII, com fachada de dois pisos, tendo no andar nobre nove

vãos com varandas de ferro. O brasão, sobre a porta principal, é em granito e pertence aos Sarmentos Pimentéis<sup>59</sup>.

Casa de Almendra, Vila Nova de Foz Coa

Proprietários - Manuel António de Castilho Falcão Mendonça, nascido em Almendra cerca de 1720, fidalgo da Casa Real, capitão de Ordenanças de Almendra (1789) e de Castelo Melhor, construiu a ala esquerda da casa, talvez por 1743.

Características - É uma construção de blocos de granito sem reboco, com decoração concentrada nas janelas e porta principal, com balcão de balaústres em curvas. O emolduramento das janelas é de motivos concheados, característicos do *rocaille*.

É considerada a última casa do grupo de influência de Nasoni, com a Casa de Vila Boa de Quires e a Casa do Caboa, em S. João da Pesqueira.<sup>60</sup>

Casa da Prova, Meda

Características - É uma casa de meados do séculos XVIII, construída em granito, com fachada principal simétrica, de decoração sóbria, tendo ao centro a capela, com portal barroco e frontão ondulante. A fachada lateral tem uma varanda com colunata e um portão com ornatos concheados, característicos do *rocaille*.

A capela-mor é interiormente decorada com frescos, que aparecem noutras capelas da região, como a da Torre do Terrenho.<sup>61</sup>

Casa da Torre de Terrenho, Trancoso

Proprietários - Ten na fachada da capela a inscrição seguinte:

"ESTA CAPA M. F. Pã SI E SEOS (ERD<sup>ROS</sup> LVIS DE FIG<sup>DO</sup> MONTE/ROYO CAP<sup>AM</sup> da G. MOR E PROVE/DOR DOS QVINTOS REAES / QVE FOI NAS MINAS DO / OVRO 1727".

Características - É um exemplar da casa-torre, de fachada rústica, com uma varanda com colunata. A torre tem os cunhais rematados por pirâmides idênticas às da fachada da capela. A sala superior da torre tem um tecto octogonal com pinturas de flores e santos e, ao centro, as armas da família. A capela, toda de talha dourada, em que sobressaem grinaldas, sanefas e cortinas, ao gosto joanino, também tem pinturas murais, contando um episódio da vida do fundador, que o levou a tomar ordens aos sessenta anos.<sup>62</sup> Em 1703, o Conde de Montarroiio, que era "provedor dos Quintos das Minas de Ouro do Brasil", viu-se em risco de vida no alto-mar e fez então a promessa de construir uma capela, voto que cumpriu, vindo a obra a ser terminada em 1727. Prometeu também vestir três pobres e mandar cantar missa na capela a 8 de Dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição. Este é um dos casos em que a fé no milagre, deu origem a uma bela obra.

Solar da Família Aração Machuca, Lajeosa, Sabugal

Características - É um edifício barroco, construído no século XVIII. A fachada tem dois pisos, com janelas de avental. O piso nobre tem, ao centro, uma varanda encimada pelas armas dos proprietários. De cada lado do portão, estão duas janelas cegas.<sup>63</sup>

Casa de Azevedo, Paredes da Beira, S. João da  
Pesqueira

Proprietários - A capela foi edificada por José António de Azevedo Vieira, Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Senhor dos Direitos Reais da Vila de Paredes e desembargador do Porto. Casou em 1699, com D. Luisa da Costa Rebelo, de quem teve vários filhos, entre os quais Manuel de Azevedo, membro da Companhia de Jesus e valido de D. João V e do Papa Bento XIV, por ordem de quem escreveu a obra *Thesaurum Liturgien* e graças ao qual foram oferecidas à sua família, pelo próprio Papa, as relíquias de Félix e Paulo de Azevedo, martirizados em África, e que afinal não foram misteriosamente conduzidas por mulas até ao pátio da casa, como conta uma lenda.

A Manuel de Azevedo se devem também os privilégios concedidos à capela: isenção da jurisdição do Bispo de Lamego e sujeição à Sé Apostólica, por intermédio do seu Núncio.

A capela possui além disso, uma cruz-relicário e um livro que autentica as 1771 relíquias nela existentes, como uma pintura a óleo sobre cobre, representando Nossa Senhora da Assunção, tudo ofertas de Bento XIV, que por bula de 7 de Junho de 1747, lhe concedeu várias indulgências plenárias.

Características - A capela de Nossa Senhora da Assunção é toda de cantaria, tendo sobre o portal a pedra de

armas dos Azevedos de S. João de Rei e um nicho, com a imagem da Virgem. É coroada por frontão, terminando numa cruz feita de uma só pedra, constituída por um tronco de hera que, enrolando-se, toma esse formato. Interiormente, também o retábulo é de granito, proveniente de uma pedreira próxima. A sua fundação em 1746, é noticiada no «Mercúrio Histórico de Lisboa»<sup>64</sup>.

#### Casa do Cabo, S. João da Pesqueira

Características - É uma casa de meados, ou já da segunda metade do século XVIII, que se pode ligar, com a Casa de Cedovim e a de Almendra, às influências de Nasoni.

Trata-se de um edifício rectangular, de dois pisos, ambos com janelas de peitoril, com molduras decoradas com conchas de tradição nasoniana. A parte central da fachada, abrangendo três vãos, é limitada por pilastras lisas, terminando em capitéis jónicos. O eixo central é marcado pela porta principal, ladeada por pilastras de ângulo, sobre a qual assenta uma varanda de balaústres, com urnas nas extremidades. Sobre o frontão curvo da janela, uma cartela ondulante sustenta o brasão. Esta zona da fachada é terminada em arco, sublinhado por frontão curvo e coroado por fogaréu.

No interior, existem tectos pintados de certa qualidade.<sup>65</sup>

Casa de Gogim, S. Martinho das Chãs, Armamar

Características - É uma casa provavelmente do segundo quartel do século XVIII, com planta em L, prolongando-se uma das fachadas num muro alto, de forma a criar um pátio. Tem dois pisos, sendo o inferior destinado a arrecadações, assinalado exteriormente por frestas gradeadas. A larga escadaria exterior é perpendicular à fachada e tem pequeno patamar de acesso, assente sobre um arco. De notar uma janela de balcão, que se sobrepõe a um nicho com tanque.<sup>66</sup>

Solar dos Viscondes de Almeidinha, Freguesia de S. Julião, Mangualde

Proprietários - Manuel Osório de Amaral Cabral e Castro, morgado do Espírito Santo, fidalgo da Casa Real, licenciado em leis em Coimbra, capitão-mor de Azurara da Beira, em 1741, reedificou a Capela do Espírito Santo, como ainda hoje consta de uma lápide com a inscrição:

"ESTA CAPELLA MAN/DOU FAZER GASPAS PA/ES DE AMARAL FIDALGO / DA CAZA REAL NO ANNO/O DE 1590 E ARREDEFIC/OU SEO 39 NETO MAN/OEL OSORIO DE AMAR/AL NO ANNO DE 1741".

Características - Foi durante estas obras, na década de quarenta, que foram encomendados em Coimbra alguns azulejos, como os que decoram o espaldar de uma fonte, ao fundo do jardim; são de época mais recente, mas também de Coimbra, os silhares que ornamentam duas salas<sup>67</sup>, uma das

quais a de entrada com tecto de madeira. No solar, existem também frescos, pintados por um italiano que trabalhou nessa altura em casas de Mangualde.

O conjunto residencial e respectivos terreiros é fechado por um muro que tem um portão de saída para a quinta, que dá acesso a um longo caminho de plátanos que, depois de atravessado por outro, se alarga até chegar a uma fonte, quase encostada ao muro da cerca e forrada com um painel de azulejos de Coimbra, como dissémos. Todo o percurso final é ladeado por um murete que pode servir de banco. A Norte, um bosque de árvores e arbustos faz a transição para a mata, enquanto a sul, um tanque recebe a água da fonte e, ao lado dele, está um jardim de buxo.

Na primeira parte da avenida, perto do cruzamento, existe uma fonte enterrada e uma esplanada com dois obeliscos de cada lado.<sup>68</sup>

#### Casa dos Vilhegas, Viseu

Edifício mais antigo, foi-lhe acrescentada uma ala no século XVIII. Aí se conservam os azulejos, com cercadura de ornatos azuis, de figura avulsa, datáveis de cerca de 1740, e de fabrico coimbrão<sup>69</sup>.

#### Casa Nobre dos Condes de Prime, Viseu

Foi construída no século XVIII. É constituída por dois corpos ligados entre si, cada um com uma porta com

ornatos de granito e o brasão dos Teixeira de Carvalho. As janelas também têm molduras de granito com aventais.

Na escadaria e paredes do átrio, existem revestimentos azulejares policromos, recortados, provavelmente da segunda metade do século XVIII. A capela é totalmente revestida de azulejos figurados, com passos da Vida de Santo António, obra datável de 1750 e do ciclo oficial de Bartolomeu Antunes<sup>70</sup>.

#### Museu Grão Vasco, Viseu

Nas paredes, encontram-se painéis ornamentais de cestos, de oficina coimbrã, de inícios do século XVIII.

Existe ainda um registo assinado, representando Santa Brígida, com a legenda: S.BRIZIDA / G<sup>ter</sup> MEF 1729. Este registo, adquirido no Porto, devia ser obra de um oleiro talvez de Gaia<sup>71</sup>.

#### Palácio dos Marqueses de Reriz, S. Pedro do Sul

Proprietários - Foi mandado construir por Diogo Francisco de Almeida de Azevedo e Vasconcelos, nos inícios do século XVIII, havendo no arquivo da casa assentos que dão as obras por terminadas em 1725. O proprietário era Fidalgo da Casa Real, por alvará de 1714, e familiar do Santo Ofício.

Características - A fachada principal tem, no piso nobre, quatro janelas de sacada, com grades de ferro e coroadas por frontões quebrados. A porta principal é

encimada por frontão quebrado ondulante e de ramos sobrepostos, no meio da qual está a pedra de armas, com a coroa de Marquês, já do século XIX. A fachada lateral tem nove janelas de sacada, também com grades. Entre os dois pisos, uma linha de pedra, sob as janelas forma um óculo. O palácio deveria ter planta quadrangular, com pátio interior, mas não foi completado.<sup>72</sup>

#### Casa dos Arcos, Santa Comba Dão

Proprietários - Em 1700, era senhor desta casa António de Sousa e Vasconcelos, capitão-mor de Santa Comba Dão e cavaleiro da Ordem de Cristo. Casou com D. Joana Josefa de Macedo e foi pai de José de Sousa Macedo e Vasconcelos, fidalgo da Casa Real, Cavaleiro professo da Ordem de Cristo, capitão-mor de Santa Comba Dão e Senhor da Casa dos Arcos.

Conforme lápide na fachada, esta casa foi visitada em 1692 por D. Catarina, rainha viúva da Grã-Bretanha, em 1704, por D. Pedro II e, dois dias depois, pelo herdeiro do trono de Espanha, Carlos, e, ainda em 1738, pelo Infante D. Manuel. É provável que nesta altura, em que foi colocada a lápide, a casa tenha tido obras.

Características - É uma casa de origem medieval, que tem a fachada sul com varanda alpendrada, assente em três arcos de silharia. Na fachada posterior, também apresenta uma galeria de arcos, confinando a norte com a capela, junto à qual existe um terraço.<sup>73</sup>

Casa da Guarita, S. João de Areias, Santa Comba Dão  
Proprietários - Pertenceu a D. Maria da Guerra,  
casada com Alexandre Sequeira, cujas netas, D. Bernarda  
Jacinta, D. Maria Josefa e D. Rosa Maria Saraiva,  
instituíram em 12 de Abril de 1746, um vínculo de capela,  
sob invocação de S. Sebastião.

A casa tem brasão com as armas de Serpa Pimentel,  
Machado e Freire.<sup>74</sup>

Casas antigas, Arouca

A Casa da Rua da Arca abrange várias épocas, do século XVI ao XVIII. A capela, da invocação de Jesus, Maria, José é do início do século XVIII e apresenta um frontal de talha dourada, com folhagens ornamentais, datado de 1725.

A grande cruz dos Passos, que se encosta à divisória das zonas de construção, é também setecentista. Do final do século é o brasão colocado na esquina, esquartelado, sendo o primeiro quartel dos Malafaias, o segundo dos Pereiras, o terceiro dos Mascarenhas e o quarto, dos Castros<sup>75</sup>.

A Casa de Vale de Asna vê-se da estrada pelas quatro pirâmides dos ângulos. É uma habitação rústica, embora tenha na porta a data de 1724. É um edifício de cantaria, com aberturas rectangulares<sup>76</sup>.

Casa de Bairros, Castelo de Paiva

Situa-se frente à igreja e data da primeira metade do século XVIII; pertenceu à Casa do Covo, de Oliveira de Azeméis. Tinha sacadas pouco salientes e janelas de arestas boleadas<sup>77</sup>.

Solar da Fisga, Bairros, Castelo de Paiva

Proprietários - O edifício foi, segundo inscrição existente numa varanda, iniciado em 1683, por Manuel Gouveia

de Carvalho: "NO ANNO ESTA CAZA MANDOU FAZER D 1683 MANOEL E GOUVEIA DE CARVALHO".

Características - É do tipo constituído por dois corpos ligados por uma torre. No entanto, sofreu modificações que o prejudicaram: à torre acrescentaram-se merlões de cimento e a capela, de 1718, foi deslocada para o centro de um pequeno terreiro. O muro exterior tem um portão já de 1781.<sup>78</sup>

Casa da Portela, Paços de Brandão, Feira

Proprietários - O primeiro Senhor da casa foi António Pinto de Almeida, que nasceu na Casa da Quinta de Rio Maior, em Paços de Brandão, a 28 de Setembro de 1719, e faleceu já nesta casa, em 16 de Agosto de 1792. Foi cavaleiro da Ordem de Cristo, vereador do Senado da Câmara da Feira, vice-cônsul do Reino Unido, Senhor das Casas de Linhares e Barroso, Portela e Sobreira, em Paços de Brandão, e da Quinta de Santo António, em Rio Meão.

Características - É uma residência do século XVII, com dois pisos, fachada virada a nascente, com portal de frontão quebrado, onde se encontra a pedra de armas. O andar nobre tem várias janelas, sendo quatro de sacada com grade. Na parte posterior forma um pátio de três lados (planta em U), tendo ao meio uma taça de granito. O acesso a este pátio faz-se por duas escadas, que partem dos extremos da face nascente e abrem numa varanda com colunas de pedra.<sup>79</sup>

Casa da Torre, S. João de Ver, Vila da Feira

Proprietários - Em 1700 a casa passou por casamento, para João da Cunha Ribeiro, que deve ser responsável pela actual construção. Este senhor pertencia ao solar dos Cunhas de Guimarães e aos Novais de Moreira de Rei, e casou com Maria Baptista Sampaio, pelo que a pedra de armas do portão tem os emblemas dos Cunhas Novais e dos Sampaio. A casa já estava pronta em 1726, quando D. Maria, viúva, faz dela doação a seu filho.

Características - A casa é rodeada de muros ameados, nos quais se abre o portão com a referida pedra de armas. Este é ladeado por duas janelas gradeadas e dá acesso a um pátio lajeado, tendo ao fundo, à direita, uma fonte, em cujo espaldar estão três nichos, o do centro com o protector da casa, S. João, e os dos lados com Santo António e S. Francisco. Entre ornatos barrocos, nela está representada a águia de asas estendidas, com três cunhas no peito, timbre dos Cunhas e Sampaio.

A casa é de dois pisos. Uma escada de lanços duplos assente cada um em seu arco, leva a uma varanda alpendrada com silhares de azulejos, que constitui o corpo central do edifício, e onde se abrem portas de acesso ao interior. A sala de jantar tem azulejos policromos, já da segunda metade do século XVIII. Nas extremidades do corpo central, as paredes são lisas, rasgadas por janelas de sacada.<sup>80</sup>

Quinta do Morgado, S. João da Madeira

Características - Por documentos do arquivo da casa, parece que antes de 1700 houve um incêndio, que destruiu a primitiva casa, que possuía capela, onde se celebrava por Breve Pontifício.

A casa actual tem acesso por um portão onde se lê "Quinta do Senhor do Gafanhão", o qual dá para um terreiro, ao fundo do qual se encontra a casa. Esta aparenta ser dos inícios do século XVIII - certamente reconstruída após o incêndio - e é de um só piso, com escada de pedra. No interior, tem salas cobertas com tectos de caixotões e, virada a sul, uma varanda.

Na capela, conserva-se um altar barroco.<sup>81</sup>

Casa do Conde de Beirós, Talhadas, Sever do Vouga

A casa data da primeira metade do século XVIII, mas o título só foi concedido a António Tristão Correia de Lacerda e Lebrim, em 1887.

É uma casa de dois pisos, sendo o inferior constituído pela porta e duas janelas, que se ligam no superior, a uma janela intermédia e duas de sacada. Nos cunhais pilastras que terminam em capitéis; no coroamento cornija arquitravada. Na fachada lateral esquerda, abram-se também três janelas de sacada<sup>82</sup>.

Casas de Refoios, Macieira de Cambra, Vale de Cambra

Hoje estão reduzidas a casas de caseiros. A de cima, que tem pequena capela do final do século XVII, ostenta, no portão do pátio, a data de M.DCC.LXVII.<sup>83</sup>

Quinta da Aquieira, Águeda

Proprietários - D. Maria Eufrázia Pacheco Teles nasceu a 11 de Junho de 1690 e faleceu a 5 de Maio de 1758. Foi esta senhora que, em 1735, construiu a capela da casa, onde jaz sepultada. A data referida na porta da sacristia deve ser uma data média.

Características - A casa actual é do século XIX, mas a capela conserva o interior antigo. É dedicada a Nossa Senhora do Bom Despacho, cuja imagem se encontra num retábulo de talha dourada, tipo joanino, de transição, com colunas salomónicas com grinaldas nos sulcos, mas sem o terço inferior diferenciado, enquadrando uma composição de aletas. Além da «Virgem com o Menino», vêem-se imagens de «S. João Baptista» e «Santo António». O tecto está dividido em nove caixotões, com cenas da Paixão. No sub-coro, estão pinturas de rótulos, também com emblemas da Paixão.

Sobre a rosácea que ilumina a casa, está a pedra de armas dos viscondes da Aquieira.<sup>84</sup>

Casa e capela de Sobreiro, Águeda

Características - Casa da primeira metade do século XVIII, com aberturas rectangulares, janelas de avental e cantarias de granito, apesar de pertencer já a uma zona de xisto. O corpo principal é perpendicular à rua, tendo um outro, no extremos oposto, pequeno, cortando para a esquerda e formando uma planta em L. A este lado, anexa-se a capela, ainda do século XVII.<sup>85</sup>

Casa antiga de Brunhido, Águeda

Características - Apesar de não ser este o material da região, os vãos da casa são em granito, certamente por influência do Norte. Esta casa aparenta ser da primeira metade do século XVIII. A fachada principal tem varanda coberta de quatro vãos e escada de acesso à mesma. Desta fachada fica livre uma janela rectangular, que precede a linha da escada.

Na fachada lateral, estão duas janelas com lintéis e cornijas e sacada sobre mísulas, ligadas às janelas inferiores, que são de avental. Os cunhais são apilastrados, tendo o do ângulo um corte com nicho.

Reintegrado numa outra casa, existe um lintel em grés vermelho, a pedra da região, datado de 1707 ANOS, com a inscrição: "EV ANT/ROIZ // A FIS POR CONTA DE // MEL DA FONSEQVA".<sup>86</sup>

Casa antiga de Randam, Águeda

Características - É um edifício do início do século XVIII, tendo no andar nobre seis janelas de sacada no meio das quais se abre a porta, que tem acesso por escadaria perpendicular. Cada janela tem friso e cornija, estando ligada inferiormente a uma janela de peitoril.

No frontão interrompido da porta, está o brasão. À direita, fica a pequena capela, com porta para o terreiro.<sup>87</sup>

Casa dos Borges ou de Carvalhais, Moita, Anadia

Proprietários - Os Borges, condes de Carvalhais, construíram a sua casa no fundo do vale, na margem esquerda do ribeiro.

Características - A fachada é da primeira metade do século XVIII, com cantarias em grés vermelho local. Os cunhais são da ordem dórica, sendo a frontaria também coroada por friso dórico com triglifos. O andar nobre tem oito janelas de sacada, coroadas de frontões alternadamente segmentares e triangulares, com grades de ferro apoiadas em mísulas. Sobre a entrada, foi acrescentada uma janela de verga curva, acima da qual se encontra o brasão. A porta é rectangular, também com entablamento dórico, com triglifos e frontão quebrado.

O brasão de calcário é típico da época joanina pelos ornatos barrocos: escudo partido em pala; a primeira

cortada, havendo cinco estrelas de seis pontas por Coutinhos; na segunda divisão, três bandas de veiros por Vasconcelos; na outra pala um leão rompante por Borges; coronel de nobreza.

O átrio tem no topo dois arcos, um dos quais dá acesso à escadaria.<sup>88</sup>

Palácio da Graciosa, S. Paio de Arcos, Anadia

Proprietários - O actual palácio, que substituiu a antiga casa, foi mandado construir por José de Melo Sampaio Pereira de Figueiredo, irmão de Fr. Lourenço de Santa Maria, Arcebispo de Goa e bispo de Algarve, que nasceu em 1710, foi moço fidalgo da Casa Real, licenciado em Cânones por Coimbra, cavaleiro da Ordem de Cristo e Alcaide-mor de Penedono.

Características - É uma construção de meados do século XVIII, com dois pisos, com uma fiada de cinco janelas, de cada lado da escadaria. Esta tem balaústres ornados de fogaréus, com um único lanço, que a partir do patamar se desdobra em dois opostos, que conduzem a portas laterais de acesso ao palácio. Entre estas, está uma janela coroada pelo brasão. À esquerda, um pouco recuada, fica a capela, também do século XVIII.<sup>89</sup>

Casa antiga de Quimbres, S. Silvestre

Proprietários - O remate da janela encerra escudo com três faixas de veiros, dos Vasconcelos, e coronel de nobreza.

Características - Apesar de ter sofrido incêndio, conserva a fachada da primeira metade do século XVIII. Ao centro, grande porta com moldura de cantaria e frontão curvo, encerrando o brasão. De cada lado desta, quatro janelas de verga direita, que se repetem no piso inferior. A porta dava acesso a um átrio donde partia uma escada dupla.<sup>90</sup>

Palácio de S. Silvestre, S. Silvestre do Campo

Características - Originalmente do século XVI, este palácio foi muito remodelado nos séculos XVIII, XIX e XX. Possui azulejos historiados do século XVIII<sup>91</sup>.

Casa nobre, Santa Catarina, Caldas da Rainha

Características - É um edifício do século XVIII, em cuja fachada se destaca o portal com frontão ornado com motivo florido, enquadrado por volutas, e no andar superior janelas de sacada.

Toda a casa apresenta revestimento azulejar, de tipo ornamental: assim, no átrio, sala de jantar, e escritório, vêem-se azulejos do tipo vasos e golfinhos; na cozinha e escada, azulejos de figura avulsa. O fogão de sala é decorado com azulejos de figura avulsa e dois anjinhos<sup>92</sup>.

Na capela, o tecto é pintado com ornatos policromos e das paredes pendem quadros setecentistas, sobre tela, com molduras de ornatos idênticos aos do tecto. Representam «Santa Ana e S. Joaquim», «Esponsais da Virgem», «Anunciação», «S. João Baptista» e «S. João Evangelista»<sup>93</sup>.

Casa do Dr. Sousa Neves, Alcobaça

Características - Aqui se encontram azulejos pertencentes à capela do antigo Convento dos Capuchos. São painéis rectangulares, com barras de folhagens, representando passos da «Vida de Santa Maria Madalena»; foram colocados na varanda. São atribuíveis ao monogramista P.M.P. e de cerca de 1725<sup>94</sup>.

Quinta das Sentieiras, Abrantes

Características - Nas paredes laterais da capela-mor estão representados, em painéis de azulejo, brasões, apresentados por guerreiros vestidos à romana: do lado direito, estão os dos Mouras e dos Sousas e, do lado esquerdo, o dos Caldeiras e o dos Mendonças. Fazem parte da ornamentação que enquadra os motivos centrais, com cenas marianas.

São azulejos azuis e brancos, de cerca de 1750<sup>95</sup>.

Casa dos Vargos, Paço, Torres Novas

Proprietário - Capitão Manuel Lopes Moreira, que edificou a capela.

Características - É uma residência rural do século XVIII, com entrada nobre e escadaria que dá acesso a uma varanda de colunas. As salas têm tectos apainelados de madeira e conservam algum do mobiliário original.

A capela, dedicada a Santa Ana (ou à Sagrada Família, segundo o *Inventário Artístico*) e datada de 1726, é totalmente revestida de azulejos. O exterior mostra uma empena recortada e sineira de três ventanas.

Compreende a decoração interior duas épocas: a mais antiga abrangia o silhar da entrada, sub-coro, corpo da capela e capela-mor. A esta série aplica-se perfeitamente a

data de 1726. O revestimento total da capela foi feito mais tarde, cerca de 1750.

Os mais antigos representam cenas profanas, como caçadas, cenas pastoris e jardins, no corpo da capela. Na capela-mor, estão cenas de pesca e ermitões.

Entre a entrada e o corpo da igreja estão duas cariátides, também da segunda época. Os azulejos mais tardios representam cenas da vida de Santa Ana<sup>96</sup> ou, noutra versão, passos da Sagrada Família.

O coro é suportado por duas pilastras de pedra e o tecto da abóbada do sub-coro é pintado. O púlpito tem base de pedra lavrada e a parte superior em talha.

O retábulo da capela-mor é também de talha e nele estão as imagens de Santa Ana, S. Joaquim e S. José.

As portas de serviço da capela-mor são de madeira do Brasil, tal como o arcaz da sacristia. Aqui se encontra também uma imagem estofada, de princípios do século XVIII, representando Nossa Senhora da Conceição<sup>97</sup>.

#### Casa do lugar de Cumes, Chãos, Ferreira do Zêzere

Características - É uma casa setecentista, com porta e janela ornamentadas, tendo esta decoração curiosa no avental. Sobre a verga da porta está a data de 1723<sup>98</sup>.

Casa e quinta do Gaio de Cima, Cartaxo

Características - De notável apenas tem um painel de azulejos azuis e brancos, do século XVIII, representando uma dama de corte, trajada à moda da época.

Palácio e Quinta dos Chavões, Cartaxo

Características - O antigo palácio dos Condes de Unhão, mais tarde Marqueses de Nisa, também possui uma notável colecção de azulejos.

As salas têm silhares de figura avulsa e de albarradas, azuis e brancos, do século XVIII. No vão da pequena torre do lado poente, estão também silhares com cenas de corte, caçadas e jardins.

Nos rodapés dos dois corpos extremos do palácio, restaurados no século XIX, estão também oito painéis de azulejos azuis e brancos, com cenas de corte, caçadas e damas puxando um carro de criança num jardim<sup>99</sup>.

\*ADENDA

Casa da Levada, Proselo, Amares

Proprietário - O senhor da Casa, por casamento com D. Clara Ana Maria Borges, realizado em 1706, foi Belchior de Azevedo Vasconcelos e Magalhães, capitão dos Auxiliares. As armas dos Magalhães e dos Borges foram-lhe concedidas por carta de 22 de Agosto de 1731 e a autorização dada pelo procurador-geral da Mitra para construir a capela dedicada a Nossa Senhora do Livramento data de 1725.

Características - Destaca-se, pela sua exuberância, o portal barroco, com a pedra de armas e coroado por uma cruz, tal como a capela.

No interior desta, são notáveis os frontais pintados, com motivos inspirados em brocados.

Numa porta da casa está a data de 1710, que deve ser a época média da construção<sup>100</sup>.

Casa do Portelo, Palmeira, Braga

Proprietário - No século XVIII, foi José António de Sousa de Carvalho, cavaleiro professo da Ordem de Cristo.

Características - A casa, que sofreu um incêndio, foi remodelada no fim do século XVIII.

A capela é dedicada a Nossa Senhora da Nazaré. O retábulo apresenta pinturas com passos da Paixão de Cristo: «Cristo no Monte das Oliveiras», «Encontro no Jardim das Oliveiras», «Cristo Escarnecido», «Cristo coroado de espinhos», «Ecce Homo» e «Cristo com a cruz às costas».

Estão datadas de 1721 e tem a inscrição: «D.A.P.E.M. M.A.». O frontal é decorado com pinturas imitando brocados<sup>101</sup>.

Casa da Pena, Pousada (S. Paio), Braga

Proprietário - No século XVIII, foi Rodrigo Jerónimo de Cerveira Machado, falecido em 1736. A sua viúva, D. Florência Leite Pereira de Melo, em 1745 herda o morgado de Ramalde. Quando seu filho, Henrique de Cerveira Leite Pereira, lhe sucede, herda os morgados da Pena e de Ramalde.

É ele que faz obras na Casa da Pena. Não há elementos que possam identificar a participação de Nasoni, que trabalhou na Casa de Ramalde.

Características - O portal de acesso é coroado por frontão interrompido tendo ao centro a pedra de armas, que suporta um busto.

A capela tem portal encimado por frontão enrolado em volutas e mais acima, um nicho com uma «Piedade» de granito. A fachada é rematada por frontão triangular com cruz e pináculos.

No interior destaca-se a imagem da «Piedade» em madeira policromada. O frontal de altar é decorado com flores pintadas, imitando tecidos<sup>102</sup>.

Casa de Cabanas, Dume (S. Martinho), Braga

Proprietários - A proprietária da casa nos inícios do século XVIII era D. Felícia Luisa Pereira (1675-1749), que casou em 1693 com João Leite Brandão, senhor da Casa de

Santa Ana em Braga. Sucede-lhe o filho mais velho, Gabriel António Brandão Leite (1694-1759), que em 1736 aumentou a Quinta de Cabanas, com a aquisição de terras no valor de 3000 cruzados. Foi ele provavelmente que edificou a Capela de S. João Baptista, onde repousa tal como sua mãe (não o pai que falecera em 1704).

Características - A capela destaca-se do conjunto das construções, sendo coroada por frontão arqueado e quebrado, enquanto o que sobrepuja a porta é interrompido. Numa cartela, está um cordeiro que representa S. João Baptista, mas também o Cordeiro de Deus.

A residência, que está junto à capela, é coroada por cornija saliente e mostra janelas de parapeito que recordam as da Casa de Lages, em Pousada, perto de Braga, construída na década de trinta.<sup>103</sup>

#### Torre de Alvite, Alvite (S. Pedro), Cabeceiras de

Basto

Proprietário - O primeiro senhor conhecido foi João Leite Pereira, falecido em 1689, mas a casa deve ter sido edificada pelo seu sobrinho-neto, Rozendo de Abreu Leite Pereira (1683-1742), capitão de infantaria na Guerra da Sucessão de Espanha, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, sargento-mor da comarca de Guimarães e fidalgo de cota de armas, cujo brasão, concedido em 1738, ornamenta o portão da casa.

Características - A casa é dominada pela torre, situada no ângulo formado pela residência com a capela.

Sobre o portão rectangular da casa está a pedra de armas em parede lisa que se eleva em frontão semicircular, decorado com pináculos barrocos. O mesmo esquema, mas mais rico, repete-se na fachada da capela, que evoca o barroco galego, pela delicadeza dos seus relevos e pela presença da vieira sobre o portal.<sup>104</sup>

Casa de Bouças, Basto (S. Nicolau), Cabeceiras de

Basto

Proprietário - Em 12 de Fevereiro de 1736, Nuno de Lima Noronha Lobo, capitão-mor do concelho de Cabeceiras de Basto, sua mulher D. Maria Josefa de Abreu Lima Sotto Maior, seu filho Baltasar de Abreu de Lima de Noronha Lobo, suas cinco irmãs e cunhados, todos residentes na Quinta de Bouças, instituíram um vínculo e morgado para a capela que erigiram.

Características - Desta casa restam apenas o portal com as armas e a capela.

O brasão, com as armas dos Noronhas, Limas, Lobos e Abreus, é a pedra angular do morgadio. Simbolicamente, é enorme (2,65 x 1.95 m), sendo totalmente envolvido por ornatos barrocos, formando volutas, de baixo-relevo. O portal, de frontão triangular, é encimado pelos merlões, símbolos da ancestralidade da família.

A capela é dedicada à Sagrada Família.<sup>105</sup>

Casa do Souto, Basto (S. Clemente), Celorico de

Basto

Proprietário - Os primeiros senhores conhecidos foram Gonçalo Afonso Ribeiro e D. Catarina Gonçalves, cuja filha, D. Domingas Ribeiro casou, em meados do século XVII com Geraldo Falcão de Magalhães. Os filhos destes são Gonçalo Ribeiro Falcão, casado com D. Clara de Abreu Bacelar, que sucedem na casa; Domingos Ribeiro Falcão, formado em Leis, casado com D. Jerónima da Silva Carneiro, em 1719, herdeira da Casa de Alvação, em S. Pedro de Alvite; e Geraldo Falcão, que partiu para o Brasil.

Características - A casa sofreu grandes remodelações no século XIX, que integraram as construções anteriores. Do século XVIII restará a ala noroeste, com a cozinha, e uma pedra, reutilizada numa varanda, datada de 1733<sup>106</sup>.

Casa do Cabo da Vila, Canedo (Santa Maria), Celorico

de Basto

Proprietários - É mencionada pela primeira vez em 1684, quando o seu proprietário estabelece um vínculo a favor da capela que construiu. Em 1726, o seu neto João da Cunha Peixoto de Moura Coutinho, casou por procuração com D. Francisca Teresa Osório e Cardoso. Foi este que mandou construir o portal.

Características - O portal inscreve-se numa parede delimitada por pilastras e rematada superiormente por um

frontão curvo com moldura em relevo. Sobre a porta encontrava-se a pedra armoriada, que foi picada, mas de que resta o timbre com um guerreiro de turbante e pistola na mão. Por uma descrição de 1726, conhece-se o brasão, com escudo esquartelado (no 1º, Cunhas, no 2º, Teixeiras, no 3º Peixoto, no 4º Carvalhos).

A casa encontra-se em estado de abandono e ruína<sup>107</sup>.

Casa das Portelas, Gagos (S. Tiago), Celorico de Basto

Proprietário - Foi restaurada no tempo de D. Vicência Gertrudes Teixeira Álvares, que casou em 1739 com António Carvalho Pinto, enriquecido no Brasil.

Características - A casa foi alargada para nordeste, destacando-se a fachada, onde alternam pilastras toscanas com janelas. A escada ladeada por corrimão decorado por volutas, dá acesso ao piso nobre, onde se abre uma porta rectangular, decorada com volutas "esvoaçantes".

Mais ricamente decorada é a fachada da capela, dedicada a Nossa Senhora de Guadalupe, onde a própria cruz mostra os símbolos da Paixão. É enquadrada por pilastras rematadas por pináculos e tanto o portal como o coroamento são terminados por frontões interrompidos, combinados com volutas, caneluras e folhas de acanto. No interior, destaca-se o retábulo de talha dourada, ainda de "estilo nacional". O fundo da tribuna é pintado, imitando brocado.

Nas salas da casa ainda se conservam alguns tectos de madeira decorados com ornatos policromos, enquanto na sala de jantar se destaca o brasão da família (escudo esquartelado, no 1º Farias, no 2º Carvalhos, no 3º Melos e no 4º Teixeira<sup>108</sup>.

Casa da Ribeira, Vale de Bouro (S. Martinho),

Celorico de Basto

Proprietários - No início do século XVIII, o proprietário da casa era Rodrigo Leite de Azevedo Machado e Andrade, filho de Manuel de Andrade Machado, sargento-mor das tropas auxiliares e que exercera as funções de governador do Forte da Insua, em Caminha. Foi Rodrigo que decidiu restaurar a propriedade familiar, em 1728.

Características - Claramente do século XVIII é uma fonte brasonada existente no terreiro, com elevado espaldar onde está a pedra de armas, enquadrada por volutas, e tanque de perfis recortados.

É possível que tivesse reconstruído também a habitação, composta por várias alas em volta de um pátio. Destaca-se o salão nobre, com tecto em masseita, tendo ao centro pintadas, a vermelho e ouro, as armas da família.

Para construir a Capela, dedicada a Nossa Senhora dos Remédios, Rodrigo Leite de Azevedo Machado pediu autorização em 1734, o que lhe foi concedido dois anos mais tarde. A capela que deveria ficar separada da casa vinte palmos e ter porta para a rua, tem a fachada enquadrada por

pilastras, rematadas por pináculos e coroada por frontão. No interior, conserva o retábulo de talha dourada com colunas torsas.<sup>109</sup>

Casa do Bárrio, Moure (Santa Maria), Póvoa de

Lanhoso

Proprietário - Foi edificada, cerca de 1736, por Constantino de Araújo Cerveira, que talvez tomasse como modelo a capela da Casa de Lages, construída em 1725, como vimos.

Características - É uma casa formada por dois corpos - o da capela e o da residência - ligados por um muro onde se abre o portal armoriado, imitando o aspecto exterior das casas de planta em U.

A capela, como a da Casa das Lages, tem o portal rectangular coroado por frontão interrompido e ladeado por duas janelas. Sobre o portal o nicho ladeado por janelões. O conjunto é enquadrado por pilastras lisas que terminam em pináculos e sustentam o frontão triangular do remate.

No lintel, está a inscrição: «VIRGIN MARIAE DECORI/CARMELI CONSECRATA».

No interior, destaca-se o retábulo de talha e o frontal pintado, imitando brocado florido.

A parte residencial tem janelas rematadas por cornijas.

No muro decorado com pilastras, abre-se o portal armoriado, com o escudo no centro do frontão quebrado,

concedido por carta de 12 de Maio de 1736 ( esquadrelado, no 1º Araújos, no 2º, Cerveiras, no 3º Farias, no 4º Guimarães). O timbre representa um homem envolto em tecido e com uma peruca, interpretação do timbre dos Araújos. No coroamento do muro destacam-se uma série de formas esculpidas. Na parte posterior do mesmo há uma passagem entre a casa e a capela. À entrada da casa, ao cimo da escadaria, aparece esculpida em granito, a "figura de convite" - um lacaios de libré, com o chapéu na mão, convidando-nos a entrar.<sup>110</sup>

Casa do Ribeiro, S. João de Rei (S. João Baptista)

Póvoa de Lanhoso

Proprietários - Não são conhecidos, embora se pense que a casa pertenceu a um eclesiástico.

Características - A casa é dominada pela capela que tem no lintel da porta a data: «ANNO 1734». A fachada é coroada por frontão e enquadrada por pilastras culminando em pináculos. Sobre a porta, está o nicho com a imagem de Nossa Senhora da Lapa, ladeada por janelões. Em baixo, de cada lado da porta, vêm-se dois óculos quadrilobados. O retábulo é de madeira policroma, em ligeiro relevo, ornamentado com composições florais. A imagem da Senhora lembra a da fachada.

A residência, à direita da capela, tem uma janela central de balcão no andar nobre, enquanto à esquerda existe um alpendre.<sup>111</sup>

NOTAS:

- <sup>1</sup>Artur Lambert Pereira da Silva, Nobres Casas de Portugal, 2 vols., Livraria Tavares Martins, Porto, [1958]; Carlos de Azevedo, Solares Portugueses, Lisboa, 1961
- <sup>2</sup>Carlos de Azevedo, op. cit.
- <sup>3</sup>Francisco Azeredo, Casas Senhoriais Portuguesas, Roteiro da Viagem de estudo do I.B.I., Instituto Internacional dos Castelos, Setembro de 1986
- <sup>4</sup>Artur Lambert Pereira da Silva, op. cit.
- <sup>5</sup>Carlos de Azevedo, op. cit.
- <sup>6</sup>Mercúrio Histórico de Lisboa; ver anexo documental; Carlos de Azevedo, op. cit.
- <sup>7</sup>Carlos de Azevedo, op. cit.
- <sup>8</sup>Miguel Soromenho, Manuel Pinto de Vilalobos da engenharia militar à arquitectura, Vol. I, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da U.N.Lxã, 1991, p. 188
- <sup>9</sup>Artur Lambert Pereira da Silva, op. cit.
- <sup>10</sup>Carlos de Azevedo, op. cit.
- <sup>11</sup>Idem, ibidem; Artur Lambert Pereira da Silva, op. cit.
- <sup>12</sup>Ilustração Portuguesa, II série, nº 653, 26 de Agosto de 1918, p. 176; Artur Lambert Pereira da Silva, op. cit.; Francisco Azeredo, op. cit.
- <sup>13</sup>J. M. dos Santos Simões, Azulejaria em Portugal no século XVIII, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1979, Elenco, p. 89
- <sup>14</sup>Carlos de Azevedo, op. cit.; J. A. Ferreira de Almeida (coordenador), Tesouros Artísticos de Portugal, Selecções do Reader's Digest, 1976
- <sup>15</sup>Carlos de Azevedo, op. cit.; Tes. Art. Port., op. cit.
- <sup>16</sup>J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 92
- <sup>17</sup>José Meco, O Azulejo em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, p. 225
- <sup>18</sup>Miguel Soromenho, Manuel Pinto de Vilalobos da engenharia militar à arquitectura, vol. I, op. cit., pp. 192-3
- <sup>19</sup>Idem, ibidem, p. 195
- <sup>20</sup>Carlos de Azevedo, op. cit.
- <sup>21</sup>Idem, ibidem; Francisco Azeredo, op. cit.
- <sup>22</sup>Artur Lambert Pereira da Silva, op. cit.
- <sup>23</sup>J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 95
- <sup>24</sup>J. A. Ferreira de Almeida, Tesouros Artísticos de Portugal, Edições do Reader's Digest, Lisboa, 1976
- <sup>25</sup>J. Machado, "Casa de Azevedo" in Ilustração Portuguesa de 10 de Dezembro de 1906, p. 593; Carlos de Azevedo, op. cit.
- <sup>26</sup>Anne de Stoop, Palácios e Casas Senhoriais do Minho, Livraria Civilização Editora, 1993, pp. 41-46; J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 96-97; a atribuição ao monogramista P.M.P. deve-se originalmente a Robert C. Smith e também é aceite por Flávio Gonçalves.

- 27 Miguel Soromenho, op. cit., pp.185-186
- 28 J. A. Ferreira de Almeida (coord.), Tes. Art. de Port., op. cit.; Anne de Stoop, Palácios e Casas Senhoriais do Minho, op. cit., p. 17
- 29 J. A. Ferreira de Almeida (coord.), op. cit.; Anne de Stoop, Palácios e Casas Senhoriais do Minho, op. cit., p. 25
- 30 J. A. Ferreira de Almeida, op. cit.
- 31 Anne de Stoop, Palácios e Casas Senhoriais do Minho, op. cit., pp. 91-94; J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, pp. 103-104
- 32 Idem, ibidem, p. 104; Anne de Stoop, Palácios e Casas Senhoriais do Minho, op. cit., p. 260
- 33 Francisco Azeredo, op. cit.; Helder Carita, Homem Cardoso, Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal, op. cit.
- 34 J. A. Ferreira de Almeida (coord.), Tes. Art. de Port., op. cit.
- 35 Idem, ibidem
- 36 Idem, ibidem
- 37 Carlos de Azevedo, op. cit.; Adriano de Gusmão, "Manoirs barroques...", op. cit.; Anne de Stoop, Palácios e Casas Senhoriais do Minho, op. cit., pp. 155, 157
- 38 Carlos de Azevedo, op. cit.
- 39 Francisco Azeredo, op. cit.
- 40 Carlos de Azevedo, op. cit.
- 41 Francisco Azeredo, op. cit.
- 42 Francisco Azeredo, op. cit.; Ilídio de Araújo, Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal, Ministério das Obras Públicas, Lisboa, 1962; Helder Carita, Homem Cardoso, op. cit.
- 43 Artur Lambert Pereira da Silva, op. cit.; Carlos de Azevedo, op. cit.; Nelson Correia Borges, "Do barroco ao rococó", vol. 9, História da Arte em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, pp. 120-121
- 44 Francisco Azeredo, op. cit.
- 45 Carlos de Azevedo, op. cit.
- 46 Artur Lambert Pereira da Silva, op. cit.; Carlos de Azevedo, op. cit.; Francisco Azeredo, op. cit.
- 47 Carlos de Azevedo, op. cit.
- 48 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 109; notas de Flávio Gonçalves
- 49 Artur Lambert Pereira da Silva, op. cit.
- 50 Artur Lambert Pereira da Silva, op. cit.; Helder Carita, Homem Cardoso, op. cit.
- 51 Artur Lambert Pereira da Silva, op. cit.
- 52 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 113
- 53 Carlos de Azevedo, op. cit.
- 54 Carlos de Azevedo, op. cit.
- 55 Idem ibidem
- 56 Idem, ibidem
- 57 Idem, ibidem
- 58 Artur Lambert Pereira da Silva, op. cit.
- 59 J. A. Ferreira de Almeida, Tes. Art. de Port., op. cit.
- 60 Artur Lambert Pereira da Silva, op. cit.; Carlos de Azevedo, op. cit.

- 61 Carlos de Azevedo, op. cit.  
62 Idem, ibidem  
63 J. A. Ferreira de Almeida, Tes. Art. de Port., op. cit.  
64 Ver anexo documental; Artur Lambert Pereira da Silva, op. cit.  
65 Carlos de Azevedo, op. cit.  
66 Idem, ibidem  
67 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 120  
68 Artur Lambert Pereira da Silva, op. cit.; Ilídio de Araújo, op. cit.  
69 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 125  
70 Idem, ibidem, Elenco, pp. 125-126  
71 Idem, ibidem, p. 126; informação do então director do Museu, Dr. Russel Cortez  
72 Artur Lambert Pereira da Silva, op. cit.; Francisco Azeredo, op. cit.  
73 Artur Lambert Pereira da Silva, op. cit.  
74 Francisco Azeredo, op. cit.  
75 A. Nogueira Gonçalves, Inventário Artístico de Portugal, XI, Distrito de Aveiro, Zona de Nordeste, A.N.B.A., Lisboa, MCMXCI, p. 71  
76 Idem, ibidem, p. 72  
77 Idem, ibidem, p. 112  
78 Artur Lambert Pereira da Silva, op. cit.; Carlos de Azevedo, op. cit.  
79 Artur Lambert Pereira da Silva, op. cit.  
80 Idem, ibidem  
81 Idem, ibidem  
82 A. Nogueira Gonçalves, op. cit., p. 155  
83 Idem, ibidem, p. 169  
84 Artur Lambert Pereira da Silva, op. cit.; A. Nogueira Gonçalves, Inventário Artístico de Portugal, VI - Distrito de Aveiro (Zona Sul), A.N.B.A., Lisboa, 1959  
85 Idem, ibidem  
86 Idem, ibidem  
87 Idem, ibidem  
88 Idem, ibidem  
89 Artur Lambert Pereira da Silva, op. cit.  
90 Virgílio Correia, Nogueira Gonçalves, Inventário Artístico de Portugal, IV - Distrito de Coimbra, A.N.B.A., Lisboa, 1953  
91 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 147  
92 Idem, ibidem, Elenco, p. 165  
93 J. A. Ferreira de Almeida, op. cit., p. 493  
94 J. M. dos Santos Simões, op. cit., Elenco, p. 159  
95 Idem, ibidem, Elenco, p. 341; Gustavo de Matos Sequeira, Inventário Artístico de Portugal, III, Distrito de Santarém, A.N.B.A., Lisboa, 1949  
96 Idem, ibidem, Elenco, p. 358  
97 Gustavo de Matos Sequeira, Inventário Artístico de Portugal, III, op. cit.  
98 Idem, ibidem  
99 Idem, ibidem

- 100 Anne de Stoop, Palácios e Casas Senhoriais do Minho, op. cit., p. 39
- 101 Idem, ibidem, pp. 83-84
- 102 Idem, ibidem, pp. 97-99
- 103 Idem, ibidem, p. 257
- 104 Idem, ibidem, pp. 109-111
- 105 Idem, ibidem, p. 262
- 106 Idem, ibidem, pp. 159-160
- 107 Idem, ibidem, pp. 163-164
- 108 Idem, ibidem, pp. 179-180
- 109 Idem, ibidem, p. 267
- 110 Idem, ibidem, pp. 227-228
- 111 Idem, ibidem, pp. 274

### 3.2. Coleccionismo e mecenato artístico a nível da nobreza - alguns exemplos

Se é relativamente fácil o estudo da casa nobre como objecto architectónico, visto que uma grande parte subsiste, tanto mantendo-se como residências, como melhor ou pior adaptadas a serviços públicos, o mesmo não se passa com os seus recheios, que poderiam contribuir para nos dar uma visão de como essas casas estiveram decoradas e qual o gosto dos seus proprietários.

O desmembramento de grande parte das famílias nobres, devido em grande medida à proclamação da República, ou até a simples divisão dos seus bens entre os herdeiros, com o fim do regime de morgadios, a delapidação de fortunas e outras razões, levaram a que o recheio da maior parte das casas fosse vendido ou leiloado, encontrando-se disperso nas mãos de coleccionadores nacionais ou estrangeiros, e também nalguns museus, o que torna praticamente impossível a reconstituição de um património. Não esqueçamos ainda que muitas famílias nobres perderam os seus haveres durante o Terramoto de 1755 e incêndios que se lhe seguiram, pelo que mesmo não existindo as razões apontadas, seria muito difícil conhecer os bens que possuíam no período joanino.

A nível documental, seria preciso fazer um levantamento de todos os livros de despesas, cartas e outros papéis que pudessem referir compras, encomendas ou outros elementos de interesse para a reconstituição do património

de cada família. Tal pesquisa não tem, no entanto, sido feita e nem sequer sabemos se seria rica em elementos ou se seria possível na grande maioria dos casos.

Assim aquilo de que dispomos são as referências feitas por Pietro Guarienti<sup>1</sup> que esteve em Lisboa restaurando quadros e pintando outros, tal como alguns colegas que anunciavam os seus préstimos nas gazetas da época; informações soltas na obra de Cirilo Volkmar Machado; e alguns inventários datados na maioria das vezes da segunda metade do século XVIII e que não nos podem informar com rigor dos bens que faziam parte do património de uma dada família na primeira metade do século XVIII.

Este é pois mais um caminho que abrimos à pesquisa da história da arte, que até ao momento se tem preocupado com a pintura, o mobiliário ou a ourivesaria, mas pouco nos diz de como tais objectos se relacionavam na casa nobre joanina.

É possível, além disso, reflectir um pouco sobre a mentalidade da nobreza da época, que habitava nessas residências e coleccionava obras de arte.

Na primeira metade do século XVIII, a nobreza não pensa uniformemente, podendo-se considerar dividida em dois grupos, um mais tradicionalista e conservador, que Jorge Borges de Macedo designa "dos puritanos"<sup>2</sup> e Vitorino Magalhães Godinho de "castiços"<sup>3</sup>, e outro mais aberto a reformas e que constitui um escol do qual saíram representantes diplomáticos e até membros do governo, como

Alexandre de Gusmão, e que são normalmente designados por "estrangeirados". São estes que preparam a situação económico-social da época de D. José.

O primeiro grupo procuraria defender os seus privilégios contra qualquer mudança; foram estes elementos que apoiaram a Inquisição, que, como diz Gonçalves Rodrigues era "menos uma arma de defesa da fé do que um sindicato de interesses privados, cioso do seu poder e privilégios"<sup>4</sup>, posição que é corroborada por Vitorino Magalhães Godinho: "O Santo Ofício servia de arma anti-capitalista por parte da ordem nobiliárquica-eclesiástica, ou nas lutas entre grupos de interesses rivais"<sup>5</sup>. Foi este grupo que permitiu que as fogueiras ainda ardessem no reinado de D. João V, tendo utilizado a riqueza que lhe foi trazida pelo ouro do Brasil ou pela cultura da vinha, para aumentar o seu prestígio social através do luxo, na forma como se vestiam, ou como decoravam as suas casas, consideradas bem mobiladas pelos estrangeiros que nos visitavam<sup>6</sup>. É neste sentido que Jaime Cortesão afirma: "O fanatismo, a intolerância feroz, a superstição em todas as classes, a degradação do culto, pelo amor da ostentação e do gosto do teatro aumentaram"<sup>7</sup>. Na perspectiva de um historiador da economia, a situação de Portugal nesta época caracteriza-se por forte dependência da Inglaterra e pelo "triunfo dos interesses aristocráticos, em grande medida ligados à agricultura e apoiados no capitalismo britânico". Esse é essencialmente o significado do Tratado de Methuen, de 1703, que teve como consequência

"o êxito da aristocracia agrária que se apoiou na Inglaterra a fim de exportar os produtos agrícolas dos seus domínios e para defender os seus interesses coloniais. Tudo isto constituiu um obstáculo decisivo à modernização de Portugal"<sup>8</sup>.

Evidentemente que a grande nobreza senhorial do Norte seria a que mais se enquadrava nesta situação.

Em face deste grupo, definia-se o outro, de que fazem parte os ditos "estrangeirados" e que abrangia sobretudo aqueles elementos da nobreza mais ligados ao exterior, consequência em grande medida da sua actividade diplomática. Será que estes encaravam de forma diferente o problema do luxo e da ostentação?

A análise de alguns casos particulares leva-nos a conclusões curiosas. Por exemplo, D. Luis Da Cunha, cuja carreira diplomática se iniciou em 1695, tendo permanecido largos anos em Inglaterra, nos Países Baixos e em França, foi uma das personalidades que teve peso na orientação da política externa joanina, sendo bem conhecidas as suas críticas ao estado do país durante o reinado de D. João V, podendo considerar-se defensor de um ponto de vista moderno. Para ele, a riqueza do país estava na abundância de população e de circulação monetária, que se conseguiria através do fomento agrícola, industrial e comercial. Para resolver o problema do despovoamento, via como solução a limitação do número de frades e freiras e mesmo de membros do clero secular. Por outro lado, considerava também a

Inquisição responsável pelo aumento do número de judeus e sua fuga do país. A liberdade religiosa e a supressão do confisco dos bens aos detidos pela Inquisição, permitiria o investimento de judeus em Portugal e contribuiria para o desenvolvimento das manufacturas. Para o desenvolvimento económico do país, contribuiria ainda a diminuição do número de cerimónias religiosas, que afastavam as pessoas do trabalho por o equivalente a um terço do ano. Quanto ao luxo, entendia como dispensáveis todos os artigos da moda que vinham de França.

D. Luis da Cunha apoiava portanto o desenvolvimento de uma classe média nacional, acabando com os privilégios tradicionais da aristocracia, além de pretender empalidecer um pouco a imagem que a nobreza pretendia exhibir, dispensando-a de toda uma série de mercadorias de luxo importadas.

No entanto, vivendo afastado de Portugal, D.Luis da Cunha, como homem de gosto requintado, não só foi um dos principais interlocutores das encomendas feitas por D. João V em Paris, nomeadamente da célebre colecção de gravuras de que a família Mariette se encarregou, mas foi ele também um coleccionador apaixonado, tendo mesmo coleccionado para além dos seus meios<sup>9</sup>. Do seu património faziam parte pratas francesas, adquiridas aos melhores ourives parisienses, entre os quais Thomas Germain, pratas que ele teve de ceder ao rei, para reembolsar as suas dívidas. Possuía, além disso, sessenta e dois quadros, que enviou para Lisboa,

acompanhados por um longo comentário, descoberto pelo Visconde da Juromenha, em 1857, que o atribuiu a Jean Mariette<sup>10</sup>.

Ele próprio se fez retratar por bons artistas da época, de que destacaremos o busto assinado "J. B. Xavery F. 1737"<sup>11</sup> e o retrato a óleo, talvez atribuível a Perroneau<sup>12</sup>.

A nível de ostentação, e ainda que o fizesse em representação do rei, em 14 de Abril de 1728, deu uma magnífica festa no Hôtel d'Egmont, para celebrar o duplo casamento luso-espanhol, que contou com ceia, teatro, baile e fogos de artifício, tendo gasto bastante mais do que os seis mil cruzados que o rei lhe tinha concedido para o efeito<sup>13</sup>.

Assim a atitude pessoal de D. Luis da Cunha está em profunda contradição com as teorias económicas por ele defendidas.

Outro caso é o de Alexandre de Gusmão, diplomata, membro da Academia Real de História, secretário de Estado de D. João V, mas também homem de visão moderna. Para ele, o ouro do Brasil era responsável pela crise da nossa economia, porque nos impediu de tomar medidas para a dominar e nos colocou na dependência da Inglaterra. Para ele, uma das principais causas de desequilíbrio da nossa balança comercial estava no luxo, sendo neste capítulo mais radical que qualquer dos seus contemporâneos, propondo não só a proibição da importação destes artigos, mas também a

sua produção interna, porque criariam maus hábitos de consumo e poder-se-iam confundir com os importados.

No entanto, e apesar de ter colaborado na elaboração da pragmática de 28 de Maio de 1749, a sua correspondência revela-nos uma atitude curiosamente diversa.

Da sua correspondência com Francisco Mendes de Góis podemos inferir que ele próprio era um dos que importavam objectos de luxo para a decoração da sua casa, muitas vezes com dificuldade para os pagar, e até menosprezava o artigo nacional. Assim, em carta de Março de 1739, queixa-se de lhe faltarem as pratas indispensáveis, como salvas, castiçais e talheres, dizendo que não se habituava aos objectos fabricados em Portugal, onde raramente se encontra coisa capaz, o que não acontece em Paris<sup>14</sup>.

Em Fevereiro de 1740, pede ao mesmo Mendes de Góis dois espelhos iguais, com moldura, e duas mesas de pedra para pôr debaixo deles, com pés de talha dourada<sup>15</sup>. Em Outubro do mesmo ano, informa que as salvas que lhe tinham enviado eram suficientes, mas faltam-lhe "bassin" e "aiguière", "cafetière" e "thétière" e pede ainda um par de castiçais<sup>16</sup>.

Cirilo informa-nos ainda que Vieira Lusitano "fez um desenho para huma fonte de Neptuno entre duas casas de prazer para hum jardim de Alexandre de Gusmão"<sup>17</sup>.

Deste modo, verificamos que mesmo quando as posições teóricas defendidas eram contra a importação de

produtos de luxo, a prática era outra, devido às necessidades geradas no próprio ambiente de luxo em que se vivia e quem tinha residido no estrangeiro ainda mais dificilmente se habituava ao gosto nacional. Esta situação, na verdade, era comum a toda a Europa: " para uma família, a aquisição de jóias e de objectos de prata e (para os mais ricos ) de ouro, representa não só um investimento, mas também um adorno para as pessoas ou casas, adquirido por motivos de prestígio ou de condição social. Isto aplica-se especialmente aos objectos importantes, apreciados pelo peso e para o regalo da vista."18.

Posições idênticas são defendidas pelos historiadores portugueses. Vitorino Magalhães Godinho afirma: "Gastar mais do que a renda define em boa parte a mentalidade desse terciário nobiliárquico-eclesiástico; falta a ideia de investimento, de poupança para empregar produtivamente. O que não é gasto pode constituir reserva de valor, mas sob a forma de bens de raiz ou de jóias e objectos preciosos"19. E sem dúvida que a abundância de ouro exacerbava o gosto da ostentação: "A abundância de moeda e com ela a possibilidade de importar sem medida géneros e tecidos fizeram não só diminuir a produção agrícola e industrial, mas reacenderam até ao delírio o amor do luxo e a mania da ostentação que dos fidalgos, reerguidos em importância e valimento, alastrou às classes menos protegidas"20.

Assim dos dois grupos da nobreza, conservadores ou "estrangeirados", e mesmo daqueles não nobres, que fazem parte de um grupo em ascensão social, todos são vulneráveis ao espírito de coleccionismo, procurando enriquecer as suas residências com todos - ou até por vezes mais - os "objets d'art" que as suas possibilidades económicas lhes permitissem.

Iremos, portanto, analisar alguns dos inventários do século XVIII, assim como as informações de Pietro Guarienti e Cirilo Volkmar Machado, para tentar avaliar do tipo de colecções existentes.

Significativo é também o facto de se instalarem em Lisboa pintores restauradores de origem estrangeira, que viviam essencialmente da limpeza de obras de arte. Assim, a «Gazeta de Lisboa» de 3 de Dezembro de 1722, anuncia a presença, na cidade, mais precisamente na Rua das Flores, de um pintor Napolitano, Carlos Ricciardi, que limpava o ouro velho das molduras e retábulos, assim como objectos de ouro maciço e prata dourada; limpava também pinturas em painéis, mármore, pórfiros e alabastros<sup>21</sup>. Este facto mostra que haveria bastantes nobres interessados na manutenção das suas colecções.

É curioso notar, a propósito, que Nicolau Nasoni, o arquitecto de quem falamos em diversos capítulos deste trabalho, veio a casar, em 31 de Julho de 1729, com uma senhora napolitana, chamada Isabel Castriotto Ricciardi<sup>22</sup>, muito provavelmente filha ou familiar deste

pintor que se terá deslocado ao Porto, para aí realizar o seu officio.

Quanto a Guarienti, embora só anuncie na «Gazeta» de 17 de Fevereiro de 1735<sup>23</sup>, o Conde da Ericeira regista já a sua presença entre nós em Julho de 1733.

Sousa Viterbo afirmou que Guarienti "procuraria lisonjear a vaidade dos seus possuidores, revelando-lhes a existencia de obras-primas dos grandes mestres, que, porventura, só existiriam na sua imaginação"<sup>24</sup>. Mas a verdade é que o Conde Raczynski se surpreende com o pequeno número de quadros de mérito que Guarienti revelou<sup>25</sup> e o próprio Conde da Ericeira diz que ele contribuiu para esclarecer os possuidores, dando "a conhecer em muitas cazas de fidalgos originaes que se desprezavão, desenganando ao mesmo tempo a outros que estimavão copias"<sup>26</sup>. Cirilo diz-nos que Guarienti fez a descoberta da tábua de Rafael representando a «Sagrada Família», que fazia parte da Colecção Penalva, a que adiante nos referiremos<sup>27</sup>. Afirma ainda que na Casa de Tancos havia "huma attestação sua em que affirma a originalidade dos celebres paineis do Bassano e de outros Authores"<sup>28</sup>. Assim se poderá concluir que houve certa honestidade nas informações de Guarienti.

Não nos parece também, como já foi afirmado, que esta frase do Conde da Ericeira signifique que o gosto dos portugueses da época preferisse as cópias aos originaes; os que possuíam cópias foram desenganados porque certamente as supunham originaes. Uma coisa é a preferênciã por obras

feitas a partir de gravuras de grandes mestres, sem dúvida um recurso de muitos pintores, outra será a preferência gratuita pela cópia, pelo facto de o ser, que consideramos improvável<sup>29</sup>.

Para além das referências a colecções feitas no Abecedario Pittorico, Guarienti fez o inventário das pinturas de D. João Manuel de Noronha, Conde da Atalaia e membro do Conselho de Guerra de D. João V, que Sousa Viterbo publicou. Entre estas, contam-se oito painéis, que são atribuídos a Alonso Cano, representando os Apóstolos e os Evangelistas, dois em cada quadro; um retrato equestre de Luis XIV, de Le Brun; um «S. Francisco adorando o Crucificado» de Murillo; um «S. Lourenço» do veneziano Palma Jovem; uma cópia de Rafael, representando «Júpiter e os Deuses»; um «Cristo preso à coluna» de Veronese; oito painéis de Jacopo Bassano, representando cenas do Génesis, pelos quais o próprio Guarienti diz ter oferecido ao Conde de Atalaia vinte mil cruzados, em nome do Príncipe Eugénio de Sabóia; uma «Nossa Senhora com o Menino Jesus», cópia de um original de Correggio. Além destas pinturas, no Gabinete, possuía outras, como dois originais de Pieter Brueghel, de paisagens com figuras, dois originais de Abraham Bloemaert, representando Adão; outros dois de Francesco Salviati, representando «Cristo no Horto» e «Cristo no sepulcro»; um original de Miguel Angelo, representando «Cristo com a cruz às costas», em meio corpo; uma cabeça de Leonardo da Vinci; uma «Natividade», de David Teniers; mais quatro painéis em

cobre, representando cada um dois santos, de Francesco Salviati; dois painéis ovais de "Monzu Guilhar", ou seja, muito provavelmente Quillard, representando paisagens com figuras e animais; uma «Bacanal» da escola de Tiziano; duas cabeças de velhos, de André Gonçalves; uma «Sagrada Família» de Correggio. Além destes são referidos outros artistas menos conhecidos, como João de Lacorte, espanhol, Antonio Tempesta, florentino, Paris Bordon (sic), veneziano, Angelo Nardi, Escorcelino de Ferrara, João Fayt, flamengo, Bernardino Lecino, milanês, Paulo Bril, flamengo (1554-1626), Guido Cagnacio, bolonhês, João Baptista Simaroli e um Monzu Derigo, representando um retrato de um Conde da Atalaia, que foi vice-rei da Sicília.

A meio do inventário, Guarienti atesta, jurando sobre os Evangelhos, a sua autenticidade e data-o de 4 de Agosto de 1740<sup>30</sup>.

Esta colecção, a ser autêntica, era na verdade notável, compondo-se, na sua maioria de pinturas italianas e flamengas dos séculos XVI e XVII.

Entre as galerias da nobreza referidas por Guarienti, contam-se as do duque de Cadaval (com obras de André Gonçalves e Quillard), do Marquês de Abrantes (obras de Francisco Vieira, Gio delle Corniole<sup>31</sup>, G. v. Herp<sup>32</sup> e um vaso de cristal de Valerio Vicentino<sup>33</sup>); do Marquês de Alegrete (obras de Francisco Vieira, Nollekins<sup>34</sup> e do referido G. v. Herp); do Marquês de Marialva (obras do mesmo G. v. Herp); do Marquês de Lourical ("Orifal"), vice-rei da

índia ( obras de Mister Ken<sup>35</sup>); do Marquês de Valença (obras de Grão Vasco e um Miguel Ângelo); do Conde de Unhão ("Uguon") (obras de Gio van der Bent<sup>36</sup> e de G. v. Herp); do Conde de Assumar (obras de Pietro Ferabosco<sup>37</sup>) e do Conde de Coculim (obras de Salomão Coningh<sup>38</sup>).

Além destas, Guarienti refere outras colecções, como a do Senhor Venturino Olbexien (?) (obras de Gio Wirriex<sup>39</sup>); a colecção de curiosidades do senhor Jesse de Fezia, que Raczynski traduz como provavelmente José de Faria, joalheiro (obras de Gio Battista Gualtieri<sup>40</sup>); a de Diego de Nápoles e Noronha, cavaleiro de Lisboa (obras assinadas Mickou<sup>41</sup>) e a do senhor Caetano Mosi, músico de Sua Magestade (obras de Morales).

Desta relação se pode concluir da veracidade do seu autor, dado que na maioria dos casos se trata de obras de mestres pouco ou nada conhecidos.

Infelizmente, nada se conhece sobre o destino destas colecções. O próprio Conde Raczynski informa que só sabe que a Condessa de Oeynhausen possuía alguns dos quadros do Marquês de Alorna; e que os quadros do Marquês de Alegrete se tornaram propriedade do Marquês de Penalva - por união de famílias - e se dispersaram, possuindo ele próprio dois quadros atribuídos a Grão Vasco, dessa colecção.

Cirilo, em algumas das observações que faz a propósito do local onde se encontram as obras dos diferentes pintores, vai referindo algumas colecções. Assim, a propósito de Grão Vasco, diz que no melhor estilo do século XVI "são pintadas as famosas taboas da Casa dos Condes de Figueira aos Paulistas"<sup>42</sup>.

De Francisco de Holanda diz que, embora não deixasse muitas pinturas a óleo, é possível "que huma dellas seja a que possui a Família de Saldanha no Passadiço representando o Baptismo de Santo Agostinho"<sup>43</sup>.

Quanto a Josefa de Óbidos, entre os muitos quadros que pintou, contava-se um «Casamento de Santa Catarina» "n'huma chapa de cobre de dois palmos de alto e pertencia á familia de Gonçalo José Silveira Preto", tendo passado depois para "Francisco Cypriano, contratador de painéis que em 1810 a vendeu a hum Inglez..."<sup>44</sup>.

Pierre Antoine Quillard foi dos pintores mais apreciados pela nobreza, que frequentava como pintor da Corte; assim possuíam obras suas o Marquês de Alegrete e o Conde da Ericeira, tal como o Marquês de Valença, na sua colecção de «Fabulas» e ainda Mr. Mangié, provavelmente o célebre abridor de cunhos que veio trabalhar para a Casa da Moeda <sup>45</sup>.

Vieira Lusitano era outro dos pintores bem representado em colecções particulares: eram de sua autoria "os belissimos quadros de Povolide que representam Santo Antonio, São Paulo, a Família Sagrada e Santa Barbara e

forão executados desde 1736 até 1740. A celebre Sagrada Família do Conde d'Assumar". A Casa de Cadaval possuía também uma réplica da «Sagrada Família» pintada para a Capela dos Sete Altares, de Mafra. E na colecção Borba, segundo Pedro Alexandrino, existia um Santo António<sup>46</sup>.

Ainda na Colecção Borba, existia uma «Anunciação a Nossa Senhora», cópia de uma gravura de Barocci, quadro pintado por António Joaquim Padrão<sup>47</sup>.

Finalmente, a propósito de Catarina Vieira, irmã de Vieira Lusitano, diz-se que no Oratório da Casa Nobre de Moreira Dias, na rua da Fé, existiam dois quadros seus, assinados, um «S. Lucas» e um «S. João Evangelista»<sup>48</sup>.

Outras informações dispersas fornecem mais alguns elementos sobre as colecções da nobreza. É o caso do Visconde de Santarém que revela um documento datado de 21 de Setembro de 1723, com o título "Relation de l'état présent de la cour de Portugal", onde a propósito do Marquês de Abrantes se diz "que tinha muita instrução, possuía um magnifico gabinete de medalhas e outras raridades, e se occupava de archeologia"<sup>49</sup>.

Cirilo diz-nos também que Francisco Pais, pintor de frutos e flores, foi protegido da Casa de Abrantes e "copiou alli com grande franqueza alguns dos seus paineis"<sup>50</sup>.

Ainda o Visconde de Santarém conta que o Consul francês Duverger possuía uma magnifica colecção de pinturas e, quando do seu falecimento em Lisboa, D. João V foi à sua

casa de campo com alguns pintores e pessoas entendidas e escolheu 41 quadros dos melhores mestres e comprou igualmente um retrato de Luis XIV, pela quantia de 6000 cruzados<sup>51</sup>.

Sabe-se ainda que o «S. Jerónimo» de Jan Sanders Hemessen, datado de 1531, que pertence à colecção do Museu Nacional de Arte Antiga, provém da colecção de Teles da Silva, Monteiro-mor de D. João V.

Outro inventário dos bens de uma família nobre, os Almadás da Casa da Índia, foi parcialmente publicado por Joaquim Rasteiro<sup>52</sup>. Esta família, para além do palácio de Lisboa, possuía em Azeitão uma quinta, conhecida por Quinta da Mal Partilha ou do Bom Pastor, onde viveram os últimos membros da família. Esta quinta tinha sido adquirida em 1696 por D. Maria Antónia de Almada, casada com D. Bernardo de Noronha, que estabeleceu nela residência permanente. Entre os filhos que tiveram, conta-se D. Teresa de Noronha, que foi a primeira mulher de Sebastião José de Carvalho e Melo. A administração de D. Maria Antónia foi muito desregrada, tal como a de seu filho D. Francisco de Almada, que tomou posse da casa em 1720 e continuou a mesma má administração, enchendo-se de dívidas.

Esta família tinha uma importante colecção de obras de arte, que deveriam ter entrado para o seu património durante os séculos XVI e XVII. O inventário dos bens data de 1735 e a parte publicada diz respeito a um notável conjunto de tapeçarias, algumas das quais já

empenhadas, além de uma cama oferecida por D. Maria Antónia a seu filho D. Francisco, quando este se casou: "Leito de ebano com paramento de damasco carmesim com franja de ouro - uma colcha do Malabar com matizes de ouro - e outra colcha de matiz branco e franja de ouro - um cobertor de setim bordado de matizes - e toda a roupa, tudo da Índia"<sup>53</sup>.

As tapeçarias, algumas já danificadas na altura do inventário, compreendiam conjuntos de "panos de Raz", obedecendo a tema, como a «História de Jacob», a «História de Ulisses», a «História de Gerião», ou de carácter mais decorativo, com "jardins e bosques", "montarias", "países".

Pelas próprias designações se verifica como eram habitualmente adornadas as casas: termos como "entrejanella", "sobreporta" ou "sanefa" mostram como toda a parede era inteiramente revestida com este tipo de tapeçarias, que davam mais conforto às casas.

Além dos panos de parede, havia alcatifas e tapetes para o chão. A maior parte das alcatifas referidas eram originárias da Índia, o que não surpreende dado o cargo de Provedor da Casa da Índia que os seus proprietários conservaram. Além destas aparecem ainda tapetes de Holanda<sup>54</sup>.

A família possuía não só esta colecção mas também uma galeria de pintura, que Joaquim Rasteiro apenas menciona, mas de que se conhecem alguns quadros, oferecidos pelo próprio Durer a Rodrigo Fernandes de Almada, que em 1712 foi tesoureiro da feitoria portuguesa em Antuérpia e em

1527, foi nomeado Cônsul, cargo que ocupou até 1534, altura em que D. João III o nomeou embaixador com plenos poderes na Corte francesa<sup>55</sup>.

Entre esses quadros, o mais conhecido é o «S. Jerónimo», actualmente no Museu Nacional de Arte Antiga, a propósito do qual Durer, em Março de 1521, escreveu no seu "Diário": "Pintei, com diligência, um S. Jerónimo a óleo e ofereci-o a Rodrigo de Portugal"<sup>56</sup>.

Além deste, encontravam-se ainda na Quinta da Mã Partilha, uma «Sagrada Família», também de Durer, que foi vendida para Roterdão, e uma «Ida para o Calvário» do mesmo pintor, adquirida por Carlos Pernes e que depois passou a Inglaterra<sup>57</sup>.

Na mesma casa foi encontrada, já em 1944, numa arrecadação e muito deteriorada, uma tábua que depois de limpa e restaurada por Fernando Mardel, foi identificada por Luis Reis Santos como um «S. Bernardino de Siena» de Quintino Metsys, certamente também trazido para Portugal no século XVI<sup>58</sup>. Esta colecção é uma das que, constituída durante os séculos XVI e XVII, foi sendo delapidada e é pena que Joaquim Rasteiro não faça qualquer referência ao local onde se encontra o referido inventário.

Quase contemporânea do inventário dos bens dos Almadas é a obra do Dr. José de Mattos Rocha, autor de um poema latino, "Descriptio Villae Calarisinae", impresso em Lisboa, em 1739, em que se descreve o palácio do Calhariz, na Arrábida, e as pinturas que ornamentavam as suas salas.

Como dissémos no capítulo anterior, este palácio tinha sido construído na segunda metade do século XVII, com intervenção de João Antunes, pelo menos a nível da capela, e conserva ainda revestimentos azulejares dos finais do século XVII e inícios do século XVIII, como os painéis figurativos com enquadramentos progressivamente barrocos, que decoram algumas salas, em duas datados de 1672 e 1675<sup>59</sup>. Um pouco posteriores e atribuíveis a Raimundo do Couto são os azulejos da capela, datados de 1696, e com algumas possibilidades os painéis ornamentais da entrada e os figurativos da Sala D. Quixote<sup>60</sup>. Na parte posterior do palácio, existe ainda um terraço decorado com azulejos de cerca de 1730.

O palácio da Quinta do Calhariz pertencia a um ramo dos Sosas - Arronches, dos quais D. Francisco de Sousa foi capitão da guarda dos reis D. Afonso VI, D. Pedro II e D. João V, e D. Luis de Sousa foi arcebispo de Braga, membro do Conselho de Estado e embaixador extraordinário em Roma<sup>61</sup>.

Para além da referida descrição em latim, existe ainda uma "Lista dos Quadros que estão nas casas da Quinta de Calhariz que deu Thomas Caetano de Bem Theatino ao Dr. Antonio Ribeiro dos Santos", a qual foi publicada por Sousa Viterbo<sup>62</sup>.

Neste último inventário, os quadros são distribuídos pelas diferentes salas, do modo seguinte: "Casa de D. Quixote com cinco quadros"; "Casa de Hercules com vinte e quatro quadros"; "Casa dos turcos com vinte e um quadros";

"Casa do Papa com trinta quadros"; "Casa das Batalhas com vinte e quatro quadros", sendo de notar que esta sala tem azulejos que evocam a guerra da Restauração, datados de 1672, mas que ao contrário dos do Palácio Fronteira, devem ter sido inspirados em gravuras holandesas<sup>63</sup>; e "Casa das naus com vinte e tres quadros".

Nestas pinturas, encontramos temas diversos, sendo alguns feitos por encomenda expressa dos donos da casa, já que neles mandaram representar os seus animais de estimação. Existem muitos temas mitológicos, que constituem a maioria, paisagens, naturezas mortas, cenas de género, poucos retratos, cenas de batalha, e quadros representando armas e peças de roupa.

Na primeira sala referida, que servia de quarto de vestir para os homens só se encontravam cinco quadros, dois dos quais com o «Rapto de Helena» e o «Rapto das Sabinas».

Na Sala de Hércules, os doze quadros principais relacionavam os trabalhos de Hércules com os meses do ano. Além destes, havia um «Monte Parnaso com as nove musas»; uma deusa «Tétis»; um «Neptuno»; «Pan e a Lua»; «Perseu e a Medusa»; duas naturezas mortas com flores e frutos; dois quadros representando turcos com cães, um dos quais "um cão de que faz estimação o sr. Arcebispo"; dois quadros representando vacas e outros animais, os únicos atribuídos, a Felipe Resa, que Sousa Viterbo identifica com Filipe Peter Rosa ou Rosa de Tivoli<sup>64</sup>; finalmente, um quadro de género em

que um rapaz e uma rapariga brigam por um cacho de uvas, pintura que pela descrição podia ser atribuída a Murillo (1617-1682), de quem se conhecem vários semelhantes.

Na Sala dos Turcos, estavam, de temática mitológica, a «Fábula de Leandro e Eros» e a «Fábula de Narciso»; várias naturezas mortas: duas com flores e frutos: quatro com vasos de flores e mais duas com frutos; uma paisagem; dois quadros representando roupas e armas; quatro representando os «Cavalos do Príncipe de Palestrina»; e finalmente quatro, representando as «Estações do Ano», que pela descrição serão cópias, imitações, ou mesmo obra do maneirista Arcimboldo: "todas as feições do rosto corpo e ornato do vestido de cada figura se forma do que produz a terra no tempo que cada quadro retrata"<sup>65</sup>.

Na Sala do Papa, os temas mitológicos são: «Tróia incendiada», «Tragédia de Policena», «Perseu e Andrómeda», «Fábula da ninfa Calisto», «Diana e Endimião», «Queda de Ícaro», «Queda de Faetonte», «Rapto de Céfalo por Aurora», «Júpiter fulminando o Mundo», «Júpiter e Io», «Neptuno e Coronos», «Rapto de Ganimedes», «Dido matando-se», «Fábula de Piramo e Tisbe», «Vénus e Sátiro», «Vénus e faunos», «Hércules e Atlas», «Prometeu roubando o fogo», «Rapto de Europa», «Ulisses e Circe», «Ulisses e as Sereias» e «Polifemo e Galateia»; uma vista da Praça Navona, outra vista da Praça de S. Pedro, mostrando o cortejo do Arcebispo, quando foi recebido em audiência pelo Papa, e uma vista de mar com naufrágio; um quadro com armas e outro com

roupas e finalmente o que dá o nome à sala: «Inocência XI dando ao arcebispo o Breve do Santo Ofício».

A Sala das Batalhas também tinha vários quadros de tema mitológico: «Fábula de Arião», «Bacanal», «Diana e Acteion», o «Julgamento de Páris», o «Rapto das Sabinas», «Vénus e Tritão», «Meleagro e Atalanta», «Ticio (ou Prometeu?) com um abutre devorando-lhe as entranhas», «Apolo e Dafne», «Vénus e Marte», «Sabinas passando o Tibre», «Perseu e Medusa», além de um possível tema bíblico, «Tancredo e Hermínia» e de outro extraído da obra de Tasso, «Reinaldo e Amida»; dois quadros com vistas, uma do porto de Liorne (Livorno), e outra com o porto de Pólo, vendo-se Cività Vecchia; duas paisagens, uma com caça ao urso e outra ao veado, dois quadros com batalhas, dois guarda-roupas e duas cenas de género, e uma cena galante.

Finalmente na Sala das Naus, eram menos os temas mitológicos: «Fábula de Orfeu», «Rapto de Proserpina» e «Hipómenes e Atalanta»; várias naturezas mortas: com peixes e frutos, uma fruteira, outra com caça, outra com peixes e mariscos, outra com frutos e uma com tapete e frutos; várias paisagens, algumas com animais, ao gosto holandês: cães e urso lutando, animais de capoeira, leões lutando com lebréus; duas com cenas de caça, duas com ruínas de monumentos antigos, do género "capricho", duas cenas de género, duas batalhas, um quadro com roupas e dois retratos, o de D. João de Sousa e o do Arcebispo D. Luis de Sousa, que ainda hoje se encontra no palácio<sup>66</sup>.

Embora não haja qualquer identificação de artistas, com uma excepção já referida, é curioso acentuar a ausência de pinturas religiosas. Quanto à proveniência dos quadros, é natural que a maioria sejam de artistas estrangeiros, italianos, flamengos e holandeses, dos séculos XVI e XVII, cabendo aos últimos sobretudo as paisagens, naturezas mortas e cenas de género.

Os outros inventários existentes são já da segunda metade do século XVIII. O primeiro, no entanto, feito em 1758, pelo próprio Vieira Lusitano, que avalia os quadros dos Marquesses de Penalva, dá-nos uma ideia bastante próxima do que seria a colecção desta casa na época joanina. Tem igualmente interesse a avaliação dos quadros, que em grande parte estão atribuídos, embora com bastantes deturpações da grafia<sup>67</sup>.

O primeiro Marquês de Penalva foi D. Estêvão José de Meneses, filho primogénito de João Gomes da Silva, 4º Conde de Tarouca, desde 1709 embaixador de D. João V em Londres, na Haia e em Viena, onde faleceu em 1738. Era este Conde de Tarouca que construía um grande palácio no sítio da Cotovia, com projecto de João Antunes, mas que nunca chegou a ser concluído. Dever ter sido ele o grande responsável pela colecção da Casa de Penalva, sabendo-se que, enquanto esteve ausente, sobretudo em Haia, adquiriu muitas obras de arte que enviou para Portugal, tendo sido encarregue igualmente da aquisição de obras de arte para D. João V, nomeadamente da renovação da Biblioteca Real (livros, gravuras, cartas e

desenhos)<sup>68</sup>. Se a sua colecção em Haia se deve ter em grande parte perdido no incêndio que em 1 de Outubro de 1722 destruiu a residência do embaixador,<sup>69</sup> em Viena o Conde de Tarouca ocupar-se-á menos das colecções reais, tendo mesmo recusado a encomenda de pratas em Augsburgo e tendo abandonado a colecção de gravuras nórdicas e germânicas de que fora encarregue em 1724. Em contrapartida, e seguindo o exemplo do Príncipe Eugénio de Sabóia, preocupar-se-á com a sua colecção pessoal, tendo, por exemplo, encomendado ao ourives parisiense Thomas Germain, pratas destinadas à residência do embaixador português em Viena<sup>70</sup>.

D. Estêvão faleceu em 7 de Novembro de 1753, sendo nessa altura feito o inventário das suas pinturas.

Um aspecto interessante a acentuar é que, ao contrário do que acontece com a galeria de D. Francisco de Sousa, nesta dominam os quadros de tema religioso, sendo raros, em contrapartida, os de tema mitológico e histórico: «Diógenes», «Cipião Africano», «Cupido com dois génios», «A Rainha das Amazonas», «Vénus e Cupido», «Diana saindo do banho», «Sacrifício de Diana», «Destruição de Tróia», «As nove Musas», outra «Destruição de Tróia» do português Diogo Pereira, «Pã com uma ninfa», «Ajax e Ulisses», «Heitor socorrido por Vénus», numa lista de 229 obras.

São muito numerosos os quadros de tema religioso, sendo mesmo dominantes os que representam a

Virgem, Cristo e Santos e mais raros os que figuram temas do Antigo Testamento.

Para além destes, contam-se paisagens, marinhas, batalhas, muitas naturezas mortas e cenas de género, designadas por "bambocciate".

Em relação à proveniência dos quadros, entre aqueles cujo autor não é especificado, são referidos perto de 50 de origem flamenga, dois de pintura italiana - assim globalmente designada - mais três de pintura romana, dois venezianos e dois bolonheses; de pintura francesa, um, e de pintura inglesa, três; de "autor português antigo", um quadro de três tabuinhas (nº 149) e um «S. Lourenço» (nº171).

A pintura portuguesa tem, no entanto, como pintor mais representado, Diogo Pereira (nºs 6, 7, 58, 155, 189, 195), artista do século XVII, que em 1658 foi escrivão na Mesa da Irmandade de S. Lucas, autodidacta, de quem Cirilo diz que pintava com dureza, ignorando a perspectiva e arquitectura. Apesar disso, tinha especial talento para pintar fogos, sendo mesmo apreciado em Itália, França e Inglaterra. Além de incêndios, pintou dilúvios e tempestades. O próprio D. Tomás de Almeida tinha um gabinete com 60 quadros seus, representando incêndios, batalhas, e também frutos, flores, paisagens e "bambocciate". Segundo o mesmo Cirilo<sup>71</sup>, também estava representado na Colecção de Borba com um «Incêndio de Tróia», e outro de Sodoma, ambos assinados, mas a sua obra mais célebre era o «Inferno» (nº

58), em que "Francisco Vieyra Luzitano extinguiu quazy todas as figuras que havia do dito Pereira e lhe introduzio outras..."<sup>72</sup>.

Outros autores portugueses presentes são Grão Vasco (nºs 8, 19, 75 e 83) e Fernão Gomes (nº 8b).

Dos pintores estrangeiros, sem dúvida que o mais representado é David Teniers (1610-1690), com cerca de vinte quadros seus (nºs 33, 38, 74, 87, 99, 104, 105, 146, 183) e do seu estilo (nºs 66, 139, 140, 143, 147, 148, 159, 160, 184); a este segue-se o dificilmente identificável Taiter, com cerca de uma dúzia de obras. As peças mais valiosas são uma «Sagrada Família» de Rafael (nº 1) e um tríptico que se diz ter pertencido a Carlos V, obra de Alberto de Ciro (?), ou seja, mais provavelmente, Durer (nº 2). A este é ainda atribuído um «S. Jerónimo», mas muito menos valioso (nº 10).

Outras obras são atribuídas ao "estilo de Tiziano", (nºs 16, 57?, 142) o importante pintor veneziano do século XVI, à escola de Rubens (nº 86), e de Van Dick (nºs 93, 119, 141), a Veronese (cã 1528-1588) (nº 120), a Andrea del Sarto (1488-1530) (nº 37); a Luca Giordano (1623-1705) (nº 42); ao estilo de Tintoretto (1518-1594) (nº 46); a Domenico (Theotocopoulos) Greco (1541-1614) (nº 94); a José Ribera, o Espanholeta (1589-1656) (nºs 23, 64 e 226), ou a Bartholomeus Spranger (1546-1627) (nº 186), ou seja a pintores que se situam nos períodos maneirista e barroco.

Menos conhecidos são Pedro Lucatelli, autor de vários quadros (nºs 71, 102, 121), pintor de História romano

(1634-1710); Moliner, autor de sete obras (nºs 77, 88, 111, 214 a 217), que pode ser Giovanni Antonio ou Antonio Molineri ou Mulinari, pintor e gravador de água-forte (1577-1645), mas também poderá identificar-se com J. M. Molinaer, pintor holandês (1610-1668); Francesco Trevisani (nº 81) (1656-1746), o discípulo de Carlo Maratta e mestre do próprio Vieira Lusitano em Roma, e o seu discípulo Girolamo Pesce (nº 82) (1684-1759); Rosa, que poderá ser Salvatore Rosa, pintor romano (nº 153) (1615-1673), mas também um tal Mr. Rosa, pintor do século XVIII referido por Cirilo, especialista no "genero de gados, e paizagens", que esteve em Roma "e crê-se tambem em Lisboa aonde na collecção do Marquez de Lavradio, e em outros gabinetes, deixou bastantes paineis seus, pintados com boa maneira, e grande pasta de tinta"<sup>73</sup>. Salombene é Salimbene, da escola de Barocci (nº 153) (1567-1613); Berguem pode ser Claes Berchem, pintor holandês que se inspirou na paisagem italiana (nºs 15 e 36) (1620-1683); Lanfranco, a quem são atribuídas diversas obras (nºs 18, 20, 21 e 22), pintor da escola bolonhesa (1581-1647); de notar que, além destas, são atribuídas mais três obras à escola de Ludovico Caracci (nºs 95, 169 e 211). Existem ainda quadros de Pallomino (nº27), pintor e gravador espanhol (1653-1726); do Cavaliere d'Arpino (nº29), pintor de Roma (1570-1640); de Monsu Theodoro (nºs 50 e 73), que deve ser um pintor e gravador do início do século XVIII, que fez pintura de género e paisagem. Pedro Nefts (nº 165) deve ser Pedro Neefs, pintor de arquitectura do século XVII,

podendo ser o mesmo, Pedro N... (nº48) e Pedro Negry (nº 80), dado que todas estas obras são perspectivas de arquitectura. Mas Pedro Negry pode ser o pintor de história de Veneza, falecido depois de 1679. Borgonhon (nº 207) deve ser Borgognone, pintor da Lombardia, falecido em 1523.

Dúvidas também se levantam em relação a Leyda (nºs 100 e 101), que deverá ser Lucas van Leyden (cã 1489-1533); Miguel ... Parmigiano (nºs 156 e 157) é provavelmente Michele Rocca Parmigiano, o Jovem, (1670/75-1751); Giacomo Palma (nºs 17 e 55) deverá ser Jacopo Palma, pintor veneziano (1480-1528). Quanto a Domenico Piaceta (nºs 14, 97, 210) é mais difícil de identificar com o veneziano Giovanni Battista Piazzetta (1683-1754).

Os restantes artistas dificilmente se podem identificar; no entanto, é muito provável que Monsu Guilhard seja Quillard, a quem são atribuídas cenas campestres (nºs 34 e 196).

No final do inventário, é dada ainda uma lista de retratos, a maioria de autor desconhecido, alguns realizados quando o Conde de Tarouca era nosso representante em Viena, feitos por pintores alemães (nºs 241 e 245). Dos retratistas identificados, não se conhece um tal Monsieur Gilbert ou Guilbert; o outro é Monsieur Do Bat (Plat?), que se identifica com o pintor régio Domenico Duprà, autor de um retrato do Conde de Tarouca (nº 230) e de um retrato do Duque de Cadaval Velho, "que somente a cabeça he feita por Monsieur Duplat (nº 244), sendo o resto talvez de Quillard,

se se identificar com o retrato que lhe é atribuído por Cirilo: "Na Casa de Cadaval sempre foi famoso o retrato do duque D. Jayme a cavallo..."<sup>74</sup>

De qualquer forma, a leitura deste inventário mostra mais uma colecção centrada em pintores italianos, flamengos e holandeses dos séculos XVI e XVII, sendo muito menos os contemporâneos, não só porque as colecções se vinham constituindo desde o século anterior, mas também porque se valorizavam mais as obras de autores mais antigos.

Apenas um ano posteriores, ou seja, de 1759, são os inventários e sequestros dos bens das famílias envolvidas no atentado contra D. José e perseguidas e punidas pela justiça pombalina. Esses inventários, o das Casas de Távora e Atougua, e o da Casa de Aveiro, encontram-se publicados e permitem-nos fazer uma avaliação dos bens dessas famílias, embora muita coisa tivesse sido destruída pelo Terramoto.

Na verdade, como nos diz o responsável pela referida publicação, dos móveis e adornos dos palácios pouco ficou que o fisco pudesse aproveitar. E das memórias da Condessa de Atougua, retira as seguintes passagens: "...Tudo o mais, que havia em minha casa e a de meus pais, arrazou o terremoto e depois o fogo o acabou de consumir, as cazas, os móveis e a prata". E mais adiante, acrescenta: "Tudo se perdeu, ficamos só com o vestido que tínhamos no corpo."<sup>75</sup>

Os palácios referidos ficavam na freguesia dos Mártires, o dos Atouguias na Rua da Boa Viagem, com

traseiras para a rua do Arco de S. Francisco; o dos Távoras, na Rua da Boa Viagem e Cordoaria Velha e do seu recheio apenas se aproveitaram "algumas peças de prata, jóias e adornos"<sup>76</sup>.

Os inventários abrangem todos os bens, móveis e imóveis, das famílias, casas de Lisboa e quintas, com respectivos recheios e terrenos anexos. Em relação aos bens móveis, que nos interessam especificamente, compreendem ouro, prata, jóias, livros, baixelas, roupa de casa e de vestir, e também veículos de maior ou menor luxo. Entre estes procurámos isolar tudo o que pudesse ser entendido como objecto de arte, já que muitas dessas peças são essencialmente utilitárias.

Pelas razões apontadas - o Terramoto e o fogo - essas peças dão-nos certamente uma visão limitada do que tinham sido as colecções dessas famílias na primeira metade do século.

Em relação às casas de Távora e Atouguia, há a salientar as peças que se encontravam no oratório e que abrangem imagens, painéis e alfaias litúrgicas. Entre as primeiras, contam-se dois Crucifixos, um em marfim sobre cruz de pau preto e outro em madeira, marchetado de madrepérola; uma Nossa Senhora sentada em cadeira de madeira, com coroa de ouro; duas Senhoras da Conceição e uma terceira em marfim; um «S. José» em talha dourada<sup>77</sup>. Quanto aos painéis, um, representando Santo António, com moldura dourada, estava no frontispício do oratório; e dois mais

pequenos, «Nossa Senhora da Graça» e «Adoração dos Magos», estavam aos lados<sup>78</sup>.

De menor interesse são as alfaias litúrgicas e paramentos, de que se destacam dois cálices de prata, um missal com respectiva estante e vários frontais de panos preciosos<sup>79</sup>.

Em relação à Quinta do Campo Pequeno, são inventariados móveis de menor interesse, como cadeiras, baús, caixas, mas há que destacar "hum lamina de cobre de palmo com molduras cubertas de folha de pao santo com nossa Senhora" e outra "do mesmo tamanho moldura quebrada"<sup>80</sup>. De referir também, " hum retrato de Dona Leonor Thomazia que foy Marqueza de Tavora"<sup>81</sup> e foi condenada, juntamente com o marido e os dois filhos a ser decapitada na praça pública. Este retrato deve ter servido de modelo ao que J. B. Gérard pintou, cerca de 1770<sup>82</sup>.

A família possuía também propriedades em Sacavém, de que se destaca "hum quinta chamada de S. José - com suas cazas e seu pateo ... com sua hermida com porta para a rua..."<sup>83</sup>.

Entre os móveis que se encontravam na primeira casa, salientam-se "dous retratos hum mayor que outro com molduras pretas com frizos dourados entalhados muito velhos" e "outro dito mais piqueno com as mesmas molduras"<sup>84</sup>.

Na ermida, existia retábulo com painel e várias imagens: uma de S. José em madeira estofada, que se devia

encontrar no altar e era do orago, pelo que se deduz do nome da quinta; outra de S. José, também em madeira estofada; um «S. Sebastião», um «S. João Evangelista», uma «Nossa Senhora da Conceição», e um Cristo em chumbo, sobre cruz de pau preto<sup>85</sup>. São também referidas alfaias litúrgicas e paramentos de menor interesse, destacando-se um cálice e patena de prata dourada<sup>86</sup>; "hum prezépio do nascimento do Menino Jezus com seu almário por baxo com duas portas muito antigo"<sup>87</sup>, alguns frontais de tecido precioso, móveis velhos, como bufetes de talha dourada e um docel e espaldar em seda da Índia, além de um santo, guardado numa caixa sem tampa, na sacristia<sup>88</sup>.

Da segunda e terceira casas, apenas há a referir "doze pai(neis) acentados em madeira guarneçada com lances dourados levantados obra de Índia que serve de biombolo..."<sup>89</sup>; e na quarta casa, "huma armação de cama que consta de cinco cortinas com ducel tudo de damasco verde e amarelo de Índia..."<sup>90</sup>.

De notar que muitas peças de origem oriental, sobretudo da Índia, que fazem parte dos bens desta família, devem ter sido trazidas, em 1752, pelo primeiro marquês de Alorna, que ali exerceu funções de vice-rei.

Quanto aos bens do Marquês filho, para além de móveis, vestuário e uma colecção de livros de temática militar, compreendiam "tres panos e armação de caça de veludo encarnado bordados de ouro e palha uzados..."<sup>91</sup>.

é referida também uma cama imperial com todos os seus pertences, ou seja, o móvel e respectivas roupas<sup>92</sup>.

Em 19 de Janeiro de 1759, foi feita avaliação dos bens móveis da casa que foi do Marquês de Távora. Para além de móveis diversos como caixas, cadeiras, bancas, há a assinalar "duas comodas pequenas ... com tres gavetas cada hua com suas ferragens de latão"<sup>93</sup>, as quais se inserem no tipo de mobiliário que começou a ser usado na primeira metade do século.

Neste conjunto se incluem algumas obras de arte, como "hum paynel grande de 7 palmos de alto pintura em taboa com moldura de madeira entalhada e doirado com muita daneficação", representando «Nossa Senhora e Santo António»<sup>94</sup>; e dois paineis ao devino de 4 palmos de alto pintura em pano com moldura de madeira entalhada e doiradas..."<sup>95</sup>.

Existiam igualmente várias imagens, como "hua imagem de marfim de meio palmo cruz e calvário de pau santo e cantoneiras de marfim"; "hua dita de menos de palmo de madeira cruz e calvário esmaltado de madreperolla"; "huas imagens de N. Srã de Conceição e outra de Santa Thereza de marfim de meyo palmo ...com pienhas de marfim"; "huma imagem de N. Srã do Monte do Carmo de madeira com cabeça e mãos de marfim ...sentada em hua cadeira pintada de emcarnado e ouro"; e "huma imagem de N. Sn.rã e Sr. S. José de madeira dourada tudo de palmo com sua pianha de madeira pintada..."<sup>96</sup>.

Dos bens pertencentes ao Marquês filho, Luis Bernardo, contava-se ainda "hum S. Bernardo de palmo de alto estufado com seu baco..."<sup>97</sup>. Das casas que este tinha em Santo Amaro (Lisboa), destacam-se "seis tamboretos de madeira de noqueira emcostos altos do mesmo com assentos estofados cobertos de marroquim..." e "aasim mais hua cadeira irman a pultrono..."<sup>98</sup>. São também de salientar por revelarem certo interesse do marquês pela ciência, "dois estojos de artes e arytmetica com guarnições de latão caxas de lixa uzadas..."<sup>99</sup>.

Deste conjunto, fazem também parte várias armações, ou seja, panos e tapeçarias com que se revestiam as paredes das salas, de bastante valor e provenientes da Índia: "Hua armação de casa de damasco da Índia verde a amarello que tem 15 panos e meio e tem 4 covados de alto... As 4 portas com suas cortinas e sanefas..."; "hua armação de seda riscada da Índia de azul e branco e cor de cravo com tres cortinas pegadas ao sobrececo com cobertor irmão..."; "hua armação de cama imperial de veludo carmezim forrada de nobreza da mesma cor bordada e franjada e agaloada de ouro fino..."; e "quatro panos de veludo carmezim bordados de ouro palha de Índia e de seda..."<sup>100</sup>. De notar que, entre as peças avaliadas, estas são as que atingiram preço mais elevado.

Em relação à avaliação de jóias, ela abrange bengalas de castão, fivelas, pedras preciosas, pratas utilitárias diversas, fazendo parte de baixelas, faqueiros e

jóias. Uma das mais belas peças aqui descrita é "hum leito de pao de evano formada a grade de treze balaustres com molduras e releixos de latão dourado e tudo o mais goarnecido de prata lavrada tresparento de xapa tudo cravado com preguinhos de prata nas facies das mezas da grade tem treze cristais embutidos na madeira por forma de relicários ovados e alguas flores de prata alguas douradas com cristais no meyo por forma de bolotas de vários tamanhos e os coatro pilares hé formado cada um com coatro peças principais e nestas se encluem várias peças armadas humas nas outras torneadas tudo goarnecido de prata e releixos de latão dourado na forma de balaustres..."<sup>101</sup>.

Outra peça notável era "huma lamina de prata de xapa lavrada mais alta no meyo com moldura ovada tem de largo a lamina dois palmos e meyo e de alto palmo e tres coartos tem levantada no meyo a figura de Cliopatra com os aspides nos peitos hé tarraxada em madeira com catorze tarraxas de prata as molduras de dentro e de fora são douradas..."; a esta se acrescenta ainda uma lâmina representando "Nossa Senhora da Graça, levantada no meyo de xapa de prata lavrada com duas molduras de latam dourado lavradas a dita lamina hé em forma oitavada tem de largura dois palmos tem hum Anjo incensando a Senhora e o menino Jesus hé tarraxada em madeira com dezasseis tarraxas..."<sup>102</sup>.

Os bens dos Condes de Atougua revelam-se bem mais modestos, compreendendo alguns móveis, peças de vestuário e pratas utilitárias, peças de copa e de cozinha,

livros e roupa de casa. Entre os móveis, destacamos apenas "humã papeleira de quatro gavetas pintada de raiz de noqueira com frizos dourados", que se encontrava no quarto da Condessa<sup>103</sup>.

Das peças de oratório salientam-se um cálice e patena de prata dourada; uma imagem do Santo Cristo que a própria Condessa tinha mandado fazer; uma imagem de Nossa Senhora do Carmo, em gesso, e um Menino Jesus e uma Santa Ana, ambos em gesso<sup>104</sup>.

Pelo que ficou dito se verifica que praticamente as peças de colecção tinham desaparecido com o Terramoto, ficando apenas algumas de significado religioso ou de maior valor, que escaparam pelo material em que eram feitas, ou porque teria havido preocupação em salvá-las a todo o custo. Nada se sabe contudo em relação a pinturas, que pelas outras colecções conhecidas, deviam ser numerosas.

A situação é um pouco diferente em relação à Casa de Aveiro. Não podemos esquecer que o grande palácio desta casa se situava em Azeitão e não foi afectado pelo Terramoto.

Tal como acontece em relação ao inventário anterior, este também compreende peças muito dispersas, que incluem jóias, pratas, baixelas de porcelana, algumas de imitação e outras originárias da Saxónia, a primeira manufactura europeia de porcelanas, cobres, candeeiros de latão e louça, mobiliário, vestuário, roupa de casa, veículos, escravos, cavalos e mulas<sup>105</sup>. No entanto, se neste

vasto conjunto se podem isolar algumas peças, pelo seu interesse artístico, dos bens da família fazem também parte uma colecção de tapeçarias, pinturas, móveis preciosos e algumas esculturas.

Das pratas, cumpre-nos salientar um centro de mesa, atribuído a Thomas Germain, que faz actualmente parte da colecção do Museu Nacional de Arte Antiga. O centro é formado por um "prato ovado angreado formado de varias comxas de marisco Lavrado de Rebaxos tarraxado em madeira..." do qual saem "varios ramos de parreira com seos caxos de uvas pendentes", formando seis castiçais para as velas. A parte superior é uma terrina com tampa, sobre a qual estão três anjos, um deles com uma coroa na mão e vários ramos de parra e cachos de uvas. Sobre a peça principal estão dois galgos com toda a variedade de caça, frutas e hortaliças, isto por baixo dos ramos de parra que formam os castiçais e aos lados alguns instrumentos e as armas de dois escudos, com coroa aberta por cima. A peça no seu conjunto apoiava-se em seis pés formados por quartelas e folhagens. A peça encontrava-se nas melhores condições "sem uzo algum"<sup>106</sup>.

Também de interesse era "hum templo de Salomão com tres torriois de fequras e varios porticos e mais quatro fequras"<sup>107</sup>.

As tapeçarias comprendiam, como era normal, um núcleo de aplicação nas paredes e outro para o chão. Das primeiras, umas representavam temas mitológicos - História

de César e Pompeu, História de Aquiles e História de Platão - outras, temas religiosos - «Triunfos da Fé» e História de David <sup>108</sup>- além de uma dúzia de cadeiras e um canapé "de panos de Ras com feaduras finas" e outra dúzia de panos do mesmo tipo, novos, para aplicar em cadeiras<sup>109</sup>.

As alcatifas apresentam menor interesse, contando-se um total de treze, das quais duas da Pérsia, algumas já com bastante uso<sup>110</sup>.

De bastante interesse é a colecção de pinturas constante deste inventário, que nos parece dominada por pinturas de paisagem e congéneres, incluindo marinhas, num total de 37 (Inv. n.ºs 2, 4, 7, 8, 12, 22, 33, 42, 43, 46, 50,, 51, 53, 56 e 59). Bastante numerosos são também os quadros que representam cenas de género ou "bambocciate", num total de 16 (Inv.º n.ºs 19, 29, 30, 38, 41, 45, 47, 52 e 60). Existem ainda diversos painéis representando "batalhas" ou "passagens de soldados", num total de 10 (Inv.º n.ºs 2, 13, 29, 35, 39 49 e 59). Outro núcleo que está representado nesta colecção é o da pintura de animais ( Inv. n.ºs 10, 25) e naturezas mortas (Inv.º n.ºs 21, 24, 33, 48 e 61).

A colecção abrange também um importante núcleo de pintura religiosa, que além das usuais imagens da Virgem, de Cristo e dos santos, compreende um conjunto muito significativo de temas do Antigo Testamento, embora por vezes com dupla intenção, como acontece nos seis painéis representando "varios edefissios e neles alguns passos do Testamento velho", em que se incluem «História de Azarias»,

«Judite», «Salomão com a planta do Templo» e «Salomão Idolatrando» (Inv.º nº 5); outros três painéis que representam edifícios em perspectiva mostram passos da «História de José no Egito» (Inv.º nº9); encontramos ainda «Adão e Eva chorando a morte de Abel» (Inv. nº20), «Criação do Mundo» e «Sacrifício de Abel e Caim» (Inv.º nº 23) e quatro painéis com passos diversos da Criação do Mundo (Inv. nº 58). O Novo Testamento, em contrapartida, está apenas representado por «Bodas de Caná» e «Cristo expulsando os comerciantes do templo» (Inv.º nº 3). Existem, além disso vários quadros representando a Virgem: «Nossa Senhora com o menino dormindo» (Inv. nº15), «Cabeça de Nossa Senhora» (Inv. nº 16), de novo «Nossa Senhora com o Menino dormindo nos braços» (Inv. nº 28), uma lâmina oval dentro de uma bolsa de veludo, representando «Jesus, Maria e José» (Inv.º nº 32) e uma «Senhora da Conceição» (Inv. nº 40). Ainda a nível da pintura religiosa, encontramos um «Trânsito de S. José» e um »Trânsito de S. Francisco Xavier» (Inv. nºs 15 e 16).

Outro conjunto que devemos considerar é o da pintura mitológica e alegórica, aqui escassamente representada. Entre os primeiros, conta-se uma «Diana dormindo» (Inv. nº44) e «Bacanal» e «Dança de Ninfas» (Inv.º nº 37), enquanto as alegorias nos mostram as «Belas-Artes» e "hua composição Simbolica de Algum despozalissio" (Inv. nº 6) e cinco painéis alusivos aos cinco sentidos (Inv. nº 55).

Retratos apenas um identificado, o de Frei Gaspar, em corpo inteiro (Inv.º nº 26), a que se pode acrescentar um Filósofo (Inv. nº11) e outro que representa "a fegura de hum pintor e a hum lado o Retrato de Ropolho (?)" (Inv. nº 14).

Dúvidas levantam também quatro painéis que representam "varias casas tanto de Ades como quadrupes" (Inv.º nº 34) que interpretamos como caçadas de aves e quadrúpedes, incluindo-se, portanto, no primeiro grande grupo referido.

Quanto à técnica, trata-se na quase totalidade dos casos de pintura a óleo, sobre tábua ou sobre tela, ou pintura sobre cobre; a têmpera apenas são referidos dois painéis pintados por um tal Diogo Domingues Esgroj (sic), pintor que se desconhece (Inv. nº 36).

Para além desta, várias outras obras estão atribuídas, quer genericamente, a escolas, quer com mais precisão, a pintores mais ou menos conhecidos. Entre os primeiros, há que destacar os de "escola napolitana" num total de 9 (Inv. nºs 2, 3, 4 e 8). Não sabemos se tal expressão indica o estilo iniciado por Caravaggio em Nápoles e que teve no espanhol Ribera ali radicado, o principal representante - o que não nos surpreenderia dadas as ligações da Casa de Aveiro com a Espanha - ou se se trata de um estilo próximo de Solimena (1657-1747), depois levado para Roma pelo seu discípulo Conca (1680-1764). Outra escola bem representada é a flamenga, e podemos acrescentar que

muitos dos quadros de paisagem, natureza morta ou pintura de animais e cenas de género, cuja origem não é indicada, se poderão também incluir nesta escola ou na holandesa. São flamengos catorze painéis que compreendem temas bíblicos, paisagens, cenas de género (Inv.º nºs 20, 22, 23, 29, 41, 44, 48 e 58); holandeses, apenas dois, representando um homem e uma mulher (Inv.º nº 30). De escola romana são apenas dois painéis alegóricos (Inv.º nº 6).

Além destes, encontramos diversos quadros devidamente identificados, sendo os dois pintores mais representados o paisagista Salvator Rosa (1615-1673), natural de Nápoles, aqui identificado como "Xvt.r Roza" ou "xl. Roza" (Inv.º nº 7 e 14, num total de quatro quadros); e o pintor régio Pierre-Antoine Quillard (1701-1733), autor a quem são atribuídos seis painéis representando os meses, uma cozinha (Inv.º nº 33), mais seis com paisagens com figuras (Inv.º nº 50 e 51) e uma "dansa no campo" (Inv.º nº 52).

Entre os pintores italianos, destaca-se Trevisani, que como temos referido foi um dos mestres de Vieira Lusitano em Roma, com uma «Cabeça de Nossa Senhora» indicada como da "escola de Tranizane" (sic) (Inv.º nº 16) e a «Senhora com o Menino dormindo nos braços» (Inv.º nº 28), de "Francisco Trevassane". À escola do já referido Sebastiano Conca, é atribuído o «Trânsito de S. José» (Inv.º nº 17). Também são atribuídas a Giovanni Paolo Panini (ca 1692-1765/8), pintor activo em Roma e especializado em vistas com ruínas, as três vistas com perspectivas

arquitectónicas enquadrando a «Vida de José no Egipto» (Inv. nº 9); a "Palmessano", que é provavelmente Michele Rocca Parmigiano, o Jovem (1670/75-1751), mas também poderia ser o maneirista Parmigianino (1503-1540), são atribuídos dois painéis de tema mitológico (Inv. nº 37); finalmente, ao "estilo de tenpeste", que identificamos com o pintor e gravador florentino Antonio Tempesta, atribuem-se duas batalhas (Inv.º nº 39).

Em relação à pintura flamenga, quase não existem atribuições; apenas "Hum velho vizioso" é "copia de Tanier" (Inv.º nº 19) e dois pequenos painéis redondos "sao destilo de Tanier" (Inv.º nº 38), ou seja de David Teniers (1610-1690).

Os outros artistas referidos são dificilmente identificáveis. É o caso de "Grassiano", autor de batalhas (Inv. nº 2), Angelo Corby, autor de três naturezas mortas (Inv. nº 24); Nicola, que pintou quatro "passagens de soldados" (Inv.º nº 35); Aleixo, que pintou a "noite" e a "madrugada" (Inv.º nº 42); "L. de Homd", flamengo, que assina uma batalha (Inv.º nº 49); ou ainda um pintor que é apenas designado por uma alcunha, alusiva a um defeito físico - o "Honze dedos", autor de cenas de caça (Inv.º nº 34).

Como se pode constatar, trata-se de uma colecção que parece constituída essencialmente por pinturas dos séculos XVII e XVIII, de origem italiana e flamenga, sendo de salientar a ausência de Vieira Lusitano, o principal

pintor português depois da morte de Quillard e que lhe sucedeu como pintor régio.

Uma particularidade de interesse é a presença, na colecção de painéis com "chinesices", que foram moda na Europa, no período rococó; assim surgem-nos catorze painéis em papel da China, com molduras pretas acharoadas, representando "seremonias ou costumes da mesma nação" (Inv.º nº 54).

Da mesma colecção faziam ainda parte sete gravuras representando a cronologia dos Papas, Imperadores, reis de França e de Espanha, Grão-Mestres de Malta, duques e reis da Polónia e dos Otomanos (Inv.º nº 1) e quatro mapas velhos (Inv.º nº 57), que podem ter tido uma função decorativa e por isso aparecem incluídos nesta listagem.

A escultura tem uma representação muito inferior, com peças de carácter religioso, uma que decorava a escada, e outras, os jardins. Das primeiras contam-se "hum misterio de Jesus Maria Joseph", em imagens de vulto, de madeira estofada (Inv.º nº 65); um «S. Pedro de Alcântara» de madeira estofada, e uma caixinha, com o feitio de um Menino Jesus (Inv.º nº 66); e um «S. João Nepomuceno» em pedra (Inv.º nº 69). Uma "fegura de pedra" estava na escada do pátio (Inv.º nº 68). No jardim, encontravam-se seis bustos de pedra e uma figura da «Fama». São ainda referidos "hum glupo com hum espelho" e "hum menino com hua grua e hua águia", também de pedra (Inv.º nº 70).

Em relação a móveis de arte são referidos cinco tremós com bufetes e pinturas nos remates e ainda pedras e vidros (Inv.º nº 62); outros quatro tremós com bufetes e pedras e pinturas nos remates, decorados ainda com vidro e talha dourada (Inv.º nº 63); dois tremós de talha encarnados, com bufetes dourados e respectivas pedras e vidros (Inv.º nº 64) <sup>111</sup>.

Deste inventário fazem ainda parte um conjunto notável de veículos. Entre estes contam-se uma sege de campo forrada de damasco carmesim e outra com caixilhos dourados, forrada de veludo liso carmesim<sup>112</sup>; uma berlinda forrada de veludo carmesim; outra idêntica que pertendera a D. José de Lencastre; outra forrada de tripe verde com pintura escura e ferragens lavradas, muito velha; outra berlinda feita em França, forrada de veludo verde, com arreios, sela e guarnições de couro; outra berlinda rica forrada de carmesim lavrado; uma caleche de veludo lavrado carmesim, com guarnições de couro e de retrós, feita em França, como as anteriores; e ainda uma cadeirinha também feita em França, de veludo lavrado verde, nova, mas já estragada <sup>113</sup>.

Um outro inventário a que tivémos acesso, foi o do penúltimo Correio-mor do Reino, José António da Matta de Souza Coutinho, feito, no que se refere à respectiva especialidade pelos pintores Pedro Alexandrino de Carvalho e Cirilo Volkmar Machado, e datado de 1793, portanto quatro anos anterior à extinção do cargo e à concessão a Manuel José, filho do anterior, do título de Conde de Penafiel<sup>114</sup>.

Este inventário abrange não só os bens imóveis, contendo a descrição da quinta e do palácio, mas também a colecção de pinturas e mobiliário, muitos dos quais já adquiridos na segunda metade do século XVIII, pelo referido José António da Matta de Souza Coutinho, a quem se deve a continuação das obras e certamente o enriquecimento da residência com mobílias e pinturas.

No entanto, se o compararmos com os inventários anteriormente referidos, no que respeita a pinturas, verificamos que estas também se distribuem pela pintura religiosa, que constitui a maioria, pelos temas mitológicos e alegóricos, em quantidade quase equivalente, a que se seguem as paisagens, naturezas mortas, pinturas de género ou "bambocciate" e retratos. As atribuições são raras, havendo, no entanto, dois quadros religiosos da escola de Rubens, uma "bambocciata" de Teniers e sete painéis de Diogo Pereira, o apreciado pintor de incêndios que encontrámos noutras colecções<sup>115</sup>.

Cirilo, nas suas Memórias, seguindo Félix da Costa, diz que na "collecção de Duarte de Souza Correio mór do Reino, existião ... hum Santo António e um S. Domingos pintados por Domingos da Cunha" <sup>116</sup>, mas a verdade é que tais quadros já não fazem parte do inventário que citamos e no qual, como vimos, ele colaborou.

De grande interesse é a existência do inventário da baixela, feito por dois comerciantes de louça da Índia, António Domingues da Silva e António José da Rosa, que

consta de um jogo de louça da China esmaltada, com as Armas da Casa, num total de 246 peças, avaliado em cem mil réis, "em razão dos annos que tem", e de "um resto de jogo de mesa em esmalte e pintura carmesim da China", num total de 146 peças, além de variadas peças de louça chinesa, em maioria, mas também do Japão e da Saxónia; a esta colecção se acrescentavam várias peças de louça de pó de pedra, uma bandeja e dois contadores de charão e vidros de carácter utilitário e decorativo.

Os móveis foram avaliados pelos mestres marceneiros José Dias e Manuel José Lopes, encontrando-se muitos já "velhos". A maioria são móveis de assento - cadeiras, canapés e tamboretas - estofados e com ornatos em talha, característicos do mobiliário barroco joanino.

A estes se acrescentam bufetes, papelerias, biombos chineses, mesas de jogo, móveis de pinho, pintados por Gonçalo Alves, cómodas, espelhos, toucadores, um berço de Sebastião de Arruda, camas, tocheiros, um caixão (arca) de sacristia, um confessionário e vãos de armários e gavetas para o serviço da copa.

Finalmente, há a referir o inventário das peças esculpidas e outros bens da casa, feito por Nicolau Pinto, escultor, Manuel João, tanoeiro, Luis António Seabra, pedreiro, Feliciano José Rodrigues, carpinteiro, Luis José de Assenção e Francisco Vicente, fazendeiros. Esta forma de agrupar os bens, evidencia de certo modo o pouco apreço em

que era tida a escultura, a única que interessa à nossa perspectiva.

Esta referencia apenas imagens religiosas, em marfim, madeira, pedra e barro, não havendo qualquer referência quer a escultores quer à proveniência das imagens, algumas das quais são designadas como "antigas" ou "muito antigas", enquanto outras consideradas "modernas", são encarnadas e estofadas ao gosto barroco.

Não seria muito diverso o recheio de outros palácios e casas nobres, onde para além das pinturas, as pratas, a louça chinesa, ou da Saxónia, e o mobiliário barroco e rococó deviam ter lugar dominante.

Um aspecto não foi aqui referido: o da ourivesaria e jóias. que constituiriam certamente um núcleo importante. Embora os inventários de 1759 as enumerem, a verdade é que pouco se conhece, de facto, a este respeito, devendo o Terramoto ter sido responsável pelo desaparecimento de muita da joalharia da primeira metade do século XVIII<sup>117</sup>. De notar que mesmo no que respeita às colecções reais, na exposição que as revelou ao público, apenas aparece uma peça da primeira metade do século XVIII, uma laça de esmeraldas, brilhantes, ouro e prata, que teria pertencido à Rainha D. Maria Ana de Áustria, e foi depois oferecida à infanta D. Mariana, sua neta (1736-1813) e irmã da rainha D. Maria I. Na verdade a referida princesa foi retratada usando esta magnífica jóia<sup>118</sup>.

Se em vida, a nobreza procurou, através da colecção de obras de arte, dar uma imagem do seu poder, também o fez perante a morte.

Não existem, como acontece em relação aos membros da família real, descrições detalhadas de todos os monumentos funerários elevados nas igrejas, quando do falecimento de membros da nobreza, embora as exéquias do Duque de Cadaval, na igreja de Santa Justa, ficassem registadas numa publicação digna de um rei, como ficou dito no capítulo que dedicámos às artes efémeras e aos monumentos funerários.

Apesar de escassas, algumas notícias da «Gazeta de Lisboa» provam que, um pouco por todo o país, a morte era ocasião de mostrar a excelência e virtudes dos membros da nobreza, que eram também nessa ocasião objecto de homenagens, das quais faziam parte os monumentos funerários ou mausoléus, normalmente erguidos sobre colunas que suportavam o docel do qual pendiam sanefas, com galões e franjas, normalmente ornamentadas com as armas do falecido<sup>119</sup>. Além disso, toda a igreja era paramentada e devidamente iluminada, sendo as cerimónias acompanhadas de música e, quando se justificava, de salvas de artilharia<sup>120</sup>.

De notar que um destes mausoléus, erguido na igreja do Loreto, em 1735, por um architecto e pintor de perspectivas, natural de Parma, Roberto Clerici, mereceu mesmo a visita da rainha e de dois infantes<sup>121</sup>, não por razões de carácter devocional, mas para apreciarem a

grandiosidade da obra, encomendada pela "nação italiana", constituída pelos comerciantes daquela nacionalidade que viviam em Lisboa e assim procuravam demonstrar o seu prestígio e importância, num esforço de ascensão social que os equiparasse à nobreza.

NOTAS:

<sup>1</sup>Pellegrino Antonio Orlandi, Abecedario Pittorico..., corretto e notabilmente accresciuto da Pietro Guarienti, Venezia, Appresso Giambatista Pasquali, MDCCLIII

<sup>2</sup>Jorge Borges de Macedo, "Estrangeirados: um conceito a rever" in Bracara Augusta, Actas do Congrso «A Arte em Portugal no século XVIII»

<sup>3</sup>Vitorino Magalhães Godinho, "A Estrutura Social do Antigo Regime" in A Estrutura na Antiga Sociedade Portuguesa, Ed. Arcádia, Lisboa, 1971, "Biblioteca Arcádia de Bolso", 139

<sup>4</sup>A. Gonçalves Rodrigues, O Protestante Lusitano, Coimbra, MCML, p. 147

<sup>5</sup>Vitorino Magalhães Godinho, op. cit., p. 64

<sup>6</sup>Castelo Branco Chaves, O Portugal de D. João V visto por três forasteiros, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1983, "Série Portugal e os Estrangeiros", p.269

<sup>7</sup>Jaime Cortesão, Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid, Parte I, Tomo I (Cap. «Organização social e estilo de vida»), Rio de Janeiro, Instituto Rio Branco, 1952, pp.69-88

<sup>8</sup>Armando de Castro, Boutrinas Económicas em Portugal (Século XVI a XVIII), 1ª ed., Lisboa, 1978, Instituto de Cultura Portuguesa, "Biblioteca Breve", (Série Pensamento e Ciência), pp.85-86

<sup>9</sup>Marie-Thérèse Mandroux-França, La politique artistique européenne du Roi Jean V de Portugal en direction de Paris, Sources raisonnées, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Paris, p. 118

<sup>10</sup>Idem, ibidem, p. 122

<sup>11</sup>Catálogo da Exposição Lisboa Joanina, Palácio Galveias, Lisboa, Dezembro de 1950, nº 47

<sup>12</sup>Idem, ibidem, nº 6

<sup>13</sup>Marie-Thérèse Mandroux-França, op. cit., p. 120

<sup>14</sup>Alexandre de Gusmão, Cartas, Introdução e actualização de texto por Andréa Rocha, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1981, pp. 86-87 (Ver documentos em anexo)

- <sup>15</sup>Idem, ibidem, p. 90 (Ver documentos anexos)
- <sup>16</sup>Idem, ibidem, p. 99 (Ver documentos anexos)
- <sup>17</sup>Cyrillo Volkmar Machado, Colleccão de Memórias, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922, p. 82
- <sup>18</sup>Ragnhild Hatton, A Época de Luis XIV, Lisboa, Editorial Verbo, 1971, «História Ilustrada da Europa», p. 167
- <sup>19</sup>Vitorino Magalhães Godinho, op. cit., p. 87
- <sup>20</sup>Jaime Cortesão, op. cit.
- <sup>21</sup>Gazeta de Lisboa de 3 de Dezembro de 1722, Advertencia (Ver documentos anexos)
- <sup>22</sup>Robert C. Smith, "A vinda de Nicolau Nasoni para Portugal" in Museu, 2ª série, nº 7, Porto, Junho de 1964, p. 8
- <sup>23</sup>Gazeta de Lisboa de 17 de Fevereiro de 1735 (Ver documentos anexos)
- <sup>24</sup>Sousa Viterbo, Notícia de alguns pintores, 3ª série, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1911, p. 90 (Pietro Guarienti)
- <sup>25</sup>Conte A. Raczyński, "Treizième Lettre", Les Arts au Portugal, Paris, 1846, Jules Renouard et C. e Librairies Éditeurs, p. 310
- <sup>26</sup>D. Francisco Xavier de Meneses, Diário (1731-1733), Coimbra, 1943 (Ver documentos anexos)
- <sup>27</sup>Cyrillo Volkmar Machado, op. cit., p. 78
- <sup>28</sup>Idem, ibidem, p. 79
- <sup>29</sup>Nuno Saldanha, "A cópia na Pintura Portuguesa do século XVIII. O gosto do encomendador como forma de poder na representação" in Arqueologia do Estado, 1ªs Jornadas sobre formas de organização e exercício dos poderes na Europa do Sul, Séculos XIII-XVIII, Lisboa, «História & Crítica», 1988, p. 763
- <sup>30</sup>Sousa Viterbo, op. cit., p. 92 (Ver documentos anexos)
- <sup>31</sup>Deste artista disse Guarienti: "così detto per essere stato eccellente nell'intagliarle, facendo in esse figure, teste, ed istoriette con tal perfezione, che uguagliò il gusto greco e romano. Furono al suo tempo stimate le opere di lui, ed ora sono stimatissime... Vivea questo celebre uomo in tempo del Magnifico Lorenzo di Medici, Mecenate delle Belle Arti, per commissione di cui fece molte opere egregie". Este gravador sobre pedras finas que viveu na

Corte de Lourenço de Medicis teve como obra-prima precisamente um retrato de Savonarola.

<sup>32</sup>Deste diz Guarienti: "Marca di singular Pittor Fiammingo, che dipinse in tavoli e rami bambocciate mirabile per il disegno e colorito a imitiazione del Rubens". Trata-se de Wilhelm van Herp (1614-1677) que assinava G. V. Herp, pintor de história natural de Antuérpia, cujo estilo se aproxima do de Rubens.

<sup>33</sup>Segundo Guarienti era "uno dei più rinomati intagliatori di cammei, gioje, e cristalli, che con buon disegno e finitezza abbia uguagliato le opere degli antichi Greci e Romani. Servi, con molti lavori al Pontefice Clemente VIII, tra i quali eccellente fu una Cassetta di Cristal di monte, sui cui intagliò La Passione di Gesù Cristo con tal diligenza e squisitezza che pervenuto alle mani di Francesco I Re di Francia, fu da esso como cosa singolare riposta nel suo Real Tesoro, in cui anche al di d'oggi conservasi... Colmo di gloria per le sue rare fatiche morì in Vicenza l'anno di 1546 lasciando ai suoi eredi uno studio di antichità da esso raccolta".

<sup>34</sup>De acordo com Guarienti, Nollekius "fu un valentuomo nato oltremonti che dipinse bambocciate in paesi di ottimo gusto. Pare che abbia studiato in Italia, scorgendosi nelle sue opere il disegno Caravaggiesco ... Sembra sia vissuto circa il 1618".

<sup>35</sup>"Inglese, dipinse in rami piccole figure con buon intendimento" (Guarienti).

<sup>36</sup>"Nato in Amsterdam nel 1650. Studiò sotto Adriano van der Velde, e fu eccellente in paesi, animali, figure e battaglie... Morì nel 1690" (Guarienti). Trata-se de Johannes van der Bent, pintor nascido em Amsterdão cerca de 1650 e que morreu em 1690. Assinava J.V.B. Era pintor de paisagens e esteve em Portugal, aqui deixando algumas obras.

<sup>37</sup>"Pittore e Accademico Romano, che si crede nato in Luca, tinse le sue opere con ottimo gusto alla Tizianesca..." (Guarienti). Este artista passou a maior parte da sua vida em Portugal onde se encontra a maior parte das suas obras.

<sup>38</sup>"Nato in Amsterdam l'anno 1609 stancò più Maestri, in fine addottrinato dalla natura fece da sè cose mirabili..."(Guarienti). Ter-se-ia fixado em Portugal durante alguns anos; existe em Lisboa uma obra sua datada de 1640.

<sup>39</sup>Segundo Guarienti, "fu grande disegnatore a penna, ed imitatore di Alberto Durero...". É Johan Wierix, nascido em Antuérpia em 1519, irmão de António e Jerónimo W. formou o seu estilo pelo estudo de Albrecht Durer, copiando com exactidão várias gravuras deste. Fez gravuras a buril e foi

notável desenhador. Assinou as suas pranchas I.W.F. e também I.H.W.F.

40"Figlio e nipote di Gualtieri, e Giorgio fratelli Fiamminghi, fu come suo Padre, Pittor di vetro a fuoco, come una volta si usavano nelle finestre delle chiese. Lavorò e ziancio piccoli vetri con quantità di figure dipinte con secreto mirabile"(Guarienti)

41"Nome posto su due quadri posseduti dal Signor Diego di Napoles ... La maniera é moderna, e certamente Fiamminga. Pare che sia vissuto nel 1700"(Guarienti).

Com nomes semelhantes, existem:

Micker ou Mikker, Jan Christiansz, pintor paisagista nascido em 1600 e falecido em 1664, em Amsterdão;

Micker ou Micka, Laurent Jansz, gravador a buril e ourives, em Amsterdão, cerca de 1610;

G.F. Micka, pintor da corte de Wurzburg, nascido em Praga e falecido em 1749; estudou em Itália.

<sup>42</sup>Cyrillo Volkmar Machado, op. cit., p. 43

<sup>43</sup>Idem, ibidem, p. 51

<sup>44</sup>Idem, ibidem, p. 62

<sup>45</sup>Idem, ibidem, p. 67

<sup>46</sup>Idem, ibidem, pp. 81-82

<sup>47</sup>Idem, ibidem, p. 91

<sup>48</sup>Idem, ibidem, p. 83

<sup>49</sup>visconde de Santarém, Quadro Elementar das Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal..., Tomo Quinto, Paris, Em casa de J.P. Aillaud, MDCCCXLV, pp. CCXLIV e CCXLV

<sup>50</sup>Cyrillo Volkmar Machado, op. cit., pp. 170-171

<sup>51</sup>visconde de Santarém, op. cit., pp. CCXL a CCXLIII

<sup>52</sup>Joaquim Rasteiro, "Noticias archeologicas da Peninsula da Arrabida" in O Archeologo Português, vol. III, Janeiro e Fevereiro de 1897, nº 1 e 2 (artigo escrito em 1893-1894), pp. 18-22

<sup>53</sup>Idem, ibidem, p. 22

<sup>54</sup>ver documentos anexos.

<sup>55</sup>Maria do Rosário de Sampaio Themudo Barata, Um português na Alemanha no tempo de Durer, Rui Fernandes de Almada, Lisboa, 1973, Separata da «Revista da Faculdade de Letras de Lisboa», III série, nº 15, pp. 85-123

<sup>56</sup>Idem, ibidem, p. 86

- 57 *Idem*, *ibidem*, p. 123
- 58 Condessa de Almedina (Alda de Guimarães Guedes Pinto Machado), "A aquisição para o Património Nacional de o «S. Jerónimo» de Albert Durer" in O Conde de Almedina e a Arte em Portugal no século XIX. Elementos coligidos por ..., Lisboa, 1954, pp. 13-21
- 59 José Meco, O Azulejo em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, p. 210.
- 60 *Idem*, *ibidem*, p. 218
- 61 Anne de Stoop, Quintas e Palácios dos Arredores de Lisboa, Livraria Civilização Edã., Barcelos, 1986, pp. 339-343
- 62 Sousa Viterbo, Notícia de alguns Pintores, 3ª série, Coimbra, 1911, pp. 15-27 (Ver documentos anexos)
- 63 Anne de Stoop, op. cit., p. 343
- 64 Sousa Viterbo, op. cit., p. 15
- 65 *Idem*, *ibidem*, pp. 16-17
- 66 Anne de Stoop, op. cit., retrato reproduzido na p. 339
- 67 Inventário das Pinturas, que em 1758 possuía a casa dos Marqueses de Penalva feito por Francisco Vieyra Lusitano (Arquivo Tarouca, Armº 4º, Letra A, Maço 2, nº9), Lisboa, 1945, Instituto para a Alta Cultura, Centro de Estudos de Arte e Museologia (Ver documentos anexos)
- 68 Marie-Thérèse Mandroux-França, op. cit., p. 126
- 69 *Idem*, *ibidem*, p. 128, nota 30
- 70 *Idem*, *ibidem*, p. 132
- 71 Cyrillo Volkmar Machado, op. cit., p. 60
- 72 Inventário..., op. cit., nota 56, p. 8, nº 58
- 73 Cyrillo Volkmar Machado, op. cit., p. 77
- 74 *Idem*, *ibidem*, p. 77
- 75 Luis de Bivar Guerra, Inventários e Sequestros das Casas de Távora e Atouguia em 1759, Edições do Arquivo do Tribunal de Contas, 1954
- 76 *Idem*, *ibidem*, pp. 305-306
- 77 *Idem*, *ibidem*, p. 24 (Inv.º nºs 359, 360, 361 e 362, fls. 24)
- 78 *Idem*, *ibidem*, p. 24 (Inv.º nºs 363 e 364)
- 79 *Idem*, *ibidem*, pp. 24-25 (Invº nºs 365 a 371)
- 80 *Idem*, *ibidem*, p. 33 (Inv.º nºs 505 e 506)
- 81 *Idem*, *ibidem*, p. 33 (Inv.º nº 509)

- 82 Catálogo da Exposição Triomphe du Baroque, Bruxelas, Europália 91, nº III 34
- 83 Luis de Bivar Guerra, op. cit., p. 38
- 84 Idem, ibidem, p. 38 (Inv.º nºs 516 e 517)
- 85 Idem, ibidem, p. 42 (Inv.º nºs 560 a 564)
- 86 Idem, ibidem, p.42 (Inv.º nº 571)
- 87 Idem, ibidem, p. 42 (Inv.º nº 572)
- 88 Idem, ibidem, pp.42-43 (Inv.º nºs 574, 576, 580, 582 e 575)
- 89 Idem, ibidem (Inv.º nº 522)
- 90 Idem, ibidem, (Invº nº 525)
- 91 Idem, ibidem (Inv.º nº 688)
- 92 Idem, ibidem, p.65
- 93 Idem, ibidem, p. 71
- 94 Idem, ibidem, p. 72 (fl. 13)
- 95 Idem, ibidem, p. 72 (fl.13)
- 96 Idem, ibidem, p.73 (fl. 13 v.)
- 97 Idem, ibidem, p. 84 (fl. 22 v.)
- 98 Idem, ibidem, p. 85 (fl. 24)
- 99 Idem, ibidem, p.85 (fl. 24 v.)
- 100 Idem, ibidem, p. 85 (fl. 24 v.)
- 101 Idem, ibidem, p. 105
- 102 Idem, ibidem, pp. 105-106
- 103 Idem, ibidem, p. 188 (fl. 11 v.)
- 104 Idem, ibidem, p. 190 (fl. 15)
- 105 Luis de Bívar Guerra, Inventário e Sequestro da Casa de Aveiro em 1759, Edições do Arquivo de Tribunal de Contas, 1952
- 106 Idem, ibidem, p. 40 (fl. 24 e 24 v.)
- 107 Idem, ibidem, p. 107 (fl. 96 v., inv.º nº 76)
- 108 Idem, ibidem, pp. 93-94 (Inv.º nºs 2, 3 e 6; 1 e 4)
- 109 Idem, ibidem, p. 94 (Inv.º nºs 7 e 8)
- 110 Idem, ibidem, pp. 94-95 (Inv.º nºs 10 a 19)
- 111 Idem, ibidem, pp. 99-106 (Ver documentos anexos)
- 112 Idem, ibidem, p. 109 (Inv.º fl. 99)
- 113 Idem, ibidem, pp. 110-111 (Inv.º fls 100, 100 v. e 101)
- 114 Matilde Pessoa de Figueiredo Tamagnini, O Palácio do Correio-Mor em Loures, Separata de «Belas-Artes», Lisboa, 1977, p. 117
- 115 A.N.T.T. Inventário que se faz dos bens que ficarão do Ilustríssimo Correio-Mor do Reino, José António da Matta de Souza Coutinho..., Lisboa, 1793, Inventários, Livro 2º, 265 B, Maço 499 (Ver documentos anexos)
- 116 Cyrillo Volkmar Machado, op. cit., p. 59
- 117 O Doutor Dias Diogo, responsável pelas escavações do Teatro Romano e Termas dos Cássios, informou-nos pessoalmente da descoberta, junto às escavações do Teatro Romano de Lisboa, nos restos de uma casa arruinada pelo Terramoto, de um castão de bengala em ouro, decorado com diamantes e pedras preciosas, atribuível aos finais do século XVII ou já do século XVIII.

(12 vds)

118 Catálogo da Exposição Triomphe du Baroque, op. cit., v 2, p. 484; Exposição Tesouros Reais, Palácio da Ajuda, 1992, nos 11 e 12

119 Gazeta de Lisboa, de 26 de Dezembro de 1716 (Notícia de Chaves, de 6 de Dezembro); Idem, de 2 de Abril de 1739 (Ver documentos anexos)

120 Gazeta de Lisboa de 26 de Dezembro de 1716, notícia citada

121 Gazeta de Lisboa de 14 de Abril de 1735 (Ver documentos anexos)

